

A SOMBRA E O MAL NOS CONTOS DE FADA

Marie-Louise von Franz



<http://groups.google.com/group/digitalsource>





Marie-Louise von Franz

**A SOMBRA E O MAL NOS CONTOS
DE FADA**

Paulus

INTRODUÇÃO À COLEÇÃO AMOR E PSIQUE

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se um lugar novo de experiência. Os viajantes destes caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de en-gendar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopato-lógicas às nossas feridas e aos nossos sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Deste modo é que poderemos reconhecer que estas feridas e estes sofrimentos nasceram de uma falta de amor. Por outro lado revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim a nossa própria vida carrega em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, mas o psíquico, e, depois, o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual interior que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode de novo estender a mão para a teologia.

Esta perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência para podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos

aqueles que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e "ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma" como C. G. Jung o desejava.

ESCLARECIMENTO

O texto deste livro foi extraído de duas series de conferências realizadas por Marie-Louise von Franz no Insitituto C. G. Jung de Zurique; a primeira, o “Problema da Sombra nos Contos de Fada”, durante o Inverno de 1957 e a segunda, “Lidando com o Mal nos Contos de Fada”, no inverno de 1964. O estilo coloquial de comunicação foi essencialmente mantido.

Somos gratos a Una Thomas pela transcrição destas conferências.

PRIMEIRA PARTE

**O PROBLEMA DA SOMBRA NOS
CONTOS DE FADA**

A sombra e conto de fada

Antes de entrarmos em contato com o nosso material, devemos precisar com clareza a definição de sombra em psicologia, pois ela pode variar bastante e não é tão simples como supomos. Geralmente, na psicologia junguiana, definimos sombra como a personificação de certos aspectos inconscientes da personalidade que poderiam ser acrescentados ao complexo do ego mas que, por várias razões, não o são. Poderíamos portanto dizer que a sombra é a parte obscura, a parte não vivida e reprimida da estrutura do ego, mas isso é só parcialmente verdadeiro. Jung criticava seus alunos quando estes se apegavam aos seus conceitos de maneira literal, fazendo deles um sistema, e quando o citavam sem saber exata-mente do que falavam. Numa discussão acabou por dizer: "Isto não tem sentido, a sombra é simplesmente todo o inconsciente". Acrescentou que tínhamos esquecido como essas coisas haviam sido descobertas e vividas pelo indivíduo e que sempre é preciso pensar na condição atual do paciente.

Se vocês tentarem explicar alguns processos não aparentes e inconscientes a alguém, que não conhece nada de psicologia e inicia uma análise, isto é a sombra para ele. Assim numa primeira etapa de abordagem do inconsciente, a sombra é simplesmente um nome "mitológico", aquilo que me diz respeito mas que não posso conhecer diretamente. Somente quando começamos a penetrar a esfera da sombra da personalidade, investigando seus diferentes aspectos, é que surge nos sonhos, depois de um certo tempo, uma personificação do incons-

ciente, do mesmo sexo que o sonhador. Mas depois o paciente descobrirá que ainda existe, nessa área desconhecida, um outro tipo de reação chamada anima (ou ânimus) representando sentimentos, estados de espírito, ideias etc. Abordaremos também o conceito do *Self*. Por razões práticas, Jung não achou necessário se estender além destas três etapas.

Muitas pessoas permanecem num impasse quando o problema não é apenas questão de teoria, mas de prática. Integrar a anima ou o ânimus é uma obra de arte e ninguém pode se vangloriar de tê-lo conseguido. Por isso, quando falamos de sombra devemos ter bem explícita a situação pessoal do indivíduo em questão, inclusive seu nível específico de consciência e percepção interior. Assim, numa primeira fase, podemos dizer que a sombra é tudo aquilo que faz parte da pessoa mas que ela desconhece. Geralmente, quando investigamos a sombra, descobrimos que consiste em parte de elementos pessoais e em parte de elementos coletivos. Praticamente, nesse primeiro contato, a sombra é apenas um conglomerado de aspectos em que não conseguimos definir o que é pessoal e o que é coletivo.

Exemplificando, digamos que uma pessoa tem pais de diferentes temperamentos, dos quais herdou algumas características que, por assim dizer, não se misturam bem quimicamente. Por exemplo, uma vez tive uma ana-lisanda que herdou do pai um temperamento inflamável e brutal, e da mãe uma grande suscetibilidade. Como poderia ela ser as duas pessoas ao mesmo tempo? Se alguém a contrariasse ela se defrontava com duas reações opostas. Existem possibilidades opostas numa criança que não se harmonizam entre si. Geralmente, no decorrer de seu desenvolvimento, uma escolha é feita, de modo que um lado fica mais ou menos consolidado. Sempre escolhendo uma qualidade e preferindo uma determinada atividade em detrimento de outra, através da educação e dos hábitos, estas acabam se tornando uma "segunda natureza"; as outras qualidades continuam a existir, só que debaixo do pano. A sombra se constrói a

partir dessas qualidades reprimidas, não aceitas ou não

admitidas porque incompatíveis com as que foram escolhidas. É relativamente fácil reconhecer esses elementos e é isto que chamamos "tornar a sombra consciente", através de uma certa dose de *insight*, com a ajuda de sonhos e assim por diante — e é normalmente nesse ponto que a análise é interrompida. Mas isto não significa o término de um trabalho, pois daí vem um problema muito mais difícil, diante do qual a maioria das pessoas encontra grande dificuldade: elas sabem o que é a sua sombra mas não conseguem expressá-la ou integrá-la em suas vidas. Naturalmente a mudança não agrada às pessoas de seu meio, pois isto significa que elas também têm que se readaptar. Uma família ficaria simplesmente furiosa se um membro até então doce e cordato de repente se tornasse agressivo, dizendo *Não* às suas ordens. Isso conduz a muitas críticas e o ego da pessoa em questão também se ressentido da situação. A integração da sombra poderá não dar certo e o problema chegará então a um impasse. É um ato de grande coragem enfrentar e aceitar uma qualidade que não nos é agradável, que se escolheu esconder por muitos anos. Mas se a pessoa decidir não aceitá-la, acabará sendo apanhada pelas costas. Uma parte do problema é enxergar e admitir a existência da sombra, constatar que alguma coisa aconteceu, que algo irrompeu; mas o grande problema ético surge quando se decide expressar a sombra conscientemente. Isso requer grande cuidado e reflexão, para que não se produza uma reação perturbadora. Gostaria de lhes dar um exemplo disso.

Pessoas do tipo sentimento estão sempre prontas a serem cruéis e mesquinhas ao julgar seus amigos. Por um lado se sentem bem com as pessoas mas, por dentro e por trás, são capazes de ter pensamentos e julgamentos extremamente negativos a seu respeito. Outro dia eu estava num hotel com uma pessoa do tipo sentimento. Eu sou do tipo pensamento e acontece que estava com uma tremenda pressa quando a avistei, de modo que apenas a cumprimentei rapidamente. Daí ela achou que

eu a odiava, que estava furiosa com ela e que não queria passar o dia em sua companhia, que eu era uma pessoa fria e insociável etc. De repente o tipo sentimento passou a ter pensamentos negativos, com toda uma explicação para o fato de eu tê-la cumprimentado apressadamente.

No estágio inicial a sombra é todo o inconsciente — um acúmulo de emoções, julgamentos e assim por diante. Vocês poderiam achar que minha amiga foi envolvida pelo pensamento negativo do ânimus — mas o que aconteceu realmente foi uma explosão de pensamentos negativos (neste caso a função inferior), emoção brutal (sombra) e alguns julgamentos destrutivos (neste caso o ânimus). Se estudarem essas explosões negativas, vocês poderão distinguir entre a figura que chamamos de sombra e a faculdade de julgamento que na mulher chamamos de ânimus. Depois de um certo tempo as pessoas descobrem essas qualidades negativas em si mesmas e conseguem não apenas vê-las mas expressá-las, o que significa abdicar de certas idealizações e padrões. Isso acarreta sérias considerações e uma boa dose de reflexão, caso a pessoa em questão não queira ter uma ação destrutiva sobre as coisas que a cercam. Então, visto que podemos descobrir nos sonhos elementos que parecem não ser pessoais, dizemos que a sombra consiste em parte de material pessoal e em parte de material impessoal e coletivo.

Todas as civilizações, mas especialmente a cristã, têm sua própria sombra. Esta é uma afirmação banal, mas se vocês estudarem outras civilizações verão em que ponto elas são melhores que a nossa. Na Índia, por exemplo, as pessoas estão na nossa frente no que diz respeito ao desenvolvimento espiritual e filosófico em geral, mas seu comportamento social nos choca. Se andarem pelas ruas de Bengala, verão um grande número de pessoas obviamente morrendo de fome; elas estão *in extremis* e ninguém se importa com isso pois esse é o seu *karma* — cada um deve se preocupar consigo mesmo, com a sua própria salvação; importar-se com o outro significaria simplesmente entrar em considerações terrenas. Para

nós europeus essa atitude social estraga tudo, pois é revoltante ver gente morrendo de fome e ignorar o fato. Chamaríamos a essa condição de sombra da civilização hindu; sua extroversão está abaixo do limite e sua introversão, acima. Poderia ser que o lado luminoso não tivesse consciência do lado sombrio, o que é óbvio para uma outra civilização.

Se alguém vivesse sozinho seria praticamente impossível perceber sua própria sombra, pois não haveria ninguém para lhe dizer qual seria a sua imagem. É preciso um espectador. Se levarmos em consideração a reação do espectador, poderemos falar da sombra de diferentes civilizações. Por exemplo, muitos orientais acham que nossa atitude coletiva é completamente inconsciente com relação a certos fatos metafísicos, e que ingenuamente nos deixamos levar por ilusões. É assim que eles nos vêem, mas não é assim que nos vemos. Devemos ter uma sombra de que ainda não nos demos conta, da qual não temos consciência; e a sombra coletiva é particularmente ruim porque cada um apoia o outro em sua cegueira — é somente nas guerras ou nos ódios entre nações que se revela algum aspecto da sombra coletiva.

Assim, podemos dizer que os europeus possuem algumas qualidades negativas ou incompatíveis que foram reprimidas pelo indivíduo, o qual por sua vez também leva consigo qualidades negativas do grupo ao qual pertence — qualidades de que geralmente não tomou consciência. A sombra coletiva também surge sob outra forma: quando em pequenos grupos ou sozinhos, certas qualidades nossas se reduzem, crescendo porém repentinamente quando estamos num grupo maior. Esse fenómeno compensatório típico ocorre com introvertidos retraídos que no fundo desejam ser brilhantes, um grande personagem no meio da multidão. Com o extrovertido ocorre o contrário. Quando sozinho o introvertido diz que não é ambicioso e que não se importa com isso, que não se envolverá em intrigas ambiciosas, que realmente será ele mesmo, satisfeito com sua introversão. Basta introduzi-lo numa multidão onde haja extrovertidos am-

biciosos e rapidamente ele estará contaminado pela infecção. Isso é comparável à situação de uma mulher que corre a uma loja para comprar alguma coisa barata e outras mulheres vão correndo atrás dela e compram a mesma coisa; ao chegarem em casa se perguntam, surpresas: "mas, afinal de contas, por que comprei isto?"

Se alguém só sente ambição quando está em grupo, podemos dizer que aí se trata de sombra coletiva. Às vezes você se sente bem, interiormente, mas ao entrar num grupo onde o diabo está solto, fica meio perturbado, como aconteceu com alguns alemães quando iam aos encontros do partido nazista. Refletindo em casa eles poderiam ser anti-nazistas, mas nesses encontros alguma coisa se acendia e eles ficavam, como alguém comentou, "como que possuídos pelo demónio". Temporariamente eles foram dominados mais pela sombra coletiva do que pela pessoal.

O mal coletivo é ainda personalizado nos sistemas religiosos através da crença nos espíritos das trevas e demónios do mal. Uma pessoa da Idade Média voltando do tal encontro diria que tinha sido possuída pelo demónio e que agora estava livre novamente. O próprio diabo exemplifica tal personificação da sombra coletiva. Por outro lado, podemos dizer que se os demónios cole-tivos nos afetam, é porque devemos ter algo deles em nós — caso contrário não nos afetariam e a porta de nossa psique não estaria aberta à sua entrada. Quando partes de nossa sombra pessoal não estão suficientemente integradas, a sombra coletiva pode passar furtivamente por essa porta. Conseqüentemente devemos estar conscientes da existência desses dois aspectos, porque este é um problema ético e prático capaz de causar enormes danos.

Suponhamos que um analisando se comporte de maneira ultrajante em grupo. Se tentarmos fazê-lo ver que a culpa foi sua, ele se sentirá oprimido e objetiva-mente isso não seria correto, pois em parte aí se encontra a sombra coletiva. Além disso, ele teria um grande sentimento de culpa. Existe uma espécie de norma

interior secreta, a respeito de quanto um ser humano pode

suportar a sombra. Não é saudável ignorá-la nem absorvê-la demais. Uma dose excessiva impede que a pessoa funcione psicologicamente. Quando alguém tem a consciência pesada, deve então considerar um pouco mais a própria sombra; mas o pior é que geralmente não se distingue a própria consciência que fica embaçada quando se olha para a sombra muito de perto — e este é um problema muito sutil.

Estou me referindo a estes aspectos a fim de esclarecer o fato de que existe um aspecto individual e outro coletivo na sombra, a sombra do grupo. De certa forma, esta última consistiria na soma de todas as sombras individuais e seria algo que não perturba o grupo, sendo visível somente a grupos externos. Em outras palavras, se reunirmos três ou quatro intelectuais típicos, com os mesmos interesses, eles dirão que passaram uma noite maravilhosa em discussões intelectuais, sem no entanto perceberem que entre si o contato humano foi ruim; mas um simples camponês ali presente diria que a reunião foi horrível. Quando todos têm o mesmo problema, tudo parece maravilhoso! Provavelmente nós, europeus, possuímos muitas características que nos passam despercebidas, pois para nós, elas são normais. Este é o nível normal de consciência em indivíduos e também em grupos.

Eu gostaria de corrigir um ponto. Mais acima disse que somente quando um grupo agride outro é que percebe sua sombra; mas não fui totalmente exata, pois em muitas civilizações há rituais religiosos que visam precisamente tornar o grupo consciente de sua própria sombra. Em nossa civilização cristã isto corresponderia à missa negra, onde se blasfema o nome de Cristo, se beija o ânus de um animal em nome do demônio e assim por diante; o que importa é que se faz exatamente o contrário do que se considera sagrado. Esses festivais anti-religiosos morreram e tendem a ser esquecidos, mas foram uma tentativa de mostrar a sombra ao povo. Em muitas civilizações primitivas existem bufões que

exercem a função de realizar as regras do grupo ao contrário. Riem quando deveriam ficar sérios, choram quando os outros riem etc. Por exemplo, em certas tribos da América do Norte, uma pessoa é eleita para realizar de forma ritualística o oposto do estabelecido pelas regras sociais do grupo. Provavelmente, a ideia é que há outro lado que também deve ser reconhecido. Trata-se de um festival de catarse da sombra. Se alguém desejar conhecer um remanescente genuíno desses rituais na Suíça, basta ir até Basileia na época do Carnaval (embora atualmente a atmosfera seja perturbada pela presença de muitos estranhos) e então verá como um grupo mostra a sombra coletiva de uma forma genuína e bonita. No exército suíço fala-se do mascote da companhia, alguém inconscientemente escolhido para ser o bo-de-expiatório, geralmente um homem com uma estrutura de ego fraca compelido a se comportar como sombra do grupo. Tal situação pode produzir trágicos resultados. Encontramos o mesmo esquema na família, onde a ovelha negra é forçada a carregar a sombra dos outros.

Agora podemos examinar um problema correlato: o que os contos de fada representam, ou deixam de representar, e em que medida podemos encará-los como material psicológico? Para compreendermos isso devemos nos perguntar qual é a provável origem dos contos de fada, e qual a sua função em nossa civilização. Como o Instituto Jung é uma escola, somos infelizmente obrigados a repetir certos princípios fundamentais. É como ligar a vitrola — de modo que me desculpem se agora eu lhes apresentar apenas uma rápida visão do problema.

Antigamente, até mais ou menos o século XVII, os contos de fada não eram destinados apenas às crianças, mas também a adultos das classes mais baixas da população como lenhadores e camponeses, divertindo-se as mulheres a ouvi-los enquanto fiavam. Havia inclusive (e ainda podemos encontrá-los em algumas vilas na Suíça), narradores profissionais de contos de fada, sempre solicitados a repetidamente narrar contos de fada. Esses narradores às vezes são pouco inteligentes, meio desequili-

brados e neuróticos; mas também podem ser particularmente saudáveis e normais — enfim, há de tudo. Se você lhes perguntar por que narram contos de fada, alguns dirão que herdaram essa função, outros que aprenderam com a cozinheira, ou que é uma tradição que passa de pessoa a pessoa. Sabemos agora que existem contos de fada do tipo coletivo e que são passados de uma geração a outra como nas antigas tradições — é uma espécie de sabedoria popular. As teorias a respeito da origem dos contos de fada variam bastante: algumas dizem que são remanescentes degenerados de mitos e doutrinas religiosas, outras afirmam que eles provêm de uma parte degenerada da literatura. Já se disse também que eles são uma espécie de sonho, mais tarde contados como histórias. A meu ver, sua origem pode ser percebida através do seguinte exemplo típico.

Numa família suíça existia, na época de Napoleão, uma crônica familiar dizendo que um dia o moleiro foi caçar uma raposa e de repente ela começou a falar: pedia ao moleiro que não a matasse, pois ela o tinha ajudado em seu trabalho no moinho. Quando ele voltou para casa encontrou seu moinho girando sozinho. Pouco tempo depois o moleiro morreu. Recentemente, um estudante de folclore foi a essa vila, e lá perguntou aos mais idosos se conheciam alguma coisa a respeito do moleiro, recolhendo várias versões da antiga história. Um dos velhos deu a mesma versão mas disse que depois a raposa correu por entre as pernas do moleiro, o que lhe provocou uma infecção fatal na pele. Assim, nessa parte do país, supõe-se que a raposa cause esse tipo de doença. Portanto um elemento novo foi acrescentado à história original. Outra variação dizia que o moleiro foi a uma festa, e lá seu copo de vinho quebrou, e daí ficou sabendo que a raposa era a alma-bruxa de uma tia morta. (Dizem que as almas das raposas são almas de bruxas). A história se ampliou, sendo-lhe acrescentado material ar-quetípico, exatamente como acontece nas fofocas.

Assim, podemos perceber como se origina uma história: existe sempre um núcleo que se forma a partir de

experiências parapsicológicas ou sonhos. Se ela contém um assunto que existe na vizinhança, a tendência é de ocorrer uma amplificação. Temos agora a estória de um moleiro perseguido por uma antiga bruxa, que ele quase matou e que depois o mata. Essa estória ainda não é um conto de fada, apenas o início. O nome do moleiro permaneceu inalterado. Mas suponhamos que a cozinheira da aldeia vá a uma outra aldeia contar essa estória: provavelmente o moleiro teria outro nome ou seria apenas chamado de o moleiro. Todos os elementos que não interessam a essa aldeia cairão fora, permanecendo na memória somente o que for arquetípico. Sempre me surpreendo com o fato de que posso me lembrar melhor do material arquetípico do que de outras coisas — ele sempre deixa uma impressão eterna, de modo que é sempre lembrado. Um jovem professor fez uma experiência a esse respeito. Contou duas estórias, sendo que somente uma continha elementos mitológicos, e fez com que seus alunos redigissem ambas, três dias depois. É óbvio que o conto mitológico foi lembrado, com maior precisão.

Enquanto certos níveis da população não possuíam rádio nem jornal, seu grande interesse consistia nas estórias — e assim podemos ver como se origina um mito. Acredito que é assim que surgem os contos de fada. Entretanto, não afasto a teoria de que às vezes existem remanescentes de literatura degenerada. Por exemplo, vocês podem encontrar o mito de Hércules diluído em uma estória na Grécia de hoje. Ele foi reduzido a uma estrutura básica, permanecendo seu material arquetípico, e são esses elementos de formas religiosas do passado que reaparecem no material do conto de fada. Elementos diferentes aparecem juntos e as estórias são contadas porque ainda são interessantes e excitantes, mesmo se não compreendidas. O fato de que agora estejam relegadas às crianças revela uma atitude típica — que eu diria define nossa civilização — segundo a qual o material arquetípico é encarado como algo infantil. Se essa teoria a respeito de sua origem é verdadeira, os contos de fada refletem a estrutura psicológica elementar do

homem muito mais do que os mitos e as produções literárias. Como certa vez disse Jung, quando estudamos os contos de fada podemos estudar a anatomia do homem. Em geral, o mito está mais inserido na civilização. Não se pode conceber a *Épica de Gilgamesh* separada da civilização Babilônico-Sumeriana, ou a *Odisseia* longe da Grécia. O conto de fada, porém, pode migrar melhor, pois é tão elementar e tão reduzido aos seus elementos estruturais básicos que faz sentido para qualquer um. Certa vez, um missionário foi enviado a uma das Ilhas da Polinésia e o primeiro contato que conseguiu foi através de um conto de fada, o laço comum. Entretanto isso é verdade somente *cum grano salis*.

Tendo estudado contos de fada por um bom período, cheguei à conclusão de que existem típicas ramificações europeias e africanas de contos de fada, e embora possa me enganar com a troca de nomes de tais contos, é ainda bem visível o parentesco entre eles. De certa forma os contos de fada são também influenciados pela civilização em que surgiram, mas muito menos que os mitos, devido à sua estrutura mais elementar. Pesquisadores do comportamento animal têm observado que certos rituais na vida animal contêm elementos estruturais básicos. Todas as espécies de patos realizam uma certa dança antes de se acasalarem, que consiste em certos movimentos da cabeça e das asas e em outros pequenos movimentos: é a forma ritual do macho cortejar a fêmea. Os behavioristas acharam que esse ritual tinha a ver com os genes e assim cruzaram diferentes espécies de patos, criando uma nova espécie e observando seu comportamento. Descobriram que algumas vezes a antiga dança ritual era aceita mesmo não sendo característica de nenhuma das espécies cruzadas, ou que a dança de um dos parceiros se repetia de forma reduzida, ou que havia uma combinação de duas formas. Certos elementos estruturais na dança do macho estavam sempre presentes, enquanto outros variavam.

Se aplicarmos isto ao homem, podemos dizer que há certas estruturas básicas do comportamento psicológico

que pertencem à espécie humana em geral e outras mais desenvolvidas em um grupo ou raça e menos predominantes em outros. Os contos de fada têm uma estrutura que reflete os traços humanos mais gerais. Desempenham um grande papel porque através deles podemos estudar as mais básicas estruturas de comportamento. Mas para mim há também uma razão prática: através do estudo de contos de fada e mitos podemos vir a conhecer certos complexos estruturais, tornando-nos mais capazes de distinguir entre o que é e o que não é individual, e ver as possíveis soluções. Por exemplo, se estudarmos o mito do complexo materno, ou seja, a relação afetiva e o comportamento instintivo do menino com sua mãe, e todas as consequências psicológicas dessa relação refletidas nos mitos, poderemos distinguir características típicas. O menino procura desenvolver características do herói, mais precisamente as do rapaz de tipo feminino como Átis, Adónis ou Baldur, que morre jovem e tende a recusar a vida, especialmente em seu lado sombrio. Segundo esses mitos, o jovem herói que amava a mãe era morto por uma figura masculina ctônica, e isto significa que o momento crucial para o jovem nessa situação é o momento em que ele ou é psicologicamente morto por um javali ou, recusando-se a aceitar a sua sombra, provavelmente — se o caso se verifica nos dias de hoje — se torna piloto e morre num acidente, ou vai para as montanhas e cai.

Se vocês estiverem seguindo um caso em análise no qual o mito não aparece, no qual os sonhos são pessoais, provavelmente poderão reconhecer aspectos mitológicos nas figuras que aparecem nos sonhos desse tipo de jovem: por exemplo, no amigo que lembra Marte, ou no javali. Estas figuras poderão ter um nome pessoal mas vocês perceberão o modelo básico, sua possível solução e desenvolvimento — se conhecerem o mito. Vocês não devem proclamá-lo, pois isso seria impor uma ideia mitológica; mas terão uma melhor compreensão do caso. Naturalmente ainda somos influenciados pelo pensamento mitológico quando lidamos com essa sombra masculina-

na obscura do analisando. Podemos talvez contar o mito, dizendo que isto lembra o mito de Átis-Adônis, e assim *trazer* à tona a solução. Tal pessoa sentirá então que seu problema não é exclusivo e insolúvel, mas que já foi resolvido mil vezes de uma certa forma; isso inclusive diminui a pretensão, da pessoa, pois ela sentirá que faz parte de uma situação geral e que sua neurose não é única. O mito também tem um impacto mágico nos níveis que não podem ser alcançados por uma conversa intelectual; ele provoca a sensação de *déjà entendu* e não obstante é sempre novo e estimulante.

O exame da sombra nos contos de fada deve portanto focalizar não a sombra pessoal mas a sombra co-letiva e grupai. Assim podemos estabelecer apenas uma visão geral do caminho que a sombra percorre — e só isto, para mim, já é muito válido. As pessoas tendem a pensar no *meu* ego e não percebem que nós consideramos o ego também uma estrutura geral e um arquétipo. É um arquétipo, no sentido de que se baseia numa disposição inata para desenvolver um ego e produzir certos tipos de reações e representações. Pode-se dizer que na maioria das civilizações, em toda parte e em diferentes graus, existe esta tendência a desenvolver um complexo do ego: o que é conhecido como "eu" é uma estrutura geral humana inata. Nas primeiras fases da infância muita energia é gasta na construção do complexo do ego; havendo perturbações no meio ambiente, o processo se altera e esse impulso, entre outras coisas, pode causar um extremo egoísmo. Essa tendência inata seria o aspecto não pessoal do complexo, mas há também outra tendência inata, ainda que menos forte, para se separar do ego; é essa cisão que concede um aspecto arquétipo à figura da sombra. Somente essas estruturas gerais se refletem nos contos de fada, podendo ser influenciadas pelas civilizações nas quais os contos se originam.

O primeiro conto de fada que eu gostaria de abordar é alemão, relatado pelos Irmãos Grimm — os primeiros a coletar esse tipo de material, despertando o interesse

de outros países de fazerem o mesmo. A estória é a seguinte:

OS DOIS ANDARILHOS

Montanha e vale não se encontram, mas às vezes seres humanos sim — sejam bons ou maus. Assim aconteceu de se encontrarem em suas andanças um alfaiate e um sapateiro. O alfaiate era um camarada pequeno, de boa aparência, divertido e alegre. Ele viu o sapateiro do outro lado da estrada e cumprimentou-o com um gracejo. O sapateiro não gostava de gracejos e fez uma cara azeda, parecendo querer brigar com o alfaiate, mas este começou a rir e ofereceu-lhe sua garrafa, dizendo: "Não se ofenda, beba um pouco e engula sua raiva". O sapateiro tomou um bom gole e sugeriu que poderiam caminhar juntos. "Muito bem", respondeu o alfaiate, "se você quiser ir até uma cidade onde existe muito trabalho..."

O alfaiate, sempre corado, alegre e bem disposto, não teve nenhum problema em arrumar emprego, nem em conseguir um beijo da filha do patrão por detrás da porta; e sempre que se encontrava com o sapateiro tinha mais dinheiro do que ele. Apesar de o sapateiro mal humorado nunca ter tanta sorte, o alfaiate ria e dividia o que tinha com seu companheiro. Quando já tinham andado um bom tempo na estrada, chegaram a uma enorme floresta onde existia um caminho que ia até a cidade do rei. Mas na verdade eram dois caminhos: um levava sete dias para chegar e o outro apenas dois; eles não sabiam qual era um e qual era outro, e nem a quantidade de pão que poderiam car-

regar e por isso ficaram discutindo. O sapateiro levava pão suficiente para sete dias, mas o alfaiate estava disposto a aceitar o risco e confiar em Deus. Era uma longa caminhada. No terceiro dia o pão do alfaiate já tinha terminado, mas o sapateiro não teve pena dele. No quinto dia o alfaiate sentiu tanta fome que pediu um pedaço de pão, pois já estava pálido e exausto. O sapateiro concordou, contanto que lhe arrancasse um dos olhos em troca. O infeliz alfaiate, que não queria morrer, só podia aceitar, e o sapateiro sem coração tirou fora seu olho direito. No dia seguinte o alfaiate sentiu fome de novo e no sétimo dia estava tão exausto que não conseguia ficar em pé. O sapateiro disse-lhe que teria piedade e lhe daria mais pão; mas, em troca, queria o outro olho.

Então o alfaiate implorou perdão a Deus pelo modo despreocupado com que tinha vivido até então e disse ao sapateiro que não merecia tal tratamento de sua parte, pois sempre tinha compartilhado tudo com ele e sem os olhos não seria capaz de costurar, só poderia mendigar. Daí o alfaiate lhe pediu que não o deixasse morrer ali, sozinho e cego. Mas o sapateiro, que tinha banido Deus de seu coração, pegou a faca e arrancou o olho esquerdo do alfaiate. Deu-lhe então um pedaço de pão, fez-lhe uma bengala e o conduziu. Quando o sol se pôs eles saíram da floresta e encontraram umas forcas. Lá o sapateiro abandonou o alfaiate cego. Este, extenuado de dor e raiva, caiu sonolento, dormindo a noite inteira. Quando acordou de manhã, não sabia mais onde se encontrava. De duas forcas pendiam dois pobres pecadores e na cabeça de cada um pousava uma gralha. As duas aves começaram a conversar e uma contou à outra que o orvalho da noite, que caíra da força sobre os corpos, devolveria a visão a quem com ele lavasse os olhos. Quando o alfaiate ouviu isso, tirou o lenço do bolso, encharcando-o no orvalho da grama e, lavando

a cavidade dos olhos, voltou a ver com ambos os olhos.

Logo o sol nasceu e na planície em frente se encontrava a cidade do rei, com seus belos portões e centenas de torres. Ele distinguia todas as folhas das árvores, via o vôo dos pássaros e a dança dos mosquitos no ar. Pegou uma agulha e quando percebeu que podia costurar tão bem como sempre, seu coração pulou de alegria e ajoelhando-se agradeceu a Deus. Então pegou sua trouxa e seguiu cantando e assobiando. Logo encontrou um potro marrom correndo pelo campo. Agarrou-o pela crina para montá-lo até a cidade. Mas o potro implorou-lhe a liberdade, dizendo que era muito jovem, que mesmo uma pessoa leve como o alfaiate lhe quebraria as costas, e pediu que o deixasse livre até que fosse bastante forte, e assim, talvez um dia, pudesse retribuir-lhe. Então o alfaiate libertou o potro.

Mas ele não tinha comido desde o dia anterior. Daí viu uma cegonha e prendeu-a por uma das pernas, pensando em cortar-lhe a cabeça para ter o que comer. Mas a cegonha lhe contou que era um pássaro sagrado que nunca prejudicava a ninguém, que era de grande utilidade para a raça humana e lhe implorou para continuar a viver. Disse ao alfaiate que um dia poderia lhe ser útil. Assim, deixou que ela voasse livremente. Depois o alfaiate avistou dois patos numa lagoa. Prendeu um deles, querendo torcer-lhe o pescoço para ter o que comer. Mas uma velha pata saiu nadando de trás de uns arbustos e lhe implorou piedade pelos queridos filhotes. "Pense", disse ela, "o que diria sua mãe se alguém quisesse acabar com você!" Assim o bem humorado alfaiate permitiu que ela ficasse com seus filhotes e colocou os patinhos de volta na água. Quando se voltou viu uma velha árvore oca em que as abelhas enxameavam. "Esta será minha recompensa por minhas boas ações", pensou o alfaiate, mas a abelha

rainha aproximou-se e disse: "Se você tocar no meu povo e destruir minha colmeia, nós o picaremos com dez mil agulhas em brasa. Deixe-nos em paz, siga seu caminho e como recompensa lhe prestaremos algum serviço um dia". Assim o alfaiate foi-se embora, chegando esfomeado na cidade. Como era meio-dia entrou numa estalagem para comer; depois foi procurar emprego, achando um muito bom. Como era um ótimo alfaiate, logo tornou-se famoso e todos queriam um casaco confeccionado por ele — até que finalmente foi nomeado alfaiate da corte.

Mas, como acontece na vida, no mesmo dia seu antigo companheiro foi feito sapateiro da corte e quando este o viu com os olhos sãos, sentiu a consciência pesada e planejou destruí-lo antes que ele pudesse contar sua história. Assim, à tarde, tendo terminado seu trabalho foi procurar o rei, contando-lhe que o alfaiate era um camarada insolente que se vangloriara de poder encontrar a coroa de ouro, perdida nos tempos antigos. Na manhã seguinte o rei pediu para chamarem o alfaiate, ordenando-lhe que exibisse a coroa ou deixasse a cidade para sempre. O infeliz alfaiate arrumou sua trouxa e preparou-se para deixar a cidade, mas estava triste por ter que abandonar o lugar onde tudo tinha ido tão bem. Quando chegou à lagoa, onde tinha encontrado os patos, lá estava a velha pata limpando o bico na margem. O alfaiate contou o que lhe tinha acontecido. "Só isso?", perguntou a pata. "A coroa caiu na água e jaz no fundo da lagoa. Deixe apenas um lenço na margem". Então ela mergulhou com seus doze filhotes; passados cinco minutos voltou com a coroa pousada nas asas e os doze patinhos à sua volta seguravam-na com o bico. Então o alfaiate, envolvendo-a com o lenço, levou-a ao rei que lhe deu uma corrente de ouro em recompensa.

Quando o sapateiro viu que a sua trama tinha fracassado, tornou a procurar o rei, dizendo que o alfaiate se vangloriara de poder construir um mo-

delo do castelo real em cera, com tudo o que havia dentro. O rei ordenou ao alfaiate que realizasse essa façanha; e se faltasse um alfinete que fosse, ele seria aprisionado debaixo da terra pelo resto de seus dias. O alfaiate achou que as coisas iam de mal a pior, que ninguém poderia suportar isso, e mais uma vez ele se foi. Quando chegou à árvore oca, a abelha rainha voou para fora e lhe perguntou se estava com torcicolo, pois andava cabisbaixo. Aí o alfaiate lhe contou a história. Todas as abelhas começaram a zumbir e a rainha lhe disse que fosse para casa e voltasse no dia seguinte, na mesma hora, mas com um casaco bem grande. Quando voltou no dia seguinte, elas tinham construído um modelo perfeito. O rei ficou encantado e deu-lhe uma linda casa de pedra.

Pela terceira vez, a sapateiro contou ao rei que o alfaiate se vangloriara de poder fazer, no pátio real, um chafariz tão alto quanto um homem e tão claro como o cristal. Veio então a ordem de que o alfaiate teria que fazê-lo sob pena de ser decapitado. Mais uma vez ele se preparou para ir embora, com lágrimas caindo pela face. Mas o potro aproximou-se correndo, dizendo que sabia qual era o problema. Nem bem o alfaiate montou-o ele galopou até o pátio real, deu três voltas como um raio e na terceira jogou-se no chão. Nesse instante, ouviu-se um tremendo estrondo e uma imensa bola de terra voou pelos ares sobre o castelo; imediatamente depois, a água jorrou tão alta quanto um homem montado a cavalo e tão clara como o cristal. Quando o rei viu isso, abraçou o alfaiate na frente de todo mundo.

Porém, mais uma vez a sorte não durou. O rei tinha muitas filhas, cada uma mais bonita que a outra, mas nenhum filho, e o malvado sapateiro disse novamente ao rei que o alfaiate se vangloriara de poder trazer-lhe um filho através do ar. O rei chamou o alfaiate dizendo que se este lhe trouxesse

um filho, poderia se casar com sua filha mais velha. O alfaiate foi para casa imaginando o que poderia fazer para resolver o problema. Novamente pensando que nada poderia ser feito, arrumou sua trousse e foi-se embora, dizendo: "Deixarei este lugar porque aqui não consigo viver em paz". Mas, chegando ao campo, encontrou sua velha amiga, a cegonha, que o saudou. Quando lhe contou sua história, a cegonha disse que não esquentasse a cabeça, pois há muito tempo trazia bebês para a cidade e dessa vez poderia tirar um príncipe do fundo de um poço. O alfaiate devia voltar para casa e ficar tranquilo. Dentro de nove dias deveria ir à corte onde também estaria a cegonha. O alfaiate foi para casa e, no dia marcado, dirigiu-se ao castelo e logo depois a cegonha chegou, batendo na janela. O alfaiate abriu-a e ela entrou, andando cuidadosamente com suas longas pernas no chão de mármore, carregando no bico uma criança que parecia um anjo. O bebê estendeu as pequeninas mãos para a rainha. A cegonha colocou-o no seu colo, deixando-a extasiada, e o alfaiate casou-se com a filha mais velha do rei.

E o sapateiro teve que fazer os sapatos para o alfaiate dançar na festa do casamento; depois ordenaram-lhe que abandonasse a cidade para sempre. Seu caminho através da floresta conduziu-o até a forca. Exausto de raiva e do calor do dia jogou-se no chão e quando fechou os olhos, querendo dormir, as duas gralhas pousaram e com grande alarido arrancaram-lhe os olhos. O sapateiro saiu vagando como um louco pela floresta e deve ter morrido lá, pois ninguém nunca mais o viu, nem ouviu falar dele.

Destruição ou renovação do rei

À primeira vista, vocês poderiam dizer que em "Os Dois Andarilhos" o alfaiate simpático e otimista representa o lado consciente e o sapateiro a sombra, o lado compensatório. Realmente, esta é uma interpretação dada até mesmo por pessoas que trabalham com contos de fada e com a psicologia junguiana, que a consideram uma estória típica de ego e sombra. Penso que de certa forma isto é verdade mas, pela minha experiência, se partirem dessa hipótese vocês empacam; conseqüente-mente, gostaria de os prevenir quanto à identificação de conceitos junguianos com figuras mitológicas, dizendo isto é o ego, isto a sombra, isto a anima, porque, como verão, isto funciona por um tempo mas depois aparecem as contradições — e finalmente surgem as distorções, quando se tenta forçar as figuras da estória dentro de uma forma definida. É muito melhor, ao invés de saltar para conclusões, observar as duas figuras e seus aspectos funcionais na estória e o modo pelo qual estão consteladas com relação aos outros personagens, e seguir a regra de não interpretar nenhuma figura arquetípica antes de ver também o seu conteúdo. Então chegaremos a conclusões um pouco diferentes do que se as tomássemos arbitrariamente como ego e sombra.

O alfaiate é uma figura bem conhecida dos contos de fada. Na famosa estória "O pequeno alfaiate valente" existem certas similaridades, pois aí o alfaiate também é alegre, generoso, de pequena estatura e fisicamente não muito forte. Ele derrota um gigante e mais tarde engana

um unicórnio furioso. Nessa estória o unicórnio se irrita e ataca o alfaiate, que pula para trás de uma árvore. O unicórnio enfia o chifre na árvore e não consegue se soltar. A partir desta amplificação, podemos concluir que o alfaiate tem algo a ver com o arquétípico do trapaceiro, que supera seus inimigos através da inteligência e do pensamento ligeiro.

Segundo as ideias medievais, o artesanato se ligava a certos planetas que protegiam determinados ofícios. O planeta Mercúrio protegia cozinheiros e alfaiates. Então aqui encontramos a ligação: o alfaiate pertence a Hermes, ou seja, Mercúrio, o deus trapaceiro, com todas as suas qualidades de inteligência versátil, pensamento rápido e capacidade de transformação. Naquele tempo o ofício de alfaiate era uma escolha inteligente para os homens pequenos e um tanto efeminados, que compensavam sua fraqueza por meio da esperteza e da habilidade. Além disso, o alfaiate faz roupas para os outros. Geralmente, interpretamos roupa como algo que tem a ver com a persona, o que até certo ponto é correto, pois vestimos a verdade crua de nossa personalidade e mostramos ao mundo exterior uma fachada mais decente e agradável do que realmente somos. A ideia de ligar roupa e persona está muito bem ilustrada no conto de fada de Hans Andersen "As roupas novas do imperador". O imperador oferece uma grande recompensa àquele que conseguir lhe fazer as melhores roupas e um esperto alfaiatezinho vai até ele, dizendo ser capaz de lhe fazer roupas muito especiais, delicadas e bonitas, dotadas da qualidade mágica de só serem visíveis a pessoas honestas e decentes. O imperador encomenda as roupas. Ele não consegue vê-las, mas não leva o fato em consideração; e na cidade, corre a notícia de que o rei vai aparecer com sua nova roupa mágica. Todo mundo o admira, até que uma criança grita: "Mas ele está nu!" E então todos começam a rir. Mais uma vez o alfaiate é o esperto que mostra a estupidez da persona do imperador.

Por outro lado, se pensarmos nos cultos dos mistérios na Antiguidade e nos ritos de iniciação de muitas

civilizações, vemos que as pessoas vestiam roupas não apenas para representar a persona, mas para expressar uma atitude. Por exemplo, nas cerimônias de batismo da primitiva Igreja cristã as pessoas eram totalmente imersas e recebiam vestes brancas para manifestar sua re-cém-adquirida atitude de inocência, ou sua atitude cândida (candidus = branco). Também nas iniciações Mitráicas e nos mistérios de Ísis, os iniciados vestiam certas roupas para representar o deus sol e manifestar a transformação arquetípica interior às outras pessoas. Numa parábola alquímica, o espírito Mercúrio é descrito como alfaiate dos homens. Como possui tesoura e corta o homem no talhe certo, ele talha as próprias pessoas e não apenas suas roupas. Assim, Mercúrio é uma espécie de transformador do homem, um eventual psicoterapeuta que muda as pessoas revelando-lhes seu talhe verdadeiro e certo.

Podemos então dizer que o alfaiate tem a ver com o poder arquetípico de transformação do homem, dando-lhe uma nova atitude, uma força ligada à inteligência e à habilidade de lograr os outros. Os gigantes, conhecidos pelo tamanho e evidente estupidez, em geral representam emoções estúpidas. Tão logo invadidos por uma emoção, tornamo-nos estúpidos. Mitologicamente, os gigantes se relacionam aos terremotos. O unicórnio, com seu chifre agressivo, representa a atitude agressiva e o alfaiate sabe como lidar com isso. Ele também representa as qualidades psicológicas, tipicamente humanas, de esperteza e inteligência, com as quais se supera a emoção primitiva e se alcança uma consciência mais elevada.

O alfaiate em "Os dois andarilhos" é sobretudo um homem muito piedoso, pois cada vez que se encontra em dificuldade roga a Deus, em quem tem grande fé e confiança, pois acredita com otimismo que a Divindade o ajudará a sair de suas dificuldades. Assim podemos concluir que o caminho humano de superar uma emoção pela inteligência e esperteza é aqui combinado com uma atitude religiosa cristã, a cosmovisão cristã.

O sapateiro também tem a ver com roupas, mas apenas

para os pés — e assim a diferença entre roupas em geral e sapatos tem de ser especificada. Se roupa representa atitude, então sua interpretação deve variar de acordo com a parte do corpo que cobre. Vocês poderiam dizer que calças tem a ver com a atitude sexual, sutiã com uma atitude maternal — a mulher frequentemente sonha com sutiã representando uma crítica a essa atitude. Um provérbio alemão diz que a camisa do homem está mais perto dele do que o casaco; está mais perto da pele e portanto representa uma atitude íntima. Aigremont escreveu um livro sobre o simbolismo dos sapatos, a partir do ponto de vista freudiano, mas eu não concordo com suas conclusões. Sartori também escreveu um artigo a respeito do mesmo tema. Aigremont chega à conclusão de que o pé é um símbolo fálico, para o qual existe um apoio, representando o sapato o órgão feminino que envolve o pé.

O aspecto sexual está implicitamente contido no simbolismo do sapato, mas este não é um aspecto evidente: podemos admitir que as pessoas das classes mais baixas da sociedade, representadas neste conto de fada, fariam mais diretamente dizendo "sexo" se fosse isso o que desejariam dizer — portanto existe aí um significado ligeiramente diferente. Se partirmos da hipótese de que o sapato é simplesmente um artigo do vestuário para cobrir o pé e que com ele nos mantemos de pé na terra, então ele é *o ponto de vista* ou *a atitude da realidade*. Há bastante evidência disto. Os alemães dizem que quando alguém se torna adulto "descalça seus sapatos de criança" e nós dizemos que o filho "calça os sapatos do pai" ou "segue as pegadas do pai" — ele assume a mesma atitude. Existe também uma ligação com o complexo de poder, quando alguém "pisa em cima do outro" se deseja afirmar seu poder, como o soldado vitorioso mostrando que agora está por cima, colocando o pé sobre o pescoço do inimigo conquistado. Em alemão existe a expressão "herói de chinelo", referindo-se ao homem dominado pela esposa. Ela pisa em cima dele e ele fica

submisso em casa. Portanto, vocês podem dizer que nosso ponto de vista com relação à realidade concreta sempre se vincula ao poder, pois não podemos assumir o ponto de vista da realidade sem até certo ponto nos afirmarmos; quando se trata da realidade é preciso fazer uma escolha, tornando um lado decisivo. Assim o sapateiro representaria uma figura arquetípica semelhante a do alfaiate, mas que tem a ver com o ponto de vista frente à realidade.

O ofício de sapateiro é visto como uma das profissões simples, até mesmo mais simples do que a do alfaiate, apesar de nenhum ocupar uma posição social elevada nos termos burgueses desses contos de fada. Existem muitas lendas e histórias que tem a ver com o nível simples do sapateiro. Uma lenda conta que Santo Antônio, vendo um anjo de Deus, convenceu-se de ter atingido algo importante e com isso se tornado um grande santo, mas um dia um anjo lhe contou que existia um homem ainda mais santo em Alexandria. Santo Antônio, com ciúme, quis conhecê-lo e o anjo o levou a um bairro muito pobre de Alexandria, onde num miserável casebre um velho sapateiro com sua pobre esposa estava sentado fazendo sapatos. Santo Antônio ficou surpreso mas começou a conversar com ele; e querendo descobrir por que o sapateiro era mais santo do que ele, perguntou-lhe sobre seus pontos de vista religiosos e sua atitude diante da religião. O sapateiro apenas olhou para ele, dizendo que só fazia sapatos para sustentar a mulher e os filhos. Nesse instante, Santo Antônio ficou iluminado. A história mostra como o sapateiro se relaciona com o ponto de vista frente à realidade, em contraste com o Santo que se empenhava apenas em se tornar cada vez mais santo. O sapateiro possuía uma atitude totalmente simples e humana em relação à realidade, o que muitas vezes falta aos santos, e foi isto que o Anjo de Deus falou a Santo Antônio. Existe um provérbio que diz: "sapateiro, fique com suas ferramentas", pois se ele as deixa, tudo dá errado. Isso significa manter a relação com a realidade — devemos ser totalmente realistas, permanecendo dentro

de nossos próprios limites. É o que o sapateiro faz e, de acordo com o provérbio, ele está certo.

Agora que já estabelecemos os dois aspectos de nossas duas figuras, eu gostaria de falar a respeito do método de interpretação de contos de fada, coisa que acho importante, porque o hábito de adivinhar o que cada figura significa deve ser substituído por uma abordagem mais científica.

Depois de muito vaguearem, o sapateiro e o alfaiate chegaram a um ponto decisivo quando se tornam servos do rei e o primeiro começa suas intrigas, casando-se por fim o alfaiate com a princesa, o que não é comum. Em outros contos de fada, quando um homem simples se casa com a princesa está implícito que através desse casamento ele se torna o novo rei; mas aqui a cegonha traz um filho ao rei e provavelmente este é que será o futuro herdeiro (não o alfaiate), a menos que a criança morra — o que não combina com a atmosfera dos contos de fada. Talvez fosse bom nos perguntarmos o que significa, em geral, o fato de um simples homem como um camponês, um simplório, um alfaiate ou sapateiro, ou o filho único de uma viúva, se casar com a princesa tornando-se então o futuro rei. Para compreender esse ponto, devemos entrar no simbolismo do rei.

Dizer que o alfaiate representa o lado consciente e o sapateiro a sombra, é chegar depressa demais a uma conclusão — vocês poderiam igualmente dizer que ambos são sombras do rei. Todo mundo é sombra de todo mundo nos contos de fada; as figuras são todas comparáveis entre si e possuem uma função compensatória. Portanto, deve-se usar a palavra "sombra" *cum grano salis*.

No que se refere ao simbolismo do rei, recomendo o livro *Mysterium Conjunctionis*, de Jung, onde existe um capítulo inteiro a esse respeito. Num nível primitivo, o rei personifica o poder vital místico de uma nação ou iribo, por isso em muitas civilizações primitivas, como vocês podem ler em *The Dying God*, de Frazer, a saúde e o poder físico e espiritual do rei garantem o poder da

tribo, e o rei deve morrer se ficar doente ou impotente. Ele é sempre deposto depois de um certo tempo, pois o portador desse poder deve sempre ser jovem. Ele é a encarnação da Divindade, a força viva da tribo. Entre os Shilluks do alto Nilo branco, isto é expresso claramente pelo fato de que, quando deve morrer, o velho rei é fechado numa cabana junto com uma virgem, morrendo de fome com ela. O "trono" (uma pequena cadeira primitiva) é colocado em frente à cabana e nele senta-se seu sucessor: no momento da morte o espírito vital do velho rei entra pelo corpo do novo. Daí em diante, este é o rei e o portador desse princípio.

Mais uma vez, querendo chegar depressa a uma conclusão, vocês podem dizer que o rei possui todos os aspectos do simbolismo do *Self*, mas na verdade isto é geral e impreciso demais, pois o rei é o princípio vital, a imagem de Deus e o centro da organização física e espiritual; dessa forma, é o portador da projeção do *Self*, é o centro regente e dominante do aspecto da totalidade. Mas isto não está certo na medida em que o arquétipo do *Self* não se deixa confinar pelo tempo. Nós também temos a imagem do rei às portas da morte, o rei doente ou velho que tem que ser deposto, e isso não combina com a ideia do *Self*, como centro regulador da psique, que não deve ser deposto. Assim, em que sentido ele é ou não o *Self*? A resposta está no ritual dos Shilluks que lhes contei. O rei não é o *Self*, mas a manifestação simbólica desse arquétipo. Isto é, o rei de nossa civilização é Cristo, ele é o símbolo do *Self*, ele é o aspecto específico do *Self* que domina nossa civilização, o Rei dos Reis, o conteúdo dominante. Eu diria que Buda é o aspecto formulado do simbolismo do *Self* nas civilizações budistas. Assim, o rei não é o arquétipo mas o símbolo do *Self* que se tornou a representação central dominante numa civilização.

Parece ser uma lei arquetípica de validade geral o fato de que todo simbolismo moldado e formado na consciência coletiva se desgasta depois de certo tempo e resiste à renovação devido a uma certa inércia da cons-

ciência. Muitas experiências interiores perdem um pouco de sua força depois de dez ou vinte anos, principalmente para a coletividade; em grande parte, a forma dos símbolos religiosos tende a se desgastar. Imaginem todas as crianças que deveriam se relacionar com o simbolismo de Cristo e ser cristãos e que aos seis anos já não se interessam mais e fecham seu ouvido interior, porque para elas aquilo se tornou um tipo de "slogan" que não faz mais sentido, que perdeu suas qualidades numinosas e seu valor. Vários ministros e padres me contam que é praticamente impossível escrever sempre um sermão no qual possam colocar algo de si mesmos, pois inevitavelmente há dias em que o homem está cansado ou discutiu com a esposa e este efeito desgastante será visível. Se para eles Cristo fosse totalmente numinoso isto não aconteceria. Parece-me trágico o fato de que a consciência humana tenda a ser unilateral e veja um só caminho, nem sempre adequado ao processo interior, de modo que certas verdades são formuladas e aceitas por muito tempo.

O mesmo acontece na evolução interior de um indivíduo — alguém tem uma experiência interior e a vive por um tempo, depois a vida muda e a atitude deveria também mudar; mas isto só é percebido quando os sonhos mostram que uma readaptação é necessária. Na metade da vida, a consciência insiste em permanecer presa a certas atitudes e não percebe com suficiente rapidez que o mundo interior mudou e que ela também deve mudar para poder lidar com a morte. Da mesma forma, tão logo se tornam conscientes e verbalizados, os conteúdos religiosos perdem seu frescor original e sua numinosidade, razão pela qual os grandes sistemas religiosos sofrem movimentos de renovação, de mudança completa ou reinterpretação, para que possam readquirir seu sentido imediato e original. O rei idoso que tem de ser substituído por um novo rei, expressa essa lei psicológica geral. Tudo o que alcança reconhecimento geral está, de certo modo, condenado; o mais sábio seria reconhecê-lo e estar sempre pronto a uma mudança de

atitude. Da mesma forma que o indivíduo, a coletividade também persevera em sua antiga atitude, num grau ainda maior. Devemos portanto confrontar a inércia que ameaça o novo conteúdo. É a isso que se refere o mistério da renovação do rei.

O rei tem ainda outro aspecto: ele não é apenas a esperança profunda de uma civilização, mas também seu representante religioso. Para evitar a enorme tragédia da morte do rei, surgiu uma duplicação do poder, ou seja, a sociedade passava a contar com um curandeiro e um rei. O primeiro não se envolve quase nas atividades terrenas de organização, pois sua tarefa é lidar com as experiências religiosas imediatas. Assim sendo, em muitas tribos primitivas há discórdia entre o rei e o curandeiro, sendo este a "Eminência Parda" por trás do rei, ou dominado pelo poder absoluto do chefe. Este conflito se manteve em nossa própria História quando a Igreja católica tentou superar o poder do rei, ou quando certos reis tentaram substituir o papa ou governá-lo, regulamentando a vida religiosa da Igreja. A ideia por detrás da divisão de poderes era manter os dois separados, de modo que o aspecto religioso tivesse possibilidade de renovação, mantendo-se a organização limitada aos seus próprios deveres. Dessa forma era possível manter o equilíbrio dos opostos: a tendência de continuidade da consciência e a necessidade de sua constante renovação interior. O inconveniente é o perigo de conflito e cisão entre os dois poderes, que na verdade encontram-se unidos na psique.

Nos contos de fada frequentemente é uma pessoa simples que se torna o novo rei, depois de muitas peripécias e processos interiores. Devemos investigar o que isto significa. Se o príncipe torna-se rei ele é a pessoa certa por hereditariedade e podemos chamar a isto de renovação no interior do mesmo princípio dominante, como o que aconteceu com a Ordem de São Francisco de Assis na Igreja católica. Houve um momento perigoso para a Igreja quando a Ordem de São Francisco ameaçou tornar-se um movimento próprio; mas este aca-

bou sendo para a Igreja um movimento de rejuvenesci-mento da vida espiritual sob o mesmo signo dominante — isso é análogo à transformação do príncipe em rei.

Por outro lado, se o conto de fada diz que é uma pessoa anônima e inesperada que se torna rei, então a renovação do dominante da consciência coletiva provém do ângulo menos previsível, tanto em termos arquetípicos como sociológicos. O dogma da Assunção da Virgem Maria é um bom exemplo, pois em alguns círculos teológicos esse dogma era desprezado. O papa enfatizou o fato de que era o desejo popular que contava, mas ele enfrentou grande oposição. Referiu-se inclusive às visões de Fátima em Portugal, pois a Assunção da Virgem Maria baseia-se mais no sentimento das pessoas simples do que no pensamento teológico. Dizem também que o próprio papa teve visões (o que não foi confirmado oficialmente) — e de um reduto tão inesperado como seu inconsciente é que tal renovação veio à luz. Vê-se assim que a renovação vem de onde menos se espera.

De uma maneira geral, podemos concluir que se num conto de fada um homem simples se torna rei, isso re-flete um processo de renovação da consciência coletiva a partir de uma parte da psique, inesperada e oficialmente desprezada, e de pessoas simples que sofrem mais as correntes subterrâneas do desenvolvimento arquetí-pico do que as instruídas. Por exemplo, argumenta-se nas universidades e em todos os círculos instruídos que existe técnica demais na vida do homem moderno e uma relação insuficiente com a natureza. As classes dominantes sabem disso, mas um simples rapaz camponês que deixa sua pequena cidade para trabalhar numa fábrica não sabe e, assim, sofre por isso de modo mais imediato, podendo se desesperar e talvez odiar seus companheiros sem compreender que está sofrendo de uma doença de sua época. Em sua psique o desejo de mudança de atitude pode se constelar e se expressar simbolicamente. Talvez ele tente superar seus problemas indo a encontros religiosos de renovação, pois percebe os latos de modo primitivo e tenta se curar desse modo.

Esse tipo indefinido de sofrimento pode ser superado através de uma forma expressa simbolicamente, ou talvez o rapaz acabe achando sua vida sem sentido e beba até morrer. Assim, podemos dizer que os estados de espírito, os anseios secretos e as necessidades das pessoas simples do povo expressam de maneira clara as necessidades do nosso tempo. Quando analiso pessoas desse nível sempre fico surpreendida com o material arquetípico de seus sonhos, os quais parecem estar muito mais ligados aos problemas de nosso tempo do que os sonhos de pessoas instruídas. Uma moça pobre, cheia de medos e com um horizonte nublado não percebe que talvez seja vítima de sua época e eventualmente sonha com nosso problema atual de forma clara e surpreendente. Podemos chamar tais sonhos de visões de nosso tempo operando na alma da pessoa. Quanta coisa podemos aprender analisando uma faxineira ou um João-ninguém! Durante o intervalo me fizeram duas perguntas: uma delas é por que uma pessoa simples pode ter tais visões tão claras a respeito dos problemas de nosso tempo. Nós concluímos que esses indivíduos estão muito mais desamparados do que os das classes mais altas que podem construir uma casa de campo e assim encontrar uma forma de fugir e compensar a situação. Além disso, as pessoas instruídas percebem a situação em que se encontram e procuram tratar-se, não sentindo o problema do mesmo modo. Por exemplo, eles não são obrigados a viver miseravelmente numa rua barulhenta de onde não podem sair. As pessoas pobres estão mais expostas ao problema e, como sofrem mais, sua reação instintiva de cura é mais intensa.

Pediram-me que exemplificasse. Uma professora teve a seguinte visão: um dia ela foi a um encontro antitroposófico numa catedral mundialmente famosa, numa cidade vizinha. Ao sair da casa onde um pastor fazia uma conferência ela viu nuvens escuras e um terremoto, como se fosse o fim do mundo. No topo da torre da catedral, em seu ponto mais alto, ela avistou a figura da morte a cavalo, de bronze, e uma voz disse: "A morte

está descendo e começa a cavalgar sobre o mundo". A torre começou a contrair-se como uma mulher dando à luz e a figura da morte estremeceu. A mulher voltou correndo para o lugar do encontro dizendo: "Venham ver, a morte está se soltando". A amplificação era que haveria muitas mortes por doença e guerra; mas quando ela se voltou viu que a torre estava restaurada depois da morte ter descido. Agora, no lugar mais alto via-se uma figura feminina de pedra que lhe deu mais confiança.

Podemos compreender o sonho por um ângulo pessoal. Essa mulher sempre teve uma atitude muito cristã, com ideias de auto-mortificação, nunca se permitindo nada e alimentando um desejo secreto de morrer. Como achasse que não valia nada, decidiu ajudar os outros, desistindo completamente de sua própria vida, reconstruindo-a sobre o princípio da morte — em consequência, ela se arruinou psíquica e fisicamente com a atitude cristã de auto-mortificação. Este foi o aspecto pessoal da visão, sendo o princípio supremo a atitude cristã que servia mais à morte do que à vida. Ela vivia segundo os princípios da *Imitatio Christi*, que implica na morte aos 30 ou 32 anos, o que lhe causou as mais amargas consequências. Além disso, ela estava possuída pelo ânimus e excluía por completo o lado feminino da vida, ausência esta que corresponde também ao princípio cristão.

Num caso desses, o princípio da morte deve ser substituído por uma divindade feminina. Assim, a visão tinha uma conotação pessoal. Além do mais, nessa época ela achava que estava com um começo de câncer. Por outro lado, sua visão mostra o problema de nosso tempo com todas as suas implicações, inclusive o dogma da Assunção da Virgem Maria. Ela vivia um destino coletivo e o inconsciente coletivo aparece completamente nu no seu inconsciente. Essa mesma pessoa sonhou que um dia estava sentada ao ar livre quando ouviu um zumbido e viu um enorme disco redondo voando no céu — era uma aranha de metal cheia de seres humanos. Do in-

terior da aranha uma voz repetia um hino ou oração: "Ponha-nos sobre a terra e guie-nos até o céu"; e o objeto ficou pairando sobre um prédio do parlamento, algo assim como um objeto não identificado; as pessoas lá dentro ficaram com tanto medo que rapidamente assinaram um tratado de paz e então a mulher percebeu que estava sem roupa. Ela tinha uma certa disposição es-quizóide, mas além disso pode-se perceber aqui a situação de nossa época. Estes seriam exemplos de sonhos e visões ingênuos.

Analisei também uma faxineira com acentuadas tendências suicidas totalmente convencida de que suas visões eram revelações religiosas que deveriam ser difundidas pelo mundo. Decidiu escrever um livrete e mandá-lo para Walt Disney; a julgar pelos esboços o livrete não era nada estúpido. O plano não era tão negativo quanto parece e Walt Disney seria capaz de reescrevê-lo, pois suas visões pretendiam claramente curar nossas dificuldades atuais. O problema foi que a mulher não tinha instrução suficiente para elaborar adequadamente os elementos que lhe surgiam e por isso empacava, tornando-se mórbida. Essas pessoas precisam ser ajudadas de uma forma concreta e a grande questão é se existe ou não suficiente vitalidade. Se ela tivesse tal vitalidade — o que de fato não acontecia — eu lhe teria dito para fazer um curso no *Migros*, ** aprender algo adequado e daí dedicar-se à sua visão, dessa forma encontrando uma ocupação e um objetivo. Infelizmente, um tipo esquizóide quase nunca tem vitalidade suficiente, de modo que só podemos ajudar com a nossa própria vitalidade ou a de outrem; geralmente essas pessoas se encontram num estado físico miserável e por isso não conseguem dar forma ao seu conteúdo. No decorrer da História houve pessoas desse tipo que conseguiram realizar essa tarefa, como Jakob Boehme, um sapateiro que escreveu revelações religiosas baseadas em suas visões, muito embora não tivesse instrução suficiente para formulá-las de modo mais adequado. Mas ele teve um grande impacto em seu

* Conhecida cadeia de supermercados suíços que também oferece cursos práticos. (Nota dos Revisores).

tempo e suas experiências interiores adquiriram significado para os outros. Tais "Jakob Boehmes" latentes existem em maior número do que se imagina. Assim sendo, se essas constelações forem suficientemente fortes na sociedade tudo pode acontecer, como se deu com a religião cristã que por assim dizer da noite para o dia produziu uma atitude religiosa completamente nova com base nos estratos inferiores da população. O cristianismo não atingiu de imediato as classes mais altas da sociedade romana, mas começou entre os escravos. Naquele tempo as pessoas tinham visões de Cristo e uma relação muito pessoal que se alastrava como fogo entre as pessoas simples do povo, expressando sua necessidade de livrar-se da escravidão e encontrar um novo objetivo: isso seria a renovação vinda de baixo. O rei foi substituído por um trabalhador ou escravo e isto se tornou o símbolo dominante, literalmente expresso na descrição de Cristo como Rei dos Reis e ao mesmo tempo servo dos homens.

Em nossa estória o rei ainda não foi deposto. O alfaiate não se torna príncipe mas casa-se com um membro da família real, tendo sido, juntamente com o sapateiro, servo da corte por algum tempo. Assim, encarando a estrutura como um todo, temos um rei, nem bom nem mau, mas meio decadente — o que se conclui pelo fato de precisar de ajuda para assumir um filho e de ter perdido a coroa. Ele portanto já está se aproximando do estado de rei decadente, mas ainda com força suficiente para manter sua posição e sua corte. Na esfera da consciência coletiva e suas representações dominantes dois fatores opostos vêm à tona, ficando o rei dividido entre um e outro. Primeiro o sapateiro ganha a confiança do rei, depois o alfaiate. O primeiro desempenha o papel do Diabo ou de Lúcifer, como Satã no Livro de Jó que critica Jó dizendo que ele é rico e também Piedoso mas somente enquanto na posse de seus bens. sapateiro, numa escala menor, funciona exatamente

da mesma maneira nessa estória: ele ganha a confiança do rei e o alfaiate se vê sob tremenda pressão.

Eu afirmaria que o rei representa o símbolo coletivo dominante de nossa era, isto é, do cristianismo, embora não possa dizer exatamente em que época, se nos séculos XVI, XVII ou XVIII. Nos contos de fada é difícil definir os períodos, mesmo possuindo algumas dicas exteriores; se há menção de pistolas tem-se uma indicação, mas isso não é uma prova definitiva. O fato de termos um tipo de conto de fada similar a "Amor e Psique" mostra que sua estrutura básica deve ter dois mil anos ou mais, de forma que a data pode talvez ser comprovada pela situação arquetípica, por evidências interiores ou até mesmo exteriores. Pode-se dizer que o rei representaria o aspecto da atitude cristã dominante que ainda não atingiu o ponto de ser completamente deposto ou renovado, mas que já não possui a antiga força. Surgem dois fatores arquetípicos, dois deuses, Mercúrio e Saturno; constelaram-se na corte e a questão é qual deles vencerá. Nos contos de fada quando não existe a sombra, ocorre a duplicação de uma figura arquetípica, uma parte sendo a sombra da outra. O mesmo acontece quando a sombra individual não se constela em termos pessoais. Todos os complexos e estruturas gerais, isto é, complexos com uma base coletiva, possuem um lado sombrio e outro luminoso num sistema polarizado. Pode-se dizer que o modelo de um arquétipo compõe-se de duas esferas, uma luminosa e outra sombria. No arquétipo da Grande Mãe temos a bruxa, a mãe diabólica, a velha sábia e a deusa que representa a fertilidade. No arquétipo do espírito há o velho sábio e o mágico destrutivo ou demoníaco, representado em muitos mitos. O arquétipo do rei pode tanto indicar a fertilidade e a força da tribo ou nação como o velho que sufoca a vida nova e deve ser deposto. O herói pode ser a renovação da vida, o grande destruidor, ou ambos. Cada figura arquetípica possui sua própria sombra. Será esta sombra um fenómeno genuíno ou será que resulta de nossa maneira de encará-la? Não sabemos como é o arquétipo no inconsciente, mas quando ele toca a orla da consciência, como nos sonhos, que são

fenómenos semi-conscientes, ele manifesta sua duplicidade. Somente quando a luz atinge um objeto é que aparece sua sombra.

Provavelmente os complexos no inconsciente são neutros — uma *complexio oppositorum* — tendendo a duplicar-se em Sim e Não, em mais e em menos, quando a consciência focaliza o objeto. O tema dos gêmeos na mitologia mostra-nos que sempre existe um par, um mais introvertido e outro extrovertido, um macho e outro fêmea, um mais espírito e outro mais animal — entretanto um não é moralmente melhor do que o outro; e há também mitos onde um é bom e outro mau. Acho que quando existe uma atitude ética na consciência, a atitude do par é eticamente diferenciada, mas se não houver consciência ética isto não acontece. Em nossa estória existe uma diferença entre bem e mal. A atitude judaico--cristã aguçou o conflito ético no homem, e há portanto em nossa civilização uma tendência a julgar de acordo com esse princípio ético, sem deixar lugar às coisas mal definidas. Se uma figura arquetípica se desdobra, então ela se desdobra também moralmente, aparecendo não apenas como o bem e o mal mas como luminosa e menos luminosa — é esse o refinamento da resposta ética produzido por nosso sistema religioso.

O contraste entre extrovertido e introvertido se aplica entre o alfaiate e o sapateiro. O último leva pão para sete dias pensando na fome, enquanto o alfaiate tem a atitude despreocupada do extrovertido que passa de uma situação para outra sem premeditação; é neste sentido específico que ambos se opõem mutuamente. Se relacionarmos esse aspecto ao simbolismo do rei enquanto dominante cristão, duas figuras são consteladas, uma tendendo a uma introversão desagradável e a outra a uma despreocupada extroversão. Será que estamos fantasiando ou o cristianismo apresentou de fato tal problema?

Eu acho que sim. O simbolismo cristão, especialmente se servarmos suas ramificações na América (caracterizada por um certo ímpeto extrovertido), possui uma visão otimista da vida, uma grande confiança em Deus, o otimismo cristão básico — e isto é um tipo de atitude cristã porque o

cristianismo julga Deus como sendo o bem, e o mal apenas como ausência do bem, o que cria uma atitude de confiança em si mesmo e em Deus, uma tendência a ignorar e a não enfatizar seja a realidade do mal em si mesmo e nos outros, seja a atitude de ajuda. Temos o desenvolvimento oposto no calvinismo e em outras facções pessimistas do cristianismo que apresentam uma atitude específica, marcada pelo espírito mercantil, um rigor ético totalmente não cristão e não caridoso, com um temperamento de pesada melancolia encontrado em certas ramificações do pensamento cristão. Isso corresponderia ao tipo do sapateiro, sempre com o olho pregado no lado duro e difícil da vida. Se estudarmos esses movimentos austeros na religião cristã veremos que não existe alegria na vida. As pessoas devem ser tristes, devem se arrepender de seus pecados, não devem gostar de boa comida pois isso desagradaria a Jesus Cristo. E esse tipo se encontra em toda parte, bem como esta tradição. Essas pessoas são ricas, elas têm o "pé na terra", são cétricas, realistas, desconfiadas, e estão mais enraizadas do que as outras no lado sombrio deste mundo por se prevenirem tanto contra o mal e o lado obscuro da vida. As pessoas otimistas tendem a não ver as dificuldades e são atingidas por elas pelas costas, tanto pelos outros como por si mesmas, quando sua sombra destrutiva vem à tona.

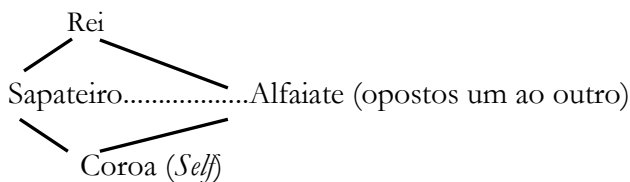
Podemos portanto dizer que o alfaiate representa um tipo simples de atitude ingênua dentro do mundo cristão, com uma visão esperançosa e confiante em Deus, sendo o sapateiro o oposto, a sombra dessa atitude. Ambas são tendências da civilização cristã de uma certa época.

3

A renovação da consciência dominante

Da última vez tentamos ampliar o simbolismo do sapateiro e do alfaiate e entender os princípios opostos que representam. Suas funções foram consideradas com relação ao rei. Ainda há mais para ser dito. Em *Mysterium Coniunctionis*, o rei é o dominante da consciência coletiva, um símbolo do *Self* que se tornou manifesto e é venerado no interior de uma comunidade.

Cada símbolo do *Self* tem o poder de unir os opostos, mas se perder sua força, deixa de funcionar desse modo e os opostos se separam. Se o rei fosse totalmente poderoso, estabeleceria as regras de tal modo que o sapateiro e o alfaiate não se disporiam a brigar mas a cooperar — o fato de que se opõem, torna evidente a fraqueza do rei. Neste caso ele concede sua confiança ao sapateiro e dá ouvidos às más insinuações que levam o alfaiate a dificuldades. O rei não é justo e já não estabelece as regras como deveria, ouvindo tudo o que os outros lhe dizem. No final tudo acaba bem, mas não exatamente como se espera. Podemos dizer que um poderoso dominante da consciência coletiva ainda está aqui representado; entretanto, ele perdeu o seu poder de unir os opostos adequadamente, pois estes começam a se separar e a se jogar um contra o outro. Esse enfraquecimento com o seguinte diagrama:



Se o rei começa a perder seu poder o eixo da oposição aumenta, a tensão se consolida e o rei oscila entre ambos, colocando sua confiança em um e depois no outro: o símbolo unificador começa a enfraquecer. Eu não me referiria a isto na psicologia pessoal, mas há de fato uma analogia com o desenvolvimento individual, isto é, os dois opostos se mantêm juntos na medida em que o ego está fortemente engajado na vida e em harmonia com os instintos. Existem sempre fases em que a pessoa se sente cheia de vida e o problema dos opostos não é tão intenso; sabe que tem uma sombra e que há sempre um mais e um menos, mas de alguma forma os opostos não a perturbam muito. Então, por alguma razão, o ego empaca, perde suas possibilidades e sua habilidade criativa, os opostos se separam e surgem conflitos de todos os tipos. Nessas circunstâncias, o ego, oscilando entre os dois como o rei, luta para se identificar com um lado ou com o outro. Não consegue manter um equilíbrio entre os dois mas escuta insinuações, tomando o partido ora de um, ora de outro.

Isto é típico numa situação de análise, mas é também um processo normal na vida, quando o ego não está em harmonia com os níveis mais profundos da personalidade instintiva, caso em que se divide entre os opostos. Se o ego pudesse se relacionar diretamente com o *Self* ou com um símbolo unificador, o conflito se resolveria e o ego funcionaria outra vez em sua totalidade. Este é o modo normal de os opostos funcionarem e o impulso principal é mais uma vez o fluxo da vida, sendo que o ego acompanha ou serve a esse fluxo proveniente da totalidade. Na verdade o conflito nunca é realmente resolvido, mas a emoção investida nele diminui; é superado pelo sofrimento e absorvido por uma nova forma de vida quando então pode ser encarado novamente sem paixão de

um ângulo diferente. Assim o rei não consegue manter os opostos juntos se tomar partido e de fato deixar de governar.

O alfaiate e o sapateiro caminham juntos, o alfaiate feliz e o sapateiro sozinho e invejoso; quando atravessam a floresta a tragédia se inicia e o sapateiro despeja sua vingança sobre o alfaiate. O sapateiro tem qualidades saturninas introvertidas como Prometeu. Ele se previne e leva mais pão do que o alfaiate, que como Epimeteu só aprende através da experiência. Esta é a diferença entre o introvertido e o extrovertido: o introvertido segue preocupado com a vida, sempre olhando para frente, com o perigo de se tornar amargo; o extrovertido primeiro dá o pulo e depois olha e quando cai num buraco diz que não o tinha visto. Naturalmente, se muito unilaterais, ambas as atitudes são destrutivas. Aqui os dois se perdem na floresta e estão famintos, o sapateiro tem pão e o vende ao alfaiate pelo preço de seus olhos, isto é, tenta destruir a beleza do alfaiate, que lhe faz inveja.

Vocês poderiam dizer que a contrapartida do inconsciente, a atitude melancólica, desconfiada e introvertida, cega o outro lado, tirando-lhe a capacidade de enxergar. Por exemplo, um homem de negócios bem sucedido, com uma energia extrovertida-fônte, aos poucos uma natureza desconfiada, nascida do seu lado introvertido negligenciado; se ele não se voltar para a figura da sombra procurando descobrir a origem de seu estado de espírito, ficará cego, cometendo um erro após outro, pois a sombra o forçará a mudar de atitude — voluntária ou involuntariamente. Terá insucesso nos negócios, ou ficará doente, sendo então forçado a desenvolver o outro lado. Eu me lembro de um advogado bastante extrovertido que tinha tido sucesso com esse tipo de atitude; a partir de certo ponto, ele começou a ter acessos de infelicidade e estados de espírito negativos. Uma vez, conversando com ele, eu lhe disse que seria uma boa ideia passar umas férias sozinho e encarar seu outro lado. Mas ele não aceitou minha sugestão, dizendo que sozinho ficava

melancólico e submerso em depressão. Daí ele sofreu um acidente que afetou sua bacia e teve que ficar oito meses no hospital, com férias forçadas — o outro lado se! impôs a ele. Este seria o mecanismo de funcionamento dos opostos, como ocorre entre o sapateiro e o alfaiate, em que este abandona aquele cego sob as forcas.

As forcas, com os dois pobres diabos pendurados, constituem um tema interessante que passaremos a desenvolver. O hábito de matar criminosos enforcando-os em árvores é bastante arcaico. Originalmente, era praticado como sacrifício: por exemplo, os germânicos nos tempos antigos enforcavam pessoas como sacrifício ao deus Wotan. Não somente criminosos eram enforcados, mas também inimigos capturados numa batalha. O vencedor dizia ao seu prisioneiro: "Agora você será sacrificado a Wotan". O próprio Wotan é o deus que se enforca na árvore, tendo ficado pendurado no carvalho Yggdrasil por nove dias e nove noites e tendo depois encontrado os sinais rúnicos, adquirindo dessa forma uma sabedoria secreta. A suspensão numa árvore é uma antiga ideia germânica de sacrifício a esse deus. No cristianismo encontramos essa ideia arquetípica na crucificação de Cristo, e na região da Ásia Menor, Átis é pendurado num pinheiro. Depois de morto, sua imagem é enforcada num pinheiro, sendo ritualmente exibida nos festivais da primavera. É uma ideia pré-cristã encontrada nos círculos mitológicos germânicos e mediterrâneos. Todos os enforcados ou crucificados são dedicados a tal deus.

Devemos nos perguntar o que há por trás da ideia de matar o inimigo não como vingança social ou em julgamento, mas segundo a forma mais arcaica de sacrifício aos deuses. Acho que existe uma ideia muito mais profunda e mais significativa do que a de mera punição. Se alguém tem que lutar contra o mal demoníaco num ser humano, o que mais assusta é o fato de que se a pessoa for realmente destrutiva — e não, como todo mundo, meramente preguiçosa, enganadora etc. — a reação imediata é a de que se trata de algo desumano, especialmente na psicose ou nos estados psicóticos, nos quais às vezes se encontra uma destrutividade tão fria e demoníaca e ao

mesmo tempo tão "divina", que se fica fascinado.' Isto nos dá um frio na espinha porque não sabemos o que fazer — é por demais terrível e chocante; e é esta coisa, horrível e chocante nas pessoas, que as leva a cometer um assassinato a sangue frio.

Nunca lidei com alguém que tivesse de fato cometido um assassinato, mas conheci gente que poderia tê-lo feito. Isto nos faz tremer e pensar "tire as mãos de mim", mas ao mesmo tempo tem-se o sentimento de que se trata de algo divino, além da esfera humana. Nós usamos o termo "desumano" mas poderíamos igualmente dizer "demoníaco" ou "divino". A ideia primitiva de que alguém que comete um assassinato ou um crime terrível não é realmente ele mesmo e faz algo que só um deus poderia conseguir, expressa muito bem a situação. No momento em que uma pessoa comete um assassinato, ela se identifica com a divindade e não é mais humana. As pessoas tornam-se instrumentos das trevas, ficam possuídas ou completamente identificadas. O fato de que alguém possa se imaginar matando um semelhante, alguém da mesma substância, o que não é normal em animais de sangue quente, transcende a natureza humana e nesse sentido adquire essa qualidade divina ou demoníaca. Por exemplo, é por isso que nas execuções rituais de certas tribos primitivas os criminosos são mortos sem nenhum julgamento moral, eles apenas sofrem as consequências de suas ações. O primitivo diz que se um ser humano age como se fosse divino, então deve sofrer o destino de um deus e da mesma forma que um deus, deve ser enforcado, morto, esquartejado, e assim por diante. Não se pode viver numa sociedade humana e se comportar como um ser divino que pode matar *ad libitum*. Emprestaram-me uma vez um estudo a respeito da execução de um membro de uma tribo primitiva de índios norte-americanos. Um feiticeiro cometeu o erro de cobrar honorários muito altos de seu povo e abusou a tal ponto desse hábito que se tornou desumano. Tomou udo de uma viúva e deixou-a arruinada ultrapassando,

assim, os limites humanos. Esses fatos levantaram suspeita na tribo, mas demoraram muito para amadurecer; em vez disso, a suspeita cresceu subrepticiamente. O feiticeiro continuou a agir dessa forma e sentindo as críticas à sua volta tornou-se cada vez mais exigente, provavelmente para compensar sua própria insegurança. Vangloriava-se de ser o melhor feiticeiro, até que o zunzum de que pudesse estar possuído por um mau espírito cresceu cada vez mais na tribo.

Um dia os homens mais velhos da tribo lhe disseram que o seu próprio povo acreditava que ele estava possuído pelo mal. Como o feiticeiro nada negasse, eles o levaram para o deserto a fim de provar e descobrir se era ou não verdade. Pintaram e desenharam na areia e todos os feiticeiros invocaram os espíritos, dizendo que ele estava possuído por demónios e perguntando-lhes se não queriam salvá-lo. O feiticeiro acusado rezou junto com os outros. Como nenhuma resposta fosse dada, ele foi executado: esquartejado por quatro cavalos. Ele próprio concordou com a sentença. Para ele não era uma questão de ser condenado moralmente, mas apenas de ter caído inexoravelmente nas mãos dos deuses do mal, perdendo sua humanidade. Estava em absoluta paz consigo mesmo. É esse o comportamento natural do homem frente às forças do mal, tão impressionante e próximo da verdade psicológica do fenómeno. Essa proximidade talvez revele porque os criminosos são frequentemente executados de um modo que os identifica com um deus; reconhece-se que caíram nas mãos da divindade das trevas e que por isso devem sofrer seu amargo destino.

O simbolismo do deus suspenso, a forca e a cruz devem ser examinados. Tal destino normalmente afeta aquela parte da divindade mais interessada no homem — a parte filantrópica da divindade cai na tragédia da suspensão e tem a ver com o início da civilização — como no mito de Wotan que depois de suspenso numa árvore descobre os sinais rúnicos, o que implica num progresso da consciência. Primeiro temos que penetrar no simbo-

lismo da árvore. Provavelmente todos vocês conhecem o capítulo "A Árvore Filosófica" nos *Estudos Alquímicos* de Jung. Aí Jung mostra que a árvore simboliza a vida humana, o desenvolvimento e o processo interior de formação da consciência no ser humano. Vocês podem dizer que ela simboliza na psique aquilo que cresce e se desenvolve inalterado em nós, a despeito do que o ego faz; é o impulso em direção à individualização que se desenrola continuamente, sem referências à consciência. Quando nasce uma criança é, ao mesmo tempo, plantada uma árvore que morrerá quando a pessoa morrer. A ideia é que a árvore fornece uma analogia à vida humana, carregando em si a vida, como as luzes numa árvore de Natal e que quando o sol nasce do pico de uma árvore isso significa um crescimento em direção a uma consciência maior. Existem muitos escritos mitológicos que ligam a árvore ao ser humano ou nos quais a árvore aparece como um homem-árvore. O *Self* é a árvore — aquilo que no homem é maior que seu ego.

Parte de nossa vida se desenrola como um drama escrito por um romancista biógrafo, mas por trás das peripécias biográficas há um processo misterioso de crescimento que segue suas próprias leis, estendendo-se da infância à velhice. Num contexto mitológico, o mais antigo ser humano, o *ântropos*, se assemelha a uma árvore. O ser humano é suspenso numa árvore porque costuma se evadir, tentando se libertar e agir livre e consciente-mente, e por isso ele é dolorosamente arrastado de volta ao seu processo interior. A luta revela uma constelação trágica se representada dessa forma dolorosa. É por isso que toda a filosofia da religião cristã tem uma visão trágica da vida: para seguir Cristo é preciso aceitar a mortificação e reprimir um certo crescimento natural. A ideia básica é que a vida humana está baseada num *con-Nito*, ansiando por uma espiritualidade que não surge *Pºr* si mesma mas nasce de um parto doloroso. A mesma ideia é representada de uma forma mais arcaica no mito de Wotan — Wotan suspenso numa árvore. Ele é ° eterno peregrino que perambula pela terra, o deus dos

impulsos, da raiva, da inspiração poética, daquele elemento no ser humano sempre incansável, que explode numa emoção; e se suspenso numa árvore por nove dias e nove noites, esse deus acaba descobrindo os sinais rúnicos, sobre os quais se apoia a civilização baseada na palavra escrita.

Sempre que a personalidade consciente e animal se encontra em conflito com o processo interior de crescimento, ela sofre a crucificação e se vê na situação do deus suspenso na árvore, involuntariamente presa ao desenvolvimento inconsciente do qual gostaria de fugir, mas não consegue. Conhecemos os estados em que caímos quando somos amarrados a algo maior do que nós mesmos e que nos impede o movimento, sobrepujando--nos.

O mito de Átis, mais antigo que o mito do Deus crucificado no cristianismo, evoca isso de forma específica. Átis, o filho bem amado da Grande Mãe, representa o modelo do *puer-aeternus*, o ser divino que não envelhece nem decai, mantendo-se perenemente um jovem deus, eternamente belo, figura que não pode sofrer tristeza, restrições humanas, doenças, feiúra e morte. Como este deus, muitos jovens, em determinado momento de suas vidas, têm que resolver seu complexo materno e perceber que o curso da vida não permite a permanência eterna nesse estado; ele tem que morrer. Em sua plenitude, a vida se encontra à nossa frente, cheia de significado e esplendor — mas nós sabemos que isto não dura, que é sempre destruído pelo outro lado da vida. Portanto este jovem deus sempre morre cedo, pregado a uma árvore, que é novamente a mãe; o princípio materno que o gerou o engole numa forma negativa, e ele é atingido pela feiúra e pela morte.

Às vezes se vê isso no caso de um jovem que deve se casar, escolher uma profissão, ou que descobre que a juventude o está abandonando, sendo portanto obrigado a aceitar o destino comum a todos os homens. Muitos jovens desse tipo, nesse momento, preferem morrer num acidente ou na guerra do que envelhecer. Nesse momen-

to crítico entre os trinta e quarenta anos a árvore cresce contra a vontade deles; o desenvolvimento interior desses jovens não está mais em harmonia com sua atitude consciente, mas cresce contra ela e aí é preciso sofrer uma espécie de morte; tal morte deveria significar uma mudança de atitude, mas pode acarretar de fato uma morte física, uma espécie de suicídio disfarçado, porque o ego não consegue desistir de sua atitude — este é o momento crucial em que tais indivíduos são sacrificados por um processo de desenvolvimento interior que se voltou contra eles. Quando o crescimento interior é inimigo da consciência, algo dentro do homem luta para ultrapassar o próprio homem que não conseguindo acompanhar esse crescimento deve, portanto, morrer; a vontade própria da personalidade consciente deve morrer e se render ao crescimento interior. Cristo foi crucificado porque no Império Romano esta era a punição normal e a mais humilhante para os escravos fugitivos e criminosos. Este símbolo sempre se manteve por detrás do tema cristão.

Um outro aspecto do enforcamento se encontra no fato de que em muitos sistemas mitológicos o ar é considerado como o lugar por onde vagueiam os fantasmas e os espíritos, como Wotan e seu exército de fantasmas da morte voando pelo ar, especialmente em noites de tempestades, caçando com os mortos. Eles moram no ar. Assim, se alguém é enforcado vira um fantasma e deve cavalgar com outros mortos, como Wotan no ar. No culto a Dionísio, as oferendas eram colocadas em balanços numa árvore, com a ideia de que sendo Dionísio um espírito, ele as veria; assim as oferendas eram levantadas no ar e dadas de presente aos seres espirituais que aí viviam. Uma expressão ilustra esta situação de um certo ângulo: falamos de suspensão. Quando um con-flito psicológico interior fica muito ruim, a vida fica suspensa; os dois opostos se igualam, o Sim e o Não ficam ^{coi}n a mesma força e a vida não consegue fluir. Quere-^{m?}s ^mover a perna direita mas a esquerda se recusa a sair do lugar e vice-versa; temos, assim, a situação de

suspensão que significa uma parada completa no curso da vida e um intolerável sofrimento. Empacados num conflito estéril nada acontece, e esta é a mais dolorosa! forma de sofrimento.

Podemos dizer que o momento em que o sapateiro cegou o alfaiate onde os dois criminosos estavam enforcados simboliza uma suspensão do conflito, com uma parada do processo da vida. Os opostos colidiram e a vida empacou. Os dois mortos na forca refletem agora a situação de estéril suspensão do alfaiate e do sapateiro. Naturalmente, como tínhamos referido toda a estória a uma situação da era cristã, devemos perguntar quem eram esses dois. Se fosse apenas um homem suspenso seria fácil concluir que se tratava de forma velada do símbolo de Cristo, o símbolo básico da religião cristã, o Deus pendurado numa cruz. Mas aqui há dois pecadores e por isso devemos perguntar: quem seria o segundo?

Existem muitos contos de fada, especialmente alemães, que representam o espírito do mal pregado numa árvore ou parede. Do mesmo modo, as duas pessoas podiam aludir a Cristo suspenso na cruz e Wotan na árvore, o Deus bom na cruz e o outro na árvore. Isto não nos parece tão artificial assim, porque o tema de dois seres divinos pregados em uma árvore ou cruz aparece em muitas lendas cristãs, bem como nas do ciclo do rei Artur e do Santo Graal. Persival é realmente um devoto de Cristo e tem a missão de encontrar não apenas o Graal que continha o amor de Cristo, mas também uma cabeça de cervo pregada num carvalho, do qual deveria arrancá-la. Na versão principal ele não se descuida, encontra o Graal antes da cabeça de cervo e o entrega a uma divindade feminina; ora o cervo é tido como agente do diabo, destruidor das florestas e sombra de Cristo. Com sua bonita galhada, enfeite desnecessário que atrapalha sua movimentação e cujo objetivo é atrair a fêmea, o cervo sugere a ideia de uma criatura arrogante e por isso representa a sombra do princípio cristão, uma arrogância e soberba incriveis que adquirimos e que parece

uma das piores atitudes de sombra divulgadas pelo ensinamento cristão.

Uma ilustração concreta do que significa essa sombra arrogante frequentemente surge na análise: sob a máscara de uma postura cristã e compreensiva para com o próximo, não falamos de nossas resistências mas, ao contrário, produzimos uma série de juízos negativos, acompanhados por uma atitude cristã adocicada, até que ura sonho mostre realmente o que está acontecendo. O analisando não toca em suas resistências porque isto lhe traria dificuldades e de qualquer forma o analista "já foi perdoado". Isto é arrogância! Seria muito mais simples dizer ao analista: "Você é o culpado disso e daquilo e o que tem a me dizer a esse respeito?" Isso seria agir de modo humano e modesto num relacionamento normal. Mas, ao invés disso, os argumentos do "ânimus" se escondem sob o disfarce de "perdão", de uma atitude virtuosa superior e do conhecimento de que "o analista é um ser humano que tem seu lado negativo". Este é o veneno de uma atitude cristã errada. Frequentemente tenho encontrado esse tipo de atitude e me irritado com o perdão e a delicadeza das pessoas; eu preferiria que elas se relacionassem mais naturalmente, dizendo diretamente o que pensam, para que possa haver uma compreensão humana. Esta sombra da atitude cristã é simbolizada nas lendas medievais pelo cervo pendurado na árvore. Se alguém apenas perdoa o outro nada acontece e os ressentimentos permanecem por mais dez anos. Tais pessoas guardam seus julgamentos negativos com relação ao analista por três ou quatro anos de análise e não têm nem coragem nem decência para discutir o assunto; estão certos de que o outro não aguentaria e de que não seria cristão trazer esses julgamentos à tona. A suposição negativa não deixa a situação fluir e a atitude positiva de Polidez e perdão" permanece. Se a análise não progride Podem ter certeza de que alguma coisa desse tipo aconte-^u- Nem sempre podemos perceber que isso aconteceu, embora esteja presente, e nem o lado bom, nem o mau, conseguem se desenvolver. Através da discussão o rela-

cionamento poderia se restabelecer, e tudo voltaria a fluir novamente. É aí que em geral devemos interferir e talvez sugerir que o analisando vá a um colega — e o resultado costuma ser uma explosão que fornece material para o prosseguimento da análise. Habitualmente existe uma atitude falsa na personalidade consciente e a ideia de que "isto é uma coisa que eu posso resolver sozinho"; dessa forma o próprio desenvolvimento interior da pessoa fica obstruído por preconceitos e estreiteza.

Enquanto o alfaiate fica sentado debaixo da forca, as gralhas pousadas na cabeça dos enforcados começam a conversar. A primeira diz que o orvalho da noite que caiu da forca sobre eles restauraria a visão da pessoa que com ele lavasse os olhos. Se os cegos soubessem disso, muitas pessoas que achavam isto impossível poderiam recuperar a visão. Temos aqui uma representação arquetípica geral, encontrada em muitas civilizações e crenças religiosas: o cadáver de um criminoso executado é um poderoso remédio. Isto confirma a ideia de que a execução é uma deificação, que o criminoso teve a arrogância de assumir o papel dos deuses e portanto lhes é devolvido; e o que era negativo na vida humana torna-se positivo no Além, o que era destrutivo no estado humano torna-se novamente construtivo quando de volta a seu devido lugar. O poder que pertence ao divino e ao humano é restabelecido e através disto é produzido um poderoso remédio, de modo que a corda que suspendia o homem foi utilizada com objetivos de cura. “Tome um pedaço de corda com a qual um homem foi enforcado, ou os pregos etc, e você encontrará um poderoso remédio”. O poder de cura das relíquias dos santos baseia-se na mesma ideia. O fato de que criminosos executados sejam tratados como santos mostra qual é a ideia comum.

Os pássaros, que na mitologia germânica pertencem a Wotan e no Mediterrâneo a Apolo, representam a capacidade de profetizar. Apoio é o dono do oráculo de Delfos, o revelador da verdade, e o mesmo se aplica a Wotan. Acredita-se que as gralhas e os corvos são capa-

zes de prever o futuro e descobrir a verdade oculta. Em parte isto se desenvolveu devido ao fato de que tanto as gralhas como os corvos costumam sobrevoar os campos de batalha ou casas onde alguém está morrendo. Quando muitas dessas aves se reúnem com regularidade num local, diz-se que alguém vai morrer e que elas sabem disso. A partir dessa ideia surgiu a projeção de que elas conhecem a verdade e o futuro. Wotan tinha dois corvos, Hugin e Munin, suas fontes de informação secreta. Em geral os pássaros representam a intuição: são criaturas que voam pelo ar, através do mundo espiritual, tendo portanto a ver com intuições secretas, com pensamentos involuntários que se revelam verdadeiros. Esses dois pássaros são o espírito da verdade. No final da es-tória o sapateiro vai parar debaixo da forca e as gralhas arrancam-lhe os olhos. Os pássaros representam aquela verdade invisível do inconsciente que se auto-realiza; o sapateiro encontra seu fim através não do poder humano, mas da verdade inconsciente.

Se observarmos processos inconscientes veremos que ações erradas não precisam ser punidas por outros seres humanos, pois a punição vem de dentro. No final das contas o criminoso mata a si mesmo. Esta é uma terrível verdade que a cada passo se confirma. Frequentemente ficamos chocados com a injustiça da vida humana, quando o homem ruim prospera e o bom não, mas psicologicamente isso não é verdade e às vezes estremecemos ao perceber o que as pessoas arriscam. Elas podem ter sucesso externamente, mas incorrem em terríveis castigos psicológicos.

Uma vez Jung contou o caso de uma mulher que cometera um assassinato. Ela colocara veneno na sopa de outra mulher que estava apaixonada pelo seu amante, e ⁿⁱnguéu descobriu. Um dia ela resolveu confessar seu crime, completamente arrasada. Sentia-se totalmente isolada, pois as pessoas não sabiam por que tinham começado a evitá-la. Perdeu todos os empregados e ninguém queria morar perto dela. Vivia completamente sozinha. Costumava montar a cavalo todos os dias, mas seu ca-

valo se assustava e não queria mais levá-la, até que um dia, quando chamou seu cachorro e este foi embora com o rabo entre as pernas, viu-se obrigada a confessar. Aos poucos ela tinha-se arruinado interna e externamente. Essa verdade secreta, a lei da verdade interior, é aqui expressa pelas gralhas, que são o espírito da verdade e que também estão ligadas ao poder de cura. Na lenda de Apolo e Coronis, de cuja união nasceu Asclépio, a gralha também forneceu uma valiosa informação. São elas que chamam a atenção do alfaíate para a cura de seus olhos.

O orvalho geralmente leva em si a projeção da manifestação de um ato de graça divina. Na Bíblia temos a estória do toirão de Gedeão sobre o qual cai o orvalho, um ato de Deus manifestando sua graça. Isto também pode ser interpretado como uma prefiguração do Espírito Santo descendo sobre a Virgem Maria. Na civilização norte-americana, o orvalho e a chuva são as maiores dádivas, das quais depende a fertilidade da terra. Talvez seja preciso viver em tais países para saber o que é sentir o orvalho e a chuva como graça divina, pois através deles é que tudo nasce. Quando os pecadores pagam por seus pecados, a graça de Deus cai novamente sobre eles; no Além há uma reconciliação dos opostos e por isso o orvalho tem poder de cura. Psicologicamente, o orvalho representa o início de manifestações psicológicas objetivas nesse estado de suspensão.

Retornemos ao conflito no ponto em que atinge o clímax. Há um estado de suspensão onde tudo está empacado, o ego oscila entre Sim e Não e existe a tortura de uma vida estagnada e estéril. Nesse momento o ego se rende, dizendo que o conflito é insolúvel — conflito que *ele* não pode resolver — e que se submeterá a algo objetivo, a um sinal que se torne evidente. Dizemos que nos submeteremos ao que os sonhos disserem. Nem o analista nem o analisando podem dizer algo além disto; mas será que a psique objetiva produz alguma espécie de material ou de sinais para que se possa prosseguir? Só nos restam os sonhos e fantasias, e eles representam

o orvalho, uma manifestação objetiva viva que nasce das profundezas da psique, que pode ser estudada e que permite recuperar a visão. Se pudermos compreender as insinuações secretas contidas nos sonhos, nossos olhos se abrirão e redescobriremos a vida, encontrando-a num outro nível. Somente a orientação do inconsciente pode ajudar e prover nesse momento o orvalho que cai sobre nós e nos cura. Por isso o alfaiate usa o orvalho e prossegue com os olhos curados, agradece a Deus e vai para a cidade do rei. Na alquimia a água "divina" também é o remédio que cura a cegueira.

Em seguida surgem os quatro testes, ocasião em que o alfaiate poupa o cavalo, deixando de cavalgá-lo, poupa a cegonha e os patos deixando de comê-los, e as abelhas, não levando embora a sua colmeia. Depois ele se torna alfaiate na corte do rei, onde o sapateiro o calunia a tal ponto que se vê forçado a achar a coroa de ouro, que os patos trazem do fundo do lago; a fazer uma fonte, que o cavalo faz surgir do chão; a construir uma réplica do castelo real, que as abelhas moldam com sua cera; e então a cegonha traz um menino para o rei, que só tinha filhas. São quatro tarefas, o número típico da totalidade. Quem conhece muitos contos de fada, sabe que não é comum aparecerem quatro tarefas pois normalmente há apenas três, e quando aparecem três tarefas há sempre um quarto evento — um evento, e não uma tarefa. Aqui há quatro tarefas e mais nenhum evento; o evento ulterior seria o alfaiate tornando-se rei.

O cavalo faz brotar a água do poço. Esses são símbolos de transformação. O cavalo renova uma espécie de *Ubido* vital domesticada que pode trazer à tona a fonte do inconsciente. Somente se pudermos investir todo o nosso inconsciente instintivo é que ele começa a produzir a água da vida. Há pessoas que gostariam de escrever sobre um determinado assunto mas acham que é aborrecido e se desinteressam; porém, se investirem alguma libido nele, descobrirão a água. Muitas pessoas preguiçosas esperam a inspiração até os oitenta anos e daí já é tarde demais. Entretanto há situações em que

não podemos esperar, é preciso fazer o primeiro movimento investindo nossa própria força vital na tarefa para que ela nos recompense, como os patos que trazem a coroa do fundo do lago. O rei precisa ser renovado e a coroa é o símbolo de totalidade que deve ser trazida à tona. A dualidade está sempre presente: dois patos, duas forcas, dois olhos e depois dois novos olhos. Como sofre as dualidades e coopera, ao invés de lutar, o alfaiate põe fim à suspensão do poder do rei; uma relação renovada e saudável com as dualidades do inconsciente faz com que os processos vitais possam novamente fluir. O tema da reprodução do castelo é estranho (provavelmente o modelo do castelo é colocado sob um vidro e mostrado aos visitantes), mas se pensarmos nisso, veremos que a mente humana sempre se sentiu atraída pelo comportamento organizado das abelhas, assim como dos cupins. As abelhas possuem uma incrível cooperação inconsciente, embora achemos que são completamente inconscientes e que possuem apenas o sistema nervoso simpático. Um livro escrito por Karl von Frisch descreve os mais surpreendentes experimentos com abelhas. Elas podem distinguir cores e mostrar umas às outras onde existe comida. A abelha voa em grandes círculos quando encontra mel e não precisa voltar pelo mesmo caminho; prossegue em linha reta e por determinados movimentos da parte traseira e das asas indica o que achou às outras, que assim podem ir direto ao mel. Foi descoberto que o seu sistema de orientação está ligado à polarização da luz do sol. O instinto inconsciente das abelhas é tão completo que elas funcionam harmoniosamente, sem uma organização racional.

Quanto mais um sistema é civilizado, mais a cooperação tem de ser forçada e estabelecida por uma organização racional. O mesmo acontece numa situação coleti-va e também se aplica ao indivíduo. Na medida em que o consciente do indivíduo é mantido, ele não precisa ser forçado e age naturalmente, não necessitando da ajuda de um despertador. Temos que recorrer à racionalização quando não estamos em harmonia. Quando a vida flui

novamente, toda essa disciplina, mais uma vez desnecessária,

pode ser deixada de lado. A harmonia instintiva com o trabalho e o ambiente é um estado ideal e nele o arquétipo simplesmente mantém as pessoas juntas e elas cooperam numa base natural. Este é o modo de funcionar que o homem sempre perde e volta a procurar — o que se pode ver em qualquer comunidade jovem. No antigo zen-budismo existiam tais grupos, unidos pelo mesmo símbolo vivo; eram sistemas sociais fortes que funcionavam sem muitos regulamentos exteriores. Nós conhecemos um pouco da iniciação de Apuleio nos mistérios de Ísis. Ele estava para ser iniciado num nível mais alto, mas não tinha dinheiro; Osíris disse-lhe para ir até o sacerdote e pedir para ser iniciado, e o sacerdote teve um sonho que lhe dizia para baixar a taxa. Assim o deus organizou o grupo e tanto o sacerdote como a organização se submeteram ao funcionamento arquetípico. Enquanto a comunidade funciona dessa forma existe uma liberdade real para o ser humano e a vida cultural num grupo.

Assim podemos dizer que a construção do castelo pelas abelhas é um modelo da função de reconstrução do estado. E então a cegonha, o pássaro piedoso segundo a antiga tradição judaica, traz uma nova criança. No livro de Jung *Estudos Alquímicos* existe muita coisa a respeito da cegonha. Ele discute a imagem alquímica da árvore da vida, em cujo topo está a cegonha. O misterioso sentido mitológico da cegonha na tradição judaica tem sua origem em Jeremias 8,7 — "Sim, a cegonha no céu sabe quando é hora de migrar, e a pomba, a garça e a andorinha sabem quando é chegado o tempo de voltar; mas o meu povo não conhece as ordens do Senhor". A cegonha significa algo que possui uma orientação divina da qual não se desvia, como os gansos selvagens que carregam a mesma projeção na mitologia oriental. O antigo padrão desse pássaro nos dá a impressão de que ele obedece a uma ordem secreta, possui uma sabedoria secreta, e sabe como se comportar. As cegonhas vivem no norte da África durante o inverno. Exis-

tem dois tipos de cegonhas: um que toma a rota da Espanha e outro a da Iugoslávia. Elas voam o mais longe que podem sobre a terra. Experiências têm sido feitas com ovos do grupo da Espanha. Esse pássaro se *lançado no ar sozinho*, no tempo certo, instintivamente tomará o caminho da Espanha, e o do tipo da Iugoslávia tomará o caminho da Iugoslávia. Eles voarão por suas respectivas rotas, segundo o seu padrão, até mesmo sem seus companheiros, pois são guiados pelo impulso interior. Essas observações fizeram nascer a ideia de que as cegonhas são pássaros piedosos que obedecem às suas próprias leis, sem o julgamento do ego, e por isso representam aquilo que funciona de acordo com a verdade interior e o ser interior. Em vista disso, e como se acreditava que as cegonhas odiavam e matavam serpentes, elas se tornaram símbolos de Cristo — como a função transcendente, essa manifestação do inconsciente que tende a produzir o símbolo reconciliador, a portadora da criança e do renascimento. Aqui ela funciona trazendo uma forma renovada da consciência dominante: o novo rei.

A alma e a renovação

Em nossa próxima estória, "O leal e o desleal Ferdinando", que trata do mesmo tema de "Os dois Andarilhos", os dois personagens caracterizam mais definidamente os opostos éticos. O conto se resume no seguinte:

Um casal muito pobre, sendo a mulher há muito tempo estéril, finalmente teve um filho, mas não conseguiu encontrar padrinhos para batizá-lo. O pai resolveu ir a outro lugarejo ver se lá encontrava alguém. No meio do caminho encontrou um velho muito pobre que lhe perguntou aonde ia e ele respondeu que estava à procura de padrinhos para o seu filho e, como ele e sua mulher eram muito pobres, não encontravam ninguém. "Oh", disse o homem, "você é pobre e eu também; eu poderia ser o padrinho de seu filho, mas não tenho nada para oferecer à criança". Quando o casal levou à igreja a criança para ser batizada, o velho já estava lá e deu ao menino o nome de Ferdinando, o leal.

Quando saíram da igreja o velho mendigo disse que não poderia dar um presente ao afilhado e que eles também não precisavam lhe dar nada. Mas deu uma chave que o menino devia guardar até os 14 anos, quando então veria um castelo na campina. Esta chave era do castelo e tudo o que existisse ali pertenceria ao afilhado. Um dia, quando tinha sete anos, Ferdinando brincou com outras crianças que tinham ganho presentes de seus padrinhos. Chegando em casa, perguntou aos pais se seu padrinho não

lhe tinha dado nada de presente. "Ah sim", disse o pai, "você ganhou uma chave que abre um castelo que surgirá no meio da campina". O menino foi procurar o castelo e não viu nada. Sete anos mais tarde, ele voltou; havia um castelo e dentro dele um cavalo. Ele ficou encantado por possuir um cavalo; montou no animal, foi até a casa do pai e disse que iria viajar.

No caminho viu uma pena de ave na estrada, mas não ligou, deixou-a no chão pensando que quando quisesse encontraria outra. Mas ao seguir seu caminho uma voz lhe disse para pegá-la e assim ele fez. Quando estava mais adiante encontrou um lago; na margem se debatia um peixe e ele o jogou na água. O peixe pôs a cabeça para fora e disse que lhe daria uma flauta como recompensa por tê-lo salvo; e que sempre que se visse em dificuldade por ter deixado alguma coisa cair na água, que tocasse a flauta que ele o ajudaria. E assim seguiu viagem, até que um homem lhe perguntou qual era seu destino e como se chamava e disse-lhe que tinha quase que o mesmo nome, pois se chamava Ferdinando, o Desleal. Os dois continuaram a viagem juntos até uma hospedaria na aldeia seguinte.

Mas lá as coisas pioraram, pois Ferdinando o Desleal sabia tudo o que as pessoas pensavam e queriam fazer, e era capaz de praticar todo tipo de maldade. Na hospedaria havia uma moça bonita que se apaixonou por Ferdinando, o Leal. Ela lhe perguntou para onde estava indo e este lhe disse que não tinha destino. A moça disse que ele deveria ficar, pois o rei estava precisando de servos ou defensores. Ela própria foi até o rei falar a respeito de Ferdinando, garantindo-lhe que seria um bom servo. Assim Ferdinando e seu cavalo se tornaram servos do rei, sendo Ferdinando nomeado chefe da cavalaria. Mas então a moça teve que ajudar Ferdinando, o Desleal, também contratado pelo rei.

Sabendo que o rei estava infeliz pela ausência de sua amada, Ferdinando, o Desleal, lhe disse que deveria mandar Ferdinando, o Leal, buscá-la e que se este não a trouxesse, deveria ser decapitado.

Então Ferdinando, o Leal, foi até o estábulo onde estava seu cavalo e chorando lamentou ser um pobre infeliz que tinha que abandonar seu cavalo e depois morrer. Mas uma voz lhe perguntou por que estava chorando e Ferdinando disse ao cavalo: "Você sabe falar? Eu tenho que ir buscar a noiva do rei, mas não sei o que fazer para encontrá-la". O cavalo lhe disse, então, que procurasse o rei e lhe dissesse que se ele lhe desse o que precisava — um barco cheio de carne e outro cheio de pão — ele, Ferdinando, traria a noiva. O cavalo disse ainda que havia gigantes terríveis na água e que se ele não lhes desse carne, os gigantes o picariam em pedaços; contou-lhe também que havia pássaros que arrancariam seus olhos se não lhes desse pão.

O rei deu-lhe o que necessitava. O cavalo disse, então, que deviam embarcar e que quando viessem os gigantes Ferdinando deveria dizer: "Calma, calma, queridos gigantes, eu me lembrei de vocês e lhes trouxe carne". Quando os pássaros aparecessem deveria dizer: "Calma, calma, queridos pássaros, eu me lembrei de vocês e lhes trouxe algo". Dessa forma eles não lhe fariam mal e quando chegasse ao castelo os gigantes o ajudariam, devendo ele levar um casal de gigantes para o castelo, onde encontraria a princesa adormecida. Ele não deveria acordá-la mas deixar que os gigantes a carregassem com cama e tudo até o navio. Tudo aconteceu conforme o cavalo tinha dito e os gigantes levaram a princesa na cama para o rei. Mas a princesa disse ao rei que não poderia ficar porque precisava de seus documentos que tinham ficado no castelo.

Novamente, Ferdinando, o Desleal, foi até o rei e disse que deveria mandar Ferdinando, o Leal, buscar os documentos ou morrer. Este voltou ao es-

tabulo chorando e dizendo que mais uma vez teria que partir. As mesmas coisas se repetiram e quando Ferdinando chegou ao castelo encontrou os documentos no quarto da princesa, dentro de uma arca. Quando estavam navegando de volta, Ferdinando deixou cair sua pena na água e o cavalo lhe disse que dessa vez não poderia ajudá-lo. Daí Ferdinando começou a tocar flauta e o peixe lhe trouxe a pena na boca. E assim eles levaram os papéis para o castelo onde o casamento ia se realizar.

Ocorre que a princesa não gostava do rei, porque ele não tinha nariz, mas gostava de Ferdinando. Um dia, quando todos estavam reunidos na corte, ela disse que sabia fazer uma mágica: era capaz de cortar a cabeça de alguém e colocá-la de volta no lugar. Como ninguém queria ser o primeiro, Ferdinando o Desleal apontou Ferdinando o Leal. A princesa cortou-lhe a cabeça, recolocou-a no lugar e só se via uma linha vermelha. O rei perguntou onde tinha aprendido a fazer aquilo. "Ora", disse a princesa, "eu sei e pronto; posso experimentar cortar a sua cabeça?" "Claro", disse o rei. E então ela cortou a cabeça do rei e não a colocou no lugar. Assim o rei morreu.

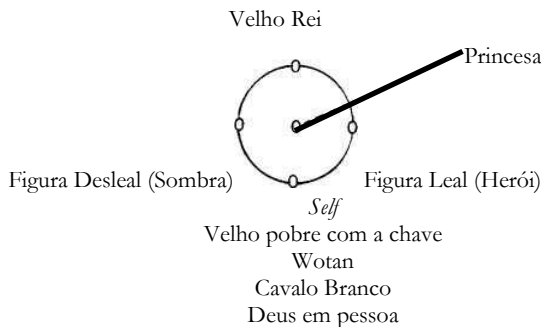
Aí o cavalo disse a Ferdinando que o montasse e desse três voltas a galope pelo campo. Feito isto, o cavalo sustentou-se em suas patas traseiras e se transformou num príncipe.

Esta é uma estória relativamente incompleta e alguns temas são bastante insatisfatórios. Por exemplo, a pena de pássaro deve ter sido tirada de outro conto, onde possuía um sentido. Este é um conto europeu muito antigo e foram encontradas muitas versões que remontam ao latim judaico do Rabi Johannah, no século XII, onde o herói tinha que encontrar a noiva do rei Salomão. Nessa estória a figura desleal e destrutiva não é representada por um homem mas pela mulher do rabi, que só quer dinheiro e que no final é morta. O rei tam-

bém não é decapitado no fim. Nesse antigo manuscrito também existe a ideia básica de um homem leal que tem de realizar estranhas ações para o rei e que é prejudicado por figuras desleais. O tema deve provir de material legendário. Apesar de nossa estória ser especificamente alemã na forma, ela também é encontrada na Itália, Espanha, Rússia e Escandinávia. Neste contexto, o tema da pena de pássaro parece um tanto sem sentido.

Nosso principal interesse aqui é o problema da sombra. Novamente temos os dois homens que viajam juntos, um caluniando o outro na corte do rei. Vocês podem achar que esta não é uma estória muito boa, pois não acrescenta nada de novo e talvez fiquem imaginando por que a escolhi, mas na verdade ela contém alguns traços que vão até mesmo além do primeiro conto.

Se vocês se lembram, eu fiz um diagrama que podemos usar aqui novamente:



Já me referi ao fato de que a renovação só poderia ocorrer através de um quarto fator que é sempre o *Self*, e que haveria um jogo entre os opostos, que o rei deve-na unir. Na outra estória o rei era incompleto, uma vez que era incapaz de gerar um filho, mas assim mesmo continuou sendo rei e não foi deposto no final da estória. esta vez temos uma forma mais clássica e usual na qual rei é deposto, mas aqui ele é incompleto porque não ^m nariz e por isso a princesa não se interessa por ele. nariz é o órgão com o qual se cheira e portanto ^{em} ^{mu}ito a ver com a função da intuição. Podemos di-

zer que um corretor tem "faro" para saber como está a bolsa de

valores ou que ele "usa seu faro" para pressentir possibilidades futuras. Também costumamos dizer "tal coisa não me cheira bem". Existem muitas analogias com o cheirar, geralmente ligadas a percepções intuitivas que vão além da mera sensação. Pode-se portanto dizer que o rei perdeu sua intuição instintiva, pois ele já não consegue farejar instintivamente o que convém fazer — isto é, ele não está em harmonia com seu inconsciente. Quando não estamos em harmonia com nosso inconsciente, perdemos a capacidade de perceber o que é certo ou errado com relação a nós mesmos e aos outros.

Como vocês sabem, quase todos os animais têm um grande lóbulo no cérebro, onde se concentra a função de cheirar; o olfato nesses animais é bastante apurado, mas no homem esse aspecto deixa muito a desejar. Evidentemente para se formar uma determinada capacidade no cérebro, outras devem ser sacrificadas, e existe uma teoria de que a inteligência do homem formou-se em detrimento do olfato. O professor Vogt, famoso especialista no órgão da visão, achava que a miopia estava aumentando e que havia uma tendência do cérebro humano a se desenvolver em detrimento da visão. As pessoas não dependem mais tanto da visão e do olfato como antigamente, e é possível que essas capacidades sejam sacrificadas em função de outras, pois uma capacidade perdida num nível concreto talvez reapareça, por assim dizer, num nível mais elevado; ela pode se tornar uma função psicológica e ser substituída pela intuição, pela percepção psicológica ao invés da percepção física. Portanto, se o rei não tem nariz é porque perdeu sua capacidade natural de distinguir fatos e por isso cai nas armadilhas destrutivas de Ferdinando o Desleal, não percebendo que a coisa "não cheirava bem". Além disso, ele perdeu sua amada princesa e é evidentemente incapaz de encontrá-la por si mesmo. Naturalmente a noiva não quer se casar com um homem que não tem a coragem de resgatá-la.

Nesta estória o *Self* é personificado pelo velho pobre e não pelo rei. Este velho, que ninguém conhece e que desaparece depois do batismo, dá ao afilhado um cavalo branco, um cavalo falante que é também um príncipe não

redimido, vítima de um feitiço. Em outras versões o velho pobre que dá o cavalo surge mais tarde como sendo o próprio cavalo.

J. Bolte e G. Polivka escreveram um livro, em cinco volumes, intitulado *Anmerkungen zu den Kinder und Hausmärchen der Brüder Grimm*, 1913-32, que relaciona todos os contos de Grimm com os contos de fada de outros países, bem como as datas dos mais antigos manuscritos etc. Nessa coleção de paralelos, um sugere que o velho pobre é o próprio cavalo e outro, que ele é Deus em pessoa.

Os contos de fada frequentemente falam de Deus perambulando pela terra e alguns até começam com estas palavras: "Nos tempos antigos, quando Deus ainda andava pela terra. . . " A ideia de que Deus seja uma entidade física que perambula por aí, podendo ser encontrado sob uma forma comum a nós homens, pode ser que se oponha à nossa concepção de Deus, mas no folclore é frequente a ideia de que ele passeia anonimamente, como um velho na floresta. Existem amplificações interessantes da figura do velho Deus-Pai desconhecido e do cavalo branco. O antigo deus germânico Wotan vagueia entre as pessoas e vai até a corte do rei, com o gorro sobre o olho cego e um casaco azul-acinzentado; ele pede comida e permissão para passar a noite na corte, contando, então, histórias maravilhosas. Depois, de repente, desaparece e aí as pessoas ficam sabendo quem era ele. Em outra história Wotan leva seu cavalo branco ao ferreiro, que de repente o vê dar um grande salto sobre o muro e desaparecer. Às vezes Wotan monta um cavalo de oito pernas chamado Sleipnir, que é a representação animal do próprio deus. Assim podemos ver que há ligações precisas com a antiga imagem pagã de Deus que surge novamente aqui, como compensação à imagem cristã de Deus.

Existe uma outra ligação: o velho pobre da nossa história possui uma chave que dá à criança, e que abre

tudo. Em outra versão, o herói não se chama Ferdinando o Leal, mas Pedro. As pessoas simples sempre se sentiram atraídas por São Pedro porque ele é mais compreensivo e está mais perto de nós do que Cristo. Há muitas histórias em que São Pedro aparece viajando com Cristo, sendo sempre o tolo que faz coisas estúpidas, razão pela qual Deus lhe chama a atenção. Além disso, ele é irascível e sempre faz o papel de bobo. Numa certa história, Jesus e Pedro viajavam sem dinheiro e conseguiram comida sem pagar; Cristo deu um jeito para que Pedro dormisse fora da cama e assim levasse uma surra do estalajadeiro quando este descobrisse que não tinham pago. Há muitas variações dessas histórias nas quais São Pedro representa a sombra: ele é mais humano e mais estúpido que Cristo. Numa religião que se tornou espiritualizada demais, o contato humano se dilui, não há contato com a Divindade; conseqüentemente, a fantasia das pessoas simples traz esses temas novamente à tona para tornar o contato possível. São Pedro é um tipo ingênuo, humano em todos os sentidos, uma espécie de duplicação da figura de Deus, mas com as qualidades que não ousamos atribuir a este, alguém que passa a receber a projeção da antiga figura paterna de Deus. Na Bíblia São Pedro trai Cristo no momento crucial, mas isto é compensado por sua ingênua lealdade ao mestre. Seu lado irascível o faz cortar a orelha de Malco, o servo do Sumo Sacerdote, depois curado por Cristo. Assim, ele representa certas qualidades da encarnação divina mais primitivas, ausentes nas figuras de Cristo, mas apesar disso Cristo o favorece e lhe dá as chaves e o poder de abrir as portas do céu.

Na história da mitologia São Pedro herdou muitas das qualidades do antigo deus romano Janus, de onde vem o nome do mês de Janeiro. Ele também é porteiro e tem nas mãos o princípio e o fim, com a cabeça voltada para ambas as direções. O mês de Janeiro lhe foi dedicado porque com ele termina um ano e começa outro. Nos tempos de Roma pré-cristã ele foi o primeiro deus a criar o mundo, um deus em quem o princípio e o fim

são opostos e estão totalmente juntos, e quem possui as chaves. São Pedro herdou certas qualidades dessa antiga figura arquetípica pois ele pode ver dos dois lados e também possui as chaves. Podemos dizer que no nome ingênuo de Pedro há uma alusão ao fato de que ocorre uma fusão com uma figura pagã da divindade.

Se o rei representa a consciência coletiva dominante, deve representar também uma atitude religiosa dominante e seu simbolismo; se portanto o velho perambula e prepara o novo rei, ele seria a figura mais arcaica de Deus, com as qualidades perdidas no coletivo dominante e novamente necessárias. Esta imagem mais antiga de Deus possui as seguintes qualidades: é irascível, como Javé do Antigo Testamento, antes da conversão no Novo Testamento; tem também reações impulsivas; é capaz de se relacionar com o homem, andando pela terra, e assim por diante; está mais perto da fraqueza humana do que a figura divina da religião cristã, mais perto do nosso sentimento humano, se nos sentimos incompletos.

É esta figura de Deus mais arcaica e incompleta que tem, neste conto de fada, o poder secreto de proteger o herói e de lentamente prepará-lo para se tornar o novo rei. Assim o mendigo representa a função transcendental.

Ferdinando, o Desleal, a figura do lado esquerdo do nosso diagrama, é o caluniador que reflete a tendência conservadora e agressiva com seu plano de matar o novo símbolo da consciência dominante, sem porém consegui-lo. Entretanto, não é a batalha entre os dois Ferdinandos que é decisiva. A ideia primordial é a de que haveria uma batalha e um deles sairia vencedor: esta seria a solução para o problema da sombra. Mas não é verdade; o conflito é resolvido através de outro fator. Também não é o velho pobre nem o cavalo branco que decidem, pois até mesmo o cavalo branco tem que ser redimido no final. A quinta figura que faz o novo rei é a princesa que recusa a casar-se com o antigo rei, Preferindo Ferdinando. Ela inverte toda a situação e é o centro da estória.

Todos os outros temas são relativamente fáceis de interpretar. O primeiro problema é que Ferdinando tem que esperar até os quatorze anos, a idade da puberdade. Naquele tempo um menino dessa idade já era mais ou menos considerado como um adulto. No século XVI, muitos meninos de doze anos eram oficiais no exército holandês: esta é a idade mágica que deveria perdurar. Numa série de sonhos, podemos ver que uma mudança da personalidade está em preparação, e então temos que esperar para ver o que surgirá do inconsciente; mas antes do tempo certo nada pode ser acelerado, nem os acontecimentos exteriores nem a realização interior. O processo interior possui seu próprio limite de tempo e seu próprio ritmo, não podendo ser de forma alguma apressado. Daí a ideia de tempo mágico e de momentos de verdade; temos que esperar até que o tempo esteja maduro ou se faça completo, até que a mudança interior ou exterior possa acontecer.

O castelo é um símbolo feminino impessoal, algumas vezes da anima, e como é construído pelo homem, corresponde a um aspecto específico da imagem maternal, a imagem da deusa-ânima elaborada em civilizações anteriores e na qual podemos encontrar um conteúdo novo. Às vezes os castelos são um sistema fantástico de construir, como nas brincadeiras infantis. Às vezes as pessoas constróem um castelo ou uma casa através da imaginação ativa, vivendo dentro deles por muito tempo. Elas constróem a estrutura de uma atitude específica com a qual possam viver. Os castelos garantem a defesa. Quanto mais desfavoráveis as condições exteriores, mais a criança tende a viver dentro desse castelo, atrás de cujas paredes consegue levar sua própria vida. Aqui a nova imagem amadurece, uma nova imagem de Deus-Pai. O herói é o novo portador do sol. No poema alemão "Heliand", Cristo é representado montado num cavalo branco, como portador da nova luz e da libido instintiva que se orienta em direção a uma nova consciência. O cavalo pode falar e acaba se transformando em um outro príncipe.

Podemos considerar os documentos da princesa e a pena perdida como algo que se refere a isso; a figura da alma está ligada aos documentos perdidos e o herói tinha algo com que escrever. Portanto isto tem a ver com a capacidade de se expressar poeticamente. Como esta história tem claros antecedentes wotânicos, devemos nos lembrar que Wotan é o deus da poesia e da literatura lírica, e talvez a qualidade criativa da alma estivesse perdida e tivesse que ser encontrada novamente através de uma mudança de atitude. Eu acho que existem antecedentes históricos para isto, mas não são importantes em vista do nosso objetivo. Temos que considerar aqui o estranho problema de a solução ser trazida por um outro fator e não pela sombra porque esta numa situação difícil não leva à luta. Isto nos fornece uma sugestão prática com relação ao problema da sombra pessoal no indivíduo. Pelo que tenho podido ver, se a personalidade consciente confronta a sombra, levando-a a sério e sem blefar, no final o conflito fica completamente em suspenso. Se o ego assume uma postura ética e uma atitude moral unilaterais, entrando em conflito real com a sombra, então não há solução. Este é um dos problemas de nossa civilização.

Na maioria das civilizações primitivas as pessoas nunca chegam a ter um conflito sério com a sombra, pois conseguem irrefletidamente passar de uma atitude para outra, não sabendo a mão direita o que faz a esquerda. Podemos ver isto nos relatórios de missionários. O missionário ajuda a tribo, que assim se torna dependente, mas quando surge uma epidemia ele é julgado responsável e morto: a contrapartida vem à tona. Mais tarde os membros da tribo se arrependem mas sem ficar realmente aborrecidos ou deprimidos, e a vida continua. Isto é um caso extremo de algo que nos acontece o tempo todo. O conflito com a sombra não chega ao ápice porque somos capazes de uma mudança de atitude que nos permite levar a vida adiante. Nós tentamos ser bons e praticamos um sem-número de atos negativos que nem notamos, ou, se os notamos, sempre temos uma des-

culpa, uma dor de cabeça, ou a culpa era de outra pessoa, ou esquecemos — é assim que costumamos lidar com o problema da sombra. Realmente não critico isso, porque é o único jeito de podermos viver. Possuímos todos uma sombra, um forte poder instintivo, e se não quisermos empacar diante de um problema insolúvel, certas coisas têm que ser esquecidas para que possamos prosseguir. Somos objeto de reconhecimento e crítica e quem não se aventura fica numa espécie de meio-termo. Se as pessoas são eticamente sensíveis e escrupulosas as coisas tornam-se mais difíceis, tanto mais se conhecerem um pouco de psicologia.

Os cristãos, porém, já não são mais capazes de mudanças de atitude e acabam se vendo frente a problemas insolúveis. Há sempre um Sim e um Não, a mão esquerda aplica todos os tipos de truques e a vida empaca — não se consegue viver porque se procura ser perfeito demais, de modo unilateral. Se vivêssemos o ideal cristão conscientemente, isto significaria ser morto ou morrer como mártir, como pregava a Igreja primitiva. Teríamos que defender os prisioneiros russos e morrer por isto ou por algo parecido. Muita gente acha isso loucura, alegando que quem assume essa posição tem complexo de salvador, e assim tiram o corpo fora e dizem que enquanto o problema do mal não estiver perto demais, os outros que o resolvam. Um jovem idealista decidiu ir às ilhas onde os americanos iam fazer experiências com a bomba atômica, com o objetivo de impedi-los. A maioria das pessoas diria que ele não passava de um louco, idealista demais, mas na verdade ele estava tentando viver a *imitatio Christi* — e aí percebemos o conflito: ou vivemos sob a pressão de uma obrigação ética que leva a um beco sem saída ou, se não quisermos ser extremistas, regredimos a um jogo duplo. Este é o conflito que a religião cristã nos colocou: até onde devemos ir? Se levamos muito longe o conflito com a sombra, empacamos ou somos mártires, ou então temos que blefar um pouco, vivendo a sombra sem olhá-la muito de perto para manter uma defesa saudável. Esta

é a pergunta a que o presente conto de fada responde de um modo específico.

Uma pergunta me foi feita durante o intervalo: se o nariz não está ligado ao fato de encontrar uma di-reção, o que certamente é um aspecto a ser considerado. O cão de caça encontra sua direção pelo faro e daí sabe para onde ir; trata-se da capacidade de orientação. Outra pergunta foi: "Que significado têm os estranhos documentos perdidos?" Eles devem se referir a uma tradição secreta porque a alma os possuía em sua terra distante, isto é, no inconsciente, e eles deviam voltar ao domínio da consciência. Na história da era cristã novos escritos surgem de tempos em tempos, num esforço de reinterpretação da religião cristã. Poder-se-ia supor que os documentos se referem a escritos dos Albigenses e Cátaros, ou às lendas do Santo Graal — tentativas de reviver a verdade cristã sob uma forma poética — ou um aspecto gnóstico, pois essas tradições secretas não podiam ser ensinadas oficialmente, reprimidas que eram pela rigidez da religião cristã. Podemos concluir que os documentos têm a ver com alguma coisa desse tipo, estavam guardados no domínio da alma que deseja rea-vê-los, insistindo que nada pode fazer sem eles. Essa princesa também deve ser uma mágica, pois sabe decapitar as pessoas e colocar as cabeças de volta no lugar, de modo que os documentos devem se referir à sua receita secreta. Eles representam o conhecimento não oficial e não reconhecido. A magia está repleta de tradição antiga e práticas que ainda persistem. Uma vez mostraram a Jung um livro de magia e encantamentos que um camponês suíço usava para exorcizar. Ele continha uma perfeita oração latina à deusa Vénus, desde a Idade Média recopiada à mão e ainda usada com esse objetivo. Existem também tradições do passado germânico pagão. Poderíamos supor que os documentos têm a ver com uma tradição secreta definida, algo com que a alma frequentemente é associada, porque sendo uma figura compensatória para a consciência, sempre retoma o que

tem sido negligenciado, omitido e não apreciado e que deveria ser mantido vivo e levado em consideração.

Como o herói tem uma pena, parece que um dia ele deveria escrever a respeito de possíveis novas interpretações do inconsciente. Na verdade, tudo o que fazemos com os contos de fada é reinterpretar as tradições religiosas e folclóricas, para que tais tradições possam novamente ser integradas na atitude consciente. Os contos de fada tem um significado e ouvindo-os podemos nos ligar novamente às tradições vivas, e é por isso que falo deles. É sempre uma questão de trazer de volta os documentos secretos da alma. Os homens sonham que a alma é uma mulher muito culta, possuidora de muitos livros, e esse tema pode ser desenvolvido na imaginação ativa, na qual surge uma espécie de ensinamento religioso num estilo um tanto pomposo: "Ouvi, povos da terra, que lhes revelarei uma nova verdade". Conseqüentemente, o homem detesta deixar a alma escrever, principalmente por causa de seu mau gosto. Ouvi-la é um ato de real bravura. A figura do ânimus e do feiticeiro quando surgem também falam dessa forma. Essas pomposas revelações de grandes verdades são profundamente desagradáveis para pessoas de temperamento reservado. As de mau gosto se encantam, o que é ainda pior, mas a maioria das pessoas não suporta. Não devemos fazer nem uma coisa nem outra, mas ter a coragem e a objetividade de deixar a alma anunciar a verdade em seu próprio estilo e descobrir o que ela quer. A forma arcaica de proclamar uma grande verdade não corresponde à nossa ideia moderna de estilo, apesar de certos poetas o usarem e de Nietzsche algumas vezes deixar Zaratustra falar desse jeito. Eu imagino que a alma teria documentos deste tipo guardados em seu castelo.

Voltemos agora ao problema da sombra. Eu lhes contei o caso do jovem que queria que o matassem como protesto contra a bomba atômica; este é um exemplo típico de alguém cujas convicções fanáticas e éticas levam a um círculo vicioso e a ter que morrer por causa das próprias convicções — ter que morrer por causa da

maldade do mundo. A análise nos põe em contato diário com tais conflitos: as pessoas tentam ser decentes, perdem as raízes e daí não sabem como seguir adiante. Um homem casado pode se sentir tentado a ter um caso com uma outra mulher e se justifica dizendo que todo mundo faz isso e que não é preciso tanto espalhafato. Com tais desculpas, tem seu caso, sem assumir o que faz e depois se arrepende; mas quando sua esposa ciumenta faz uma cena, ele volta atrás. Outros, que sentem as mesmas tentações, procuram se exercitar no auto-contro-le dizendo que não se deve pensar nisso e então reprimem e lutam contra a tendência da sombra. Se a tentação for fraca eles têm sucesso mas se for muito forte ficarão deprimidos, cansados, sem saber como levar a vida adiante e os sonhos mostrarão uma sombra furiosa porque não conseguiu o que queria. Isto pode levar a uma tal perda de libido que a vida, como um todo, fica estagnada. O indivíduo se torna neurótico porque a outra metade de sua personalidade não aceita a decisão e se rebela furiosa. Ele tem fantasias hipocondríacas, depressões, mau-humor e não sente prazer em seu trabalho. Isto pode ser visto frequentemente em pessoas que tentam ser muito moralistas. Ou então o marido fica furioso com a mulher, o que é a vingança da sombra vencida. Nessa situação, tudo o que o homem tentar fazer não dará certo: é odioso ceder à sombra e é ruim rejeitá-la — se ceder ele é mau, se não ceder pagará por isso, e isto é o que eu chamaria de típico conflito de sombra. Não há como decidir entre prós e contras e chegar a uma solução. Se alguém for incapaz de mudar de atitude ou blefar um pouco, o complexo básico da sombra na natureza humana torna-se insolúvel, pois ele produz uma situação na qual não se consegue fazer o que é certo. Nessa hora uma pessoa fraca usará uma muleta e pedirá conselhos a alguém, ou então negará o conflito, dizendo não haver conflito. Infelizmente isso se repete e quase sempre dá maus resultados, surgindo então a velha regressão em que a mão direita desconhece o que a esquerda faz.

O conto de fada diz que tal conflito deve ser suportado até se encontrar a solução criativa. A solução criativa seria algo inesperado que resolve o conflito em outro nível. Aqui a imagem é a figura da alma que de repente muda toda a situação e faz surgir um novo rei, isto é, uma decisão brota do inconsciente que não é nem esta nem aquela, mas é algo que simplesmente redefine a situação — o rei sem nariz, o terceiro elemento em quem ninguém pensou, tem de ir embora — assim a situação muda e tudo fica diferente; este é o modelo de solução criativa ligado ao problema da sombra; praticamente é o que tentamos fazer: sofrer o conflito até que surja algo inesperado que coloque tudo em outro nível. Não poderemos, então, dizer que o conflito esteja resolvido, mas diremos que ele mudou. Sob o outro aspecto ele nunca poderia ser resolvido. Temos que ser crucificados e não fazer nenhum movimento com o ego, contra o Sim e o Não. Isto pode levar semanas ou meses; é uma tensão de opostos que não deve ser decidida pelo ego, pois a solução criativa do conflito de sombra significa pôr de lado o ego, seus padrões e conflitos, entregando-se por completo às forças desconhecidas de nossa própria psique. Como disse Cristo na cruz: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

O terceiro elemento do conto de fada representa isto: a figura da alma que muda toda situação. Se Fer-dinando, o Leal, tivesse jogado com a figura da alma, dizendo que a amava e o que deveriam fazer com o velho rei, isto não teria sido uma solução; de fato, a estória mostra que ele não tinha nenhuma intenção de se tornar rei. Permaneceu em seu lugar de onde via os opostos e, como não pensasse nisso, a princesa pôde dizer: "Eu não gosto deste velho rei, ele que seja decapitado". Ela fez com que o rei tivesse a cabeça cortada.

Se a alma quiser acabar com um homem, ela cortará a cabeça dele, não concreta mas psicologicamente, e então ele ficará fora de si; isto significa possessão pela alma e é um grande perigo quando alguém não consegue suportar o conflito dos opostos. Saber que a alma,

ou alguma outra figura do inconsciente, trará a solução é um dos maiores perigos que afetam os estudantes de psicologia junguiana. Nós sabemos disto através dos livros de Jung, através de conferências sobre psicologia ou de nossa própria experiência, e então surge o diabólico perigo: quando tal conflito se aproxima, nós antecipamos a solução intelectualmente, dizendo: "Eu sei que a alma trará a solução" e não aceitamos o fato de que primeiro o conflito do ego deve ser levado até o fim. Foi isto o que aconteceu com os seguidores de Lao-Tsé. Lao-Tsé descobriu o poder secreto, ou o sentido da totalidade, que chamou de Tao, e se lermos a história da sua vida veremos que viveu realmente o que ensinava; mas depois de sua morte o taoísmo degenerou por completo e virou magia negra, e como os taoístas sempre falavam a respeito disso, seu conflito de ego assimilou a ideia central e eles passaram a usar o conhecimento de forma errada para fugir do conflito. Na análise, quando as pessoas têm algum conhecimento de psicologia — o que não se pode evitar, pois isto seria outro perigo — o ego começa a fazer mau uso do conhecimento psicológico e a entrar de novo no conflito da sombra, de modo que na vez seguinte as coisas tornam-se muito mais difíceis. Quando o ego maquina e especula com o elemento salvador, tudo é arruinado. O ego, a personalidade consciente, tem a tarefa de manter-se sempre dentro de seus próprios limites e de levar a sério um complexo ético, como se não houvesse esperança de um terceiro fator — o que significa suportar cada conflito ético até que a psique autónoma — o criativo — comece a agir; o ego não deve antecipar a solução através da especulação do que faria caso a solução surgisse. Esta é uma atitude muito difícil de alcançar, mas ela parece concordar com os contos de fada e parece ser o único caminho legítimo de se sair do conflito da sombra, sem ser de um lado ou de outro, ficando o fluxo da vida prejudicado até que surja aquele *Tertium quod non datur*.

5

A rendição do ego

Vou apresentar agora outro conto de fada europeu, de Grimm, porque gostaria de lhes mostrar como funciona o problema da sombra em nossa civilização. Gostaria que vocês não se esquecessem da quarta figura no conto "O leal e o desleal Ferdinando": a figura do cavalo branco que se transforma em príncipe é a chave do problema, pois sempre dá o conselho certo ao herói, sendo, mais tarde, ele próprio transformado. O conto de fada que se segue, parece mostrar esse tipo de figura sob uma nova luz: "O Fiel João".

Era uma vez um velho rei doente; achando que ia morrer, pediu para ver o seu mais querido servo, o Fiel João, assim chamado por causa de sua fidelidade. Quando este chegou, o rei disse que sentia a morte se aproximando, e se preocupava somente com seu filho que ainda estava numa idade em que nem sempre aceitava conselhos. Assim, gostaria que o Fiel João lhe promettesse que ensinaria ao príncipe tudo o que este devia saber e que seria um pai para ele, assim o rei poderia fechar seus olhos em paz.

O Fiel João prometeu não desamparar o menino, servindo-o fielmente mesmo com o risco de perder a própria vida. Assim o rei disse que poderia morrer confortado e em paz, mas depois acrescentou que após sua morte o Fiel João deveria mostrar o castelo inteirinho para o príncipe, todos os cômodos com seus tesouros, com exceção do úl-

timo quarto do longo corredor, pois nele estava escondido o quadro da Princesa do Teto de Ouro. Se o príncipe visse esse quadro, ficaria logo loucamente apaixonado por ela, definharia e se veria ameaçado por um grande perigo. Quando o Fiel João deu a mão ao rei com a promessa de fazer o que este desejava, o rei deixou a cabeça cair no travesseiro e morreu.

Depois do enterro do velho rei, o Fiel João contou ao príncipe o que tinha prometido no leito de morte do rei, dizendo que manteria sua promessa e seria fiel ao príncipe como tinha sido ao velho rei, mesmo que isso lhe custasse a vida. Quando o luto terminou, o Fiel João disse ao príncipe: "Agora já é tempo de você ver o que herdou e vou lhe mostrar o castelo de seu pai". E mostrou-lhe tudo, de cima a baixo e de um lado a outro, deixando-o ver todas as riquezas e as maravilhosas salas, com exceção do quarto onde estava o perigoso quadro da princesa. Esse quadro estava de tal forma colocado que seria a primeira coisa a ser vista por quem abrisse a porta, e era tão bonito que a pessoa logo se apaixonaria achando que tinha vida — não existia nada mais belo e admirável no mundo inteiro.

O jovem rei percebeu que o Fiel João sempre evitava aquele quarto e lhe perguntou por quê. O Fiel João respondeu que nele existia algo que iria amedrontá-lo. Mas o rei respondeu que já tinha visto todo o castelo e que agora queria saber o que havia naquele quarto e tentou abrir a porta à força. O Fiel João segurou-o, contando a promessa que tinha feito ao velho rei de não mostrar o que o quarto continha, caso contrário uma grande infelicidade cairia sobre ambos. Mas o jovem rei insistiu, dizendo que não teria paz enquanto não visse com os próprios olhos o que havia dentro do quarto e que isso não iria prejudicá-lo. Recusou-se a sair de perto da porta até que esta fosse aberta.

O Fiel João, com o coração pesado e pressentindo uma desgraça, tirou a chave e a introduziu na fechadura. Aberta a porta, postou-se na frente para impedir que o rei visse o quadro, mas o rei ficou na ponta dos pés e espiou por cima do ombro do servo. Quando viu o retrato da princesa, reluzente de ouro e pedras preciosas, o jovem rei caiu no chão desmaiado. O Fiel João ergueu-o e o levou até sua cama, sabendo que a desgraça tinha chegado e imaginando o que iria acontecer depois. Deu um pouco de vinho ao rei e a primeira coisa que este perguntou foi de quem era aquele lindo retrato. Aquela é a Princesa do Teto de Ouro, respondeu o Fiel João. Então o rei disse que estava tão apaixonado, que mesmo que todas as folhas das árvores fossem línguas elas não seriam suficientes para contar do seu amor; que arriscaria a própria vida para possuí-la, e que o Fiel João deveria ajudá-lo.

O fiel servidor pensou por muito tempo no que deveria fazer para ajudar o jovem rei, até que achou um jeito. Disse ao rei que a princesa estava rodeada por objetos de ouro — mesas, cadeiras, tijelas, taças, vasos e todos os objetos de casa — e como o rei possuía cinco toneladas de ouro em seu castelo, os ourives deveriam usá-lo para fabricar todos os tipos de pratos, talheres, pássaros, animais selvagens e maravilhosos, pois isso tudo agradaria à princesa. Deveriam colocar tudo dentro de um navio e tentar a sorte. O rei então ordenou que isso tudo fosse feito e os ourives tiveram que trabalhar noite e dia para aprontar os lindos objetos. Quando tudo estava a bordo, o rei e o Fiel João vestiram--se de mercador para não serem reconhecidos. Foi uma longa viagem através dos mares, até chegarem ao lugar onde morava a princesa.

Uma vez ali, o Fiel João deixou o rei no navio esperando, dizendo que talvez na volta trouxesse consigo a princesa e que tudo deveria estar na mais perfeita ordem, com os objetos de ouro à vis-

ta e o navio bem limpo. Aí, escolheu algumas peças de ouro que colocou no embornal e dirigiu-se ao castelo real. No pátio encontrava-se uma linda jovem segurando dois baldes de ouro, com os quais tirava água de um poço; vendo o Fiel João, perguntou-lhe quem ele era. Este respondeu que era um mercador e abrindo seu bernal mostrou o que trazia consigo. A jovem pôs os baldes no chão e olhou todas aquelas belezas, dizendo que a princesa adorava objetos de ouro e que deveria vê-los, pois provavelmente compraria todos. Conduziu-o então até a princesa que, encantada, disse que compraria tudo. Mas o Fiel João contou-lhe que era apenas servo de um rico mercador, que o que tinha trazido não era nada em comparação com o que havia no navio: os mais belos e artísticos objetos jamais feitos em ouro. A princesa queria que lhe trouxessem tudo mas o Fiel João disse que os objetos eram tantos que levaria muitos dias para trazê-los, que ocupariam tantos quartos que não haveria lugar para tudo. Isto aumentou a tal ponto a curiosidade e o desejo da princesa que ela resolveu ir pessoalmente ver a mercadoria.

O Fiel João ficou muito feliz e conduziu-a até o navio; quando o rei viu que ela era ainda mais bela que o retrato, achou que seu coração ia parar. Quando ela entrou no navio o rei levou-a para baixo, mas o Fiel João permaneceu no tombadilho e pôs o navio em movimento, com as velas soltas para que voasse como um pássaro. O rei levou horas mostrando os lindos objetos e em seu deleite a princesa não percebeu que o navio se movimentava. Depois de ter visto tudo, agradeceu ao mercador e desejou retornar — mas, então, percebeu que estava longe da terra. Daí ela começou a chorar, dizendo que tinha sido enganada e que agora se encontrava em poder de um mercador, mas o rei segurou-lhe a mão explicando que não era um mercador mas sim um rei, tão bem nascido quanto ela, e que a tinha

capturado por estar perdidamente apaixonado. Contou-lhe que tinha desmaiado ao ver seu retrato pela primeira vez. Dessa forma a princesa se conformou e consentiu em se casar com o rei.

Ora, acontece que enquanto sentava no tombadilho o Fiel João avistou três corvos; parou de tocar sua música e começou a escutar o que conversavam. Um deles disse que o rei estava levando a Princesa do Teto de Ouro para casa, mas o segundo retrucou que isso não queria dizer que ele já a possuísse. O terceiro comentou que o rei a possuía, visto que ela estava no navio com ele. Aí o primeiro disse que isto não adiantava, pois quando chegassem à terra um cavalo vermelho correria em sua direção, e quando o rei tentasse montá-lo, o cavalo fugiria com ele pelos ares, de modo que nunca mais tornaria a ver a jovem. O segundo corvo perguntou se nada poderia ser feito para salvá-lo; o outro respondeu que se alguém pulasse na sela, tirasse a pistola do coldre e atirasse no cavalo, o jovem rei seria salvo. Mas quem sabia disso? E se alguém viesse a saber, viraria pedra, dos pés até os joelhos. Daí a segunda ave disse que mesmo que o cavalo fosse morto, o rei não teria sua noiva, pois quando chegasse ao castelo a camisa nupcial estaria numa bacia e pareceria tecida de ouro e prata, mas na verdade era feita de enxofre e piche, e quando fosse vesti-la, o rei queimaria até os ossos. Novamente a terceira ave perguntou se nada poderia ser feito; a segunda respondeu que se alguém com luvas pegasse a camisa e a atirasse ao fogo, o jovem rei seria salvo, mas isso pouco adiantava, pois aquele que soubesse disso, e contasse ao rei, viraria pedra dos joelhos até o coração. Então a terceira ave comentou que sabia de mais coisas ainda e que mesmo que a camisa fosse queimada, o rei não teria a princesa, pois ao dançar depois do casamento ela empalideceria subitamente e cairia como morta, e se alguém não a erguesse e não ti-

rasse três gotas de sangue de seu seio direito, ela morreria. Mas se alguém soubesse disso, viraria pedra da cabeça aos pés.

Então os corvos bateram asas e a partir desse momento o Fiel João ficou triste e silencioso, pois se não contasse tudo ao seu senhor, seria um infeliz, mas se contasse, teria de pagar com a própria vida. Finalmente decidiu-se a salvar seu rei, mesmo que tivesse que morrer.

Quando alcançaram a terra, um cavalo verme-lhe apareceu exatamente como tinham dito os corvos; o rei queria levá-lo ao castelo e foi montá-lo, mas o Fiel João foi mais rápido e atirou no animal. Os outros servos disseram que era horrível matar um cavalo tão bonito, mas o rei apoiou o Fiel João. Quando chegaram ao castelo, a camisa nupcial estava numa bacia e parecia feita de ouro e prata. O rei quis vesti-la, mas o Fiel João empurrou-o e, com as mãos enluvadas, jogou-a ao fogo. Mais uma vez os servos condenaram tal façanha e novamente o rei defendeu o Fiel João.

Quando chegou a hora do baile, o Fiel João ficou observando a princesa o tempo todo. De repente ela ficou branca e caiu no chão. Ele correu até ela, carregou-a para o quarto, deitou-a na cama e ajoelhando-se ao seu lado, chupou três gotas de sangue de seu seio direito e as cuspiu fora. A princesa recobrou os sentidos mas o rei, que tinha presenciado a cena, não entendeu porque o Fiel João tinha feito isso, ficou furioso e ordenou que o jogassem na prisão. Na manhã seguinte, o Fiel João foi condenado e levado à forca, e quando estava para ser enforcado reclamou o direito de falar. O rei consentiu e o Fiel João disse que estava sendo condenado injustamente, que sempre tinha permanecido fiel ao rei, contando então o que ouvira das aves e como seu senhor poderia ser salvo. O rei chorou pelo seu servo mais fiel, pediu-lhe perdão e ordenou que fosse libertado. Mas ao dizer sua última

palavra o Fiel João caiu morto, transformando-se numa pedra.

O rei e a rainha estavam infelizes. O rei reconheceu que tinha retribuído uma grande fidelidade com o mal, e levou a pedra para o quarto, colocando-a ao lado da cama. Todas as vezes que via a pedra começava a chorar, dizendo que se ao menos seu servo pudesse viver outra vez... O tempo foi passando e a rainha deu à luz gémeos que cresciam e eram a alegria do casal. Um dia, quando a rainha estava na igreja e as crianças brincavam perto do pai, este novamente olhou para a pedra, desejando fazê-la viver. Então a pedra começou a falar e disse que voltaria à vida se o rei sacrificasse o que tinha de mais caro. O rei disse que daria o que quer que fosse. A pedra respondeu que se o rei cortasse a cabeça dos filhos com as próprias mãos e a untasse com sangue, ela retornaria à vida. O rei ficou horrorizado ao ouvir que teria que matar com as próprias mãos seus filhos queridos, mas pensando na imensa fidelidade do servo, que tinha morrido para salvá-lo, desembainhou a espada e cortou a cabeça das crianças. Depois de ter coberto a pedra com o sangue das crianças, o Fiel João voltou à vida e disse que a boa fé do rei seria recompensada. Pegou as cabeças das crianças, ajeitou-as sobre os respectivos pescoços, untou a ferida com sangue e imediatamente os meninos voltaram à vida e continuaram brincando normalmente, como se nada tivesse acontecido. O rei estava exultante e ao ver que a rainha estava voltando, escondeu o Fiel João e as crianças num armário, perguntando-lhe se tinha rezado na igreja. Ela respondeu que sim, mas que durante todo o tempo tinha pensado no Fiel João, o quanto fora infeliz por causa dele. O rei replicou: "Querida esposa, nós poderíamos fazer o Fiel João viver outra vez, mas isso custaria a vida de nossos dois filhos que deveriam ser sacrificados". A rainha em-

palideceu aterrorizada, mas disse que estavam em débito com o Fiel João por sua fidelidade. O rei ficou feliz ao ver que ela pensava como ele e, abrindo o armário, fez sair as crianças e o Fiel João. Disse que deveriam agradecer a Deus por ter libertado o Fiel João e por terem os dois filhos de volta. Contou à rainha o que tinha acontecido e eles viveram felizes pelo resto de suas vidas.

Tudo aconteceu como tinha sido previsto e o jovem rei, de início, não entende por que o Fiel João faz coisas horríveis, como, por exemplo, matar o cavalo e jogar no fogo a camisa nupcial. Mas quando o servo chupa as três gotas de sangue do seio direito da noiva, o rei fica com ciúmes e ao invés de apoiá-lo contra os outros servos, como antes, manda prendê-lo. Só depois de condenado e levado à força é que o Fiel João pede permissão para falar, uma vez que morreria de qualquer jeito. Daí então explica a razão de ter agido daquela forma, dizendo que tinha ouvido o que as aves conversavam. O rei pede perdão, mas ao dizer a última palavra o Fiel João é petrificado. Nesse momento o rei e a rainha percebem o quanto o servo tinha feito por eles e quanto pouco tinham confiado nele. O rei leva a estátua para o quarto e a deposita ao lado da cama.

Agora vemos que a palavra "sombra" tem um sentido muito relativo e funcional nos contos de fada. Desta vez podemos dizer que o herói e a sombra são ambos: João e o príncipe — cada um é a sombra do outro, como o alfaiate e o sapateiro que também representavam tal contraste arquetípico.

Na primeira estória a cegonha é a portadora do novo rei. Na estória do "Leal e Desleal Ferdinando", o mendigo influencia um personagem (o Leal Ferdinando), que assim se torna o rei, enquanto o outro (o Desleal Ferdinando), sai de cena. Na estória do Fiel João a situação progrediu: como o velho rei não precisa ser de-Posto (pois já está morrendo), a estória representaria "um estágio de desenvolvimento em que as coisas deram

um passo à frente e o rei morre naturalmente. O jovem rei, o príncipe, está presente, e o Fiel João desempenharia um papel paralelo ao da cegonha; João é o formador do jovem rei, e a figura do sapateiro é evocada de um modo estranho, isto é, através das projeções do rei sobre João, erroneamente considerado pelo rei como um agente do mal. De certa forma, o veneno na estória pode ser considerado como as projeções do rei, mas é também o sangue venenoso da noiva, o cavalo vermelho e a camisa nupcial. O elemento venenoso, personificado no sapateiro em outras estórias, é desta vez um elemento que se encontra dentro da noiva e do qual ela tem de ser purificada, até tornar-se a imagem da alma. Seu veneno é a causa de todos os mal-entendidos, especialmente o que afeta o fiel servo.

O nome João é revelador, pois provém da lenda medieval judaica do rabi Johannan, que ajudou o rei Salomão. Nessa estória também existe uma esposa-ânisma venenosa. Se assim for, o nome indica que João, o formador do novo rei, é um tipo de personalidade de sacer-dote-feiticeiro.

Esta é uma estória muito interessante. Se eu fosse fazer uma palestra a respeito da alma em contos de fada, teria aqui amplificações muito típicas. Ela é a Princesa do Teto de Ouro e aparentemente está possuída pela magia do mal, que destrói todo aquele que dela se aproxima, e isto precisa ser exorcizado para que o rei possa se casar com ela e permanecer ileso. O tema é arquetípico e a ideia de que uma jovem bonita, de alguma forma enfeitiçada, ou com um corpo venenoso que mata quem quer que dela se aproxime, a menos que saiba exorcizá-la, parece ser um elemento comum nas lendas orientais. Nos países da Europa setentrional, o veneno da noiva aparece frequentemente no fato de que a noiva tem um caso secreto com um demónio pagão da floresta, razão pela qual ela se torna uma destruidora de homens; e enquanto não for capaz de cortar essa ligação ou de matar o demónio, ou espírito do mal que está por trás da alma, o rei não conseguirá possuí-la

Se tentarmos interpretar psicologicamente este tema, podemos dizer que a alma tem uma influência que definimos como uma ligação com os níveis mais profundos do inconsciente. Ela representa um modo de abordar o inconsciente coletivo; isto é, se um homem tentar tornar conscientes e meditar nos estados de espírito e fantasias que o apanham pelas costas, então poderá penetrar nos níveis mais profundos do inconsciente. A pergunta que o indivíduo deve se fazer é: "Por que me aborreço tanto a respeito disto ou daquilo?" Se fizer essa pergunta um homem encontrará o que está por trás de sua alma e ficará sabendo que ela é a noiva do demônio. Psicologicamente podemos dizer que ela está contaminada por impulsos inconscientes que querem se tornar conscientes e que, como isso não ocorre, afetam o lado emocional do homem e influenciam seu humor, de modo que ele tem que cruzar a ponte de suas emoções para descobrir o que são os poderes demoníacos. Em geral, trata-se principalmente de ideias religiosas e imagens de divindades que caíram no inconsciente e que devem se tornar conscientes. Podemos dizer que são ligações religiosas que permaneceram inconscientes, pois o que não está integrado cai no domínio da alma; conseqüentemente exorcizar a alma geralmente significa uma re-discussão de problemas religiosos. A alma, como uma típica mulher, pega no ar as necessidades de uma nova era, pois sendo menos rígida e preconceituosa que a consciência masculina, capta as possibilidades do novo *Zeitgeist* e, impaciente, traz os fatos até a consciência.

Certa vez conheci um cientista que a meu ver tinha uma *Weltanschauung* científica um tanto rígida que terminou por ficar preso nos mecanismos do *Zeitgeist*. Ele ignorava em boa medida as descobertas da física moderna, e continuava seguindo mecânica e conscienciosamente suas velhas ideias. Durante algumas discussões eu lhe falei a respeito das descobertas psicológicas e o convenci das descobertas da física moderna que mudaram a imagem que tínhamos da matéria. Mas ele sempre ti-

nha uma reação emocional e um dia me disse que se essas coisas se comprovassem, teria que se matar. Isso me pareceu uma loucura e eu lhe perguntei por que não encarava tais coisas objetivamente para ver se eram ou não verdade. Por que ficar tão emocionado com isso? É uma reação imprópria e feminina: as mulheres é que julgam dessa forma. O mundo não se modifica se as ideias mudarem. Mas o cientista disse que tinha que sustentar o que ensinara a gerações de jovens estudantes, que era responsável pelo ensino de tais ideias, e que se descobrisse que elas não estavam certas, para ele seria uma desonra continuar vivendo, por isso teria de se matar.

Isto ilustra a atitude típica de logos nos homens, a menos que tenham desenvolvido suficientemente uma atitude espiritual e explica por que os homens são mais conservadores e não gostam de mudar suas ideias tão facilmente como as mulheres. As mulheres dizem: "Por que não?" A questão é apenas o modo de se encarar os fatos, e, então, simplesmente mudar de ideia. Mas se você disser a uma mulher: "Vamos discutir um problema que trata do amor e não de ciência. O que você acha de adotarmos a poligamia?" Daí há um terremoto! Um homem poderia dizer: "Sim, por que não tentar?" A mulher fica perturbada com as mudanças nas formas de vida social, pois é aí que o seu mundo está ancorado e mudanças nesse campo poderiam fazer com que ela tivesse vontade de se matar. O homem e a mulher deveriam saber disso para poderem se entender, caso contrário não haverá entendimento algum. A mulher pode brincar com ideias pois para ela as ideias não são questão de vida ou morte, e por isso ela exerce um efeito positivo na mente do homem.

A mulher pode inspirar o mundo mental do homem pela leveza com que capta novos conteúdos e os apresenta a ele. Ela o inspira, mas ele é que tem que realizar a tarefa; é exatamente o oposto do relacionamento biológico, no qual o homem fertiliza e a mulher leva em si a criança. É por isso que na realidade exterior frequen-

temente a mulher é a inspiração do homem, e a alma faz o mesmo internamente — ela traz à tona ideias em germinação, novos conteúdos que geralmente pairam no ar por algum tempo antes de serem trabalhados pelo homem. O fato desagradável, e que torna a alma tão venenosa, é que ela apresenta essas ideias nascentes, essas in-tuições criativas, de forma inadequada, indigesta, num estilo pomposo de oratória. Sua nova verdade é apresentada num estilo de mau gosto, como se vê nas revistas religiosas populares ou teosóficas. Na literatura deste gênero vê-se como as novas ideias são expressas numa forma indigesta de alma, desde o início venenosa: é uma mistura de emoções e ideias não-digeridas e o pior é que não se pode nem aceitá-la, nem rejeitá-la. Está contaminada pelo absurdo, mas nela se encontra um cerne de verdade com algo inspirado. Podemos encontrar material semelhante nos esquizofrênicos não totalmente além dos limites. Eles escrevem coisas inspiradas, mas se verificarmos veremos que as notas de rodapé estão erradas, o material pessimamente apresentado e tudo desordenado. A evidência está repleta de mentiras. Somos confrontados com as ejaculações típicas da alma envenenada, mas há nisso algo de inspirador. Um homem responsável e amante da verdade naturalmente odiaria tal coisa, mas se não fizer algo a respeito, acabará esterilizando seu próprio desenvolvimento.

Assim, trata-se de exercitar a mente crítica, de exorcizar a alma e de atingir o sentimento que existe no inconsciente; a inspiração de novas ideias se encontra de forma embrionária do outro lado, uma matéria-prima na qual ouro e esterco estão misturados, tendo-se que garimpá-lo para extrair o ouro. O veneno na alma consiste no fato de ela sempre tentar fazer o homem acreditar que é o grande porta-voz da nova verdade, ou o oposto. Em geral, ela é mais do tipo mentiroso histérico que exagera e torce um pouco as coisas. O meio mais fácil de observar um homem influenciado pela alma é perceber quando ele começa a mentir: é nesse ponto é apanhado pela alma e pelas suas mentiras, pe-

quenas distorções e dissertações; é esse o veneno que deve ser exorcizado na princesa para que ela possa se desenvolver adequadamente. Todo estado emocional tende ao exagero e à distorção dos fatos e a alma possui tais qualidades.

A situação do rei moribundo é lindamente ilustrada: o princípio dominante da consciência coletiva, o rei, está se apagando e morrendo, e o princípio feminino não está representado pois não existe rainha e nenhuma outra figura feminina, exceto o retrato da Princesa do Teto de Ouro, escondido e trancado num quarto. Assim, o início da estória nos mostra um estado de coisas no qual a alma está completamente reprimida e a relação com a rainha está cortada e trancafiada. Além disso, a mulher viva se encontra do outro lado de um grande mar, isto é, longe da consciência.

É evidente que este conto de fada é uma versão relativamente tardia e deve representar um estado de coisas bastante recente no interior da civilização cristã de nossos países, pois aqui é bem real a exclusão do princípio j feminino. No catolicismo a mãe é representada pela Virgem Maria, mas no protestantismo até isto foi excluído e o princípio feminino não tem nenhuma represen-: tação. Conseqüentemente, essa imagem mais elevada é ; reprimida e eliminada — pode-se dizer que é um com- j plexo reprimido.

O tema de um quarto proibido onde se encontra uma figura positiva e luminosa é muito comum nos contos de fada e o grande problema é o complexo reprimido, isto é, um fator psicológico vivo com o qual a consciência não quer entrar em contato. Além disso, a Princesa do Teto de Ouro parece uma figura etérea, pois vem do teto e não do porão: a imagem é espiritual e elevada. Isso combina com a civilização cristã, na qual ; o que está reprimido e fora da existência é a figura feminina da mãe-terra que aparece em todos os cultos pagãos. Como a imagem da mãe é assumida pela Virgem Maria que representa tudo o que é belo e puro, mas não ; o que é ligado à destrutividade, à bruxaria e à animal-

dade, podemos dizer que o cristianismo excluiu por completo o princípio feminino em sua representação inferior, seu aspecto de sombra, aceitando somente a parte mais elevada e luminosa através do símbolo da Virgem Maria. Atualmente existe uma tendência crescente a devolver ao princípio feminino seu lado sombrio. O papa a chamou de *domina rerum*, a senhora da natureza, de modo que ela está começando a recuperar seu lado sombrio, mas evidentemente isto é uma revelação perigosa. Aqui vemos a situação clássica de nossa civilização: um princípio dominante está perdendo sua força, até a *imagem* da mulher é trancafiada, e a realidade mais ainda.

Junto ao rei encontra-se a estranha figura do Fiel João, que está por trás de toda a estória, e primeiro temos que descobrir o que ele faz e sofre. Ele abre o quarto proibido, o que podemos achar imprudente pois com isso desobedece ao rei logo após a morte deste, mas ele age sob compulsão. Ele possui as chaves, é a fi-gura-chave; o Fiel João é o representante da função transcendental. Essas são as estranhas manobras do inconsciente que sempre faz rodeios, de modo que nunca sabemos onde estamos. O modelo psicológico está representado de forma muito bonita na décima-oitava Sura do Corão, que Jung interpreta em *Estudos Alquímicos*. Khidr é o primeiro anjo do trono de Alá, uma figura messiânica que não se encarnou e que de certa forma fornece um paralelo à ideia gnóstica de Logos. Ele guia e ajuda as pessoas. No Oriente ele é ainda uma figura viva, e as pessoas simples ainda acreditam nele. É o responsável pelas reviravoltas súbitas da boa e da má sorte. Aparece nos sonhos dos modernos muçulmanos; e, dizem eles, se um estranho chegar em nossa casa, devemos ser corteses pois este pode ser o próprio Khidr. Ele é a divindade que visita as pessoas na terra, compensando a indiferença de Alá.

Khidr se encontra com Moisés e este lhe pede para levá-lo consigo em suas andanças. Khidr não quer, pois <*cha que Moisés não conseguirá viver de acordo com as ^{Su}as normas e lhe trará problemas, mas ele promete acei-

tar tudo o que Khidr fizer. Numa aldeia, Khidr fura todos os barcos de pesca para que afundem, e Moisés o censura. Khidr replica que o prevenira de que não aguentaria censuras e Moisés novamente promete nada dizer. Depois encontram um belo jovem que Khidr mata e mais uma vez Moisés reclama e é repreendido. Então Khidr derruba os muros de uma cidade, deixando-a exposta, e de novo Moisés não consegue segurar a língua. Daí Khidr diz que devem separar-se, mas primeiro explica a Moisés o que fez. Afundou os barcos porque sabia que um bando de ladrões pretendia atacá-los e roubá-los e, assim como ele tinha feito, os barcos poderiam ser consertados. O jovem estava em vias de cometer um assassinato e Khidr prevenira a perda de sua alma, matando-o. Fizera cair os muros da cidade porque sob eles se encontrava um tesouro escondido que agora seria encontrado, e que pertencia a alguns pobres. Assim Moisés viu-se obrigado a reconhecer que tinha se equivocado e interpretado mal a forma de agir de Khidr. Isto pode ser encarado como um símbolo da estranha sabedoria superior do inconsciente, que nossa consciência racional não pode jamais alcançar. A consciência do ego luta perpetuamente e rejeita racionalmente a grande sabedoria do inconsciente, que rodeia como uma serpente e leva em consideração o que não sabemos, de modo que sempre nos revoltamos contra ela.

O Fiel João é como o Khidr: ele é um representante do princípio divino do inconsciente que possui grande conhecimento e por isso é mal compreendido pelo novo princípio da consciência, representado pelo príncipe.

A figura do Fiel João fornece um notável paralelo à figura alquímica de Mercúrio, o amigo do rei, o amigo íntimo do alquimista representado ora como senhor, ora como servo; Mercúrio também exaspera o alquimista com suas ideias estranhas e seu comportamento paradoxal, de modo que quando o alquimista tenta lidar com Mercúrio, sente-se estúpido, pois Mercúrio sempre trapaceia — e isto é semelhante à personificação do inconsciente na figura do servo João. Tracei este paralelo com

Mercúrio porque o conselho do Fiel João parece muito

alquímico: ele diz para o príncipe fazer animais de ouro, pássaros e peixes, vasilhas e utensílios que atrairiam a princesa. O que significa isso?

Em tribos primitivas, frequentemente preparam-se armadilhas para fantasmas a fim de capturar os espíritos dos que morreram recentemente e evitar suas assombrações. Os nativos acham que os fantasmas perderam seu sentido de perspectiva e por isso os nativos constróem um pequeno modelo da casa onde viveu o morto e o colocam entre o túmulo e a antiga casa; o fantasma entra nesse modelo sem se aperceber de que não é a casa verdadeira. A Princesa do Teto de Ouro deve ser atraída por uma magia semelhante. Na relatividade do tempo e do espaço, certos conteúdos do inconsciente podem ser seguidos por esses métodos, mas isso se situa no nível da magia negra. E é também através de um tipo de ação mágica que a Princesa do Teto de Ouro é seduzida.

O paralelo psicológico moderno seria a imaginação ativa, através da qual se pode literalmente atrair os conteúdos do inconsciente. Se conseguirmos produzir o símbolo adequado seja através do desenho, da conversa ou da imaginação, poderemos até certo ponto constelar nosso próprio inconsciente. Estabelecer a conexão entre consciente e inconsciente é um processo relativamente lento. Por exemplo, se um indivíduo com uma certa atitude consciente tem um sonho que interpretamos corretamente, surge uma reação, e o consciente muda sua atitude ou suas ideias. O fato de que a consciência tenha mudado, afeta o sonho seguinte, resultando então uma lenta interligação. Se por certas razões o processo tem de ser acelerado, ou se a pressão do inconsciente é tão grande que algo a mais deve ser feito para salvar o consciente de inundação, ou se a consciência está bloqueada, então conscientemente tentamos, permanecendo dentro dos limites da consciência, deixar as coisas acontecerem num estado de vigília, representando e lidando com elas nesse estado; e esse esforço tem um efeito cons-

telador nos processos inconscientes. Eu fiquei bastante impressionada quando observei pela primeira vez que através da imaginação ativa podemos fazer muito mais do que através dos sonhos.

Eu tive um paciente que bebia e que estava numa situação perigosa, tanto interna como externamente. Ele sonhava repetidas vezes com um colega de escola já falecido e o descrevia como um homem muito inteligente mas neurótico, ou talvez mesmo esquizofrênico — o tipo de esquizofrenia que podemos descrever como insanidade moral: suas funções mentais não tinham sido atingidas, mas a personalidade ética estava destruída; em dificuldades com a lei, tentara cometer suicídio e, depois de um internamento, conseguira se matar. Como essa figura aparecia quase todas as noites nos sonhos do paciente, eu lhe disse que de algum modo ele devia possuir essa figura dentro de si (pois ele também não acreditava na vida), que isto tinha algo a ver com a bebida, e que ele devia confrontar a sombra. O homem concordou, mas nada fez. Quando contamos o número de vezes que tinha sonhado com esse homem, vimos que a média tinha sido de três vezes por semana.

Depois de um certo tempo me cansei e disse ao paciente que deveria confrontar essa figura através da imaginação ativa e, sendo suficientemente ingênuo e talentoso, ele conseguiu. Perguntou ao amigo por que o aborrecia e perturbava. Este lhe respondeu que a psicologia era uma farsa, que o paciente estava com medo de um câncer no fígado e queria salvar a pele, que nada mais existia por detrás disso, que ele era apenas um covarde. O paciente se defendeu, mas ele não era tão inteligente como o amigo e depois de certo tempo não sabia mais o que argumentar e desistiu, dizendo que o outro tinha razão. Isto aconteceu pelas cinco horas da tarde. Na manhã seguinte, às oito horas, ele acordou com um terrível ataque de coração. Telefonou ao médico e quase morreu. O médico cuidou dele e fez um cardiograma, mas o que quase o levava à morte tinha sido, na verdade, um ataque psicológico.

Nós voltamos à imaginação ativa e novamente eu lhe disse que ele tinha se esquecido dos argumentos do coração. O amigo tinha vencido pela argumentação intelectual, na qual sempre existem prós e contras, mas há a possibilidade de *escolha*, e isto implica no coração ou sentimento. Eu lhe disse que deveria começar outra vez. Ele assim fez e disse ao amigo: "Olhe aqui, eu mudei de ideia". "Essa não", disse o amigo, "você falou sobre isso com a sua governanta de alma em Zurique!" O amigo possuía esse tipo de inteligência destrutiva. Mas o paciente respondeu que o *ataque de coração* tinha sido dele mesmo, apesar da discussão em Zurique, e que seu coração não suportara a conversa que tivera com ele. Assim, desta vez ele ficou por cima e a conversa terminou sem que o outro tivesse mais nada a dizer. Na mesma noite sonhou que estava no enterro do amigo: para ele foi só então que o amigo morreu.

No período subsequente de análise, que durou um ano e meio, essa figura apareceu somente uma vez, ao invés de três vezes por semana como era a média anterior. Assim, a imaginação ativa, se realizada corretamente, provoca de fato um impacto no inconsciente. Ela tem um efeito muito mais forte do que somente a interpretação de sonhos e o caso acima mostra como uma sombra cínica pode ser apanhada através da criação correta de uma figura simbólica, dentro de um diálogo simbólico, exercendo-se assim uma influência real sobre o inconsciente. Naturalmente isto se situa no mesmo nível da velha magia tradicionalmente usada para influenciar uma situação psicológica — é, de fato, o mesmo procedimento — mas a magia tem um objetivo exterior. Se este homem tivesse uma mentalidade medieval, eu teria dito que sonhar tantas vezes com esse amigo cínico significava que estava sendo perseguido pelo seu fantasma, mas, como era um homem moderno, o amigo tinha surgido de dentro dele.

A diferença entre magia branca e magia negra está no fato de que a última é usada com objetivos egoístas.

Uma mulher enamorada se serve da poção do amor, mas isto é ego tentando preencher necessidades egoístas. Existe também a magia branca sob a forma de exorcismo, mas isto serve a propósitos religiosos. A imaginação ativa é produzida inteiramente a partir de dentro e é observada da mesma forma, apesar de às vezes ela provocar um efeito exterior; de fato, só se deve usá-la em função de nossos próprios objetivos interiores. Temos verificado que fazer imaginação ativa com pessoas vivas afeta a outra pessoa, embora não saibamos explicar como isso funciona, e é por isso que ela é perigosa e procuramos nos afastar dela. Podemos conversar com a *projeção* nossa no outro, mas não diretamente com ele. Se odiamos alguém muito intensamente e quisermos trabalhar com isso, poderemos personificar nosso ódio.

Eu tive uma analisanda que possuía um tipo de transferência de admiração por um casal de quem fora primeiro amiga, mas que depois passara a odiar intensamente. Ela ia visitá-los sempre mas voltava decepcionada e envenenada. Evidentemente era uma projeção: eles tinham muita sombra em comum. Então ela ouviu vagamente a respeito de imaginação ativa e achou que imaginação ativa era imaginar que o homem estava ali e daí insultá-lo, lutando até matá-lo. Depois disso se sentiu aliviada e foi dormir, sonhando que uma bruxa a tinha pegado e aprisionado. Eu lhe perguntei o que tinha acontecido durante o dia, e ela me contou da imaginação ativa. Seu sonho mostrou que tinha feito bruxaria e não imaginação ativa. Ela podia ter personificado seu ódio ou emoção e daí tudo estaria bem, pois teria duas figuras, a de si mesma e a da "mulher que odeia", e poderia perguntar a esta última por que desejava matar o homem e isso teria funcionado. Lidar com a pessoa exterior é um erro que traz maus resultados e que pode funcionar como bumerangue. A analisanda não se libertou de seu ódio mas caiu no arquétipo e afundou ainda mais no inconsciente. Se quisermos trabalhar o relacionamento com uma pessoa verdadeira sem cairmos na magia, devemos conversar com a nossa emoção personificada;

mas é preciso mantê-la dentro do vaso de nossa própria

personalidade, sem exteriorizar de forma alguma a pessoa.

Nos casos em que observamos o efeito de bruxaria, podemos ver que surgem efeitos exteriores destrutivos, e ainda mais: a pessoa que a pratica é prejudicada e se torna ainda mais inconsciente e não há nenhum efeito de cura. Na imaginação ativa o ego deve esvaziar-se e tornar-se um observador objetivo. O ego deveria dizer: "Vamos ver agora como é essa minha emoção", de forma que o primeiro passo é a desidentificação, quando o ego passa a ser um observador objetivo. A analisanda identificou, quando devia ter desidentificado. Isto é o que chamamos de "*Anseinandersetzung*", isto é, "sentar-se separado e entender-se mutuamente", e o primeiro passo é "sentar-se separado". Esta é uma ótima descrição da imaginação ativa. Eu me sento separada de meu ódio ou grande amor e então discuto *com este fator*, mas deixo fora o objeto, caso contrário estarei praticando magia negra. O objeto de seu ódio ou amor é algo a que o inconsciente se agarra avidamente e através disso surge o *pensamento voluntarioso*, exatamente o oposto de imaginação ativa. As pessoas pensam no que amam, ou no que gostariam de fazer, e acreditam que isto é imaginação ativa, mas isto é magia e tem todos os efeitos de um *abaissement du niveau mental*; pode até dar vasão a uma psicose.

Se nos aborrecemos com alguma coisa ficamos discutindo o tempo todo conosco, mas isso é imaginação passiva, completamente diferente da difícil arte de se sentar separado, desidentificando e olhando algo objetivamente. Se as pessoas conseguem fazer imaginação ativa durante horas, então estão erradas; quando feita corretamente, depois de dez minutos fica-se exausto pois ela implica num esforço real e não num "*deixar acontecer*", o que seria imaginação passiva.

Vocês poderiam se perguntar como a outra pessoa pode ser afetada pelo método da magia negra descrito

acima. Bem, talvez a outra pessoa tenha um espaço aberto, por assim dizer, e esse seria afetado; é assim que todas essas coisas funcionam entre os primitivos: alguém possui uma fotografia e espeta um alfinete nela etc. Se fizer imaginação do tipo bruxaria você pode acabar viciando-se e ir em frente cada vez mais; o que começou involuntariamente não pára mais.

O Dr. Baelz, em Tóquio, descreveu o caso de uma mulher esquizofrênica japonesa que tinha uma raposa como fantasma. Essa mulher era de uma pequena aldeia. Encontrava-se num estado catatônico, sendo pesada e estúpida. Sentava-se num canto sozinha e depois de um certo tempo dizia: "Agora vem vindo". Aí uma voz surgia de seu peito grunhindo cada vez mais alto. Seus olhos tornavam-se brilhantes e luminosos e ela ficava divertida e espirituosa, desmascarando cada médico e trazendo à tona uma série de verdades domésticas absolutamente corretas. Todo mundo a odiava. Depois de um certo tempo os grunhidos recomeçavam e, aos poucos, a coisa morria e ela voltava a ser a mesma pessoa estúpida de antes.

Este é um caso clássico. As pessoas esquizofrênicas mergulham a tal ponto no inconsciente coletivo que penetram no inconsciente de todo mundo, enxergando as coisas de uma forma espantosa. Uma vez eu visitei um homem internado num hospital. Dizia que tinha virado dois e pedia que eu fosse vê-lo. Eu fui porque achei que devia ser interessante; de repente ficava quieto, razoável e calmo, podendo contar o que tinha acontecido. E então dizia: "Esses médicos são uns trouxas! Dão injeções intravenosas a um catatônico que não quer comer, mas eu vi logo qual era o problema e lhes disse que ele comeria tudo se lhes dessem alimento numa garrafa". A maioria dos médicos ignorou o que ele disse, achando que um pobre lunático não poderia saber de nada. Mas, um jovem médico judeu achou que poderia tentar — por que não? — e o homem comeu tudo na garrafa! Em *Wisdom, Madness and Folly* John Custance conta um caso

parecido de um paciente que sabia *telepaticamente* o que o outro tinha sonhado naquela mesma noite. Essas pessoas nadam no mesmo tipo de líquido embriônico e por isso conseguem um contato imediato. Nos níveis mais baixos existe uma contaminação completa.

6

A alma e o retorno

Da última vez discutimos o tema do Fiel João e o modo pelo qual ele atraiu a princesa: comparamos suas ações e artimanhas com a técnica da imaginação ativa: um tipo novo e em certos aspectos muito diferente de magia, psicologicamente num nível mais elevado porque igualmente produz certos símbolos ou criações simbólicas através dos quais o inconsciente se constela e é "atraído". Assim, pode-se afetar o inconsciente até certo ponto através da influência mágica, com a diferença de que esta geralmente é empregada para fins externos, isto é, na forma de projeção, enquanto que na outra modalidade a parte consciente da personalidade desempenha um papel definido: ela é a criadora do símbolo; mas há realmente um processo cíclico, pois o símbolo através do qual influenciemos o inconsciente é inspirado pelo próprio inconsciente. Podemos dizer que o inconsciente produz um símbolo e que o consciente inspirado nele o reproduz, dando-lhe forma e expressão, o que por sua vez influencia o inconsciente. O mesmo acontece menos dinamicamente na interpretação de sonhos.

O Fiel João é uma espécie de personificação daquela parte do inconsciente que tende a construir uma nova posição consciente; podemos chamá-lo de espírito criativo no inconsciente, o que o torna análogo à ideia al-química do espírito Mercúrio que é um espírito criativo das profundezas da natureza, ou, como diríamos nós, das profundezas do inconsciente. Podemos chamá-lo de personificação do que Jung denominou função transcendente, aquilo que consegue unir os opostos.

Depois do rapto, quando o rei e sua noiva estão juntos no navio, parecia que tudo estava bem; mas daí o Fiel João ouve a conversa dos três corvos que predizem os perigos que surgirão e como evitá-los, acrescentando que se a pessoa que salvasse o rei contasse o que sabia, ficaria petrificada. Conseqüentemente, é necessário inteira confiança no Fiel João, a mesma fé cega que Khidr pediu a Moisés, sem perguntar por que ou para quê, sem pôr os pingos nos "i". O Fiel João, embora suspeitando que o rei não confiará nele e em suas ações, resolve assim mesmo salvá-lo. Eu poderia passar por cima da conversa dos três corvos pois se assemelha à das duas gralhas na forca, mas não posso deixar de lado os corvos em si. Aqui temos uma tríade de corvos, pássaros pertencentes ao deus sol e usados para profecias. Assim, eles têm uma ligação com os fatos parapsicológicos e a telepatia; podem prever o futuro e ler pensamentos secretos. Representam mais o princípio masculino do que as gralhas, que representam o princípio feminino.

Aqui temos uma tríade alusiva a todas as divindades trinas existentes nos tempos pré-cristãos, nas tradições germânicas e célticas, que mais tarde se concretizam na Trindade cristã. Vocês se lembram do "Inferno" de Dante? O demônio tem três cabeças, cada uma numa direção, o que Jung interpreta como reflexo da árvore superior, isto é, da Trindade. O triângulo duplo seria o símbolo da totalidade. Se o cortarmos em dois, teremos a tradição cristã, como Trindade superior, e o trio infernal, como inferior. É por isso que no folclore o mundo subterrâneo surge como uma tríade pagã, o que tem a ver com o deus pagão Wotan que frequentemente aparece com outros dois deuses, compensando a posição cristã consciente.

Os corvos possuem uma qualidade mais generalizada, não sendo bons nem maus, mas mera natureza; expressam a verdade de modo semelhante ao inconsciente. Naturalmente é antropomórfico dizer que o inconsciente é benevolente, pois é a consciência que toma as decisões. Como os corvos conversam um com o outro e

não com o Fiel João, não existe nenhum plano para uma compreensão consciente. Eles simplesmente conversam entre si e podemos espreitá-los; é como se o inconsciente fosse indiferente ao fato de o rei ser salvo ou não.

Mas o Fiel João decide salvá-lo. Os três perigos são:

1) o cavalo vermelho, que induziria o rei a montá-lo e depois desapareceria no ar, e que deve ser morto com a pistola que se encontra no coldre do próprio cavalo;

2) a camisa nupcial, que sendo vestida, queimaria o rei; e

3) as três gotas de veneno no seio da noiva. Todos os perigos estão ligados com o retorno ao lugar original. Nos contos de fada, frequentemente uma mulher ou um homem vão a um reino muito distante — um nível mais profundo do inconsciente — e quando voltam, o lugar original está cheio de perigos; apesar de haver perigos no caminho em direção à meta, os da jornada de volta em geral têm um caráter diverso. Temos que observar o que significam esses diferentes níveis do inconsciente.

A maioria das pessoas que interpreta contos de fada, considera a travessia do oceano, em busca da Princesa do Teto de Ouro, como sendo um mergulho no inconsciente, mas isto não está correto, pois os personagens, desde o início, estão no inconsciente. Como o rei, o Fiel João e o príncipe estão todos no inconsciente, e segundo o nosso ponto de vista, não podemos simplesmente passar por cima desse fato, devendo nos perguntar o que significam esses diferentes domínios. Em alguns contos de fada temos mais de três — o rei vai a um reino depois de outro. Conseqüentemente, devemos considerar não apenas dois mas três, quatro ou cinco reinos, paradas do caminho. Eu diria que o domínio inicial, onde começa a ação do conto, tem a ver com a consciência; tem a ver com a situação consciente, mas *do modo como é vista pelo inconsciente*.

Consideremos aqui consciência como aquela camada da consciência coletiva, representada nos jornais e publicações referentes ao espírito e aos problemas de nosso tempo — consciência coletiva vista por si mesma.

Nós sempre tentamos nos dar conta de nossa situação consciente falando sobre ela etc, dentro de seu próprio domínio. Mas se começamos a observar os sonhos, ou trabalhos de artistas que buscam sua inspiração puramente no inconsciente, sem muita reflexão, teremos outra imagem da situação; teremos uma imagem refletida, uma espécie de fotografia de como o inconsciente enxerga a situação consciente. Podemos dizer que todos os sonhos têm esse aspecto. Numa situação onírica podemos nos comportar como um imbecil ou herói e então dizemos que não é assim que nos vemos, mas é assim que o inconsciente nos vê — é a fotografia do nosso ego a partir do prisma do inconsciente. Este é um aspecto em que essa fotografia costuma ser a situação inicial dos contos de fada: ela retrata a situação consciente, mas a partir do inconsciente. Na primeira foto o princípio da consciência coletiva está envelhecendo ou morrendo. Talvez um obscuro artigo de jornal dissesse que nossa civilização precisa de renovação, e pode ser que precise, ou pode ser que não precise; mas aqui a fotografia diz que sim, o velho rei está morrendo e a imagem da alma é rejeitada e banida, e assim por diante. Em seguida, existe outro domínio da consciência, ou seja, o reino da alma, que se atinge atravessando o oceano de navio. Nesta situação a imagem da alma é vista apenas como uma imagem (o retrato) na realidade tri-dimensional; e como não tem mais vida, enquanto realidade psicológica, é removida ainda mais do consciente para o reino da alma. Os perigos do retorno são, então, uma tentativa de união entre os dois campos.

Esse movimento pode ser comparado ao desenvolvimento de uma pessoa em análise: frequentemente, quando as pessoas começam a análise, seus sonhos trazem à tona um outro mundo completamente estranho, com alma e sombra, e esses dados são discutidos na análise, o que cria a situação de vaso alquímico interior; por isso dizemos que a análise não é uma situação de relacionamento como no dia-a-dia, mas uma relação específica entre duas pessoas cuja concentração está fixada no

inconsciente e na qual outros fatos da vida são deixados de lado. O analisando pode dizer que tem dificuldades com a esposa, com a profissão etc, mas nós ignoramos a situação do ponto de vista exterior e a olhamos de dentro, como uma espécie de exclusão relativa da situação exterior. Esta exclusão é comparável ao processo alquí-mico numa retorta ou vaso. É uma situação um tanto artificial, na qual os problemas são vistos como um sonho interior dentro do indivíduo, e esta perspectiva força as coisas para dentro do vaso. Nós criamos essa situação artificial para chegar à introversão.

Às vezes as pessoas tentam interpretar os contos de fada como um fenómeno atemporal com acontecimentos eternos, nos quais o inconsciente coletivo envelhece e morre, mas eu não acredito nisso. Depois de analisar muitos contos de fada, europeus, japoneses, chineses, africanos, podemos dizer que sua estrutura básica é, por assim dizer, eterna. O mágico, o príncipe e o rei, a bruxa e o animal que ajuda, estão sempre presentes. O enredo ou situação é sempre uma resposta a uma situação consciente específica. Assim sendo, se compararmos contos de fada europeus e japoneses teremos as mesmas figuras, mas sua arquitetura é diferente, e se formos mais além, perceberemos que não podemos interpretar um conto de fada japonês sem conhecer a civilização japonesa e a situação consciente no Japão, ou sem saber nada a respeito do Zen-Budismo ou dos Samurai, não apenas sob o ponto de vista da situação exterior, mas também sob o enfoque da consciência coletiva do povo japonês. Só então poderemos compreender o conto de fada. Eu diria mesmo que deveríamos ser capazes de datar os contos de fada, mas devo confessar que nem sempre consigo maior precisão do que situá-los dentro de mais ou menos dois ou três séculos, pois eles descrevem um processo relativamente lento em comparação com o ritmo do desenvolvimento consciente. Como a vagarosa decadência do Simbolismo Cristão tem mais ou menos mil anos, dessa época em diante houve mudanças inconscientes. Assim sendo, se temos um conto de

fada que compensa a consciência cristã, será por certo difícil localizá-lo exatamente dentro desse processo, apesar de me parecer possível datá-lo com uma certa precisão, o que farei mais tarde. Assim, de uma certa forma, o fato de o inconsciente fotografar a situação consciente, a coloca dentro de uma situação mais geral e eterna, a do velho rei morrendo, o que é natural pois sabemos que as civilizações sempre decaem e chegam a um fim *sub specie aeternitatis*. A situação do velho rei morrendo é clássica na vida humana; e então são propostas alterações específicas que podem garantir uma mudança.

Na análise pessoal os sonhos reagem, em parte, de forma específica, e então o inconsciente revela a situação inconsciente, mostrando-a como um problema eterno que não obstante ostenta o arranjo estrutural de seu tempo. A mãe pessoal faz parte do drama familiar, mas num plano mais amplo, os sonhos arquetípicos indicam que isto é um problema geral do jovem, a separação da mãe, que cada homem vive de forma específica; então pode-se dizer que esses produtos são, em parte, eternos, e, em parte, do momento, pois nem o sonho nem o conto de fada são completamente inconscientes. Pode-se com acerto dizer que os sonhos são produtos do inconsciente, mas são fenômenos na orla da consciência — somente aqueles que não podemos lembrar é que são inconscientes. Os contos de fada compartilham tanto da atemporalidade do inconsciente, como do tempo relativo do consciente, porque não estão completamente no inconsciente. Na análise pessoal as interpretações são aceitas quando "dão um clique", e se isso não ocorre, há estagnação; aí a análise pode propor este ou aquele passo e o analisando concordará, mas nada acontecerá.

Os contos de fada "escritos" por um autor não são genuínos, pois até certo ponto contêm o problema deste. Os de Andersen refletem o problema religioso específico de seu país. Ele tinha talento para mostrar o que acontecia por baixo da superfície e produziu contos de fada

quase genuínos, mas era altamente neurótico, nunca se libertou da mãe e nunca se casou. Suas histórias têm uma atmosfera trágica constante: a ligação com a alma não pode ser estabelecida, como de fato não o foi na própria vida de Andersen. Ele não conseguiu se libertar completamente de seu problema pessoal. Ainda que fosse interessante estudá-los, evito os contos de fada poéticos, pois, pelo que pude perceber na prática, nenhum artista consegue se desvincular completamente de seu problema pessoal e isto resulta em uma categoria diferente. No folclore temos a ossatura real que dramatiza um fenómeno mais geral.

O problema no trajeto de retorno é chegar até o problema mais distante do inconsciente: apesar de nesse momento as pessoas insistirem em soluções externas, dizendo que são relevantes — casar ou não, mudar ou não de profissão — este não é o ponto. Temos que tornar consciente o processo inconsciente e não podemos equacioná-lo prematuramente com a situação exterior. Uma pessoa muito racional pressionará para que a interpretação dos sonhos seja precisa e unilateral, ficando chocada se for vaga e permanecer no simbólico. Desejará saber, em poucas palavras, qual o seu significado, pois quer trazer a situação para o domínio intelectual.

Nesse caso devemos insistir em nossa interpretação, deixando a coisa em seu próprio domínio e evitar que sejamos forçados a encontrar soluções exteriores. Dessa forma pode-se alcançar a outra camada e viver nela; mas então surge a "dificuldade do cavalo vermelho" que naturalmente se refere ao fato de que a realidade exterior não mudou, continuando a existir o problema do significado prático. Isto acontece com o analisando estrangeiro que aqui vem e discute a situação familiar, resolvendo-a no nível psicológico; mas depois ele tem que voltar e se pergunta se tudo não irá por água abaixo quando chegar em casa. Entretanto, devido à mudança do paciente a situação é diferente. Às vezes, ao retornar, o analisando diz: "minha mãe deve ter mudado nesse meio tempo", não percebendo que ele pró-

prio mudou e que isto muda toda a situação. A mesma coisa acontece com pessoas que vivem no mesmo lugar, pois uma vez estabelecida a situação artificial surge a dificuldade do retorno — e a questão que se coloca é como estabelecer uma conexão com a vida exterior. Embora seja conveniente olhar a situação psicológica como sendo puramente psicológica, depois de um tempo temos que confrontar as duas e aí se encontra o perigo de surgirem novas crises e novos problemas. Nesta situação específica, no domínio que reflete a situação consciente, a alma é reconhecida apenas como uma imagem, e não como uma realidade viva tridimensional.

Ora, o rei e o Fiel João encontram a realidade viva. Isto significa que a encontram no domínio intermediário, no domínio sem tempo ou espaço do inconsciente; por exemplo, numa situação pessoal, quando um homem não tem relação alguma com os seus níveis mais profundos de sentimento e emoção, a alma para ele não vive, ele tem apenas uma perspectiva ética. Frequentemente encontramos homens que se relacionam com o inconsciente apenas enquanto imagem. Podem aceitar o fato de que o inconsciente está repleto de simbolismo e de temas, mas se tentarmos convencê-los de que isso influencia a vida e age sobre o consciente, que possuem vida própria e que a alma pode adoecer se não agirmos adequadamente, seu racionalismo vem à tona, pois não podem aceitar o fato de que o inconsciente pode lhes causar uma doença ou um acidente. Digamos que uma pessoa numa situação limítrofe ouve vozes. Se dissermos que essas vozes são manifestações do inconsciente, eles aceitarão, pois assim podem fingir que não se trata de um fenômeno patológico peculiar; mas se mencionarmos que essa voz deve ser encarada como uma grande autoridade a ser obedecida, será preciso um acidente ou doença para que aceitem esse fato, o que significa um passo à frente.

Em geral os artistas tendem a aceitar a ideia de que existe um inconsciente que fornece a inspiração que pro-jetam em sua pintura ou seus escritos, mas desconfiam

da análise, alegando que destruiria sua criatividade. O medo real, porém, é o de que poderiam ter que encarar o que pintaram, como uma realidade; eles temem que a estátua de Vénus desça do pedestal e venha abraçá-los. Aham que como foram *eles* que a fizeram, ela não tem o direito de se mexer, pois como obra *sua* não tem o direito de viver e de apreendê-los. Reconhecem a imagem mas não lhe concedem uma realidade viva que poderia irromper em suas vidas. Tudo isso nos dá uma pista para os dados da esta ria. O "problema do retorno" surge quando alguém começa a perguntar como isto ou aquilo se liga com a realidade concreta, com a vida. Aqui a anima foi reconhecida como uma imagem da anima no Teto de Ouro, lá em cima, enquanto o cavalo vermelho é o outro aspecto; a anima existe e exerce uma atração sexual, mas por outro lado representa algo divino. Beatriz de Dante seria a Princesa do Teto de Ouro no extremo superior; no inferior, seria a bruxa dançando com o demónio. Maria, a Santa, e Maria, a prostituta, são ambas imagens da anima. Como prostituta, ela é a atração pelo sexo oposto, a atração emocional, o desejo; no extremo superior, ela é tudo o que Dante diz a respeito de Beatriz. Existe a Vénus *ourania* (Vénus celeste) e a Vénus *pandemos* (Vénus profana), a divina e a vulgar. O símbolo de uma é a pomba e o da outra o pardal. A anima, que contém esta dualidade, não é nem intelectual nem física mas, por sua própria essência, algo entre os opostos. O homem fica dividido entre os dois aspectos, entre a bem conhecida e comum atração pelo sexo oposto e todos os seus mecanismos emocionais, e a experiência interior de ordem mais elevada.

Em sua conferência sobre Gérard de Nerval, Jung conta como este ficou loucamente apaixonado por uma *midinette* parisiense. Queria escrever um poema (como Dante), pois ela parecia uma deusa. Mas o realismo francês e suas ideias um tanto cínicas e vulgares a respeito do amor, ao mesmo tempo se impuseram e assim ele a chamou de "*une personne ordinaire de notre siècle*", não conseguindo compreender o paradoxo de uma mu-

lher comum e mortal poder ser uma deusa. Fez algo à moça — deve ter de algum modo ferido seus sentimentos — mas apenas sugere ter feito algo terrível porque não podia suportar esse paradoxo. Fugiu dela, e em sua obra "Aurélia" descreve um sonho em que vai a um jardim onde havia uma estátua quebrada de mulher: isto é, sua alma se petrificou e ruiu em consequência do que fizera à moça ao fugir.

Uma segunda mulher tentou salvar a situação. Ela achava que o transtorno do escritor se ligava ao caso com a moça e fez os dois se encontrarem novamente; a moça se aproximou, eles se deram as mãos, ele teve um tremendo choque ao perceber a triste reprovação de seus olhos — mas não conseguiram se reconciliar. A moça morreu logo depois e ele se enforcou. Este fato ilustra o caso de alguém que se torna a trágica vítima da própria incapacidade de suportar o aspecto paradoxal da anima: é uma alma viva que habita entre os dois mundos, nem deusa e nem "femme ordinaire"; é uma força viva que surge em diferentes níveis de realidade. Poderíamos dizer que a anima é assim e como tal deve ser encarada, mas um homem replicaria: "muito bem, mas devo ir para a cama com ela ou venerá-la à distância?" — pois a consciência sempre quer rotular as coisas; deveríamos, então, evitar o assunto, sem responder à questão e dizer apenas que ela é um poder vivo que deve ser venerado enquanto tal, e que é preciso esperar para ver que outro aspecto surge. Mas o consciente diz: "Será que telefono para ela ou considero esse caso somente sob o outro aspecto?" Este é o problema racional; a outra situação sempre reaparece porque a consciência diz que deve ser "ou isto ou aquilo"; é aí que as pessoas enlouquecem, porque a situação consciente tornou-se unilateral e impede a aparição do outro aspecto.

Era nossa estória a primeira tentativa de encontrar a anima é feita apropriadamente através dos objetos de ouro. Se o Fiel João tivesse tentado raptá-la, isso não teria funcionado; a aproximação, deveria ser feita através de meios adequados para atrair a sua indiferença,

mas na praia o cavalo vermelho estaria solto e levaria o rei embora: esta é a erupção do impulso sexual instintivo, aqui expresso pela imagem do estábulo, e não do teto de ouro. Naturalmente, apesar de não ser dito na estória, o cavalo vermelho é um aspecto da própria princesa: ela agora constela o mundo subterrâneo animal, mas não devemos ignorar o fato de que é um cavalo; ele não leva o cavaleiro para um pântano, que seria um impulso sexual, mas voa com ele para o ar — uma espécie de Pégaso que leva para longe da terra, da realidade. A paixão física, se de fato conduzida pela alma, não leva à realidade, porque ela é uma imagem e sua qualidade divina conduz à possessão e à irreabilidade. É muito bem conhecido o fato de que casais jovens com uma vida sexual boa ficam completamente fora da realidade, pois sua paixão os carrega para o ar e os afasta da sutil atitude intermediária graças à qual a consciência permanece na terra.

Como o preconceito cristão opõe-se ao pólo instintivo da projeção da alma, a tendência é reforçar a outra direção e tornar-se desumano, como por exemplo o caso de filhas e filhos de pastores, educados muito pudicamente, que acabam se tornando irrealis; é como se fossem levados pelo cavalo vermelho como compensação à indiferença da Princesa do Teto de Ouro. Este perigo surge quando se toca a alma, pois este aspecto pode dominar a pessoa e só uma intervenção brutal será capaz de suprimi-lo. Trata-se aqui de uma situação específica e nesta estória a única solução é matar o cavalo — uma operação radical que na análise corresponderia a dizer: "Isto não entra na questão!" Quem tem que matar o cavalo não é o jovem rei, mas o Fiel João: conseqüentemente, ele representa a função transcendente, o impulso que leva a uma consciência mais elevada. Isto quer dizer que a consciência nada decide; pelo contrário, o próprio inconsciente a detém.

O interessante é que o próprio cavalo carrega a pistola. Freud achava que os impulsos instintivos são unilaterais e que a consciência tem que lidar com eles ou su-

blimá-los; Jung acredita que os impulsos inconscientes contêm em si a possibilidade de seu próprio sacrifício. O capítulo sobre sacrifício em *Symbols of Transformation* (pág. 394 do capítulo 8) explica esse fenómeno. (Quando escreveu isso, Jung separou-se de Freud). Se observarmos a natureza animal, isso parece óbvio, pois os animais não exageram a sexualidade, a alimentação, ou a luta, a não ser sob condições anormais, o que significa que na natureza o impulso instintivo possui seus próprios freios. Os impulsos não se tornam unilaterais: eles contêm a possibilidade interior de serem sacrificados; e o mesmo se aplica aos impulsos humanos, pois eles só são refreados e só se tornam maníacos quando a consciência, em sua unilateralidade diabólica interfere erradamente. Consideremos o filho de um pastor que numa cidade universitária perde os próprios freios, isto é, seu cavalo vermelho desembesta. Se ele não for um intelectual e não tiver tendências neuróticas, depois de um certo tempo ficará cansado desse tipo de vida, preferindo um relacionamento mais estável e tempo para os estudos; a primeira erupção se esgotará. Mas caso se torne um defensor da liberdade sexual, acabará abusando e indo muito além de sua natureza. Tais pessoas talvez compreendam as primeiras indicações de que devem moderar sua sexualidade, mas no entanto persistem, e a natureza poderá, então, torná-las impotentes. Eu já vi isso muitas vezes. É como se o inconsciente dissesse: se você não me ouvir, eu acabo com o cavalo. A sexualidade refreada por si mesma é algo muito violento, e às vezes isso ocorre devido a algum tipo de doença. A análise teria mostrado que a natureza desejava colocar um freio e que a situação pedia um sacrifício que não foi realizado: a premência da individuação através de um sacrifício pode brear o impulso instintivo unilateral que se desvia demais do meio termo.

O instinto tem a mesma natureza que uma reação de "tudo ou nada", devendo a consciência interferir através da adaptação ao uso normal (moderado) do instinto. Além do ângulo sexual, podemos exemplificar também

com a agressão. Geralmente as pessoas muito agressivas batem a própria cabeça contra a parede, conhecendo a repressão desde os tempos de suas experiências infantis com pais e professores. Aprendem a natureza destrutiva da agressão e por isso a reprimem, mas depois a análise mostra que devem liberá-la de alguma forma. Essas pessoas não sabem bater de volta e confessam que se baterem irão longe demais, de modo que preferem não fazer nada e assim naturalmente tornam-se vítimas ressentidas porque vivem abaixo de seu próprio nível, ou então desenvolvem ideias de perseguição. Tais indivíduos precisam aprender a arte de deixar a coisa aparecer conscientemente, pouco a pouco, caso contrário podem se tornar agressivos novamente, perder os limites e daí lamentar, dizendo que não deveriam ter tentado, que a tentativa sempre leva a uma catástrofe. Se destamparmos, a pressão se solta; deixá-la sair aos poucos requer um auto-controle maior do que a reação "de tudo ou nada", pois aí a consciência participa trazendo à tona a quantia certa para um comportamento civilizado, o meio termo entre o tudo ou nada da via instintiva, que se harmoniza com o impulso inconsciente, em direção à individuação.

A grande mãe e a unicidade

No "Fiel João" um assunto permanece misterioso até o fim: porque ele precisava ser petrificado? Pode-se pensar que no fundo existe uma maldição, mas como a resposta só aparece no final, eu gostaria de introduzir outra estória — "Os Dois Irmãos" — na qual a figura responsável é petrificada de forma esclarecedora, bem antes do final.

Se considerarmos o Fiel João como o princípio ou impulso do inconsciente coletivo que visa estabelecer um novo dominante na consciência coletiva, como "o formador do novo rei" e, portanto, o representante da função transcendental do *Self*, parece estranho que justo ele acabe sendo petrificado ao cumprir sua missão. É que se o consciente adotar uma atitude errada, as mensagens do inconsciente, ouvidas ou vistas, não são compreendidas adequadamente, exercendo a consciência sobre elas um efeito petrificador. Se pensarmos no desenvolvimento de nossa civilização cristã, veremos que é típico o fato de a estátua do Fiel João ter sido levada para o quarto pelo rei e pela rainha: a estátua permanece ali como uma figura reprovadora, ficando o rei e a rainha deprimidos e infelizes sempre que olhavam para ela.

Podemos dizer que Freud redescobriu o Fiel João petrificado no quarto de nossa civilização, porque o princípio vivo do inconsciente foi descoberto primeiro como um fato sob a forma de algo petrificado, algo sem vida, ainda não assimilado. Assim, no quarto do rei e da rainha resta um problema não resolvido. O próprio Freud nunca percebeu o princípio vivo e criativo no inconsciente, achando que se tratava de algo sem vida, algo rejeita-

do pelo consciente. Ele foi o primeiro a descobrir que obstáculo se encontrava dentro de nossa civilização, manifestando-se frequentemente no relacionamento entre os sexos, mas não conseguiu ir além da afirmação da existência do obstáculo — ele o viu somente em seu aspecto negativo e destrutivo, como sendo o motivo da tristeza do rei e da rainha. Foi nessa situação que Freud tomou conhecimento desse princípio, e de certa forma foi o que aconteceu ao final da era cristã: descobrimos um princípio que bloqueava o campo sexual.

Jung então descobriu que essa petrificação, esse bloqueio, era a personificação de um princípio dinâmico — um princípio que pode reviver e revelar-se como um princípio religioso vivo, mas para que isso aconteça, a criança deve ser sacrificada. Num certo sentido, o relacionamento entre os sexos é um sismógrafo que indica também perturbações de outra ordem. A maioria das perturbações na vida sexual e no relacionamento entre os sexos, do nosso ponto de vista, não é tanto uma dificuldade em si, mas antes um sinal de um problema muito mais profundo. Por exemplo, em casos de frigidez da mulher, muitas vezes o problema real é de possessão pelo ânimus; se o problema for tratado apenas ao nível sexual, suas raízes mais profundas não serão alcançadas. Todo tipo de perturbação psicológica se revela em problemas de adaptação social, ou na atitude diante da morte, ou em situações tais como a relação sexual, isto é, onde quer que seja necessária uma reação instintiva, pois tais reações requerem o auxílio de modelos arquetípicos vitais e importantes. Existem situações arquetípicas em que o ser humano necessita de sua personalidade total; se ele possuir uma cisão neurótica, ele a revelará em tal situação. O rei e a rainha não conseguem se encontrar totalmente, pois entre eles está a figura petrificada que sempre os observa repreensivamente, causando-lhes tal sentimento de culpa que não conseguem aproveitar a vida juntos.

A petrificação do Fiel João também pode ser percebida sempre que o princípio dominante da consciência

não reconhece o aspecto constantemente mutável do inconsciente, pois essa falta de visão exerce um efeito petrificante no inconsciente, criando um ponto de vista inelástico, rígido. Sempre que teorizamos sobre o inconsciente e tomamos as palavras como mais do que termos descritivos, nós o petrificamos e impedimos que se manifeste como força viva. As diferentes teorias costumam atingi-lo como algo estático, incapaz de manifestar-se por si mesmo.

Em nossa história, o Fiel João pode ser salvo da petrificação, e ele aconselha o rei, na ausência da rainha, a cortar a cabeça dos dois filhos e besuntar a estátua com o sangue, feito o que ele, o Fiel João, reviveria e restauraria a vida das crianças sacrificadas. Estas por certo têm a ver com aquelas atividades conscientes que mantêm o Fiel João petrificado e que deveriam portanto ser eliminadas; mas não devemos esquecer que como se trata de crianças e não de outras figuras, é preciso ver o que elas significam do ponto de vista do rei. A criança é a possibilidade futura do rei e também o que ele mais ama no mundo. A ideia arquetípica do sacrifício é a mesma da história de Abraão e Isaac, pois certamente Abraão teria preferido se matar: o sacrifício de Isaac significa o maior sacrifício possível.

Podemos dizer que nesse momento o Fiel João revela o que realmente é — uma imagem de Deus — pois sabemos que somente a Deus se sacrifica o próprio filho. Por outro lado, a criança sempre tem um significado duplo: mitologicamente ela pode representar o *Self*, e dependendo do contexto e da nuance, a sombra infantil. Naturalmente é a mesma coisa, pois pode-se dizer que a realização do *Self* sempre traz consigo a restauração da ingenuidade, a reação pura e total da criança. Mas a pergunta é: "Será que ainda sou muito infantil ou terei de voltar a ser criança?" Como disse Cristo: "Aquele que não se fizer criança, não entrará no reino dos céus". Primeiro é preciso tornar-se adulto, e depois criança. Às vezes vemos que a civilização cristã preferiu acreditar que se deve permanecer como um pequeno cor-

deiro de Jesus para se atingir o reino dos céus, mas o que é de fato necessário é a restauração da capacidade espontânea de uma reação natural total, apoiada, por assim dizer, no *Seff*.

Nesse contexto temos que reconhecer um aspecto da sombra infantil e perceber que por trás da atitude consciente existe uma atitude imatura e infantil. É uma tendência ou inabilidade de perceber o paradoxo — os opostos — devido ao próprio comportamento consciente, uma tendência à unilateralidade quando, por exemplo, diremos que isto está certo e isto errado; assim a pessoa se mantém infantil e fora do conflito. A dualidade da criança é compreensível tendo-se em vista o duplo aspecto de infantilidade e espontaneidade. Uma análise freudiana tende a matar qualquer tipo de espontaneidade com a ideia de matar a infantilidade: todos os erros e trocas de palavras são vistos como ligados ao complexo de Édipo ou Electra. Essa forma de interpretação pode ser destrutiva, pois ao matar todo e qualquer tipo de comportamento infantil, ela também exorciza qualquer espécie de espontaneidade — e criatividade — levando a atitudes aborrecidas e sem vida, a um tipo de consciência constrangida na qual a pessoa fica eternamente se perguntando se seu comportamento não estaria revelando um complexo de Édipo ou Electra.

Se o conto de fada não tivesse se desenvolvido como aconteceu, a mesma velha situação se repetiria com o rei e um amigo, o mesmo problema continuaria *ad infinitum* — numa continuidade estéril do mesmo conflito. Anteriormente, o rei só tinha expressado os seus desejos: ele queria ver o que existia dentro do quarto trancado, queria ter o original do retrato; e o Fiel João fizera tudo por ele. Mas o rei, em si, nada contribuiu para a realização de sua própria felicidade. Se encararmos a estória sob esse ponto de vista, podemos dizer que ele teve a sorte de poder contar com o velho servo que dirigia sua vida, e que a única coisa que poderia ter feito, isto é, confiar no Fiel João, ele não fez. Talvez isso também tenha sido uma sorte, pois aí ele começa a des-

pertar. Ele se pergunta: "Por que acontecem tais coisas?" E então paga por sua passividade anterior, sacrificando as crianças.

Psicologicamente isto significa o sacrifício do princípio consciente e de si próprio, quer dizer, o sacrifício de sua imaturidade e infantilidade. O ego sempre está às voltas com algum tipo de *nonsense*: desistir do que o ego quer e do que acha certo em função de uma submissão ao que está acontecendo, é que é o grande feito. O ego realmente não sacrifica a si, mas à sua infantilidade. Na verdade este é um sacrifício real, comprovado pelo pavor sentido pelo rei quando fica sabendo que tem que matar seus filhos queridos. Os contos de fada são extraordinariamente econômicos no uso de adjetivos para sentimentos, sendo poucos os comentários psicológicos ou afetivos, mas a estória diz que o rei primeiro se apavorou com o pensamento de matar as crianças mas depois, lembrando a grande lealdade do Fiel João que tinha morrido por ele, apanhou a espada e matou-as. Podemos portanto dizer que o rei progrediu desde a petrificação do Fiel João. Ele deve ter sofrido desde o nascimento das crianças, enquanto a estátua permanecia em seu quarto, pois cada vez que a via, chorava, desejando fazê-la voltar à vida, e provavelmente isso o amadureceu; quando por fim o Fiel João lhe pede o sacrifício, ele está pronto para realizá-lo. Enquanto as crianças crescem, o rei vai se consumindo no sofrimento até que o tempo mágico chega e a estátua fala, e ele conclui que a volta do Fiel João importa mais do que qualquer outra coisa no mundo. Esta conclusão corresponde ao seguinte problema: se alguém perde o contato com o significado do inconsciente, nada mais importa, pois nada, a não ser o contato renovado, pode substituir o que foi perdido.

Enquanto acontecia o sacrifício, a rainha estava na igreja. O rei lhe pergunta o que ela teria feito no seu lugar. Ela aceita o sacrifício. O fato de estar na igreja significa que ela ainda mantinha uma atitude realmente religiosa; aparentemente, para ela, este ainda era um

princípio vivo. (Hoje em dia a frequência às igrejas é noventa por cento de mulheres; o marido fica em casa rumando cachimbo enquanto a esposa vai à igreja, o que mostra o quanto este conto de fada é moderno!) Ela está nos braços da Igreja, a alma é *Christiana*; o problema é da consciência. Se analisarmos o homem moderno que diz não acreditar no dogma cristão, veremos que sua alma ainda vai à igreja porque todas essas figuras do inconsciente ainda recuam no tempo. Nós possuímos todos os níveis dentro de nós mesmos; são figuras que não são tão modernas quanto a consciência; partes de nós se encontram na Idade Média, partes na Antiguidade e partes estão nuas, trepadas nas árvores. Está implícito que a alma não tem o mesmo problema porque está contida no ensinamento da Igreja.

Um outro aspecto desse problema diz respeito ao *rei*: *ele* recebeu tudo do Fiel João, *ele* é que foi presenteado. Naturalmente ele é que tinha de pagar e não a rainha. A estória da rainha é normal e sem dramaticidade; sua vida não está envolvida na mensagem do conto de fada. Geralmente as mulheres não são tão conscientes dos opostos; elas conseguem achar uma saída e por isso, a menos que tenham um complexo paterno e um ânimo muito forte, este problema geralmente não se apresenta com tanta força. Em geral a mulher vive em termos da continuidade da vida e "pouco se importa com os opostos".

Vocês poderiam dizer, por conseguinte, que a mulher contida no homem é a mesma, que a alma está interessada na vida e não no problema do bem e do mal, ou da verdade e seu oposto, o princípio do Logos ao qual o homem é mais dedicado e que torna o problema dos opostos mais agudo. Na civilização judaica não existe nenhuma deusa mulher: a lei estava em Deus; tratava-se de segui-la ou não, e *isto* cria o problema da resposta ética. Na religião grega existem tantas deusas como deuses e o problema ético não é tão agudo porque a alma está voltada para a vida, como acontece com o princípio materno, e o problema dos opostos não é constelado da mes-

ma forma. Voltaremos porém à mulher nas próximas estórias.

Em seguida estudaremos dois contos paralelos, de Grimm: "Os Dois Irmãos" e "As Crianças de Ouro". Em ambas as estórias os pares em questão são do mesmo nível, não existe nem servo nem rei; mas um se casa e o outro permanece uma figura solitária, como aconteceu com o Fiel João. Aqui, quando seria ainda mais provável um duplo casamento, isto não ocorre. Precisamos examinar o que isto significa.

OS DOIS IRMÃOS

Era uma vez dois irmãos, um rico e outro pobre. O irmão rico era ourives e tinha um mau coração; o pobre, que fazia vassouras, era bom e conversador. O irmão pobre tinha dois meninos gémeos tão idênticos como duas gotas de água. Os meninos entravam e saíam da casa do tio rico e às vezes encontravam um resto de comida. Um dia, quando foi à floresta procurar varas para fazer vassouras, o homem pobre viu um pássaro de ouro, mais bonito do que tudo que jamais vira em sua vida. Ele apanhou uma pedra, atirou-a no pássaro e por sorte o atingiu; mas apenas uma pena de ouro caiu no chão. O pássaro fugiu. O homem levou a pena ao irmão, que lhe disse ser de ouro verdadeiro, e lhe deu dinheiro em troca.

No dia seguinte, o fazedor de vassouras subiu numa árvore para cortar umas varas, quando avistou o pássaro voando. Olhando bem, achou um ninho, e dentro dele estava um ovo de ouro. Levou o ovo para casa e mostrou-o ao irmão que mais uma vez confirmou ser de ouro verdadeiro e lhe deu seu valor em dinheiro. Aí o ourives disse que queria o próprio pássaro. O homem pobre foi pela

terceira vez à floresta e novamente viu o pássaro rjousado numa árvore. Atirou-lhe uma pedra, derrubou-o no chão e o levou ao irmão, que fez o mesmo de antes. O homem pobre voltou feliz para casa, imaginando que agora sua situação melhoraria.

Mas o ourives, um homem muito inteligente e esperto, sabia muito bem que tipo de pássaro era aquele. Chamou a esposa e mandou-a assar o pássaro de modo que não perdesse nenhum pedaço, pois queria comê-lo inteirinho. Era um pássaro mágico e quem comesse seu coração e seu fígado acharia todas as manhãs uma peça de ouro debaixo do travesseiro. A esposa preparou o pássaro e o colocou no espeto para assar. Acontece que ela teve que sair da cozinha para fazer outro trabalho e nesse meio tempo os dois filhos do fazedor de vassouras passaram por lá, pararam em frente ao espeto e o giraram várias vezes. Dois pedacinhos caíram na panela e um disse ao outro: "Vamos comer esses dois pedacinhos? Estamos com tanta fome e ninguém vai reparar". A mulher voltou e notando que as crianças estavam mastigando perguntou o que era. "Eram dois pedacinhos que caíram de dentro do pássaro", responderam. "Deve ser o fígado e o coração", disse a mulher apavorada e na mesma hora matou uma galinha e colocou o coração e o fígado dentro do pássaro de ouro, para que seu marido não sentisse falta de nada. Isso feito, ela levou o pássaro assado ao ourives que comeu tudo sozinho, limpando o prato. Na manhã seguinte, quando pôs a mão debaixo do travesseiro, não encontrou nada. As duas crianças não tinham a menor ideia da sorte que lhes coubera. Na manhã seguinte, quando acordaram, alguma coisa caiu no chão e elas viram duas peças de ouro. Levaram-nas ao pai que ficou imaginando como isso tinha acontecido. Mas como isso se repetisse todo dia, ele foi contar ao irmão essa estória estranha. O ourives logo percebeu do que se tratava e, como não tinha bons senti-

mentos, para se vingar disse ao irmão que as crianças tinham aliança com alguma coisa ruim e que por isso não devia ficar com o ouro, nem deixar que elas permanecessem em sua casa por mais tempo, pois o demônio poderia arruiná-lo. O irmão tinha medo do demônio e assim, embora a contra-gosto, levou os dois meninos para a floresta e os abandonou, com o coração pesado.

As crianças tentaram achar o caminho de volta para casa mas não conseguiram. Finalmente encontraram um caçador que lhes perguntou quem eram e elas contaram o que seu pai tinha feito e também falaram a respeito da peça de ouro que encontravam todas as manhãs debaixo do travesseiro. "Isto não é nada mau", disse o caçador, "desde que sejam honestos e não fiquem preguiçosos". Como o bom homem gostou das crianças e não tinha filhos, resolveu levá-las consigo, dizendo que seria um pai para elas. Ensinou os meninos a caçar e guardava o dinheiro para eles, caso precisassem mais tarde.

Quando cresceram, o caçador resolveu testar a pontaria dos meninos mas por muito tempo não apareceu nenhum alvo. Por fim ele avistou alguns gansos selvagens que voando formavam um triângulo; pediu que os meninos acertassem nos gansos laterais, o que fizeram. Depois apareceram mais gansos que voando formavam a figura dois, e novamente os meninos tiveram sucesso, acertando nos gansos das pontas.

O caçador então disse que agora eles eram caçadores treinados. Naquela noite os dois meninos recusaram-se a tocar na comida até o caçador lhes garantir que não recusaria seu pedido: deixá-los partir mundo afora.

Concedido o pedido, no dia combinado o caçador deu a cada um deles uma espingarda e um cachorro, deixando-os levar quanto quisessem do dinheiro economizado. Na hora da partida ele lhes

deu uma faca, dizendo que no caso de se separarem numa encruzilhada, deveriam fincá-la numa árvore; quando um deles voltasse veria como estaria o outro, pois se este tivesse morrido a faca estaria enferrujada do lado correspondente à direção que tivesse tomado, e brilhando se estivesse vivo.

Os dois irmãos entraram numa enorme floresta e como seria impossível sair dali durante o dia, passaram a noite lá e comeram o que tinham no farnel. O mesmo aconteceu no dia seguinte. Como mais nada havia para comer, resolveram caçar alguma coisa e um deles carregou a espingarda. Apareceu uma velha lebre que implorou por sua vida dizendo que em troca lhes daria duas lebres jovens; mas quando apareceram as duas lebrinhas, brincando tão felizes juntas, os irmãos não tiveram coragem de matá-las e estas os seguiram. O mesmo aconteceu com uma raposa, um lobo, um urso e um leão, de modo que no fim os dois caçadores tinham duas lebres, duas raposas, dois lobos, dois ursos e dois leões — e uma fome descomunal. A raposa, então, levou-os a uma aldeia onde compraram comida. Depois de terem alimentado os animais, eles seguiram em frente.

Como não conseguissem arrumar emprego, eles decidiram se separar; dividiram os animais entre si, juraram amor fraterno até a morte, fincaram a faca numa árvore e depois um foi para o leste e o outro para o oeste.

O mais jovem chegou com seus animais a uma cidade coberta de crepe preto. Dirigiu-se a uma hospedaria e perguntou se poderia deixar seus animais ali. O estalajadeiro ofereceu-lhe um estábulo que tinha um buraco na parede, através do qual a lebre passou e trouxe couve, e a raposa uma galinha e um gato; mas o lobo, o urso e o leão eram muito grandes para sair e foram alimentados pelo estalajadeiro. Depois o irmão perguntou por que a cidade estava recoberta de preto e lhe disseram que a filha

do rei ia morrer no dia seguinte, pois seria dada a um dragão que todo ano exigia uma jovem; a princesa era a última moça sobrevivente e se o dragão não a possuísse, destruiria o reino inteiro. Muitos jovens já tinham tentado matar o dragão mas acabaram morrendo e assim, o rei prometeu a mão de sua filha, e o seu reino, a quem matasse o dragão.

Na manhã seguinte o caçador foi ao monte do dragão com seus animais. No altar de uma pequena igreja achou três copos nos quais estava escrito que aquele que bebesse o seu conteúdo seria o homem mais forte do mundo e conseguiria arrancar a espada que estava cravada no limiar da porta. O caçador tentou primeiro puxar a espada, mas só conseguiu depois de beber o conteúdo dos copos. Quando o rei, a princesa e os cortesãos apareceram na montanha e viram o caçador, pensaram que ele fosse o dragão.

A princesa subiu na montanha e encontrou o jovem ao invés do dragão. Ele a confortou e a trancou dentro da igreja. Logo depois apareceu o dragão de sete cabeças, que perguntou ao jovem o que estava fazendo ali. Este respondeu que tinha vindo para lutar com ele. O dragão cuspiu fogo de suas sete bocas para queimar a grama seca e o caçador, mas os animais apagaram o fogo com as patas. Então o dragão avançou, mas o caçador rapidamente cortou três de suas cabeças. Enraivecido, o dragão cuspiu mais fogo em cima do jovem mas este decepou as outras três cabeças e finalmente a última. Isso feito, os animais despedaçaram o resto. Abrindo a porta da igreja, o caçador encontrou a princesa desmaiada de terror no chão. Quando esta voltou a si, ele lhe mostrou os restos do dragão e disse que agora ela estava livre. Ela ficou muito feliz, dizendo que agora ele deveria tornar-se seu marido, como seu pai tinha prometido. Tirou, então, um colar de coral que usava no pescoço e o dividiu entre os animais como recompensa; entre-

gou seu lenço ao rapaz; este cortou as sete línguas das sete cabeças do dragão e as embrulhou no lenço.

Como estivesse muito cansado por causa da luta, ele propôs que dormissem um pouco, dizendo ao leão que vigiasse enquanto dormiam. Mas o leão pediu para o urso vigiar, o urso pediu ao lobo, o lobo à raposa e a raposa à lebre. Como a coitada da lebre também estava cansada e não tinha a quem pedir para vigiar, caiu no sono como todo mundo.

Mas o chefe da guarda tudo observava de longe e quando viu o que tinha acontecido, sendo um homem mau, pegou a espada e cortou a cabeça do caçador, agarrou a moça e a trouxe montanha abaixo. Ela acordou apavorada e o chefe da guarda lhe disse que agora estava em seu poder, devendo dizer que ele é que tinha matado o dragão. Como ela recusasse, ele a ameaçou de morte e assim ela prometeu dizer o que o chefe da guarda queria. Este levou-a para casa dizendo que tinha matado o dragão e exigiu que a princesa se casasse com ele. O rei perguntou à moça se era verdade e ela respondeu: "Ah sim, deve ser verdade mas o casamento não se deve realizar a não ser daqui a um ano e um dia" — pois nesse meio tempo achava que poderia ter notícias de seu querido caçador.

Enquanto isso os animais ainda dormiam. Por três vezes uma abelha sentou no nariz da lebre e na terceira a despertou com uma picada. A lebre então acordou os outros animais e quando o leão viu que a moça não estava mais ali e que o jovem estava morto, perguntou rugindo: "Quem fez isto?" Todos se culparam mutuamente por não terem acordado e como só a coitada da lebre não tinha ninguém para culpar, acabou levando toda a culpa. Para salvar a pele, ela disse que conhecia uma raiz que curaria qualquer doença e em vinte e quatro horas trouxe a raiz de muito longe. O leão colocou a cabeça do rapaz novamente no lugar (de trás para frente) e quando este viu que a princesa não

estava mais ali pensou que ela o tivesse abandonado. Ao meio dia, quando quis comer, reparou que a sua cabeça estava ao contrário e daí perguntou o que tinha acontecido. Então mais uma vez o leão tirou sua cabeça e a recolocou do lado certo e a lebre curou a ferida.

O triste caçador perambulou de cidade em cidade fazendo seus animais dançarem, até que um ano depois chegou a uma cidade toda coberta de vermelho. Quando perguntou por que, disseram-lhe que a filha do rei ia se casar com o chefe da guarda que a tinha salvo e matado o dragão. Aí todos os animais tiveram que ajudar. A lebre teve que pegar pão da mesa do rei, a raposa um pedaço de carne assada, o lobo as verduras, o leão o vinho e o urso os doces; cada vez que um animal ia pedir algo à princesa ela o reconhecia pelo coral no pescoço e lhe dava o que pedia. O caçador e os animais comeram juntos e ficaram felizes pois o caçador percebeu que a princesa o amava.

Então o próprio caçador foi à corte levando consigo o lenço da princesa com as sete línguas do dragão, pois o rei tinha mandado alguém apanhá-lo, uma vez que a princesa se recusava a falar a respeito dos cinco animais que a tinham procurado no palácio e depois ido embora. Mas o caçador primeiro pediu ao rei que lhe mandasse roupas reais, uma carruagem com seis cavalos e servos. A princesa disse ao rei que fizesse o que o caçador pedia. E o rei foi-se encontrar com o caçador e seus animais e este sentou-se entre o rei e a princesa, em frente ao chefe da guarda que de nada suspeitava. Então trouxeram as sete cabeças do dragão e o rei disse que sua filha casaria com o chefe da guarda porque este tinha matado o dragão. Mas o caçador abriu a boca de cada uma das sete cabeças e perguntou: "Onde estão as línguas?" Aí o chefe da guarda empalideceu, dizendo que os dragões não têm línguas. O caçador respondeu que os mentirosos não deve-

riam ter línguas e que as do dragão eram o sinal do vencedor. Daí ele desdobrou o lenço e colocou cada língua na sua respectiva boca; exibindo à princesa seu nome bordado no lenço, perguntou-lhe a quem o tinha dado e ela respondeu: "Ao homem que matou o dragão". Aí ele chamou seus animais, tirou o colar de coral de cada um deles e mostrando-os à princesa perguntou-lhe a quem pertenciam. Ela contou o que tinha acontecido. E então o caçador explicou que enquanto dormia, devido ao cansaço da luta, o chefe da guarda cortara-lhe a cabeça e levava consigo a filha do rei, fingindo ter matado o dragão. E a princesa disse que como a verdade tinha surgido, sem sua intervenção, ela a confirmava, apesar de ter prometido ao chefe da guarda que nada diria.

Assim o chefe da guarda acabou despedaçado por quatro touros, o casamento foi celebrado e todo mundo ficou feliz. Mas um dia o caçador, agora rei, quis caçar. Ele perseguiu uma corça branca tão longe, floresta a dentro, que acabou se perdendo. Aí resolveu fazer uma fogueira, rodeado pelos seus animais, e preparou-se para passar a noite na floresta. Nesse momento começou a ouvir vozes que vinham de uma árvore e viu uma velha sentada acima dele, gemendo de frio. Ele lhe sugeriu que descesse para se esquentar mas, com medo dos animais, ela lhe jogou uma vara, pedindo para o caçador tocar os animais com a vara, pois assim eles não a machucariam. Assim ele fez e os animais viraram pedra; e quando desceu da árvore ela o transformou também em pedra.

Quando o outro irmão foi ver a faca, notou que ela estava meio enferrujada de um lado e logo percebeu que alguma desgraça tinha acontecido ao irmão. Quando chegou aos portões da cidade, os guardas perguntaram se deviam anunciá-lo; achou que o tinham tomado pelo irmão e que deveria aceitar o fato, pois assim poderia ajudá-lo melhor. As-

sim, foi levado ao palácio e todo mundo, inclusive a princesa, pensou que ele fosse o rei verdadeiro. Teve que explicar que tinha se perdido na floresta. De noite, ao ser conduzido à cama real, colocou uma espada entre si e a princesa, que não sabendo o que isso significava não ousou lhe perguntar.

Depois de alguns dias, quando o irmão ficou sabendo tudo o que queria, anunciou que ia caçar de novo. Todos tentaram dissuadi-lo de tal ideia mas ele insistiu. Outra vez surgiu uma corça branca. Mais tarde, como seu irmão, fez uma fogueira. A mesma velha bruxa estava sentada na árvore, mas quando ela lhe jogou a vara, ele se recusou a tocar os animais com ela, dizendo para a velha descer ou a arrancaria dali. Aí ele atirou, mas ela era invulnerável a esse tipo de ataque. Então ele atirou com três botões de prata do casaco e daí ela caiu no chão com um berro. Ele pôs o pé em seu pescoço e ameaçou lançá-la ao fogo se não contasse onde estava seu irmão com seus animais. Ela contou que eles estavam petrificados dentro de uma vala. Ele forçou a velha a levá-lo ao lugar em que estavam e libertá-los, sob a ameaça de queimá-la na fogueira. Assim o irmão, os animais e muitas outras pessoas voltaram à vida. Então eles amarraram a bruxa e a queimaram, a partir do que toda a floresta se iluminou e eles puderam ver o palácio real a três horas de distância de onde estavam.

Enquanto seguiam de volta ao palácio, o irmão contou ao rei que tinha sido tomado por ele, que tinha comido e bebido como se fosse o rei e inclusive dormido em sua cama. Quando o rei ouviu isso ficou tão furioso e com tanto ciúme que cortou a cabeça do irmão. Logo arrependeu-se, porém, e começou a chorar. A lebre saiu correndo para buscar novamente a raiz e curar o caçador, que nada percebeu de sua ferida. Então os dois entraram separadamente na cidade, por dois lados diferentes, de modo que cada guarda do portão anun-

ciou ao velho rei a chegada do novo. O rei sabia que os portões estavam a uma hora um do outro e que isso era impossível. Quando os dois irmãos apareceram, o rei perguntou à filha qual era seu marido, o que ela pôde responder graças ao colar de corral que os animais do rei usavam. Quando foram dormir, naquela noite, a rainha perguntou ao rei por que tinha colocado uma espada entre eles na noite anterior, pois ela tinha pensado que ele queria matá-la. E foi assim que o rei ficou sabendo que seu irmão lhe tinha sido fiel.

AS CRIANÇAS DE OURO

Um homem e uma mulher pobres nada possuíam a não ser um casebre e a pouca comida que conseguiam pescando. Acontece que um dia, sentado à beira da água, o homem jogou a rede e pescou um peixe de ouro. Admirado, olhava o peixe, quando este começou a falar: "Escute, pescador, se você me atirar na água novamente, eu transformarei seu casebre num lindo castelo". Mas o pescador respondeu: "De que me adiantaria isto se eu não tenho nada para comer?" O peixe então lhe disse que não se preocupasse, pois o castelo teria um armário cujas gavetas estariam repletas de uma comida maravilhosa, tanta quanto quisesse. "Se é assim", disse o homem, "certamente poderei fazer-lhe esse favor". "Sim", disse o peixe, "mas com a condição de não contar a absolutamente ninguém, seja quem for, como surgiu a sua sorte; se disser uma única palavra, você perderá tudo".

Assim o homem atirou o peixe de volta na água e foi para casa. Chegando lá, no lugar de seu casebre havia um enorme castelo. Admirado, entrou e encontrou a esposa com lindas roupas, sen-

tada num belo salão. Ela estava encantada e perguntou: "Marido, como isto aconteceu? Estou muito contente com tudo isso!" "Sim", respondeu o homem, "eu também gostei mas estou com muita fome, arranje algo para eu comer". A mulher então respondeu: "Eu não tenho nada e não sei fazer coisa alguma nesta nova casa". "Não tem importância", respondeu o homem, "lá em frente está um grande armário, abra-o". No armário havia bolos, carne, frutas e vinho. Encantados, eles se sentaram, comeram e beberam. Quando já estavam satisfeitos, a mulher falou: "Mas de onde surgiram todas essas riquezas?" "Ah", respondeu ele, "não me pergunte, pois eu não posso contar; se eu contar a alguém, a sorte acabará". "Bom", disse ela, "se eu não devo saber, não se fala mais nisso". Mas não era isso o que ela pensava, pois dia e noite se atormentava e amolava tanto o marido que este, numa explosão de impaciência, deixou escapar que tudo acontecera graças ao mágico peixe de ouro que ele tinha pescado e depois soltado de novo na água. No momento em que dizia essas palavras, o belo castelo com seu armário desaparecia e eles se viram de volta no velho casebre de pescador.

Assim o homem teve que começar tudo de novo. Como teve sorte acabou pescando outra vez o peixe de ouro, o qual lhe pediu a liberdade em troca do castelo com o armário cheio de comida, mas desta vez o pescador deveria ser forte e não contar para ninguém. Mas tudo aconteceu como antes. A mulher disse que preferia não ter essas riquezas se não pudesse saber de onde vinham, pois assim não teria paz.

Novamente o homem foi pescar e pela terceira vez pegou o peixe de ouro. "Escute", disse o peixe, "veja que todas as vezes caio em suas mãos, de modo que leve-me para a sua casa e corte-me em seis pedaços. Dê dois para sua esposa comer, dois

para o seu cavalo e ponha dois no chão, assim você receberá uma graça". O homem assim fez: dos dois pedaços colocados no chão nasceram dois lírios de ouro, do cavalo dois potrinhos de ouro, e a mulher do pescador deu à luz duas crianças de ouro.

As crianças cresceram bonitas e fortes, assim como os lírios e os potrinhos. Um dia as crianças disseram que gostariam de sair pelo mundo nos dois cavalos de ouro. Mas o pai disse que não aguentaria ficar longe dos filhos sem saber o que lhes acontecia. Eles responderam que os lírios de ouro ficariam ali e lhe contariam como estavam, pois se os lírios permanecessem viçosos, eles estariam bem, se murchassem estariam doentes, e se morressem é porque eles tinham morrido. Assim eles partiram e chegaram a uma estalagem cheia de gente. Quando as pessoas viram as duas crianças de ouro começaram a rir e a caçoar delas. Um dos meninos ficou tão envergonhado que desistiu de sair pelo mundo, voltando à casa de seu pai. O outro seguiu em frente, chegando a uma imensa floresta; quando quis entrar, as pessoas disseram que não devia, pois a floresta estava repleta de bandidos que o machucariam e provavelmente o matariam quando vissem que ele e seu cavalo eram de ouro. Mas ele não se amedrontou e insistiu em entrar. Pegou uma pele de urso, cobriu o cavalo e a si mesmo com ela, e assim entrou na floresta. Depois de ter andado um pouquinho começou a ouvir barulho e som de vozes nos arbustos. Até que ouviu um grito: "Aí vai um", mas outro respondeu: "Deixe-o ir, a única coisa que tem é uma pele de urso e deve ser tão pobre quanto um rato de igreja. O que faríamos com ele?" Assim a criança de ouro cavalgou feliz através da floresta.

Um dia chegando a uma aldeia, avistou uma menina tão linda que pensou ser a mais bonita do mundo. Ficou tão apaixonado que foi até ela e disse: "Eu a amo de todo o coração, você se casará

comigo?" Como a moça também gostara dele, aceitou o seu pedido e disse que seria sua esposa fiel enquanto vivesse. Assim eles se casaram e foram felizes juntos. Mas quando o pai da noiva chegou em casa e viu que sua filha tinha se casado, ficou muito surpreso e perguntou quem era o noivo. Ela lhe mostrou a criança de ouro que, porém, ainda usava a pele de urso. Aí o pai ficou furioso, dizendo que sua filha jamais se casaria com um homem vestido com uma pele de urso. Ele queria matar o noivo. Entretanto, quando a noiva disse que ele era o seu marido e que o amava, o pai se aquietou. Mas, incapaz de suportar tal ideia, levantou-se cedo na manhã seguinte para ver se seu genro era um mendigo ordinário. Quando olhou, viu um belo homem de ouro deitado na cama e a pele de urso no chão. Daí foi embora pensando o quanto tinha sido bom ter controlado sua raiva, pois caso contrário teria cometido um enorme crime.

A criança de ouro sonhou que tinha caçado um belo veado e quando acordou de manhã falou à esposa que gostaria de ir caçar. Mas ela ficou com medo e implorou que não fosse, pois poderia facilmente encontrar a desgraça; mas ele insistiu, levantou-se, foi para a floresta e pouco depois avistou um lindo veado parado à sua frente, exatamente como no seu sonho. Ele quis atirar mas o veado fugiu. Perseguiu-o por entre os arbustos e valas durante o dia inteiro mas à noite o veado desapareceu. Quando a criança de ouro olhou à sua volta avistou uma casinha — e nela estava uma bruxa. Bateu na porta e uma velha atendeu, perguntando o que ele queria tão tarde, no meio da floresta. Ele lhe perguntou se ela tinha visto um veado. "Sim", respondeu, "eu conheço bem o veado". Então, um cachorrinho, que nana saía da casa junto com a velha, começou a latir para a criança, furiosamente, e a criança disse: "Fique quieto, seu idiota, ou eu o matarei!" "O quê!", disse a velha bruxa furiosa,

"você mataria meu pequeno cão?" E ela transformou a criança em pedra, e sua noiva ficou esperando em vão, pensando que, como temia, algo ruim lhe acontecera.

Em casa, o outro irmão foi olhar os lírios de ouro quando de repente um deles caiu. "Ah", pensou, "alguma coisa aconteceu ao meu irmão; preciso ir, talvez possa salvá-lo".

O pai entretanto achou melhor que ficasse em casa, pois se o perdesse também, o que seria dele? Mas o outro insistiu e foi-se em seu cavalo de ouro. Chegou à grande floresta onde o irmão estava petrificado. A velha bruxa veio para fora e quis tentá-lo, mas ele não se aproximou dela. Ao invés disso, disse que a mataria se não fizesse o irmão voltar à vida. Sem querer, ela tocou a pedra com o dedo e, imediatamente, ele voltou à vida. Os dois irmãos ficaram felizes vendo-se juntos novamente e cavalgaram para fora da floresta. Um foi para a casa da esposa e o outro para a casa do pai. O pai disse que ficou logo sabendo que um filho tinha salvado o outro pois de repente o lírio ficara em pé e florira outra vez. Assim eles todos viveram felizes, juntos até o fim de suas vidas.

Usaremos essas histórias somente para tornar mais compreensível o conto do Fiel João e o problema da sombra. Temos aqui o tema interessante do pássaro (ou peixe) de ouro, responsável pelo nascimento dos irmãos ou pela transformação deles em figuras mágicas. O pássaro (ou peixe) é um princípio único e não uma dualidade, um símbolo genuíno do *Self* que vem das profundezas do inconsciente, uma espécie de ideia intuitiva de totalidade, responsável pela situação dual do mundo consciente.

O princípio do mal na história do Fiel João aparece apenas como pano de fundo: é o veneno da Princesa do Teto de Ouro, que o Fiel João tem de chupar e cuspir fora. O velho rei nessa história morre sem tramar difícil-

dades ulteriores, mas o mal é tão ativo que, no final, o Fiel João fica petrificado; na estória do sapateiro e do alfaiate, no fim o primeiro é descartado — ele é rejeitado e vai parar sob as forças; já na estória do Fiel João o mal está no veneno e age como uma maldição. Escolhi portanto outra estória onde o mal está personificado numa bruxa.

Comparando as estórias e examinando o símbolo da bruxa, devemos perguntar como e por que essa velha é responsável pela destruição de um princípio. É fácil acreditar que o inconsciente não consegue se manifestar quando o mal vem de uma atitude errada da consciência: é isto que dizemos às pessoas o tempo todo — que elas adotam uma atitude errada em seu consciente e que por isso o inconsciente não consegue agir de forma útil, sendo reduzido à inatividade; o inconsciente, reduzido à mais completa inatividade, só pode produzir sentimentos de culpa e sintomas neuróticos. Mas se olharmos a situação mais de perto, veremos que ela é mais complicada: como vimos na estória das crianças de ouro, o mal não vem do princípio da consciência, mas de um arquétipo negligenciado do inconsciente, a bruxa.

A bruxa é uma figura arquetípica da Grande Mãe. Ela é a Deusa-Mãe negligenciada, a Deusa da terra, a Deusa-Mãe em seu aspecto destrutivo. A Deusa-Mãe egípcia, Ísis, é chamada a grande mágica e a grande bruxa: quando irada, é a bruxa, e quando benevolente, a mãe redentora que tudo concede e dá à luz os Deuses. Nessa figura temos os dois aspectos do arquétipo da mãe, pois ela possui um lado luminoso e um lado sombrio — a bruxa e a benevolente e maternal. Kali também pode surgir como a doadora da vida ou a portadora de uma grande destruição.

Nos contos de fada influenciados principalmente pela civilização cristã, o arquétipo da Grande Mãe, como todos os demais, se divide em dois aspectos. A Virgem Maria, por exemplo, é destituída de seu lado sombrio e representa apenas o lado luminoso da imagem da mãe; consequentemente, como aponta Jung, o momento em

que a figura da Virgem Maria se torna mais importante corresponde à época das perseguições às bruxas. Como o símbolo da Grande Mãe era muito unilateral, o lado sombrio foi projetado na mulher, o que deu vazão às perseguições das bruxas; como a sombra da Grande Mãe não estava contida no culto oficial do símbolo da Deusa, a figura da mãe dividiu-se em mãe positiva e em bruxa destrutiva. Nos contos de fada surgem inumeráveis bruxas e até a Grande Mãe frequentemente aparece, como provou Albert Dietrich em seu livro *Mutter Erde*. Por exemplo, existe a figura da avó* do demónio — ou *grande* mãe; nos contos de fada o demónio convive portanto com a velha, isto é, sua própria mãe, a Grande Mãe Terra.

Existe o mesmo problema por detrás da popularidade das Madonas Pretas, pois elas também têm algo a ver com a Deusa negra ísis. A lenda sobre a Madona Preta de Einsiedeln** afirma que uma vez o mosteiro foi queimado e, desde então, a estátua da Madona ficou preta. Mas pode-se perceber que não se trata disso: ela é preta, e é preta porque assim é mais potente, mais mágica e efetiva do que se fosse apenas uma mulher branca comum. Aqui o arquétipo da Grande Mãe Terra entra pela porta dos fundos, pois quando excluído pelo ensino dogmático, ele necessariamente reaparece por trás. Desprezado pela consciência coletiva dominante, o arquétipo aqui faz algo horrível pois a bruxa não ataca o rei diretamente, mas atinge uma outra figura, ou seja, o Fiel João. O Fiel João é atacado pelo mal e então o rei é atingido secundariamente, pois tem que sacrificar os filhos. Trata-se porém de um acontecimento arquetípico característico que se deve ter em mente no tratamento de casos individuais: quando os complexos neuróticos no indivíduo não são simples e algo é rejeitado no inconsciente, a perturbação dá uma volta e o que foi rejeitado fere alguma outra coisa.

Um homem com um complexo materno negativo é preso por uma ambição tremenda, mas meio inconscien-

* *Grandmother* no original

* Antigo mosteiro nas cercanias de Zurique (N. dos Revisores).

te, e por um desejo de poder que aparentemente o fazem ter sucesso na vida — mas ele tem um vago sentimento de que algo está errado, principalmente em seu relacionamento com as mulheres. Na análise descobrimos que o desejo de poder se instala como um animal ruim em sua sexualidade; no inconsciente ele prejudica o instinto sexual, mas não diretamente a consciência. Através da análise dos sonhos, vemos que existem dois fatores que colidem no inconsciente, pois no sonho os dois princípios inconscientes lutam e sentimos que a consciência não pode ser responsabilizada; mas ela é responsável indiretamente, pois a batalha existe no inconsciente devido a uma determinada atitude errada.

No campo da consciência as pessoas têm um conflito indireto: dizem que querem se casar mas nunca têm sorte, algo no inconsciente as retém. Dizem que não são projeções suas mas que alguma coisa dá errado, e não sabem por quê. Então podemos ver que Eros é atacado por outro fator inconsciente e que a destruição continua de maneira mecânica no inconsciente, sendo a consciência apenas indiretamente responsável; em consequência, temos que fazer um desvio e seguir os sonhos. Numa tal situação, a consciência não fez nada de mau explicitamente — o velho rei nunca feriu o Fiel João mas sempre o tratou bem — não obstante é óbvio que alguma força foi negligenciada no reino, atingindo primeiro o Fiel João e depois o jovem rei.

Surge assim a situação dupla. E na estória das crianças de ouro vemos que é o arquétipo da Grande Mãe que se vinga, atacando a função transcendental, o processo de tornar-se consciente, de desenvolver-se em direção a individuação; e isto é pior do que se atacasse a parte consciente diretamente.

A teoria da repressão nem sempre funciona; frequentemente, a omissão, ou a inconsciência de um fator, exerce um efeito direto destrutivo sobre todo o processo de individuação. Por outro lado, podemos dizer que na pior neurose o ponto culminante é também a ocasião da cura.

Devemos procurar o fato curador no ponto crítico porque aí se assenta não só o problema mas também o impulso de individuação. Pode ser que o arquétipo da mãe receba um golpe, mas mesmo que isto aconteça, acontece através do *Self*. O arquétipo negligenciado da mãe na civilização cristã destrói todo o processo de individuação, devendo o problema ser rediscutido a partir desse ângulo.

A estória das crianças de ouro indica outro problema. Na estória anterior temos as figuras do novo rei e do Fiel João, mas agora trata-se de irmãos, do mesmo nível e idade. Aqui se encontra o novo princípio da consciência em formação e o impulso de individuação que permanece por detrás do novo símbolo. Novamente eles são a sombra um do outro (não podemos esquecer que a sombra é apenas relativa), mas neste caso figuras gêmeas, caracterizadas de duas maneiras, pois uma fica em casa, aborrecida com a estupidez do mundo, e a outra sai mundo afora. Existem estórias similares no Antigo Egito: os irmãos Anub e Bata têm o mesmo destino, um cai no mundo e o outro é eremita. O gêmeo que sai pelo mundo se casa, pois ele é essa parte da consciência que tende em direção a viver a vida e a envolver-se nela. E como a alma é a grande enredadora, ou Maya, que o põe em contato com o bem e o mal, naturalmente ele deve ser aquele que se casa com a princesa e cai por causa do mal escondido atrás da alma, a deusa da vida e da morte, a bruxa, a tendência de se envolver no processo de vida e morte. Ele se arrisca na vida, condição para se tornar consciente.

Ao analisar pessoas mais idosas, que fugiram da vida, é que nos damos conta de quanto uma vida não vivida mutila a possibilidade da tomada de consciência, vemos que o fato de não ter vivido e se arriscado, enfrentando conflitos sem esperança, é realmente uma mutilação da possibilidade de individuação. Por outro lado, aquele que se atira no conflito, e tenta atravessar a vida, acaba petrificado; é petrificado, num sentido mais profundo, pelo próprio princípio de vida, a Grande Mãe,

pois ela se torna o princípio portador da morte. Assim, só aquele que assume o risco é petrificado — e nesse momento, aquele que permaneceu fora da vida, não se envolvendo física ou espiritualmente no processo da vida, é que é o grande redentor que pode acabar com a bruxa, que consegue enxergar através dela, eliminando sua destrutividade, a destrutividade da alma.

Sob a luz de nossa civilização isto aconteceu da seguinte maneira: a civilização cristã, comparada com a oriental, é relativamente extrovertida, razão pela qual o simbolismo oficial envolve o irmão que se casa. No capítulo sobre o rei e a rainha em *Mysterium Coniunctionis*, Jung discute o texto de um alquimista inglês do século XV (Ripley), no qual aparece primeiro uma genuína união entre rei e rainha, da qual nasce o "filius philosophorum", a pedra filosofal; mas como era clérigo, Ripley apresenta então uma segunda *coniunctio* incomum. Jung diz que Ripley introduz essa segunda *coniunctio* porque tinha em mente o casamento do cordeiro com a Igreja, o que revela a divergência existente entre o arquétipo alquímico e o simbolismo cristão. É difícil entender, depois da primeira *coniunctio* (a união do princípio consciente com o inconsciente), por que deve ocorrer uma segunda união, a menos que se considere que o novo dominante da consciência tem que se unir ao *Corpus Mysticum* da humanidade, ou à Ecclesia-Luna.

O alquimista solitário não dispõe do tema do casamento do cordeiro porque neste está contida a ideia do sacrifício final do rei — ideia que falta na alquimia. A pedra filosofal alquímica é uma ideia de eremita, é o objetivo do indivíduo solitário. A pedra representa a união dos opostos, o masculino e feminino interiores. Mas para a comunidade, a pedra não pertence a ninguém; é como o tesouro no campo que o homem descobre e esconde de novo. Assim, a pérola única e maravilhosa, a pedra do filósofo, permanece um magnífico segredo do indivíduo, embora os antigos mestres dissessem que não o escondiam. O fato de a pedra ser ou não mantida em segredo pode ser explicado desta forma:

existem dois opostos nos quais culmina o processo da individuação. Quando se elabora um novo símbolo divino durante o processo, a divindade ou é sacrificada para fortalecer a comunidade ou mantida secreta dentro do indivíduo.

Se Jung tivesse fundado uma seita de junguianos, então poderíamos dizer que o rei foi sacrificado numa segunda *coniunctio*. Tal eventualidade teria estabelecido uma nova comunidade e revitalizado uma organização, como faziam os clubes místicos secretos. Essa possibilidade coloca um problema urgente. As pessoas dizem: "O que você está fazendo é maravilhoso, mas que significado concreto tem isto em relação à Europa? Em que termos isto ajuda nossa situação e nosso tempo? Isso pode ser bom para o indivíduo isolado, mas algo deve ser feito para melhorar a situação das massas". As pessoas nos pedem uma receita coletiva, de fácil compreensão, para alimentar as massas e salvar a civilização cristã. Mas o segundo casamento mataria o símbolo original, pois nesse caso o símbolo esotérico se casa com a comunidade. Esta era a ideia cristã: Cristo se casou com a Igreja e assim permanece até o final dos tempos — deste modo, em última análise, o processo de individuação é sacrificado para o estabelecimento de uma nova comunidade. A ideia oposta — de que o símbolo encontrado é novamente escondido, não se casando com este mundo, nem com a comunidade, mas continuando o segredo da pessoa solitária, do alquimista-eremita, é cripti-camente representada no Mundaka Upanishad:

Dois pássaros, amigos inseparáveis,
Moram na mesma árvore.
Um come seus frutos,
O outro observa em silêncio
[não entra na realidade].

Num mito havaiano um homem (paralelo ao nosso Adão) vivia inteiro no Além e um dia foi chamado à terra; porém somente uma metade sua desceu, e é por isso que o Adão dessa civilização é chamado de meio-

-homem. No fim do mundo, o mito assegura, ele encontrará a outra metade. Em muitas civilizações primitivas acredita-se que cada recém-nascido tem um irmão gêmeo, sua placenta. Ao invés de entrar no mundo, esse gêmeo é dissecado e enrolado no pescoço; no momento da morte as duas metades se encontram. O Upanishad continua:

Sob essa mesma árvore senta-se
o homem aflito e submerso,
emaranhado em sua própria impotência.
Mas quando conhece o poder
e a glória do Senhor
sua dor se esvai.
Quando alguém enxerga o criador
e o senhor [do mundo] na sua glória,
como a Pessoa que tem sua fonte no Brahma
então é sábio e se desfaz do bem e do mal,
alcançando a mais alta unidade,
livre das paixões.

Nos Suetâs Vatara-Upanishad lê-se:

Existe um ser (fêmea) não nascido,
vermelho, branco e preto, uniforme,
mas que produz inúmeros descendentes. Existe
um ser não nascido (macho) que a ama e deita ao
seu lado; há um outro que a deixa (a espada que
o irmão coloca entre si e a cunhada) enquanto ela
come o que tem de ser comido.

Na vida se come o que tem de ser comido. Todas essas citações são amplificadas no Maitraya-Brahmana-Upanishad:

Aquele que vê isto não vê a morte, nem a doença, nem a miséria, pois vendo isto, ele vê tudo [objetivamente, não como algo que o atinge

subjetivamente]; ele se torna
tudo em todos os lugares [ele se
torna Brahma].

Alguns têm o olho aberto, outros
vivem como que dormindo, outros
dormem profundamente, e outros
estão além do sono.

Essas são as quatro condições [do *Self*] e
a quarta é a maior de todas.

Brahma com um pé está na terceira,
e Brahma com três pés está na última.

Isto quer dizer que ambos, o verdadeiro [na quarta
condição] e o não verdadeiro [nas três condições] podem ter seu
mérito, que o Grande *Self* [parece] tornar-se dois, sim, que ele
[*parece*] tornar-se dois.

Assim, esses dois irmãos no conto de fada são figurações
desses dois aspectos *aparentes* do *Self*. Secretamente eles são um
só, como as crianças de ouro em nossa estória, que são da mesma
carne de um único peixe. O conflito existe enquanto existe
consciência, e na medida em que a consciência existe, o conflito é
inevitável — mas, é um conflito *aparente*. Devemos nos lembrar
de sua unicidade secreta e de tudo o que ela implica:

Dois pássaros, amigos inseparáveis,
Moram na mesma árvore.
Um come seus frutos,
o outro observa em silêncio.

SEGUNDA PARTE

**LIDANDO COM O MAL NOS
CONTOS DE FADA**

1

Níveis primitivos do mal

Sem tentar provar novamente, tomarei como ponto de partida o fato de que os contos de fada refletem um material coletivo inconsciente — o que nos leva, antes de entrarmos em detalhes, a uma questão geral suplementar: tratando-se de um material do inconsciente coletivo, existirão nos contos de fada problemas éticos? Caso existam, isto significa que o inconsciente tem traços ou tendências éticas moralistas, o que não se pode afirmar de saída. Antes de entrarmos nesse assunto, seria melhor olhar primeiro para o material inconsciente pessoal e coletivo observável no indivíduo, pois aí se encontram todas as informações: e para isso posso lhes indicar o artigo de Jung intitulado "A Consciência". Não sei se já foi traduzido para o português mas ele apareceu em alemão na série *Studien des C. G. Jung Institui* es como "Das Gewissen"; em seu último artigo, Jung discute seu ponto de vista a respeito da consciência. Ele levanta a mesma questão que lhes apresentei e responde dizendo que certamente, a sociedade humana, como um todo, revela uma tendência basicamente ética. Exceto em poucos casos anormais, pode-se supor que em qualquer lugar, em cada nação, a psique humana inclui, em sua estrutura, uma certa predisposição que Jung chama de reação ética do homem frente às suas próprias ações. O homem não é indiferente, mas em toda parte tende a um juízo de valor com relação às suas próprias atividades e motivos. Tal juízo pode diferir de uma nação a outra, mas o fato de se ter tal reação de sentimento é um traço humano geral. Entretanto, uma análise mais

detalhada revela a existência de uma separação entre as motivações do inconsciente, e a super-estrutura consciente das reflexões, dos pensamentos conscientes a respeito dos próprios motivos e dos juízos subjetivos de valor. Assim, a consciência, quando analisada em detalhes nos seres humanos, é um fenômeno muito complexo que levou à questão universal conhecida pelos teólogos como o problema do erro com consciência pesada e o erro sem problemas de consciência, com todas as falsificações da consciência e sentimentos de pseudo-culpa. Outros observadores acham que todas essas complicações não são problemas de culpa, pois essa situação complexa de uma parte inconsciente, e uma consciente, já existia na estrutura básica do fenômeno como um todo.

Jung então discute em extensão o problema do conceito freudiano de super-ego, isto é, a explicação freudiana a respeito de sentimentos de culpa, consciência pesada e tendências éticas no homem. Jung descobre que isto coincide com o que ele chama de código moral coletivo que em nossa sociedade se combina com a tradição religiosa patriarcal judaico-cristã. Em casos individuais esse código pode funcionar em parte inconscientemente, acarretando toda espécie de sentimentos de culpa e complicações, inibições ou motivações para agir, o que é resumido pelos freudianos como sendo o fenômeno do super-ego.

Nesse sentido, nós junguianos não negamos o fenômeno, pois ele existe e é o código moral coletivo que tanto pode ser reconhecido conscientemente pelo indivíduo, como pode exercer uma pressão inconsciente ou semi-inconsciente sobre suas motivações. Mas, num exame mais minucioso, esse super-ego parece ser uma formação histórica e por isso não responsável pelo problema ético como um todo, mas somente por uma parte.

Em outras palavras, o que Jung chama de reação ética da psique humana não é idêntico ao que os freudianos chamam de super-ego. Pelo contrário, os dois conceitos podem até colidir e se opor. Jung expressa o

ponto de vista de que estamos sob a pressão de dois fatores: a do código coletivo ético, que varia de nação para nação e, geralmente, dita nosso comportamento ético, e a de um impulso moral pessoal, que é individual e não coincide com o código coletivo. Naturalmente, quando ambos os fatores coincidem, torna-se difícil diferenciá-los.

Suponhamos, por exemplo, que você esteja furioso com uma pessoa, com vontade de matá-la, mas você reconhece que em condições normais, isso é algo que você pessoalmente não poderia fazer. Será que é este o código geral coletivo falando dentro de você, ou será seu próprio lado ético pessoal, seu próprio sentimento que o impede? Num caso assim não podemos fazer uma distinção. Pessoalmente, pode-se dizer que mesmo que não existisse nenhum observador, polícia ou código moral, não se faria tal coisa, mas isso é difícil de provar. O fato é que você *não pode* fazê-lo porque algo dentro de si o proíbe, e isso é tudo. O fato de esses dois fatores, o impulso pessoal a uma reação ética e o código moral, não serem idênticos, só é óbvio quando existe a chamada colisão de deveres.

Como vocês sabem, Jung diz que realmente não é difícil saber o que se deve fazer, desde que não haja colisão de deveres. A dificuldade surge quando o que quer que se faça é meio certo e meio errado, sempre com um aspecto parcialmente errado. Um problema típico é aquele com que se defronta um médico que não sabe se deve ou não contar ao paciente que está com um carcinoma. Se não conta a verdade, mente, mas se provocar um choque mortal no paciente poderá causar-lhe um grande mal — e então, o que fazer? O código moral não responde a tal pergunta. Alguns colegas dirão que não se deve jamais contar, outros que se deveria falar a verdade, que a longo prazo o choque seria melhor. Mas não existe nenhuma regra ética geral e aí está a colisão de deveres: o de contar a verdade e o de poupar o paciente.

Através de exemplos infindáveis desse tipo e outros mais complicados, subitamente nos damos conta de que o código ético não é a única regra para o nosso comportamento. Em certos casos, mesmo que haja uma resposta clara a respeito do que se deve fazer, podemos ter um sentimento forte de que fazê-lo seria imoral *para nós*. Então ficamos num mato sem cachorro e daí percebemos que realmente existem duas coisas que ditam o comportamento humano: o código ético coletivo que também podemos chamar de super-ego freudiano e a reação moral pessoal do indivíduo. A última, que às vezes coincide com o código coletivo, geralmente é conhecida como a voz de Deus: os romanos a chamariam de "genius", Sócrates diria "meu daimonion" e os índios Naskapi, da península do Labrador, a chamariam de "Mistap'eo", o grande homem que vive no coração de cada um. Em outras palavras, é uma figura que poderíamos chamar de arquétipo do *Self*, o centro Divino da psique que em outras culturas naturalmente adquire nomes e conotações diferentes. Se esse fenómeno surge dentro de nós, geralmente temos um estranho sentimento de certeza com relação ao que fazer, não importando o que o código coletivo possa dizer a respeito. Em geral a voz não somente diz o que fazer mas inclusive cria uma convicção pela qual o indivíduo poderá até morrer, como aconteceu a Sócrates e a vários mártires cristãos.

Se essa voz interior ditar algo excessivamente nobre, na linha do código ético coletivo, então ninguém se preocupará mas achará incrível, maravilhoso, correto, heróico e assim por diante. Infelizmente, porém, na vida prática, como vemos todos os dias no trabalho de análise, esta voz de Deus, ou instinto interior, pode às vezes ditar algo absolutamente chocante. Isso acontece até mesmo na Bíblia: imaginem Oséias casando-se com uma prostituta a mandato de Deus! Tenho certeza de que se ele tivesse ido a qualquer sacerdote protestante, anglicano, católico ou judeu, eles teriam dito: "Meu caro, isto é um engano psicológico, Deus *não pode* ordenar tal coisa", pois os teólogos acham que sabem o que Deus pode

ou não fazer, e por isso essa pessoa deve estar errada, ou é o Demônio ou a própria sombra ou um problema sexual reprimido. Hoje em dia diriam que o que falava dentro de Oséias era o problema do sexo reprimido e da alma, mas jamais Deus!

Como podem saber disso, só Deus sabe, mas eles agem como se estivessem certos. Talvez tenham jantado com Deus e discutido a esse respeito, tomando um café-zinho, e por isso têm tanta certeza! Mas o indivíduo que não quiser se submeter a tal tipo de conhecimento, que é o código moral tradicional, vai-se ver em terríveis dificuldades, pois naturalmente, se for honesto, não saberá! Ele pode dizer: "Talvez seja a minha infame alma a sugerir que devo me casar com uma prostituta; quem pode me provar que isto é a voz de Deus?" E daí o problema se torna difícil. Podemos dizer que não existe resposta para isso, exceto, conforme a observação de Jung, que se alguém persistir o suficiente na agonia de tal conflito, então, de algum modo, surge uma direção interior, um desenvolvimento interior torna-se claro, o que dá ao indivíduo uma segurança suficiente para seguir seu caminho, até com o risco de cometer um erro. Naturalmente nunca se tem certeza, mas, segundo o ponto de vista de Jung, é melhor se manter sempre numa atitude de dúvida com relação ao próprio comportamento, o que significa fazer o melhor que se possa, sempre admitindo, porém, a possibilidade de ter cometido um erro. Podemos interpretar nosso sonho de um jeito e cometer um grande erro; então, observando-o novamente, podemos pensar que o sonho poderia ser interpretado de forma diferente, e eis aí a questão! Esse risco temos que correr e não há remédio. Mas, segundo o ponto de vista de Jung, esta é uma atitude madura que desistiu de agarrar-se às regras do jardim de infância.

Esses são problemas mais elevados e diferenciados que naturalmente não são visíveis no material do inconsciente coletivo dos contos de fada. Nesse material há apenas referências ao que Jung menciona primeiro em seu artigo, isto é, uma reação ética básica inata na psi-

que humana, estranhamente impessoal e muito diferente do que poderíamos chamar de reação ética consciente. O exemplo que segue nos fará sentir a atmosfera desse fenômeno.

Um criminoso internacional que já tinha assassinado dez ou doze pessoas, um tipo de criatura patológica que cometia assassinatos a sangue-frio sem a menor reação da consciência, matou um velho desconhecido numa rua de Zurique, pegou seu dinheiro e foi preso. O Dr. Guggenbühl-Craig foi indicado para dar à corte a opinião de um especialista em psiquiatria, apurando se o homem era responsável ou não por seus atos. O Dr. Guggenbühl teve a ideia inteligente de investigar os sonhos desse homem, contando-os a mim e ao Dr. Riklin, sem mencionar a história completa. Ele simplesmente nos perguntou o que achávamos de um homem de quarenta anos que tinha tido tais sonhos. Naturalmente eu não sabia que o sonhador era um assassino patológico, mas disse literalmente: "Largue mão, deixe esse homem em paz, ele é uma alma perdida". O sonho em questão era muito simples e se repetia com frequência; nesse sonho o assassino ia a um parque de diversões onde havia enormes balanços. Ele estava num tal balanço, balançando para cima e para baixo, cada vez mais alto, quando de repente o balanço subiu demais e ele caiu no espaço vazio. Este era o fim do sonho.

Eu pensei: "Meu Deus, balançar entre os opostos, como se fosse um prazer, sem nenhuma reação, achando que é brincadeira!" E a lisis*, na sentença final do sonho, era: "caindo no espaço vazio", sem ao menos a reação de "então acordei com um grito". Não havia reação emocional. Eu só poderia dizer que esta era uma alma perdida. Eu senti, visando uma imagem pictórica, como se Deus tivesse dado sua alma por perdida. Não existe no sonho nenhuma tentativa, por parte da natureza, de salvá-lo através de um choque. Nós presumimos que os sonhos vêm do instinto inconsciente que busca a natureza. O inconsciente desse homem lhe dizia, com o mesmo

* Resolução do conflito apresentado pelo sonho (N. dos Revisores).

sangue-frio com que assassinava, que ele estava perdido! Falava com o mesmo sangue-frio, comunicando--se com ele no seu próprio nível.

Conto essa história para lhes dar um exemplo de reação moral do inconsciente. Não é como uma tia que diz: "você não deve fazer isso ou aquilo". Não se trata de um super-ego ético que estabelece regras de comportamento. É uma reação natural, cruelmente objetiva e expressa em forma sinistra, mas não se pode deixar de sentir que é uma reação ética, pois, de alguma forma, o inconsciente reage à imensa desumanidade desse assassino.

Assim, as chamadas reações éticas da psique inconsciente às vezes são bastante objetivas e diferentes de nossos padrões éticos conscientes. Entretanto, o Dr. Jung nesse artigo também relata outro exemplo que poderia nos levar à conclusão de que o inconsciente pode ser bastante moralista, à moda de uma tia velha ou de um mestre-escola. Ele menciona o caso de um homem de negócios que recebeu a oferta de participar de um negócio fraudulento. Esse homem não percebeu conscientemente o quanto isso era suspeito e queria assinar um documento pelo qual se comprometia com o negócio. Nessa noite sonhou que sua mão, no momento de assinar o papel, se tornava preta e suja. Ele contou esse sonho na análise e Jung o preveniu a não se envolver. O negócio acabou se revelando muito fraudulento e ele certamente teria sido preso. Neste caso específico podemos dizer que o inconsciente coincidiu com o código moral coletivo; deu à pessoa um aviso ético claro no sentido convencional da palavra, avisando: "você sujará as mãos se se meter nesse negócio". Portanto o inconsciente indica que possui várias maneiras de reagir. Às vezes se manifesta como se existisse uma reação ética, outras é apenas natureza cruel, como no caso do assassino. Não obstante, através da função sentimento, podemos perceber que basicamente existe algo como uma reação moral, mesmo que seja difícil apreendê-la em detalhe.

Assim, pode-se dizer que uma reação ética, mesmo proveniente das camadas do inconsciente coletivo da psique humana, parece ser algo altamente individual e específico. Pode-se até mesmo dizer que cada indivíduo possui seu próprio nível ético e sua forma de reagir. Por exemplo: há pessoas de casca dura que se permitem uma boa dose do que chamaríamos de pecado. Elas conseguem pisar felizes nos pés dos outros sem a menor preocupação. Outras não conseguem se desviar o mínimo que seja de sua própria lei interior, e se o fazem, têm os mais terríveis sonhos e reações interiores. Portanto, além dos demais problemas há o fato de que existem pessoas eticamente bem dotadas ou não. Naturalmente os indivíduos eticamente sensíveis têm problemas para encontrar seu próprio caminho interior individual, mas também podemos dizer que ser eticamente sensível é um dos grandes incentivos ao processo de individuação. Sempre que vejo alguém em análise com essa sensibilidade, sei que tudo está bem, pois assim muitos problemas já ficam resolvidos. Os cascas-duras às vezes dão muito trabalho, pois podem reprimir mais facilmente. As pessoas em análise às vezes fazem as coisas mais incríveis e então pensamos que será possível naquele momento surpreendê-las em sua sombra. Mas, como analistas, naturalmente temos que esperar até que elas mesmas tenham seus sonhos. E daí elas não sonham! O inconsciente as perdoou. Aí colocamos no bolso nossa indignação moral e não dizemos nada, pois seria desperdício de fôlego. Nosso principal objetivo aqui não é, porém, tratar dessas superestruturas de problemas éticos. Eu os mencionei apenas para esclarecer que o material coletivo que vou apresentar possui uma base muito mais simples do que todas as complicações inerentes ao problema da individualidade. Tenho observado material coletivo nos contos de fada por muitos anos, imaginando se seria possível encontrar algumas regras gerais do comportamento humano que fossem sempre válidas. Fiquei fascinada com a ideia de encontrar algum código humano geral, sim-

ples, mas além das diferenças nacionais e individuais, algo assim como regras básicas do comportamento humano. Tenho que confessar que não encontrei uma regra básica padrão, ou melhor, encontrei e não encontrei, pois a contradição está sempre presente!

Posso lhes contar histórias que dizem que se você encontrar o mal deve lutar contra ele, mas existe igual número que diz que é melhor fugir, sem tentar enfrentá-lo. Algumas dizem para sofrer sem retrucar, outras dizem que se nos confrontamos com o mal o único jeito é pregar-lhe uma peça; outros dizem: seja honesto mesmo frente ao demónio, não se envolva em mentiras. Sobre isso tudo eu lhes darei exemplos, mas é sempre uma questão de Sim e Não, e as histórias, num sentido e no outro, se contrabalançam. É uma *complexio oppositorum* completa, o que significa simplesmente que, *post eventum* cheguei desapontada à conclusão de que *deveria* ser assim pois se trata de um material *coletivo*! Se assim não fosse, como poderia haver ação individual? Pois é exatamente o fato de tanto o material coletivo quanto nossa disposição ética básica serem completamente contraditórios que nos permite termos uma super-estrutura *consciente* livre, individual e responsável em relação a esses opostos básicos. Então podemos dizer que na natureza humana estaria certo fazer isto ou aquilo, mas *eu* farei isso, o *tertium*, a terceira coisa, que é a minha individualidade. Não existiria individualidade se o material básico não fosse contraditório. Este foi o meu conforto após ter descoberto a terrível verdade da estrutura contraditória!

Entretanto, a única exceção à regra da contradição parece ser a que diz que, nos contos de fada, nunca se deve ferir o animal que colabora. Encontrei alguns casos em que a desobediência acarretou problemas sem a longo prazo levar ao desastre; podemos desobedecer temporariamente aos conselhos da raposa, do lobo ou do gato prestativos. Mas se nos colocarmos basicamente contra, não ouvindo os conselhos do animal ou pássaro colaborador, ou seja lá o que for, então estaremos per-

ditos. Em centenas e centenas de estórias esta é a única regra que parece não ter exceção. Entretanto, quando analisamos o que os animais dizem, mais uma vez a coisa é totalmente contraditória: um diz para fugir, outro para lutar, outro para mentir e outro para dizer sempre a verdade. O animal joga de um jeito ou de outro, a partir de um ponto de vista ético, mas se formos contra ele estaremos perdidos. Isto significa que obedecer ao ser interior mais básico, o ser interior instintivo, é mais importante do que qualquer outra coisa. Nunca encontrei nenhuma afirmação diferente no material de contos de fada que examinei, das mais variadas procedências.

Há outro fator que eu gostaria de mencionar brevemente, que poderemos observar nos problemas éticos colocados pelos contos de fada, a função compensatória. Jung observou isso como sendo um dos modelos típicos de funcionamento do inconsciente no indivíduo em geral. Em seu artigo "A Consciência" Jung menciona uma senhora que se achava uma santa e que toda noite sonhava com as mais sujas obscenidades sexuais. Este é um exemplo grosseiro do que chamamos de lei de compensação. Nós sabemos igualmente que às vezes as pessoas que vivem o seu lado mais sombrio, reprimindo seu melhor ego, têm todos os tipos de sonhos com Cristo, com redentores da humanidade e assim por diante. Hedwig Boyé escreveu um livro intitulado *Menschen mit grossen Schatten (Pessoas com uma grande sombra)*. A autora é uma analista especializada no trabalho com prisioneiros, interessando-se especialmente pelos casos mais sérios. Quanto maior o número de pessoas que o prisioneiro matou, mais ela se interessa. Ela analisou muitas pessoas desse tipo e é surpreendente como muitas dessas ovelhas negras têm uma sombra incrivelmente branca. No fim do livro ela cita cartas tocantes, sentimentais e idealistas, que esses tipos escrevem no Natal para suas mães. Nelas podemos perceber que possuem uma sombra infantil, uma sombra de menino bonzinho, o que é tipicamente compensatório ao fato de serem, em suas

vidas conscientes, incansáveis assassinos. Às vezes ela faz um bom uso desse fato, conseguindo, à custa de muito drama e lágrimas, converter os assassinos em sua sombra positiva. Assim acabaram saindo da prisão e tiveram um bom comportamento.

Essas tendências geralmente compensatórias do inconsciente se refletem nos contos de fada. Existe um conto de fada japonês, no qual a solução positiva é que um homem deve atacar um oficial e daí pode encontrar tesouros escondidos. Eu diria que isso é tipicamente compensatório ao sistema ético desse país, onde é especificamente impensável que alguém possa bater com um pau na cabeça de um oficial do governo. Mas o conto de fada diz que isso é que deve ser feito para depois encontrar o tesouro sob o chão da cozinha, por assim dizer. Esse conto de fada não teria muito valor para os democratas suíços, pois não precisam nos dizer que é bom bater de vez em quando na cabeça dos funcionários públicos para que não se tornem muito importantes e cheios de si; mas em outros países com hierarquia social muito severa, tal conto de fada contém uma verdade chocante que deve ser recordada à consciência. Essas tendências compensatórias se encontram nos contos de fada de todas as culturas e por isso, antes de terminar uma análise ou interpretação, sempre me pergunto: para quem esta estória deve ser contada? Quem precisa dela? E geralmente ela é perfeita para a nação onde teve origem e é por isso que lá as pessoas a contam com tanto prazer.

Gostaria agora de começar com o que eu chamaria de confronto com o mal num nível primitivo. Com isto não quero dizer que o nível seja sociologicamente primitivo, ou que implique numa nação primitiva ou numa pessoa em particular, mas que a situação é primitiva, no sentido de homem original que ainda vive na natureza. Para nós isto é o passado, e em parte se tornou um Problema sociológico. Hoje em dia, por exemplo, achamos traços da idade da pedra em camponeses que vivem nas montanhas ou em vales obscuros, de modo que se trata também de um problema histórico e sociológico.

Mas aqui eu me refiro ao homem primitivo no sentido do homem em sua condição original, o homem que ainda vive na natureza nurna época em que certas super-estru-turas sociológicas e religiosas historicamente condicionadas ainda não existiam. Tentarei mostrar-lhes contos de fada que refletem esse nível básico daquilo que então, provavelmente, era o mal original para o homem.

Vocês poderão dizer que ainda não defini o que é o mal, pois estou falando sobre o problema do mal como se soubéssemos de que se trata. Primeiro prefiro introduzir algum material prático, ilustrando como a questão se apresenta em diferentes níveis. Poderemos discuti-lo melhor se tivermos em mente o problema do mal nos contos de fada ou no material etnológico e folclórico do homem primitivo.

Gostaria de chamar a atenção para mais uma coisa. O zoólogo Konrad Lorenz publicou um livro a respeito do "assim-chamado" mal, sendo que a expressão "assim--chamado" faz supor que não se trata realmente do mal. Ele não pretende dizer que o mal não deva ser denominado como tal, mas que seja tratado de um ponto de vista puramente zoológico. Discute os problemas de au-to-defesa, de agressão, e o que denomina de agressão in-tra-específica que são tendências agressivas nos padrões de comportamento de diversos animais entre si mesmos e em relação a outros tipos de animais. A maioria das espécies animais possui seus inimigos específicos, ignorando os que não caem nessa categoria. Lorenz também fala de inimigos intra-específicos, referindo-se aos casos de luta pelo local de alimentação e territórios, quando machos fortes enfrentam outros da mesma espécie. Por exemplo, um melro não reagiria contra um rato em seu território mas não suportaria a presença de outro melro, levando adiante essa luta intra-específica até a morte.

Lorenz acha que o homem se diferenciou demais ou super-desenvolveu essa tendência de luta intra-específica, tornando-se sob esse aspecto um animal anormal. Ele diz que se quisermos evitar o suicídio em massa de nossa espécie, deveremos nos tornar conscientes desse fato. As-

sim, ele propõe remédios simples ao próprio nível animal, que, como diz, não resolverão o problema do mundo, mas são apenas sua contribuição nesse sentido. Uma das sugestões é nos conhecermos melhor uns aos outros, pois tão logo os animais se conheçam melhor, sua agressão intra-específica será refreada. Quando um animal se acostuma com o cheiro de outro, ele não consegue mais matá-lo. Lorenz fez experiências desse tipo com ratos. Ele afastou um rato de sua tribo e o colocou numa hostil. Quando reintroduzido em sua própria tribo, o rato estava com o cheiro da outra, sendo imediatamente despedaçado. Porém, se tivesse sido colocado numa gaiola onde os outros não pudessem despedaçá-lo imediatamente mas pudessem cheirá-lo por alguns dias, o rato não seria morto, o que mostra, para falar claro, que deveríamos nos cheirar uns aos outros um pouco mais!

Esta é por certo uma proposição construtiva, como o próprio Lorenz admite, mas que se refere apenas a um certo nível instintivo do problema. Eu lhes recomendo veementemente o livro, pois ilustra muito bem o problema que agora vamos discutir, especialmente no que diz respeito ao que seria o mal para o homem primitivo e suas reações diante do mesmo.

Tanto quanto pude observar, o fenómeno do mal numa organização primitiva é simplesmente o surgimento de algo demoníaco ou anormal, uma espécie de fenómeno natural arrebatador, o que não coloca nenhum problema ético, mas apenas a questão prática de como superá-lo ou livrar-se dele. Trata-se de superar o fenómeno ou simplesmente salvar a própria vida. Não existe um questionamento subjetivo nesse nível, de saber se a pessoa errou ao deixar a coisa atacar ou se tem responsabilidade pessoal pelo fenómeno.

Eu lhes darei um exemplo de uma estória assim. Geralmente baseio meu material na coleção *Die Märchen der Weltliteratur* publicada por Diederichs, em Jena, na qual há praticamente um volume para cada país. É um material escolhido arbitrariamente, mas os temas são re-Petidos com tanta frequência que fornecem exemplos su-

ficientes daquilo que queremos ilustrar. No volume chinês há uma estória, número quarenta e oito, chamada "O Fantasma da Montanha do Cavalo". Ela provém de uma tradição camponesa oral da região de Kiautschou.

Ao pé da montanha do cavalo existe uma aldeia onde morava um camponês que vendia milho. Para isso ele sempre cavalgava até a cidadezinha próxima. Um dia, levemente bêbedo, quando voltava do mercado em sua mula, ao fazer uma curva avistou um monstro: seu rosto enorme era azul e seus olhos, que saltavam para fora da órbita como os de um caranguejo, eram vivos e brilhantes. Sua boca ia de uma orelha a outra, parecendo uma tigela de sangue, dentro da qual havia uma massa caótica de dentes compridos e pontudos. O monstro estava sentado perto do rio e tinha acabado de se abaixar para beber água. Podia-se ouvir claramente o barulho da água que sorvia.

O camponês ficou apavorado mas agradeceu a Deus, pois o monstro ainda não o tinha visto, de modo que rápida e levemente se embrenhou numa picada, por onde raramente se passava, galopando o mais rápido que podia. Mas, quando virou a curva, ouviu alguém chamando-o por detrás. Ele olhou para trás e vendo o filho de seu vizinho, parou. O homem disse: "O velho Li está muito doente e não vai durar muito tempo, por isso seu filho me pediu que trouxesse um caixão do mercado e agora estou voltando de lá. Posso acompanhá-lo?"

O camponês concordou e o homem lhe perguntou por que estava indo por aquele caminho tão pouco usado. O camponês respondeu, preocupado, que gostaria de ir pelo outro caminho mas, como tinha visto um monstro tão horroroso, tinha fugido correndo.

O vizinho disse: "Quando eu o ouço falar desse jeito fico tão apavorado que tenho medo de ir para

casa sozinho. Será que posso ir na mula junto com você?"

O camponês concordou e o vizinho montou na mula com ele. Depois de um certo tempo o vizinho perguntou como era o monstro, mas o camponês respondeu que não se sentia bem falando dele, e que lhe contaria quando chegassem em casa.

"Se você não quer falar", retrucou o outro, "então vire-se para mim e olhe a fim de ver se tenho algo parecido com o monstro".

O camponês respondeu que ele não deveria fazer uma brincadeira tão boba, pois um ser humano não se pareceria jamais com o demônio.

Mas o outro insistiu, dizendo: "Mas olhe para mim!" E puxando os braços do camponês obrigou-o a se virar e lá estava o monstro que ele tinha visto perto do rio. Ele ficou tão apavorado que caiu no chão, inconsciente. A mula sabia voltar sozinha para casa e quando as pessoas a viram sem dono, suspeitaram que alguma coisa ruim tinha acontecido. Eles organizaram uma busca para encontrar o camponês e o acharam a beira de um penhasco. Trouxeram-no para casa mas só à meia-noite o camponês conseguiu recobrar os sentidos e pôde contar o que lhe tinha acontecido.

Esta é uma estória clássica. Eu poderia lhes contar inúmeras desse tipo, dos esquimós, camponeses suíços, da África e dos países sul-americanos. Esta é uma es-foria completamente internacional e se encontra no volume chinês por acaso. O que nos surpreende é que a estória não parece ter nenhum propósito! É apenas excitante, nos faz tremer; se a contássemos ou lêssemos antes de dormir, de repente ficaríamos sem vontade de subir as escadas, olhando em volta, temerosos. Sabemos ° quanto essas estórias de fantasmas nos fazem sentir, de uma certa forma, algo terrível, e de outra, algo maravilhoso; é uma atração repulsiva que muitos de nós Já experimentamos na infância. O homem sente prazer

nisso; frequentemente tenho observado crianças e notei que se não lhes contam histórias desse tipo elas inventam outras, para se divertir.

Uns amigos meus de infância tinham um grande jardim em sua casa e toda tarde as crianças jogavam o mesmo jogo. Minha amiga, seu irmão e mais dois primos se colocavam na parte escura do jardim e falavam de um anão amarelo que se sentava no monte de esterco no fim do jardim. Uma das crianças tinha que ir sozinha até a parte escura, até onde tivesse coragem, em direção ao personagem inventado do anão amarelo. Geralmente conseguiam dar oito ou nove passos e depois disparavam de volta; aquele que chegasse mais perto do anão, ganhava. Assim vemos que não era apenas terrível, mas excitante. Por exemplo, as pessoas correm quando acontece um terrível desastre de automóvel, mas depois ficam comentando como foi o acidente, com todos os detalhes. Contarão o acidente uma vez ou duas à mesa e ficarão pálidas, dizendo que se sentem tão mal que não conseguem comer. Este é o camponês primitivo no homem! São capazes de descrever as condições de um corpo soterrado por uma avalanche por vinte anos, ou de um cadáver que ficou uma semana na água, dizendo que a única coisa que se podia ver eram os dentes e que o dentista teve que identificar o corpo, fornecendo todos os detalhes! Não conseguem poupar os ouvintes e mergulham na coisa. Jung dizia que na África, sempre que algo terrível acontecia, todo mundo se sentava ao redor do cadáver durante horas, tagarelando sobre o que tinha acontecido, enchendo os olhos com aquela terrível visão.

Se considerarmos o monstro de nossa história como sendo uma personificação do fenômeno do mal na natureza, então podemos dizer que ele é sobrenatural. É altamente numinoso e por isso altamente fascinante, daí esse excitamento agradável. E é apavorante! Ele é tão terrível quanto atraente e é um fenômeno absolutamente impessoal e desumano. É como uma avalanche, ou um raio, ou um terrível animal hostil. Existem coisas as-

sim: a doença e a morte, e espíritos da natureza, monstros, ogros que parecem tão reais como qualquer outro fenómeno destrutivo na natureza, com os quais temos que lidar. Se acontecer uma avalanche, ou construímos uma obstrução ou fugimos da avalanche; seria loucura fazer qualquer outra coisa. Se o rio inunda as margens, ou colocamos uma barricada ou nos retiramos para um lugar mais alto.

Não há problema ético; é apenas uma questão de se poder lutar ou fugir. É a natureza e — fato importante — ela possui algo divino que aparece na sua numi-nosidade atraente e no nosso desejo de ouvir falar dela. É também algo arquetípico, pois figuras como o Fantasma da Montanha do Cavalo existem no mundo todo; isto é, a psique humana está estruturada para produzir tais fantasias em toda parte. Onde quer que o homem tenha vivido na natureza, surgiram fantasmas desse tipo, os quais, embora ligeiramente diferentes, têm todos o mesmo traço não-natural, sobre-humano, repulsivo e irresistível.

Neste nível é assim que aparece o mal. Esse fantasma da montanha do cavalo não é um ser humano; é, antes, uma divindade natural. Agora eu lhes mostrarei o mesmo fenómeno quando ele surge através de um ser humano. Esta é uma estória dos índios da América do Sul, da tribo Warrau, e está no volume dos contos de fada dos índios sul-americanos. O título é "Pernas Pontudas".

Havia dois irmãos que gostavam de caçar na solidão da floresta. Um dia eles ouviram um barulho como se fosse uma festa e o irmão mais velho disse: "Vamos ver!" Mas o mais moço disse que deviam ser fantasmas, pois estavam muito embrenhados na floresta para uma festa daquelas; não podia ser gente de verdade. Mas o outro irmão insistiu, querendo investigar.

Assim, seguiram o som das vozes; encontraram muitos seres humanos num grande festival e

se juntaram a eles. O irmão mais velho bebeu bastante mas o mais moço recusou, temendo que tivessem caído entre os Warekki, os grandes sapos da chuva que assumiam forma humana. Sua desconfiança tinha fundamento.

Depois de um certo tempo os irmãos seguiram o seu caminho. Como a noite se aproximava, construíram um teto debaixo de uma árvore para se proteger; o irmão mais velho pediu ao mais moço que fosse arrumar lenha; daí armaram as redes e fizeram uma fogueira. O irmão mais velho fazia o mais moço colocar cada vez mais lenha na fogueira que foi ficando cada vez maior; de repente, o mais moço sentiu um cheiro esquisito de carne queimada e daí percebeu que as pernas de seu irmão estavam penduradas para fora da rede, no fogo. Ele gritou para que o irmão tomasse cuidado, mas o outro apenas disse: "Akka! Akka", que é uma expressão de surpresa na língua Warrau, mas também muito parecida com o coaxar dos sapos da chuva. O irmão mais velho pôs as pernas dentro da rede, mas novamente se esqueceu e as deixou pender e o irmão mais novo achou que isso era um mau sinal.

Pouco tempo depois o próprio irmão mais velho viu que suas pernas estavam completamente queimadas até os joelhos e tinham ficado como carvão. Então pegou uma faca e cortou a carne e os pés, fazendo pontas nos ossos das pernas e deixando-os pontudos. Aí ele permaneceu na rede, tentando apanhar esquilos e pássaros que passavam por ali. Depois de um tempo se tornou muito eficiente nesse esporte. Naturalmente tinha que ficar todo o tempo na rede, e seu irmão tinha que lhe arrumar comida e servi-lo. O irmão mais velho se tornava cada vez mais tirânico e finalmente não deixava mais seu irmão sair da cabana nem um minuto e então este último pensou em procurar ajuda e fugiu. Quando o irmão mais velho perce-

beu que o mais jovem não respondia quando o chamava, pulou fora da rede. Aí descobriu que conseguia correr mais ligeiro com suas pernas pontudas do que com os pés. Mas, por engano, seguiu as pegadas de um veado, achando que eram de seu irmão. Quando chegou perto do veado pulou para cima dele, espetando-o até o bicho cair no chão. Então disse ao veado: "Desculpe, irmão, por tê-lo matado, mas a culpa foi sua pois não devia ter fugido de mim". Daí virou o veado de cabeça para baixo, viu sua boca preta e achou engraçado. "Será que ela ficou assim porque ele comeu alguma fruta?" Então reparou em suas quatro pernas, também achando engraçado e daí começou a contar os dedos do veado. Tudo isso demorou muito tempo até que finalmente descobriu que não poderia ser seu irmão, mas sim um veado; assim, voltou para a cabana e deitou-se na rede.

Nesse meio tempo o irmão mais moço voltou para casa dizendo que algo tinha acontecido ao irmão, que ele não era mais seu amigo e precisava ser morto. Assim, levou os outros membros da tribo para a floresta e chegando lá rodearam a cabana onde seu irmão estava deitado. Eles ficaram com medo de atacá-lo por causa de suas pernas pontudas, mas tentaram atraí-lo para fora da rede. Primeiro mandaram um passarinho para incitá-lo mas o irmão mais velho era tão rápido com suas pernas pontudas que o matou. Finalmente mandaram Hu-ra, um pequeno esquilo, o animal mais rápido que conheciam. O esquilo sempre passava rápido perto do irmão e este tentava espetá-lo até que o seguiu para fora da cabana e as pessoas formaram um círculo à sua volta e o mataram.

(Este é o final da estória)

De certa forma, não existe muita diferença entre as duas estórias, pois mais uma vez vemos que o mal surge através de um fantasma. Obviamente os fantasmas dos

grandes sapos da chuva são os responsáveis pela transformação e doença do irmão, de modo que, por detrás das cenas, são eles o verdadeiro problema do mal. Entretanto, não existe uma luta direta com os fantasmas dos sapos da chuva; o problema é que eles alteram o ser humano sob a forma de *possessão*, de modo que o homem não se comporta mais como ser humano mas age exatamente como um demônio.

Isto é para ilustrar o problema do fenómeno da possessão que os etnólogos consideram o maior problema da sociedade primitiva. Nós, psicólogos, acreditamos que isto acontece em qualquer sociedade. Possessão significa ser assimilado por imagens arquetípicas numi-nosas e esta estória mostra maravilhosamente bem a terrível e lenta desumanização do irmão mais velho, começando quando vai à festa e não ouve nenhum aviso instintivo. O outro irmão sente que deve tomar cuidado, mas o mais velho diz a ele para não se preocupar pois se divertiriam. Este é um erro perdoável, mas daí por diante o irmão mais velho fica possuído. O próximo passo, ainda relativamente inócuo, é quando ele põe lenha demais no fogo, o que mostra uma ausência de julgamento. Na sociedade primitiva, onde a coleta de lenha e alimento significa um trabalho duro, ninguém usa lenha em demasia. Numa sociedade camponesa é um grande pecado jogar pão fora, da mesma forma como não é normal usar muita lenha no fogo.

Quando as necessidades da vida são grandes, as pessoas aprendem a fazer tudo o que poupe esforço e a respeitar o esforço do outro, tanto quanto possível. Todas as regras são observadas meticulosamente e quebrar uma delas é muito ruim. Por exemplo, no lugar onde passo as férias existe uma regra não escrita que nunca ousei quebrar. Se encontrarmos lenha jogada no chão podemos pegá-la, mas se não aguentarmos carregar mais, podemos deixá-la encostada numa árvore, e ninguém deverá tocá-la. Tomamos posse da lenha através desse sinal. Se a pegássemos, seria o maior pecado, muito pior do que entrar na casa de alguém para apanhar lenha.

É assim que o primitivo se sente, e se soubéssemos o quanto é duro carregar lenha para casa, compreenderíamos a razão. Se no dia seguinte a lenha não estivesse mais lá, ficaríamos com uma raiva assassina.

É absolutamente imprescindível que tais regras sejam observadas para se viver em sociedade e elas o são, por estranho que pareça, até pelos agentes do mal das vizinhanças. O irmão mais velho jogou lenha demais na fogueira e isto é terrível se conhecermos o contexto de tal situação. Aí, quando queima as pernas, diz "Akka" e as deixa no fogo. Nesse ponto ele perde o instinto de auto-preservação e sua personalidade sofre uma grave mudança. A partir de então ele é um demónio e se comporta da mesma forma que o demónio da Montanha do Cavalo. O que é interessante é que no momento em que cai nas mãos do mal, ele adquire poderes sobrenaturais, dons e qualidades sobre-humanos. Imaginem se pudéssemos deitar numa rede e ficar espetando pássaros e esquilos com as pernas!

Analisando psicologicamente, isto é exatamente o que acontece quando um ser humano se identifica com uma figura arquetípica. Ele adquire energia vital e até certos dons parapsicológicos, como vidência e assim por diante, ligados ao arquétipo. Casos psicóticos limítrofes frequentemente possuem dons parapsicológicos, conhecendo através do inconsciente coisas que não poderiam saber de outra forma. Tão logo caímos num arquétipo ou nos identificamos com os poderes do inconsciente, adquirimos esses talentos super-naturais e esta é a única razão por que as pessoas não querem ser exorcizadas ou re-humanizadas de novo. A perda desses talentos explica uma das resistências da pessoa contra a terapia.

Neste contexto primitivo parece não existir nenhuma ideia de terapia ou de exorcismo ritual para esse pobre caçador. Dizem simplesmente que ele se transformou num demónio que tem de ser eliminado. Mais uma vez não existe problema ético. O fenómeno é tratado como se fosse uma avalanche ou animal selvagem ou ainda um terremoto. Fazemos algo contra, se pudermos, mas caso contrário, fugimos. O mesmo tratamento é dado ao fantasma do

mal na estória chinesa, bem como ao homem possuído pelo fantasma do mal. É apenas um problema prático e nada mais.

Eu acho importante sabermos disso, pois naturalmente também possuímos uma reação básica primitiva em nós mesmos. Nós não escapamos dela e ela ainda permanece como uma das realidades básicas.

No volume das tribos indígenas da América do Sul existe uma outra estória de demônio chamada "O Crânio Rolante", outro exemplo desse problema repulsivo. Não é o que poderíamos denominar possessão, mas uma alteração do ser humano.

Um grupo de caçadores acampou na floresta e conseguiu alguma caça. Muitos espetos de macacos estavam perto do fogo e suas peles se espalhavam ao redor do acampamento. Os caçadores tinham saído para caçar, deixando apenas um menino no acampamento para tomar conta da carne no fogo. De repente um homem apareceu. Com um rosto severo ele inspecionou todas as presas, contou as redes e foi-se embora. Quando os caçadores voltaram à noite, o menino lhes contou a respeito do estranho visitante, mas ninguém ligou. Quando todos foram dormir repetiu a estória ao pai, que ficou preocupado, e ambos pegaram suas redes e se embrenharam na escuridão, colocando-as num lugar bem longe do acampamento. Sem demora começaram a ouvir pios de coruja, rugidos de tigres e outros animais noturnos, assim como gemidos de seres humanos e o som de ossos quebrando. "Ora", disse o homem ao filho, "este é o Curupira" (o espírito da floresta) que com seus seguidores mata os caçadores".

Na manhã seguinte foram até o acampamento e lá não encontraram ninguém, as redes estavam ensanguentadas e no chão se espalhavam ossos humanos quebrados. Entre eles estava a cabeça de

um dos caçadores. Quando o homem e o menino se viraram para ir embora, a cabeça gritou: "Leve-me com você, irmão". O homem olhou surpreso e a cabeça repetiu: "Leve-me para casa, irmão!" Aí o homem mandou o menino de volta para a aldeia e pegou uma corda, amarrou a caveira e a arrastou atrás de si. Depois de certo tempo ele começou a achar sinistro carregar a caveira e deixou-a para trás. Mas a caveira saiu correndo atrás dele como uma cabeça, gritando: "Irmão, irmão, espere um pouco. Leve-me com você!" Assim o homem teve que ir devagar para que a caveira pudesse rolar atrás dele, e todo o tempo ficava pensando como poderia se livrar daquela companhia tão sinistra. Assim ele lhe pediu para esperar um pouquinho, dizendo que tinha que entrar na floresta. Então não voltou mais para onde estava a caveira, tomando um atalho bem adiante. Lá fez uma vala, cobriu-a com varetas, se escondeu e ficou observando. Nesse meio tempo a cabeça continuava gritando: "Irmão, você ainda não terminou?" E os excrementos do homem responderam: "Ainda não, irmão, ainda não". Mas a caveira respondeu: "O que! No meu tempo de homem, os excrementos não podiam falar!" Assim ela foi rolando na picada até que caiu na armadilha. O homem então cobriu o buraco e pisou forte em cima; daí foi para a sua aldeia.

Mas quando caía a noite, ouviam-se gritos que vinham da floresta e cada dia eles chegavam mais perto da aldeia. "É a caveira que conseguiu sair da armadilha", disse o homem para os outros membros da tribo.

Nesse meio tempo a caveira adquiriu asas e garras como um grande falcão. Ela voou em direção à aldeia, e lançando-se em cima do primeiro que apareceu no seu caminho, comeu-o inteirinho. Mas na noite seguinte um pagé se encondeu no caminho que saía da floresta e esperou o monstro

com seu arco e flecha. Quando a escuridão desceu, o monstro chegou gritando. Sentou-se numa árvore à beira da floresta. Agora ele parecia um enorme falcão. O pagé, então, acertou a flecha entre os seus olhos e o monstro caiu no chão morto.

Existe uma estória paralela na qual o pagé lança esse crânio sinistro para o céu, onde ele se transforma na lua e daí surge o luar.

Esse tipo de fenómeno sinistro e mau, do ponto de vista primitivo, pode ser encontrado nas civilizações grega e egípcia, sobrevivendo nas práticas mágicas da antiguidade. Hoje em dia isso ainda existe em nosso folclore, no caso de pessoas que se suicidaram, foram assassinadas ou morreram antes do tempo. Tais pessoas tornam-se hostis depois da morte, transformando-se em demónios maléficos. A explicação primitiva para tal fenómeno é que essas pessoas se sentem frustradas, pois existe nelas uma certa quantidade de energia vital que não foi gasta mas bloqueada de maneira anti-natural antes do tempo certo. A corda do relógio quebrou ao invés de acabar e esta energia vital não despendida se torna hostil. A pessoa morta tem ciúmes dos vivos e como não teve tempo de se desligar naturalmente da vida, exerce agora um efeito destrutivo e perigoso no mundo dos vivos. Portanto, mesmo aqueles que em vida foram realmente bons e não possuídos pelo mal, podem, por ressentimento, por lhe terem roubado a vida, transformar-se nesse demónio, se morrerem antes do tempo.

É por isso que as invocações mais antigas da magia negra começam sempre assim: "Oh vós, deuses dos Infernos, Hades, Prosérpina e vós, imenso exército anónimo daqueles que se mataram ou daqueles que foram assassinados ou morreram antes do tempo". Esta é uma invocação clássica grega encontrada na maior parte dos papiros mágicos da antiguidade. Essa crença não existe apenas na Alta Antiguidade, mas no mundo inteiro. A energia vital normal não usada transforma um ser humano num fantasma maléfico e daí decorre uma vagarosa transformação; o que era apenas uma caveira humana torna-se

um fantasma real, semelhante a um talco, pois nascem-lhe asas e ele se torna cada vez mais numi-noso e sobrenatural. Primeiro há o caçador infeliz, ressentido porque foi morto, mas depois ele próprio passa a fazer parte da multidão de corujas, tigres e animais fantasmas do Curupira.

Agora temos que tentar observar este problema do ponto de vista psicológico. Repetidas vezes notei os efeitos nocivos de mortes súbitas de meus próprios parentes e de meus analisandos, sendo assim forçada a reconhecer que, além do problema de projeção, talvez haja uma base muito objetiva para essas crenças. Realmente o problema requer maior explicação. Frequentemente acontece, depois de alguns dias, um acidente de carro com uma pessoa que perdeu um parente próximo. Pode-se tentar explicar racionalmente que isto acontece porque ela estava cansada e infeliz depois do funeral, ou então pode-se dizer que o morto lhe estava puxando o pé para o túmulo. Ninguém consegue esclarecer qual é a explicação verdadeira, mas psicologicamente existe o fenômeno de atração da morte. De onde isso vem não podemos dizer, mas está aí, e depois da morte de um parente próximo o fenômeno pode ser percebido claramente. Racionalmente poderíamos dizer que uma quantidade da libido psíquica, investida no relacionamento, se volta para nós, não tendo outra vazão.

Este é especialmente o caso quando se perde alguém com quem se conviveu, pois uma quantidade enorme de energia psíquica foi canalizada para a adaptação e o relacionamento com tal pessoa e subitamente isso é totalmente cortado. Assim a energia flui de volta para nós, mas não tem para onde ir e qualquer energia sem direção é passível de um efeito perigoso. Essas forças nos deixam inconscientes e dissociam a personalidade, até se encontrar novos objetos de adaptação e canalização, quando as coisas melhoram. É assim que acontece e estou inteiramente convencida disto; pode-se realmente observar, em detalhe, como isto funciona. Se você perde

alguém próximo, quando acorda de manhã, esquecido de que a pessoa morreu, você quer lhe dizer: "Oi, bom dia!" — mas a pessoa não está mais ali! Ou então você teve uma experiência agradável e quer lhe contar —. mas não pode! Para quem contá-la agora? Você sempre cai no mesmo terrível vazio. Todos os que perderam alguém que amaram sempre passam pela terrível experiência de querer se dirigir a ele ou ela e então caem na escuridão de um buraco no chão. E se isso acontece a alguém não muito consciente, que não percebe o que está acontecendo, se a personalidade não é forte, essa pessoa pode se dissociar ou a energia se dirige a objetos inapropriados. Na sociedade primitiva, e eu também tenho visto em nosso país, ela pode tomar a forma de uma raiva negra e daí surge um bode expiatório; isto faz nascer a ideia de que a pessoa em questão não morreu naturalmente, que houve magia negra e que agora alguém tem de ser morto para satisfazer esse sentimento de vingança. Em nossa sociedade pode tomar a forma de uma acusação ao médico ou pode haver terríveis discussões a respeito da distribuição da herança, não porque os parentes sejam realmente tão gananciosos, querendo ficar com esse ou aquele tapete ou com algo que pertenceu ao falecido pai, mas porque precisam dar vazão a esse excesso de libido que não sabem onde colocar. Assim eles têm que achar que o médico ou a enfermeira foram o próprio demônio, repetindo-se sempre essas ações demoníacas *post mortem*. Parte do problema pode certamente ser explicado desta forma. Entretanto, o material onírico de um analisando frequentemente é formulado de outra maneira, dizendo que realmente é a pessoa morta que cria os desentendimentos. Seja como for, vocês podem escolher suas hipóteses.

2

A possessão pelo mal

Em meu último capítulo tentei definir brevemente a área psicológica dentro da qual surge o problema do mal, isto é, no nível de constelações arquetípicas do inconsciente coletivo. Eu contei algumas histórias que, a meu ver, refletem a mentalidade primitiva no sentido da experiência original do mal pelo homem que ainda vive próximo à natureza, que ainda não se desligou dela pela civilização ou pela evolução técnica. Como vimos nas histórias, nesse nível não existe problema para o homem; o mal é simplesmente um fato da natureza que deve ser superado ou do qual se deve fugir.

Na história do "Curupira", o irmão mais moço observou a lenta possessão do irmão mais velho, que aos poucos se tornava destrutivo, e daí mobilizou os outros membros da tribo para matá-lo. A partir desse material, poder-se-ia fazer literatura moderna escrevendo um lindo romance ou tragédia, mostrando o terrível conflito do irmão mais moço e a colisão de deveres entre o apego e o antigo amor pelo irmão mais velho, e a necessidade coletiva de ter que destruir essa criatura assassina. Mas na história não há nada disso! O irmão mais moço não tem nenhum problema. Quando o mais velho fica possuído e maléfico, ele logo decide fugir, pois caso contrário seria morto. Depois, não existe conflito sobre o fato de matá-lo; ele simplesmente pede aos habitantes da aldeia que eliminem esse assassino possuído, mostrando-lhes o caminho do acampamento. Assim, se num nível mais elevado de percepção de motivações e problemas éticos isto implicaria numa colisão de obrigações, neste

nível não há tragédia alguma, mas um simples fato consumado.

Neste nível o mal não surge apenas sob a forma de demónios da natureza vivendo na floresta, na neve, montanhas ou lagos, mas também pode originar-se de pessoas mortas. As almas dos mortos, principalmente os fantasmas de assassinos ou pessoas assassinadas, e as almas daqueles que morreram em batalhas, ou das pessoas que morreram antes do tempo, adquirem poderes demoníacos. Tem-se a impressão de que suas vidas não chegaram a um final natural e harmonioso, mas foram interrompidas de forma violenta. A explicação primitiva é a de que o espírito do morto está ressentido por causa de uma frustração, o que o torna demoníaco.

Para lhes mostrar que este não é só o caso dos índios sul-americanos, vou contar agora uma estória semelhante, de um sinistro fantasma chinês, (*Chinesische Volksmärchen*, n. 66: "Die Geister der Erhängten"), na qual podemos ver um outro elemento do mesmo fato.

Dizem que o poeta Su Dung Po sempre gostou de contar estórias de fantasmas, embora ele mesmo nunca tivesse visto um. Outro homem, Yuan Dschan, havia escrito um trabalho afirmando que não existiam fantasmas. Um dia, quando estava escrevendo a esse respeito, recebeu a visita de um sábio que lhe disse: "Desde os tempos mais antigos sempre houve estórias verdadeiras a respeito de deuses e fantasmas; como pode negá-las?" Yuan Dschan então tentou lhe explicar, em termos da razão moderna, como não era possível existir fantasmas, e assim o sábio ficou muito bravo dizendo: "Mas eu próprio sou um fantasma" e antes de terminar essas palavras sua aparência tornou-se terrivelmente diabólica, com o rosto verde e o cabelo vermelho, desaparecendo para dentro do chão. Logo depois Yuan Dschan morreu.

Isto foi apenas um prelúdio para que vocês assumam a atitude correta para o que vem a seguir, pois agora a estória muda e diz que há muitos tipos de fantasmas, sendo os piores os das pessoas que se enforcaram. Geralmente esses são fantasmas de mulheres de famílias cam-

ponesas pobres que, maltratadas por suas sogras, famintas ou sobrecarregadas de trabalho, perdem o gosto pela vida. Se discutem com as cunhadas ou são repreendidas pelos maridos, não vendo nenhuma saída para seu problema, muitas vezes, em desespero, acabam dando fim a suas vidas. Elas se envenenam ou se jogam dentro de um poço, mas a maioria se enforca e tais pessoas se tornam fantasmas terríveis. Nossos avós contam que o fantasma de uma mulher que cometeu o suicídio sempre tenta seduzir outras mulheres, pois somente assim podem ir para o Além e renascer, entrando de novo na roda da existência, retornando à vida. Até elas encontrarem uma substituta têm que rondar pela área intermediária entre vida e morte, e é por isso que buscam uma substituta, tentando seduzir outras mulheres.

Em Tsing Schoufu havia um homem que passara em seu primeiro exame militar e agora estava voltando para a capital, a fim de continuar sua carreira. Era a estação das chuvas e ele tinha que andar por muitas estradas barrentas e molhadas. Caminhava vagorosamente e à noite não tinha ainda alcançado a capital, tendo que parar numa aldeia onde só havia famílias muito pobres e ninguém pôde lhe dar abrigo. Mas os aldeões lhe disseram que ele podia ir ao templo, ali perto, com seu jumento, e lá passar a noite.

As pinturas que reproduziam os deuses, no templo, estavam na mais completa ruína e não era mais possível distingui-las e em toda parte havia teias de aranha e pó. O forasteiro amarrou o jumento numa velha árvore da vila e bebeu algo de sua cabaça. O dia tinha sido muito quente e sentindo-se um pouco melhor, fechou os olhos para dormir.

De repente ouviu o ruído de folhas perto do templo e um vento frio passou por seu rosto (o famoso vento que anuncia os fantasmas). Viu uma mulher saindo furtivamente do templo, vestida com

uma roupa vermelha velha e suja, e com um rosto branco como uma parede caiada. Com cuidado ela passou perto dele, de modo que não a visse, mas ao soldado não faltava coragem e ele fingiu estar dormindo. Não se moveu e daí viu uma corda pendurada no braço da mulher e nesse momento percebeu que aquilo era um fantasma de alguém que tinha se suicidado e assim, cautelosamente, se levantou e a seguiu.

O fantasma dirigiu-se a uma cabana pobre; o soldado, olhando através da janela da cabana, viu uma mulher de uns vinte anos, sentada, chorando, perto do berço de uma criança que ela às vezes ninava. E aí ele avistou o fantasma sentado numa das vigas e fazendo um movimento com a corda enrolada no pescoço, convidando a mulher, sugerindo-lhe que esta seria a solução. E ouviu a mulher dizendo ao fantasma: "Você diz que o melhor é morrer! Eu morrerei, mas não consigo me separar de meu filho"; novamente ela começou a chorar e o fantasma riu, continuando a balançar a corda em frente do seu rosto.

Finalmente a mulher disse: "Está bem, eu me decidi, morrerei!" Abriu a porta do armário, vestiu roupas novas e pintou-se, diante do espelho. Daí subiu num banquinho, tirou o cinto e o prendeu na viga. Ela havia enfiado o pescoço e estava prestes a saltar quando o soldado bateu violentamente na janela até quebrá-la, saltou no quarto gritando e salvou a mulher. O fantasma desapareceu. Mas o soldado viu que a corda ainda estava pendurada na viga e rapidamente a apanhou e então repreendeu a mulher, dizendo-lhe para não ser tão estúpida, pois o que tinha a fazer era cuidar do filho e que tinha apenas uma vida. Depois disso ele voltou ao templo.

No meio do caminho de repente o fantasma apareceu na sua frente e fazendo uma mesura disse educadamente: "Por muitos anos tenho procurado

uma substituta e justo hoje, quando encontrei uma, você arruinou o meu negócio e agora isso não tem mais jeito. Na pressa, esqueci algo que certamente você encontrou. Faça o favor de me devolver, pois sem isso não conseguirei encontrar outra substituta".

Mas o soldado apenas lhe mostrou a corda, dizendo: "O que você esqueceu é isto aqui, e se eu lhe devolver, você enforcará outra pessoa; mas eu não vou permitir que isso aconteça". E assim ele enroscou a corda em volta do seu braço e disse: "Agora saia do meu caminho".

A mulher-fantasma ficou furiosa; seu rosto tornou-se preto esverdeado, o cabelo caiu, embaraçando-se no pescoço, os olhos faiscavam sangue e a língua pendeu para fora da boca e ela esticou a mão tentando agarrar o soldado. Ele a atingiu com o punho mas de alguma forma machucou o próprio nariz, que começou sangrar. Ele jogou umas gotas de sangue nela, e, como os fantasmas não gostam do sangue humano, ela correu uns passos para longe e começou a amaldiçoá-lo. E assim foi até o galo começar a cantar, quando ela desapareceu.

Na manhã seguinte os aldeões vieram agradecer ao soldado por ter salvo a vida da mulher. Encontraram-no no templo ainda agitando os punhos no ar e gritando, mas quando falaram com ele, ele lhes contou o que tinha acontecido e em seu braço nu ainda se podia ver a marca da corda que afundara na carne, formando um anel vermelho. Quando o sol surgiu ele montou no jumento e seguiu seu caminho.

Esta é como a estória sul-americana "O Crânio Rolante", pois existe um tipo de repercussão depois de um suicídio ou assassinato. Assim, não é apenas o crânio do homem assassinado que se torna um fantasma maléfico: de acordo com esta estória, a coisa se estende por muitas gerações, pois um suicídio puxa outro. Psicológica-

mente isto é verdade, pois sabemos que o suicídio é contagioso. Nas escolas e colégios, se acontece um suicídio, haverá mais dois ou três, por causa de seu efeito contagioso e destrutivo, o que provavelmente explica por que o fantasma do morto atrai outros para a morte.

Numa família os suicídios podem continuar por várias gerações. Figurativamente, podemos dizer que o avô que se suicida tenta atrair o neto para o mesmo processo; dessa forma realmente é um morticínio sem fim, pois passa de uma geração a outra, até que um homem corajoso, neste caso o soldado, interfira e dê fim ao efeito destrutivo.

Aqui o fantasma não age apenas por maldade, mas com o objetivo de se libertar de sua existência intermediária da qual não pode voltar à vida e nem ir definitivamente para o Além. Discutiremos mais tarde o que isso significa psicologicamente. Primeiro eu gostaria de lhes contar mais algumas dessas histórias horripilantes para que depois possamos discutir os detalhes e os tipos.

Agora eu lhes contarei uma história bem curtiinha (n. 20 nas histórias dos índios sul-americanos) que nos traz um outro tema, intitulada "O Espírito da Floresta Ludibriado".

Uma família inteira foi convidada para uma festa e todos foram, exceto a filha que ficou em casa sozinha. No fim da tarde uma amiga que há muito tempo ela não via, veio visitá-la. A menina pensou que fosse sua amiga Dai-adalla, mas na verdade era o espírito da floresta sob a forma de sua amiga, pois assim seria mais fácil realizar suas más intenções. Como as meninas eram muito amigas, o espírito da floresta sob a forma de Dai-adalla lhe perguntou o que ela estava fazendo sozinha em casa. Quando a menina lhe explicou que não quisera ir à festa, o espírito da floresta disse que passaria a noite ali para lhe fazer companhia.

Quando a noite caiu, elas ouviram o coaxar dos sapos e como gostassem de comê-los, a menina sugeriu que podiam sair para pegar alguns.

Assim, embrenharam-se na escuridão e depois de certo tempo começaram a gritar uma para outra, perguntando quantos sapos tinham pego. Quando ela perguntou ao espírito da floresta, este respondeu que tinha pego um monte mas que os comia logo que os pegava. Essa resposta esquisita de que comia os animais crus amedrontou a menina e daí ela percebeu qual era a verdadeira natureza de sua suposta amiga. Assim, quando o espírito da floresta lhe perguntou quantos tinha pego, ela respondeu que tinha caçado um monte mas que os tinha colocado na cabaça. Durante todo o tempo ela ficou matutando como poderia se safar do perigo. Pediu ao espírito da floresta para ficar quieto, sem falar, caso contrário afugentariam os sapos, porque sabia que ele poderia localizá-la pela voz. Aí rastejou silenciosamente até sua casa e emborcou todos os potes sem fazer nenhum barulho. Daí jogou fora os sapos e subiu no teto, esperando para ver o que ia acontecer.

Logo depois, não obtendo resposta para suas perguntas, o espírito da floresta percebeu que tinha sido logrado e correu de volta para a casa. Na escuridão tropeçava nos potes, tentando achar sua vítima. Até que finalmente ele gritou bem alto para que a menina o ouvisse, dizendo que se tivesse sabido que ela iria tentar fugir, ele a teria comido junto com os sapos.

Ele a procurou em vão, olhando dentro de todos os potes, até que veio a madrugada e ele teve que ir embora. A menina desceu e ficou esperando pelos pais e quando estes chegaram, contou-lhes que o espírito da floresta a tinha visitado sob a forma da amiga. O pai lhe disse, então, que da próxima vez, quando lhe dissessem para ir com eles, ela deveria obedecer.

Esta estória é importante porque mais tarde discutiremos que tipos de pessoas e que tipo de comportamento

convidam uma possessão ou atraem espíritos do mal. Não pensem que este gênero de estória seja apenas especificamente chinês ou dos índios sul-americanos; eu as escolhi ao acaso porque queria um certo tipo de estória, não uma estória definida, mas um tipo que possa ser encontrado em todo o mundo. Para enfatizar o detalhe da menina que não quis ir à festa e por isso se expôs ao espírito da floresta, eu lhes apresentarei um paralelo europeu relativamente próximo, uma estória de Grimm (n. 43) chamada "Frau Trude".

Era uma vez uma menininha teimosa, curiosa e bastante impertinente, que nem sempre fazia o que seus pais lhe diziam. Ura dia ela disse aos pais que tinha ouvido falar tanto da Dona Trude que gostaria de ir ver como ela era. Diziam que ela era tão engraçada, que tudo o que tinha era maravilhoso e que possuía coisas tão estranhas em sua casa que a menina ficou muito curiosa e quis ir ver. Os pais a proibiram dizendo que Dona Trude era uma mulher muito má, que praticava maldades, e que a menina não seria mais considerada como sua filha se fosse lá. Mas ela não ligou para o que os pais disseram e foi do mesmo jeito. Quando chegou lá, Dona Trude perguntou a ela por que estava tão pálida. "Ah", respondeu a criança tremendo: "O que eu vi me apavorou tanto!"

"O que você viu?"

"Eu vi um homem preto na escadaria".

"Era o queimador de carvão, ele queima carvão na floresta".

"E aí eu vi um homem verde!"

"Ah, era o caçador!"

"E depois eu vi um homem vermelho como sangue".

"Esse era o açougueiro!"

"Ah, Dona Trude, eu estou com calafrios de tanto medo! Eu olhei pela janela e eu não o vi mais, vi o demônio com uma cabeça flamejante!"

"Ah-ha", respondeu a mulher, "você viu a bruxa sem disfarces! Estou esperando por você há muito tempo e agora você me fornecerá luz!"

E então transformou a menina num bloco de madeira que jogou no fogo e, quando este ficou incandescente, ela se aqueceu, dizendo: "Isso dá bastante luz!"

Assim, vemos que o problema não é apenas da América do Sul, mas existe igualmente entre nós. Esta estória alude aos mesmos traços básicos que atraem tais coisas. Para lhes mostrar um caso de possessão semelhante ao de "Pernas Pontudas", eu lhes darei um paralelo da Islândia que se encontra no volume de contos de fada da Islândia, n. 37, e se intitula "Trunt, Trunt e os Duendes das Montanhas" (Trunt é um nome).

Era uma vez dois homens que foram às montanhas para colher ervas. Uma noite, os dois estavam deitados na tenda, um dormindo e o outro acordado. O que estava acordado viu sair o que dormia. Ele o seguiu, mas dificilmente conseguia acompanhá-lo, e a distância entre ambos aumentava cada vez mais. O homem dirigia-se às geleiras. Em cima da geleira, o outro viu uma enorme gigante que gesticulava levantando os braços e trazendo-os de encontro ao peito; e assim ela enfeitiçou o homem e o atraiu para si. O homem correu diretamente aos seus braços e ela fugiu com ele. (Acontece aqui como no "Pernas Pontudas", onde um dos dois irmãos é enfeitiçado na floresta).

Um ano depois as pessoas desse distrito foram colher ervas novamente, no mesmo lugar, e o homem que tinha sido enfeitiçado aproximou-se delas, mas estava tão quieto, reservado e calado, que dificilmente se conseguia extrair dele uma palavra. Perguntaram-lhe em quem acreditava e ele respondeu que acreditava em Deus.

No ano seguinte novamente o homem se aproximou das pessoas que tinham vindo pegar ervas,

mas desta vez ele estava com uma aparência tão grotesca que as pessoas sentiram medo. E quando lhe perguntaram em quem acreditava ele nada respondeu. Desta vez ficou menos tempo com elas.

Um ano depois ele tornou a voltar, mas desta vez tinha-se transformado num verdadeiro duende e estava horrível. Mas assim mesmo alguém se aventurou a lhe perguntar em quem acreditava, e ele respondeu que acreditava em Trunt, Trunt e nos duendes das montanhas, e dizendo isso, desapareceu. Desde então nunca mais ele foi visto, e por muitos anos ninguém ousou catar ervas naquele lugar.

Esta é uma assimilação pelo fantasma mau semelhante à que ocorre em "Pernas Pontudas", só que aqui o homem não se torna destrutivo, mas apenas um duende da montanha. Ele não prejudica os outros aldeões, como o "Pernas Pontudas".

Se nos perguntarmos a que tipo pertencem esses poderes do mal nessas estórias primitivas, vemos que alguns são espíritos definidos e conhecidos, como o Curupira, o espírito da floresta, que mata e devora todos os caçadores, ou como esta gigante das montanhas da Islândia. Essas são figuras conhecidas no folclore, chamadas de espíritos do mal, que vivem numa parte da natureza de algum modo nefasta e perigosa para as pessoas desse grupo sociológico. Para quem vive perto do mar, eles seriam os demónios do mar; para quem vive perto de florestas primitivas, seriam espíritos da floresta e para quem mora perto das montanhas, eles seriam os espíritos das montanhas e geleiras. Isso fez com que se acreditasse que esses espíritos são simplesmente personificações do mal na natureza, o que se lê praticamente em todo trabalho filológico e etnológico. Mas veremos que esse é um julgamento superficial. Certamente esses poderes do mal em sua forma original têm algo a ver com o mal na natureza e acham-se intimamente ligados aos poderes destrutivos naturais dos

animais devoradores, os perigos das florestas, da neve, da água, dos desabamentos de terra e assim por diante. Mas eles não são só isso.

Há ainda outro tipo, no qual seres humanos são assimilados por esses poderes demoníacos da natureza, como o Pernas Pontudas e o duende, caso em que um homem originariamente normal é, aos poucos, transformado em algo destrutivo e demoníaco, sendo completa-mente possuído por poderes do mal. Isto é muito importante e se vocês me perguntarem qual o mal mais terrível que conheço, eu diria ser, baseando-me na experiência que tenho, o fenómeno da possessão. A pior coisa que se pode encontrar, ou que encontrei em minha vida, foram pessoas assimiladas por esses arquétipos do poder do mal.

Ainda existe uma terceira categoria que se relaciona muito de perto com isso. É a categoria dos espíritos dos mortos, aqueles que não se tornaram maus mas que, tendo sido mortos inocentemente, depois da morte se transformam em espíritos do mal. Isso tem a ver em parte com a liberação de energia, e em parte com o mistério da morte, sobre o qual não sabemos mais do que o homem natural sabia.

Se observarmos as condições sob as quais essas pessoas caem em poder do mal, veremos certos traços comuns a praticamente todas as histórias. Em várias, a bebida, de uma forma ou de outra, desempenha um papel; assim, a bebida para o primitivo é um dos meios mais simples e fáceis através do qual ele abre a porta da possessão pelo mal. Outro, é a solidão: estar sozinho, separado do grupo da aldeia ou do grupo tribal ao qual se pertence. A maioria das pessoas que entram em tais aventuras estão sozinhas ou vão apenas em duas coletar ervas na floresta ou nas montanhas, o que significa estar sozinho com a natureza, ou, como fez a menina com o espírito da floresta, ficando sozinha em casa. Ela não cometeu nenhum pecado, apenas não quis participar dos comes-e-bebes. Neste caso a bebida é o oposto. Aí vemos como entramos em contradições! Ela queria ficar so-

zinha e isto deu a ideia ao espírito da floresta de que poderia comê-la e por isso se disfarçou em sua amiga.

Portanto, a solidão, especialmente a solidão na natureza, abre a porta aos poderes do mal, assim como ser estrangeiro num país. Nosso soldado, por exemplo, entra na aventura do fantasma por causa disso. Ele não está rodeado pela família e por seu povo. Isso também pertence à categoria da solidão, estar entre pessoas com as quais não se tem nenhum laço de sentimento emocional. No caso de Dona Trude é uma espécie de curiosidade infantil, uma falta de respeito pelos poderes do mal que abre a porta e isto também parece ser um traço típico. Em muitas histórias do mundo todo, existe uma espécie de ousadia infantil que não é coragem. Parece ser, mas não é. Esta pseudo-coragem, que é uma ousadia infantil oriunda de inconsciência ou falta de respeito, é uma característica comum através da qual o homem de repente se vê na área do arquétipo do mal. Nas sagas de nossas montanhas, essa ousadia infantil geralmente é chamada de *Frevel*.

Frevel pertence ao mesmo grupo de que deriva a palavra frívolo. Ela possui a mesma nuance, mas significa muito mais do que uma simples atitude frívola. Em alemão moderno *Frevel* significa transgredir certas regras não tanto legais, mas de comportamento comum. Nos dias de hoje essa palavra é mais usada em conexão com a caça. *Jagdfrevel* é a palavra usual, que significa transgredir as regras da caça; por exemplo, atirar em corças prenhes ou caçar nas estações proibidas, ou atirar mal, ferindo sem matar, sem se importar com o animal ferido. É assim que a palavra *Frevel* é explicada em nossa linguagem técnica.

Nos tempos antigos ela tinha uma conotação mais religiosa e seu sentido se aproximava da blasfêmia (sacrilégio); cuspir na igreja ou coisa assim eram consideradas *frevlerisch*. Em condições ainda mais primitivas, *Frevel* significava ultrapassar os limites, passando por cima de uma atitude respeitosa frente aos poderes numi-

nosos. Existe uma famosa estória no cantão de Uri que ilustra isso.

Dois homens estavam reunindo o gado no alto das montanhas. É costume na Suíça que os camponeses que possuem gado no vale também possuam sua própria pastagem nos Alpes, ou é a comunidade que a possui. Geralmente no verão duas pessoas levam juntas o gado, ficando lá toda a estação, e somente quando cai a primeira neve é que descem novamente para passar o inverno no vale. Às vezes existem até graus de altura dos Alpes: montanhas altas, montanhas médias e assim por diante. É este o nosso sistema de criar gado. Geralmente vão dois ou três homens, sem mulheres. Eles levam uma vida solitária e difícil nas montanhas.

Nesta estória de Uri, dois homens, um boiadeiro mais velho e um jovem, estavam numa dessas pastagens alpinas. Para protegerem a si próprios e ao seu gado, o Senn (boiadeiro), como é conhecido, tem que sair à noite e pedir uma bênção para o gado e a pastagem, nas quatro direções do horizonte. Até hoje ainda se faz isso. Esta reza é chamada oração de bênção do entardecer. O costume é mantido para que Deus proteja o gado, a pastagem alpina e o homem.

Uma noite o boiadeiro saiu da cabana, olhou à sua volta e ouviu uma voz do alto das montanhas que gritava: "Posso largar?" E ele, ao invés de ficar assustado, respondeu: "Oh, você pode aguentar mais um pouco!" E nada aconteceu. O dia seguinte passou e na noite seguinte a voz disse: "Posso largar?" O boiadeiro respondeu: "Ah, você pode segurar mais tempo!" Mas o rapaz jovem ficou nervoso e achando que esse não era o modo correto de se comportar e que a situação estava ficando muito perigosa, fugiu. De repente ele ouviu um grito vindo de cima da montanha: "Eu não consigo segurar mais tempo!" E com um tremendo estrondo a montanha veio abaixo, soterrando o gado, a cabana e o boiadeiro mais velho; só o rapaz jovem conseguiu escapar. Esta é uma famosa estória relatada nas "Sagas de Uri" de Müller. Aí vemos que esse boiadeiro mais velho

era um *Frevler*. Ele tinha essa ousadia infantil, eu diria, essa impertinência infantil com relação ao espírito da montanha. Existe um livro muito bom em alemão chamado *Goldener Ring Uber Uri*, escrito, com esse tipo de mentalidade, por um médico de Uri, Ludwig Renner. Esse homem vivia numa dessas regiões primitivas e assistiu a mortes e nascimentos sob condições miseráveis nas montanhas da Suíça; diz ele que os nossos camponeses da montanha parecem muito modernos e esclarecidos, desde que a gente não os conheça bem, mas quando são sacudidos por um nascimento ou morte ou algo parecido, subitamente se abrem e nos contam como realmente se sentem e qual é sua atitude real. Eu acredito inteiramente no que ele diz. Superficialmente esses camponeses são católicos, mas isso não é mais do que uma casca; por dentro, suas atitudes são completamente pré-históricas. Para eles a natureza é povoada por algo a que nem mesmo dão nome! Os boiadeiros em nossas montanhas são mais primitivos que os índios sul-americanos, pois eles não têm Curupira, um espírito definido com forma e nome definidos: eles falam a respeito d'"ISSO".

Como vêem, é o próprio "ISSO" que gritava: "Posso largar?" Quem é essa figura — "ISSO" — que segura os blocos da montanha e depois os larga? Renner amplia esse tema com muitas histórias e estranhamente "ISSO" às vezes é bom, às vezes ruim, e às vezes neutro. Às vezes se comporta como um ser humano e às vezes é completamente impessoal, e ninguém sabe como ele *é*, ele apenas age. Deixa a montanha cair sobre você.

Uma outra história conta que em Seelisberg, se você sair de seu lugar, "ISSO" vem e deixa o gado escapar; se ele o fizer, pelo amor de Deus, não se apavore, pois se entrar em pânico o gado cairá no abismo ou você tropeçará e quebrará a perna. O único jeito é continuar andando com o seu chicote ou vara, chamando o gado como se ele ainda estivesse ali e quando você dobrar a esquina seguinte você verá o seu gado! "ISSO" precisa de um tratamento muito especial. Não se pode ficar impressionado com ele, não se pode entrar em pânico,

mas também não se pode ter esse tipo de ousadia frívola — *Frevel*. Com qualquer tipo de *Frevel* ele se torna desagradável e destrutivo. Assim, não se trata realmente de uma personificação definida do mal. É ainda mais primitivo, é algo misterioso que às vezes é bom e outras ruim. Mas a atitude apontada na estória da Dona Trude e na desse boiadeiro, revela a mesma coisa: não se deve ter nenhuma ousadia infantil. Eu não acho necessário dar uma interpretação psicológica porque todos vocês, se tiveram alguma experiência da vida, sabem que ainda é este o caminho para se ficar possuído e cair no mal.

Estas regras de comportamento e estes fenómenos ainda existem e são totalmente válidos. O momento em que eu me sinto realmente mal na análise é quando vejo em um dos meus analisandos essa ousadia e curiosidade infantil a respeito do mal. Um analisando pode dizer: "Ah, gosto de ir a um lugar em que haja assassinos!" Ou: "Gosto da experiência com essa mulher; mesmo sabendo que ela é má preciso ter alguma experiência da vida e por isso tentarei dormir com ela pois devo explorar isso!" Se você explorar isso porque é você, isto é, se existe uma razão, se os seus sonhos dizem que deve fa-zê-lo, então tudo bem, pois você pode dizer que este é o *seu* mal, que esse é o seu próprio abismo que carrega em si mesmo, e que mais cedo ou mais tarde terá que encontrá-lo. Mas quando você age com uma espécie de atitude frívola ou por mera curiosidade intelectual, só para descobrir o que é, com uma falta de respeito com relação à infecção e destrutividade do fenómeno, então a gente se sente muito desconfortável.

Uma vez tive um analisando muito intelectual que gostou de uma moça simpática mas que tinha uma psicose grave. Ele foi se envolvendo e sempre me dizia que queria casar com ela. Eu fui ficando agoniada pensando se deveria avisá-lo; afinal de contas, se ele se casasse com uma moça psicótica isso poderia significar um encontro com o seu destino — mas de qualquer forma não **seria** nem um pouco divertido. Assim, lutei comigo mesma sobre como e quando poderia avisá-lo. Aí ele teve

um sonho com a moça, que falou em linguagem clara. Mas parece que a conversa não surtiu efeito. Finalmente, com as mãos geladas e o rosto vermelho me decidi, achando que deveria desanuviar minha consciência e lhe disse: "Agora, escute-me, para falar a verdade acho que a fulana de tal tem uma psicose grave". Eu pensei que isso lhe causaria um terrível choque que destruiria nosso relacionamento mas ele me disse calmamente: "Ah, sim, eu já tinha percebido isso há muito tempo" — e continuou me contando seus sonhos. Obviamente ele não tinha se dado conta do significado disso, a não ser intelectualmente. Ele tinha lido alguns livros de psiquiatria e assim podia rotulá-la como uma mulher psicótica, mas não sabia o que isso significava; ele não sabia o peso emocional de tal afirmação, como a menina que foi visitar a Dona Trude.

Frequentemente encontramos essa atitude entre intelectuais, assim como entre primitivos e gente jovem. Em adultos ela ocorre geralmente entre intelectuais, o que significa simplesmente que eles são infantis no que diz respeito a problemas éticos, de sentimento ou relacionamento. Eles se comportam exatamente como a menina na estória da Dona Trude, entrando inadvertidamente dentro do mal, sem perceber o que estão fazendo.

Agora temos que entrar no problema de examinar essas diferentes personificações do mal. Existe um livro de Rasmussen sobre as sagas da Groenlândia no qual há desenhos feitos por esquimós retratando espíritos do mal do tipo Curupira sul-americano e do tipo "ISSO", aquilo que segura as montanhas. Trata-se de desenhos esquimós autênticos, de diferentes tipos de espíritos, que me parecem extremamente reveladores. Um deles é um imenso urso polar, chamado urso do mar, que às vezes destrói as pessoas, virando seus barcos. Certamente ele personifica um poder da natureza e por isso confirma a teoria sustentada por tanta gente, de que são exatamente as forças do mal na natureza que o homem personifica dessa forma. Não nego essa teoria, mas acho que

isso não é tudo. As forças do mal da natureza, que significam simplesmente o mal para o homem, desagradáveis e destrutivas para a sua vida, pertencem à experiência arquetípica do mal: fome, frio, fogo, deslizamentos de terra e avalanches, tempestades do mar, perder-se na floresta, os grandes inimigos do homem entre os animais, como o urso polar no norte, o leão ou o crocodilo na África etc. Esses podem ser os símbolos ou as personificações do mal. Mas é impressionante a existência de uma forte tendência de se representar tais criaturas metade humanas e metade não humanas. Por exemplo, um gigante é construído de blocos de pedra mas seu contorno é humano. Outro demônio é um cachorro com uma cabeça humana de aparência desagradável. Existem muitas figuras mistas — metade animal, metade homem — bem como formas humanas grotescas. Um espírito do mal é terrivelmente magro e as pessoas dizem que a sua fraqueza é que lhe dá tal aparência.

Num estudo comparativo dos espíritos do mal, costuma-se encontrar criaturas aleijadas, sendo apenas a parte superior humana, ou apenas uma cabeça que rola e nada mais, ou algo que anda sem pés, ou que não tem mãos ou que pula numa perna só. Todas as espécies — não podemos evitar a palavra — de distorções esquizofrênicas estão presentes nesses demônios. Isso conduziu à teoria amplamente divulgada entre os etnólogos de que os espíritos do mal são produto da fantasia de indivíduos esquizofrênicos, de que as pessoas que vêem e lidam com os espíritos do mal, como o curandeiro e o Xamã, são simplesmente os indivíduos psicóticos da tribo que aterrorizam o resto de seu povo com fantasias psicóticas.

Se vocês já trataram de pessoas psicóticas, sabem Que isso é verdade. Se pedirmos para desenharem os demônios do mal que as perturbam, desenharão coisas muito parecidas com aquelas desenhadas pelos esquimós **Para** Rasmussen. Mas, do nosso ponto de vista, a explicação se encontra no caminho oposto. Muitas pessoas Que se perdem num episódio psicótico, ou que vivem

num estado psicótico crônico, submergem, ao mesmo tempo, na experiência e na expressão arquetípica do mal. Em tempos mais antigos, dir-se-ia, em termos familiares, que tinham sido tomadas pelo demônio. Se tais pessoas desenhasssem esses espíritos do mal, a distorção dos mesmos não resultaria da esquizofrenia, mas do fato de que os espíritos do mal sempre têm essa aparência. Na experiência arquetípica do mal, seus poderes se apresentam como uma figura humana aleijada, ou como algo distorcido, e me parece que devemos compreender isso simbolicamente e ver aí a projeção de um fato humano psicológico, a saber: o mal faz com que se seja tomado pela unilateralidade, por *um único* modelo de comportamento.

A vida de todos os animais, até mesmo nos níveis mais primitivos de evolução, é regida pelo que os behavioristas chamariam de modelo: um certo modo de lutar, de cortejar, de cuidar dos filhotes, de acasalar e assim por diante, que difere para cada espécie animal, e mesmo nesse nível tais modelos podem colidir ou confundir-se. Isso parece ser normal entre certos peixes, por exemplo os "Stichlinge" (*Cichlidae*, em latim), nos quais o comportamento sexual do macho está muito ligado à agressão. Os *Cichlidae* possuem uma visão muito curta, de modo que se um macho avista outro peixe pequeno, fica agressivo e disposto a lutar. Se mais tarde percebe que é uma fêmea, então, tudo bem, e ele pode se acasalar. Mas se avista um peixe maior, sente medo, fica pálido e foge. Nesse caso, mesmo reconhecendo que se trata de uma bela donzela, não poderá mais se acasalar, pois já entrou num comportamento de fuga. De modo que entre os *Cichlidae* somente um peixe maior pode se casar com uma fêmea menor, e não o contrário.

Isso ainda acontece com certa frequência no nível humano, pois se um homem sente medo de uma mulher ele fica impotente, torna-se pálido e não há nada mais a fazer. Com as mulheres acontece o contrário: elas conseguem aliar um empalidecimento e um estado de espírito de fuga com o ato sexual. Mas se elas se sentirem

agressivas, se entrarem no ânimo, então o amor não é mais possível.

Assim, às vezes certos padrões de comportamento se justapõem, se aproximam e colidem, ou conduzem o animal a dificuldades de adaptação. Apesar de terem sido criados pela natureza para adaptar o animal a situações da vida, às vezes esses padrões funcionam ao contrário, de uma forma errada, colidindo um com o outro. Se interferir na natureza, o homem pode provocar conflitos no animal e transformar tais padrões de comportamento do modo mais engraçado. Assim sendo, já no nível animal podemos falar de conflito no sentido literal da palavra, uma colisão ou luta de dois padrões de comportamento. Por exemplo, se você esticar a mão na direção de uma galinha que está chocando, verá como a galinha entrará em conflito: querera fugir, evitando ser tocada por um ser humano, mas seu instinto maternal a mantém em cima dos ovos e cada vez ela se torna mais tensa. Então, subitamente, ou o comportamento de fuga se desmonta e ela aceita ser tocada por um ser humano, ou sai voando num grande alarido porque o modelo de fuga prevaleceu e ela desiste do instinto maternal. Mas entre um e outro há o momento de suspense quando não se sabe qual deles vencerá.

Os padrões de comportamento, mesmo no nível animal, não são uma coisa claramente regulada; não existe um escritório central onde se estabeleça uma mudança razoável de um comportamento para outro. Pode até ser que por esta razão a natureza tenha inventado nossas formas mais elevadas de consciência, para criar um tal escritório central, evitando a inadaptabilidade encontrada no nível animal. Mas, qualquer que seja a razão, nós manifestamos esses mesmos traços, pois uma mulher pode entrar num conflito entre auto-preservação e proteção de seus filhos, exatamente como a galinha, e constantemente enfrentamos outras situações de vida onde padrões de comportamento colidem.

Podemos dizer que sempre que uma pessoa é arrastada unilateralmente por um padrão de comportamento,

a adaptação é perturbada. Certos animais, provavelmente devido ao caráter inicial de seu desenvolvimento, excedem um padrão. Certos veados ou lobos tornam-se extraordinariamente agressivos, sendo completamente tomados por esse padrão e provocando grandes distúrbios no grupo a que pertencem. Em geral morrem cedo por causa disso. Assim, ser completamente levado por um dos padrões de comportamento sempre acarreta um certo perigo. Em nossa civilização atual, animais selvagens, tais como cervos e raposas, conseguem uma adaptação muito boa e inteligente em relação ao homem, evitando-o a todo custo; mas, por exemplo, se um veado macho se encontra num estado de paixão sexual, ele praticamente correrá em direção à espingarda do caçador, não sendo capaz de se controlar. Há ocasiões em que o veado corre na direção do caçador e faz cair a arma que o caçador tem nas mãos. Usando uma linguagem antropomórfica, eles ficam cegos em face de qualquer tipo de perigo, sendo tomados por sua paixão sexual. Uma gata, se estiver com filhotes, atacará até um cão alsaciano, e acabará morrendo, levada pelo instinto maternal em detrimento de qualquer outra reação "razoável".

Provavelmente é este o fundamento natural do homem, pois ele também tende a ser levado por certos padrões de comportamento, isto é, por padrões arquetípicos, por emoções e fantasias. E, da mesma forma que na vida animal, se alguém é tomado por esses padrões, dizemos que está possuído. A possessão continua sendo para nós tão ruim como nas sociedades primitivas, pois significa ser levado por um único tom na melodia de nossas próprias possibilidades interiores, o que em si já contém uma boa dose de mal. Agora vemos por que e como isto se liga ao mal puro e simples na natureza, porque ser levado por uma emoção é exatamente como um deslizamento de terra, só que dentro de nós mesmos, e não fora. Os rochedos de nossa emoção desabam sobre nós e ficamos completamente dominados; desaparece qualquer traço de razão, sociabilidade ou o que seja.

Na análise, as pessoas ameaçadas por uma raiva patológica costumam sonhar com um deslizamento de terra ou avalanche e aí o inconsciente utiliza uma imagem simbólica hábil para predizer não um desabamento exterior mas interior, no qual o comportamento cultural, imbuído na personalidade, é completamente encoberto e substituído por um único modo de comportamento — agressão, medo ou algo desse tipo, uma poderosa reação primitiva que podemos chamar de natureza pura. Portanto, não podemos negar que os espíritos maléficos na natureza se refiram não apenas ao verdadeiro mal contido na natureza, mas igualmente à natureza pura dentro de nós, que contém esses mesmos fenómenos. Se olharmos por esse ângulo, o fato de que essas criaturas sejam representadas como aleijadas é muito adequado, pois isso implica uma natureza humana unilateral e distorcida: existe apenas uma perna.

Se, por exemplo, um homem ficar tão furioso com a esposa e chegar a bater nela, ele estará andando numa perna só; ele está se lembrando apenas de sua raiva e não de que também ama a esposa. Ele está se esquecendo do oposto, isto é, do outro lado de seu comportamento. Ele se comporta "com uma perna só", como "aleijado", sendo arrastado pela unilateralidade de uma emoção momentânea, e por isso possui uma única perna, ou apenas uma cabeça que rola sozinha.

Muitos cientistas modernos são como crânios rolantes, sem coração ou outra reação humana normal. Esta é uma imagem apropriada para esse tipo de unilateralidade psicológica e a analogia com o material es-quizofrênico torna-se compreensível, visto que definimos ^a esquizofrenia como uma forte dissociação dos complexos da personalidade inconsciente. Por isso os desenhos de tais pessoas lembram os espíritos maléficos que ^{Os} esquimós e os índios sul-americanos e outros povos Primitivos sempre desenharam. Não são desenhos anormais, mas imagens primitivas do mal muito normais; ^{Se} uma pessoa esquizofrênica desenha tal demónio, é

para indicar que é isso que a toma, essa é a coisa na qual está presa.

Agora chegamos a um outro problema, pois minha intenção não é tanto discorrer sobre o mal, mas considerar principalmente a maneira pela qual o homem lida com ele. Assim, depois desta incursão eu gostaria de voltar ao problema do comportamento, comentando inicialmente o tema da solidão.

Poderíamos nos perguntar se é uma solidão física, espiritual ou mental que propicia a possessão pelo mal. Pessoalmente, eu diria que são todas. Nas histórias que lhes contei trata-se principalmente de solidão física, estar só na floresta ou na montanha, apesar de hoje em dia, com a superpopulação, ser possível sentir-se tão sozinho no 10º andar de um apartamento na cidade quanto uma pessoa na floresta amazônica. Isso é solidão mental, mas, de certa forma, é também solidão física. Os árabes do Saara dizem para nunca nos aproximarmos de uma mulher que viva sozinha perto do deserto, pois provavelmente ela tem um amor secreto, um *djinn*, um espírito do deserto. Eis aí novamente o tema da solidão. Por outro lado, na tradição cristã e budista, a solidão é algo procurado por pessoas que buscam a santidade, uma espiritualidade mais elevada e um desenvolvimento da consciência religiosa. Se levarmos isso em conta podemos dizer que a solidão atrai os poderes do Além, tanto maus como bons. A explicação natural seria que a quantidade de energia normalmente usada pela pessoa, em suas relações com o meio ambiente, é represada internamente e ativa o inconsciente, reforçando a parte inconsciente da psique, de modo que se uma pessoa ficar sozinha por muito tempo, seu inconsciente despertará e ela será apanhada, por bem ou por mal; será possuída pelo demônio, ou encontrará uma realização interior maior. Quem se introverte dessa maneira, segundo atestam os que procuraram a santidade no passado, é inicialmente atacado pelos demônios, porque primeiro essa energia fortalece o que chamaríamos de complexos autônomos do inconsciente. Estes tornam-se mais intensos

e o fruto da solidão só será positivo depois de resolvidos tais complexos; antes disso, a solidão significará lutar com vinte mil demónios diferentes.

Eu mesma tentei uma vez. Tendo lido em Jung que os santos no deserto achavam que tal isolamento fortalecia sua consciência, achei que também devia tentar! Foi o meu comportamento curioso, vejam vocês, de que os preveni. Naturalmente tentei quando jovem e assim me fechei numa cabana nas montanhas, no meio da neve. Eu me sentia completamente feliz, pois me ocupava o dia inteiro com a cozinha, e com o que iria comer no dia seguinte, e este padrão de comportamento evitou que eu fosse tomada por outros demónios. Sendo por natureza introvertida, bastava ir uma vez por dia à vila comprar pão e leite e comentar o tempo, para me manter em equilíbrio, de modo que o efeito foi nulo! Mas daí, reforcei o tratamento e arranjei comida em lata para não ter que ir à vila. Como costumasse esquiar pelas redondezas, acabei cortando também essa atividade. Finalmente me forcei, com apenas lápis e papel para escrever meus sonhos e possíveis fantasias, a ficar sentada o dia inteiro sem fazer nada, cozinhando rapidamente só coisas sem graça — macarrão ou algo assim — de modo que isso não gastasse minha energia e a primeira experiência que tive foi de que o tempo começava a se arrastar! Ele se arrastava que era um inferno! Olhei no relógio e eram dez horas. Me sentei, escutei os passarinhos e a água da neve pingando no telhado e achei que tinha ficado sentada uma eternidade mas eram apenas dez e meia e ainda não estava na hora de cozinhar o macarrão, e daí em diante foi sempre assim. Foi interessante, porque certa vez tive uma analisanda que tivera um episódio psicótico agudo no Burghölzli * e o primeiro dia que passou no sanatório teve exatamente a mesma experiência, isto é, que o tempo se arrastava, que os minutos eram uma eternidade. A minha situação foi piorando mas eu aguentei, e então o inconsciente tornou-se

*

Famoso hospital psiquiátrico de Zurique.

vivo porque comecei a imaginar que assaltantes costumavam entrar em tais cabanas, principalmente prisioneiros fugitivos à procura de armas ou roupas civis, caso ainda estivessem com o uniforme listrado. Essa fantasia tomou conta de mim por completo e, sem perceber que era justamente isso o que procurava, fiquei tomada pelo pânico. Peguei o machado de cortar lenha, coloquei-o ao lado da cama e fiquei acordada, tentando decidir se teria coragem de golpear tal homem na cabeça, se ele aparecesse, e, assim, não consegui dormir. Aí tive que ir ao banheiro que ficava fora, na floresta coberta de neve, e no meio da noite vesti as calças de esqui e saí pelo escuro. De repente algo caiu atrás de mim, saí correndo, caí de cara na neve e voltei ofegante. Daí percebi que era apenas um pouco de neve que tinha caído de uma árvore, mas com o coração aos pulos e o machado ao lado da cama não consegui dormir.

Na manhã seguinte achei que bastava e que devia voltar para casa, mas daí me veio outro pensamento e eu disse: "Mas era isso que eu estava procurando!" Eram esses os demónios que eu queria encontrar, de modo que resolvi fantasiar a respeito do assaltante. Sentei-me e na mesma hora vi o assaltante entrando. Assim fiz o que em termos junguianos chamamos de imaginação ativa e me senti absolutamente bem! Depois disso fiquei ali quinze dias, com o machado guardado, sem nem ao menos trancar a porta. Senti-me completamente segura. Mas sempre que tal coisa surgia eu escrevia algumas notas e lidava com ela através da imaginação ativa e daí tudo ficava em completa paz. Eu poderia ter ficado por mais semanas sem o menor problema, mas quando encontrei a coisa sem os recursos da imaginação ativa, estava no caminho certo para ser sutilmente possuída. Fui até bastante estúpida, pois conhecia alguma coisa de psicologia junguiana e não percebi que esse assaltante era o ânimus invadindo meu território. Fiquei completamente apavorada, achando que um criminoso de verdade entraria durante a noite.

Esta experiência me ensinou que a solidão dá vida ao que existe no inconsciente, e se não soubermos como lidar com esse material, ele surgirá primeiro de forma projetada. No meu caso a projeção consistia na ideia de um criminoso, e se pertencesse a um nível da civilização que ainda acredita em demônios, eu teria pensado que o Curupira tinha chegado ou que o "ISSO" das montanhas tinha jogado neve em mim. Eu teria dado nome à coisa, mas como sou mais moderna dei o nome de criminoso fugitivo. No entanto, a coisa em si é absolutamente a mesma. A maioria das pessoas não é capaz de aguentar tais situações por muito tempo, precisando da companhia de outros para proteger-se contra "ISSO".

No livro *Goldener Ring Über Uri*, que mencionei anteriormente, Renner explica muito claramente que o homem que vive sozinho na natureza precisa sempre traçar um anel ritual de ouro em torno de si, uma man-dala: seja pela oração dita nas quatro direções do horizonte, enviando uma prece ao redor da montanha, ou fazendo o gesto de um círculo. (Nós também temos tais gestos ao balançar a bandeira suíça no ar em círculo). Quem não conhece tais práticas ritualísticas de proteção não pode viver sozinho na natureza. Certamente será apanhado, pois é preciso ter um círculo protetor, ou algo mínimo como, por exemplo, os próprios objetos em torno de si.

Nossos pastores alpinos acreditam que se uma cabana fica desocupada durante o inverno, o que acontece com todas elas, o "ISSO" se apossa dela novamente. A inconsciência e a natureza a invadem, e se você voltar ^{na} primavera deve antes exorcizá-la através de certos rituais religiosos, e só então realmente se instalar na cabana. Não se pode simplesmente chegar e ficar. Quem volta para sua casa de campo depois do inverno sabe ^{exatamente} o que isso significa; a tampa da panela cai ^{no} chão, mete-se a mão numa teia de aranha, a cama ^{está} fria e na manhã seguinte a pessoa tem reumatismo ao acordar. É como se a pessoa estivesse lutando com

vinte mil demónios até se estabelecer novamente em sua vida normal. É preciso portanto contar com o círculo protetor dos seres humanos e também dos objetos queridos.

Aqui eu gostaria de fazer um ataque de escanteio ao tratamento da psiquiatria moderna nos hospitais. Com a terrível desculpa de querer evitar que aqueles que chegam ao hospital cometam suicídio, na maior parte dos sanatórios da Suíça e da América os pertences pessoais são tirados dos pacientes. Não lhes é permitido ter à cabeceira nem uma fotografia da mãe, nem uma carta de amor, nem uma bolsa, nem mesmo um lenço sujo — todas essas pequenas coisinhas das quais se gosta de estar rodeado. Já ouvi muitas e muitas vezes dos pacientes que a partir desse momento, em que lhes são tirados seus pertences, eles se sentem condenados, como se isso fosse o fim, e que daí estão perdidos, entregues nus aos poderes do mal, e eles próprios desistem de lutar contra o mal. É como se lhes tivessem tirado a sua última cidadela. Por que os psiquiatras ainda não descobriram isso? Naturalmente, deve-se tirar uma faca, um revólver e coisas com as quais poderiam realmente se suicidar, mas deixemos com eles um lenço ao menos, algo tão pequeno com que não consigam se enforcar, só um pedacinho daquele "anel de ouro", para que fiquem cercados pelas coisas com as quais têm uma relação afetiva, pelas coisas que lhes pertencem.

O homem primitivo não se relaciona apenas com os seres humanos, mas também com objetos. Tais objetos formam um anel à sua volta, protegendo-o da completa exposição ao sobrenatural e às forças terríveis do inconsciente. Vocês sabem que os pacientes esquizofrênicos queixam-se de ser perseguidos por demónios e forças do mal; assim, por que não deixar com que ao menos eles mantenham seu pequeno anel de objetos à sua volta, uma vez que eles próprios já foram cortados de todo relacionamento humano por causa de seu comportamento inadequado?

Existe um outro meio pelo qual a solidão atrai o mal: se você vive sozinho, distante de uma comunidade humana por muito tempo, então a tribo, as outras pessoas, projetam a sombra delas sobre você e não há nada que se possa fazer. Por exemplo, depois de férias prolongadas, durante as quais não vejo meus analisandos, quando volto, acabo às vezes descobrindo que eles teceram lentamente uma teia das mais incríveis ideias negativas a meu respeito. É por isso que os franceses dizem: *les absents ont toujours tort* (os ausentes nunca têm razão). Eles acham que eu fiz isto ou aquilo, mas quando me vêem novamente dizem: "Por que afinal de contas pensei essas coisas? Agora que estamos novamente juntos não consigo nem imaginar que pudesse pensar tais coisas a seu respeito". O contato e o calor humano do momento dissipam essas nuvens de projeção, mas se alguém se ausenta por muito tempo e o laço de afeição e de sentimentos se afrouxa, as pessoas começam a pro-jetar.

Assim, quem vive sozinho não somente atrai o mal de sua própria natureza, constelando-o através do inconsciente, mas também atrai projeções. É por isso que os solitários dão a impressão de serem estranhos e, se acontece alguma coisa desagradável, os aldeões tendem a pensar que a culpa seja dos solitários. Quando se volta novamente à comunidade, pode-se argumentar, defender ou explicar o próprio comportamento, dissipando essas nuvens negras. Ou talvez alguém faça algo incomum e as pessoas encontrarão para aquela ação as mais fantásticas explicações negativas, mas se entrarmos num bar e tomarmos uma cerveja em sua companhia, elas começarão a implicar conosco e com uma explicação da parte nossa, tudo fica bem outra vez. Mas quando não conseguem compreender, as pessoas projetam seu próprio mal.

São justamente essas experiências básicas humanas que se deve ter sempre em mente, pois elas se relacionam de perto com o problema do mal. Pode-se ver como a solidão separa a pessoa da comunidade. Em tem-

pos antigos e na sociedade primitiva isso era muito mais frequente. O estranho estava errado e era perigoso, trazendo consigo a atmosfera da doença, do homicídio, da morte e dos distúrbios nas relações humanas, e por isso era preciso aproximar-se dele com todo tipo de precauções.

3

Confrontando os poderes do mal

No último capítulo tentei descrever as atitudes ou situações que parecem atrair o mal, segundo os contos de fada: embriaguez, solidão física ou psíquica, ser um estranho ou se isolar demais. Estas não são condições necessárias, mas existem no início de alguns contos de fada. Outras situações iniciais também merecem atenção. Na estória do Curupira que comeu todos os caçadores, estes tinham tido uma sorte extraordinária, pois o acampamento estava repleto de macacos que haviam caçado. No dia seguinte foram caçar novamente mas à noite o Curupira e seus animais selvagens vieram e comeram a todos.

Isso parece insinuar que tendo matado animais além da conta, os caçadores aborreceram o Curupira, o Senhor da Floresta. Talvez, apesar da estória não dizê-lo *expressis verbis*, o que do ponto de vista humano é tido como boa sorte, na caça tenham ido um pouco longe demais, além da medida usual, ultrapassando os limites naturais, e assim possivelmente os caçadores atraíram o mal. Ou ficaram secretamente inflados devido a sua boa sorte, ou simplificando, irritaram o Senhor da Floresta Por lhe tirarem demais. Isto não seria nada surpreendente» pois na maioria das sociedades primitivas existem certas regras de caça. Não se podem matar animais ^{em} demasia, de uma só vez. Existem tabus. Um certo numero de animais deve ser poupado se o homem não quiser perturbar o equilíbrio natural das coisas e assim atrair para si o mal, ou a vingança do espírito que protege os animais em geral.

Nós agora estamos ficando conscientes de que o homem é capaz de perturbar a economia biológica de seu meio-ambiente, atraindo assim o mal como reação. Começamos a acordar para o fato de que temos aborrecido demais o Curupira, numa extensão tal que provavelmente todos os nossos ossos serão logo quebrados. Ao contaminar as águas, destruímos os animais e o equilíbrio biológico da natureza. Isto parece ter suas raízes em dias muito longínquos.

Quando começou a usar armas, o homem pôs em prática uma artimanha ilegítima. Ele deixou de lutar com os animais num nível de igualdade e honestidade. Desde o início isso lhe deve ter pesado na consciência, dando origem a um sentimento de que deveria ser sábio e poupar alguns animais. Por exemplo, na velha China a regra de caça era a de que os animais fossem levados juntos por um homem para três cantos do horizonte, mas o quarto deveria ficar aberto para lhes dar uma chance; Deus os inspiraria para escaparem na direção certa, caso sua hora ainda não tivesse chegado. Eu li nos jornais que acabamos de promulgar uma lei semelhante. Quando os homens caçarem em grupos, com batedores que espantam os animais para fora do mato, devem deixar aberta uma das quatro direções do horizonte para que alguns deles possam escapar; não se pode formar um círculo e acabar com todos eles. A Suíça, com suas novas leis de caça publicadas nos jornais há umas quatro semanas, retomou um antigo hábito chinês, provavelmente sem o saber, pois trata-se simplesmente de uma sabedoria natural.

Assim, vemos que o problema do mal no campo do folclore, problema que agora estou discutindo, é distinto do problema religioso, diferenciado ou específico, do mal. O que chamamos de mal nesse nível inclusive difere da ideia teológica, pois se encontra na esfera de fenômenos puramente naturais. Isto é tremendamente importante em psicologia, pois acho que não sou otimista se disser que em noventa por cento dos casos em que uma pessoa tem que lidar com o mal, ela se confrontará com esse

mal natural num nível psicológico, e só muito raramente com um fenómeno mais absoluto e profundo do mal. Oitenta ou oitenta e cinco por cento dos fenómenos são apenas o Curupira, a Dona Trude e criaturas semelhantes que ainda existem em nossa natureza psicológica.

É por essa razão que os contos de fada são tão importantes. Neles encontramos regras de comportamento de como lidar com essas coisas. Muito frequentemente não se trata de um assunto ético muito claro, mas de como se encontrar um caminho de sabedoria natural. Isso não quer dizer que às vezes esses poderes não sejam extremamente perigosos.

Eu gostaria de entrar em ilustrações mais específicas, mostrando de que forma os seres humanos confrontam esses poderes. Vimos que não infringir tabus e observar as regras da tribo parece ser uma das formas mais usuais de tentar evitar o mal. Mas para detalhes mais específicos gostaria de lhes apresentar um conto de fada russo, chamado "A Bela Wassilissa". É um paralelo mais elaborado da estória da Dona Trude, exceto pelo fato de que aqui a menina não é devorada mas encontra uma saída para o problema.

Era uma vez um reino muito distante onde viviam um mercador e sua mulher. Eles tinham apenas uma filha chamada a Bela Wassilissa (a palavra Wassilissa quer dizer rainha, mas é somente um nome comum). Quando a menina estava com oito anos, a esposa do mercador chamou a filha dizendo que ela, sua mãe, logo morreria mas que lhe deixaria sua bênção maternal e uma boneca. Wassilissa deveria sempre guardar a boneca junto a si, sem mostrá-la a ninguém; se estivesse em dificuldades, deveria aconselhar-se com a boneca. Tendo dito isto, a esposa do mercador morreu.

Posteriormente o mercador casou-se com uma viúva que tinha duas filhas, mais ou menos da idade de Wassilissa. Aos poucos a madrasta foi ficando-

do hostil a Wassilissa, mas sempre sua boneca a confortava.

Um dia o mercador teve que sair do país por muito tempo. Durante sua ausência a madrasta mudou-se com suas três filhas para outra casa, perto da floresta. Numa clareira dessa floresta ficava a casa de Baba-Yaga (a grande bruxa dos contos de fada russos). A ninguém era permitido aproximar-se dela, e qualquer um que caísse em suas mãos era comido como se fosse uma galinha. A situação convinha à madrasta, pois ela tinha esperanças de que um dia Wassilissa cruzasse o caminho de Baba-Yaga.

Uma noite a madrasta deu três velas às filhas, ordenou-lhes que bordassem, tricotassem e fiassem, e foi dormir. Com o passar das horas as velas queimaram. Uma das meninas pegou sua agulha de tricô para limpar os pavios mas propositadamente acabou fazendo com que a vela se apagasse. Aí ela disse que não se importava, pois podia fazer o seu bordado sem luz; a outra disse que podia tricotar sem luz, mas você, as duas meninas disseram a Wassilissa, deve ir à casa de Baba-Yaga arrumar fogo para que a gente possa ter luz novamente e a empurraram para fora. A menina foi até seu quarto e perguntou à boneca o que deveria fazer. A boneca lhe disse para não ter medo e ir aonde as outras a tinham mandado, levando-a consigo pois a ajudaria.

Wassilissa andou durante toda a noite. Aí encontrou um cavaleiro vestido de branco, montado num lindo cavalo coberto de branco e no momento em que ele passou por ela, o dia nasceu. Pouco depois encontrou um segundo cavaleiro vestido de vermelho, montado num cavalo coberto de vermelho e nesse momento o sol surgiu.

Tendo já andado toda a noite, Wassilissa andou durante todo o dia seguinte. À tarde chegou à clareira onde ficava a casa de Baba-Yaga. A casa era rodeada por uma cerca feita de ossos humanos intercalados de caveiras. As trancas das portas eram

feitas de braços de esqueletos e a fechadura, de dentes de caveira. Wassilissa estava apavorada, quase desmaiando e como que pregada no chão, quando, de repente, um cavaleiro negro, num cavalo também negro, passou galopando e a noite caiu. Mas a escuridão não durou muito, pois logo os olhos das caveiras na cerca começaram a brilhar, e a clareira ficou tão iluminada como se fosse dia. Wassilissa tremia de medo mas logo ouviu um zunido estranho; as árvores começaram a farfalhar e Baba-Yaga surgiu da floresta. Ela vinha sentada dentro de um almofariz e com uma vassoura apagava suas pegadas. Quando chegou à porta, cheirou o ar e disse: "Sinto cheiro de russos! Quem está aí?"

Wassilissa foi ao seu encontro e curvando-se disse: "Sou eu, vovó, minhas irmãs de criação me mandaram aqui para lhe pedir fogo".

"Bom", respondeu Baba-Yaga, "eu as conheço. Fique um pouco comigo e depois você terá o fogo".

Daí ela pronunciou umas palavras mágicas. A porta se abriu, Baba-Yaga entrou no pátio e depois a porta se fechou atrás delas. Ela então mandou a menina acender o fogo e lhe trazer comida. Comeu bastante, deixando praticamente nada para Wassilissa: só um pouco de sopa de repolho e uma crosta de pão. Aí deitou-se para dormir e disse a Wassilissa que na manhã seguinte, depois que ela saísse, Wassilissa deveria varrer o pátio e a casa, fazer o almoço, lavar a louça e separar os grãos bons dos carunchados. Tudo deveria estar pronto na hora que chegasse em casa, caso contrário ela a comeria.

A menina pediu ajuda à boneca e esta lhe disse que não tivesse medo, que jantasse, fizesse suas orações, deitasse e dormisse, pois "a noite é boa conselheira".

Na manhã seguinte, quando acordou, Wassilissa olhou pela janela e viu que os olhos das caveiras já estavam se fechando. O cavaleiro branco passou e o dia nasceu. Baba-Yaga saiu e a menina andou por

toda a casa, admirando seus tesouros. Daí ficou imaginando por onde começaria o trabalho, mas todas as tarefas já tinham sido feitas pela boneca, que estava justamente terminando de separar o último grão preto dos brancos.

De noite, quando Baba-Yaga chegou, encontrou tudo pronto e ficou furiosa pois não havia em que pôr defeito. Aí uma coisa muito estranha aconteceu, pois ela gritou: "Meus fiéis servos, moam os grãos para mim". E três pares de mãos de esqueletos apareceram e levaram os grãos.

Em seguida a bruxa deu ordens para o dia seguinte, dizendo que a menina deveria fazer tudo o que já tinha feito no dia anterior e além disso limpar as sementes de papoula. Na noite seguinte, ao retornar, Baba-Yaga chamou mais uma vez as mãos para extrair o óleo das sementes de papoula.

Enquanto Baba-Yaga jantava, Wassilissa ficou ali perto, silenciosa. Baba-Yaga disse: "Por que é que você está olhando sem dizer nada? Você é muda?"

A menina respondeu: "Se pudesse, gostaria de lhe fazer algumas perguntas".

"Pergunte", disse Baba-Yaga, "mas lembre-se, nem todas as perguntas são boas. Saber demais envelhece!"

Wassilissa então disse: "Gostaria somente de lhe perguntar a respeito das coisas que tenho visto: no caminho de sua casa um homem todo vestido de branco passou por mim montado a cavalo. Quem era ele?"

"Esse é o meu dia, o luminoso", respondeu Baba-Yaga.

"E daí outro cavaleiro passou por mim, todo vestido de vermelho e montado num cavalo vermelho. Quem era ele?"

"Esse é o meu sol, o vermelho".

"E daí, no portão, apareceu um cavaleiro negro"-

"Esse é a minha noite, o escuro .

Então Wassilissa pensou nos três pares de mãos mas não ousou perguntar mais nada, ficando quieta.

E Baba-Yaga disse: "Por que você não me faz mais perguntas?"

E a menina respondeu que essas eram suficientes, acrescentando: "Você mesma disse, vovó, que perguntar demais envelhece".

Aí Baba-Yaga retrucou (e isto é importante): "Você fez bem em perguntar só a respeito do que viu lá fora, e não do que viu dentro da casa. Não gosto quando a sujeira é levada para fora. Mas agora eu quero perguntar a você uma coisa: Como conseguiu fazer todas as tarefas que lhe dei?"

"A bênção de minha mãe me ajudou", respondeu Wassilissa. (Ela não mencionou a boneca).

"Ah, foi isso? Então dê o fora daqui, filha abençoada, eu não preciso de nenhuma bênção em minha casa!"

E Baba-Yaga pôs Wassilissa para fora, empurrando-a pelo portão. Tirou da cerca uma das caveiras com olhos flamejantes, colocou-a num pau e deu-a à Wassilissa dizendo: "Aqui está o fogo para suas irmãs, pegue-o e leve-o para casa".

A menina afastou-se correndo de Baba-Yaga, fugindo através da floresta escura, iluminada apenas pela luz da caveira que só se extinguiu quando o dia nasceu. Na noite seguinte ela chegou em casa. Quando se aproximou do portão pensou em jogar a caveira fora, mas uma voz cavernosa disse: "Não faça isso, leve-me para sua madrastra".

Assim Wassilissa obedeceu e quando entrou com o fogo no quarto, os olhos flamejantes da caveira fixaram-se na madrastra e em suas filhas, queimando sua alma e perseguindo-as onde quer que fossem se esconder. Quando amanheceu, tinham virado cinzas, e somente Wassilissa escapou sã e salva.

De manhã, Wassilissa enterrou a caveira, fechou a casa e foi para a cidade.

Vou resumir a segunda parte da estória. Wassilissa foi morar com uma boa velhinha que lhe comprou fio para tecer linho. O linho que tecia era tão bonito que era usado para fazer camisas para o rei. Através disso ela entrou em contato com o rei e os dois se casaram. Quando seu pai, o mercador, voltou, ficou muito feliz com a boa sorte da filha. Foi morar com ela no palácio e com a mulher idosa que a ajudara, que Wassilissa havia trazido consigo (assim novamente ela tem pai e mãe), e a boneca, ela a conservou até o fim da vida.

Como estamos nos concentrando no aspecto sombrio das coisas, e no mal, estou pulando este final feliz.

Vemos aqui a semelhança. No caso da Dona Trude novamente aparecia um quaternio de figuras, e também um homem verde, um preto e um vermelho: o carvoeiro, o açougueiro e o caçador. Aqui o dia, a noite e o sol é que são os três cavaleiros.

Na versão russa podemos ver claramente que Baba--Yaga é a grande Mãe-Natureza. Ela não poderia falar de "Meu dia, minha noite" se não fosse a dona da noite, do dia, do sol; por isso ela deve ser uma grande Deusa, e podemos chamá-la de Grande Deusa da Natureza. Obviamente, com todos esses esqueletos em volta de sua casa, ela é também a Deusa da Morte, que é um aspecto da natureza. (Podemos lembrar, por exemplo, que a Deusa Germânica do inferno é *Hei*, de onde vem a palavra inglesa *hell*.) Ela mora numa câmara subterrânea cujas paredes são feitas de vermes e de ossos humanos. Assim, ela é a Deusa do dia e da noite, da vida e da morte, e o grande princípio da natureza. Ela é também uma bruxa e por isso tem uma vassoura, como nossas bruxas que montam num cabo de vassoura. Anda num pilão, o que a torna parecida com uma grande Deusa pagã dos cereais, tal como Demeter na Grécia, que é a Deusa do trigo e também do mistério da morte. Os mortos na antiguidade grega eram chamados *demetreioi*, aqueles que tinham caído sob o poder de Demeter, como o grão caindo na terra. Supunha-se que morte e ressurreição eram um símile do que acontece ao homem depois da morte;

assim essas mãos de esqueleto, que pegavam os grãos e as

sementes de papoula, tinham algo a ver com o mistério da morte. Falaremos sobre isso mais adiante.

Aqui também vemos uma grande diferença com relação à estória da Dona Trude, A menina entra na casa da Dona Trude por absoluta curiosidade, por ousadia infantil, como denominei, e vira um pedaço de pau que é queimado pela grande bruxa. Mas esta menina jamais teria ousado entrar por simples ousadia infantil no domínio da grande bruxa. Wassilissa foi levada até lá por maldade da madrasta e de suas filhas. A menina no conto da Dona Trude não tinha proteção mágica e nem se preocupou com isso. Com sua ousadia infantil, nem mesmo pensou em algo desse tipo. Wassilissa, porém, leva consigo a bênção de sua mãe e a boneca mágica.

Vê-se, portanto, que realmente a grande batalha entre a vida e a morte, o bem e o mal, a menina e a bruxa da grande natureza, torna-se uma competição mágica secreta: trata-se de saber quem possui poderes mágicos mais fortes, a menina ou a grande bruxa, cada uma respeitando os poderes da outra. Wassilissa não fez a última pergunta a respeito do segredo da bruxa, assim como esta não percebe ou finge não perceber o grande segredo da menina. Assim elas podem se separar, *partie remise*. Lembrem-se bem disso, pois mais tarde voltarei a essa competição mágica que é um dos problemas mais importantes.

A bruxa inicialmente ficou muito aborrecida com Wassilissa por não lhe ter feito perguntas, de modo que ela as esperava ou aparentemente desejava. Quando ela grita — "Por que você não me pergunta nada?" — Wassilissa faz três perguntas e engole a última. Esta quarta se referia ao que tinha visto dentro da casa. Os cavaleiros se ligam à bruxa mas Wassilissa os tinha visto do lado de fora. Portanto devemos supor que essas mãos de esqueleto têm a ver com o segredo central da bruxa, que a esse respeito diz algo muito estranho, a saber: "É bom que você não tenha feito perguntas sobre coisas dentro da casa, pois não se deve levar a sujeira para

fora”. Isso parece o nosso provérbio que diz que roupa suja se lava em casa, e a bruxa usa essas palavras no sentido comum. Este é um ponto interessante. A bruxa tem roupa suja e obviamente está um pouco envergonhada, pois se não sentisse nenhuma vergonha do mal, não ligaria se Wassilissa o tocasse. Mas, como um ser humano comum, ela se sente levemente incomodada por seu lado sombrio e por isso fica agradecida à menina que com muito tato evita pôr o dedo nesse assunto de roupa suja.

Isso mostra que Baba-Yaga é uma figura levemente dividida, não completamente una em si mesma. Existe algo de bom escondido dentro dela, apenas o suficiente para fazê-la sentir vergonha de seu lado sombrio e achar que ele não deve ser levado para fora da casa. Ela não é completamente um demônio da natureza; há um toque de humanidade em seu caráter demoníaco. Ela tornou-se um pouco humana, sendo então capaz de reações éticas humanas. É exatamente aí que a menina não devia pôr o dedo, pois se tocasse nesse ponto cego da Baba-Yaga, esta teria urrado de raiva, devorando-a em seu furor. Coisa semelhante pode acontecer a um analista que ouse mencionar o lado sombrio do analisando; um ou outro frequentemente são engolidos por uma violenta emoção. Naturalmente, podemos às vezes ousar tais coisas com um semelhante; mas com uma Deusa, se ousar tocar seu lado sombrio, você provavelmente desaparecerá da superfície da terra.

Podemos concluir a partir dessa estória que Baba-Yaga não é totalmente má; ela é ambígua, é luminosa e sombria, boa e má, embora aqui o aspecto do mal seja enfatizado.

Este tema, de que não se deve tocar no lado sombrio da divindade, seja um Deus ou uma Deusa, é muito difundido no folclore. Por exemplo, existe um conto austríaco chamado "A Mulher Negra". Uma menina se torna empregada de uma bruxa negra na floresta. Há um quarto proibido, como na estória do Barba-Azul, no qual não se deve entrar. Ela tem que limpar a casa durante muitos

anos. Como sempre acontece nessas estórias, ela acaba abrindo a porta do quarto secreto, encontrando nele a bruxa negra que, graças à limpeza que a menina fazia, estava ficando branca. A menina fecha o quarto de novo mas então é perseguida pela bruxa por ter transgredido o tabu e, o que é bastante estranho, nas versões originais, ela nega totalmente ter visto alguma coisa. Existe um número infinito de tais estórias. Na estória principal, ela vê a bruxa negra que quase se torna branca; em outra estória, vê um esqueleto todo o tempo balançando em cima do fogo; em outra, vê um ganso, em outra ainda, uma figura feminina petrificada rodeada por anões petrificados, e assim por diante. A Deusa que fica nesse quarto proibido sempre persegue a menina, leva embora os seus filhos e lhe causa toda sorte de desgraças, insistindo: "Você me viu no quarto?" E a menina mente, resoluta, mente e torna a mentir, até que afinal a Deusa se volta e diz: "Como você mentiu de modo tão perfeito, como você não revelou meu lado sombrio, eu a recompensarei", e então a bruxa recompensa generosamente a menina.

Assim, ao contrário de nossa moral cristã, essas estórias dizem que existe uma forma de mentir com tato a respeito do mal ou do lado sombrio dessas grandes divindades, que não é imoral. Ao contrário, ser capaz de ver o abismo do mal e fingir não tê-lo visto é o mais alto feito. Mais tarde, esta versão chocou tanto os contadores de estórias europeus cristãos que muitas versões modernas a transformaram e a menina é perseguida porque mente. Finalmente ela desiste, conta a verdade e então a Grande Deusa a recompensa. Mas esta é uma versão artificial, mudada por escritores posteriores que não entenderam o antigo tema, ficando chocados pelo fato de a criança ser recompensada por sistematicamente evitar dizer a verdade.

Pergunta: A mulher negra agradeceu à menina por não ter revelado ou entregue o lado sombrio da Deusa, mas, "a verdade, não foi a transformação o que a menina não

revelou? O fato de a bruxa se transformar e se tornar branca não é o seu maior mal. Não é assim?

Bem, na estória a mulher negra está aos poucos se tornando branca, mas o problema é o mal ter sido visto, e não a transformação. Por exemplo, numa variante a bruxa diz: "Menina, você me viu em minha desgraça?" E a criança diz: "Não, eu não vi nada". Esse é o mesmo tema. A bruxa tem vergonha de sua escuridão, ou de sua desgraça, ou de ter empacado na imundície e na miséria do mistério do mal e da morte, e não quer que a criança o mencione ou o traga à tona.

Pergunta: E como fica a questão das sementes levadas pelas mãos dos esqueletos?

Nesta estória este seria o terrível segredo, o segredo intocável. Como as sementes de papoula têm um efeito levemente soporífico, desde a antiguidade elas sempre foram atribuídas aos deuses do mundo subterrâneo. A papoula está ligada ao Hades e ao mistério do sono e da morte; e o trigo, como disse anteriormente mencionando Demeter, também se relaciona com o mistério da morte e da ressurreição. É estranho que de certa forma isso seja um segredo tão vergonhoso; ele não sugere tanto o mal, mas antes o espanto, o intocável e terrível segredo dos Deuses no qual o homem não deve penetrar, a não ser que seja forçado.

É obvio que o que parece mentira é mais um gesto de reverência, de respeito pelo outro contido nessa divindade. Podemos compará-lo com situações que às vezes acontecem entre dois seres humanos. No último trabalho que escreveu, Jung conta o caso de um homem que, se não me falha a memória, procurou-o com sérias compulsões. Ele aparecia apenas para curtos períodos de análise, pois vinha de um país estrangeiro e só podia ficar por três ou quatro semanas de cada vez. Este homem fez uma pseudo-análise bem sólida. Jung percebeu, na primeira sessão de terapia, que ele estava escondendo algum

tipo de segredo e que tinha todos os sintomas de consciência pesada. Por alguma estranha razão, Jung sentiu uma certa inibição em lhe falar de cara a respeito disso, de modo que o homem fez uma análise de tapeação por dez anos. Jung sempre se sentia embaraçado, pois conversavam a respeito dos sonhos, disso e daquilo e ainda assim era tudo uma farsa. Mas Jung nunca tocou no assunto, pois observou que os sintomas do homem aos poucos foram se desanuviando e cada vez que vinha estava melhor, o que normalmente não acontece quando se faz uma análise de tapeação. Afinal, depois de muitos anos o paciente disse: "Agora, Dr. Jung, eu gostaria de dizer o quanto lhe sou agradecido por nunca me ter perguntado nada, pois eu não conseguiria lhe contar e isso teria arruinado a análise". Então confessou um pecado embaraçoso que tinha cometido e que não podia encarar. Ele teve que construir um relacionamento com Jung e reconstruir sua própria energia e auto-estima antes de conseguir enfrentar o que tinha feito, compartilhando-o com o analista. Assim Jung, que apenas seguiu um certo sentimento irracional não tocando no segredo desse homem, foi recompensado ao ver mais tarde que seu sentimento estava certo. É importante que as pessoas que inadvertidamente possam ser tentadas a usar drogas, para obter uma confissão, saibam disso.

Observação: Eu vejo aqui um paralelo perfeito com a estória de Apuleio, Amor e Psyche, na qual duas irmãs más empurram Psyche e ela vê o grande segredo, mas a proteção mágica existe e lá está. Aí ela traz do inferno uma caixa que contém um unguento para a beleza de Afrodite, caindo imediatamente no sono. Eu acho impressionante este paralelo. Talvez a senhora possa me corrigir se eu estiver enganado.

Você está absolutamente certo. É um paralelo, embora certamente existam outras nuances. Mas o paralelo ^e que ela não deve penetrar no segredo, e se isso acontece ^{e*}a cai num sono eterno parecido com a morte. Este é

um paralelo exato. As irmãs de criação instigando-a são um outro paralelo. Geralmente os Deuses dos inferno são os Deuses do grande mistério. Em todos os sistemas religiosos existe o grande segredo, e encontramos sempre esse paralelo de não se abrir o quarto proibido, de não se olhar, às vezes com a exceção de precisar fazê-lo. Salientei o fato de que neste caso chega-se ao final feliz sem examinar o segredo, mesmo que seja preciso mentir sistematicamente. Mas eu poderia lhes contar outras histórias onde se dá exatamente o contrário, onde o segredo tem que ser descoberto. É por isso que lhes disse no começo que sempre existe um paradoxo, sempre um Sim e um Não.

Pergunta: Isso tem a ver com a época em que a estaria se originou?

Que eu saiba, não.

Pergunta: Talvez porque na Idade Média as pessoas não estivessem cientes do lado sombrio de Deus, como estamos agora?

Eu não acho que isso seja condicionado historicamente. Num nível mais primitivo já existem ambas as regras: a coisa certa como sendo abrir a porta ou algo que o herói deve fazer, e o oposto. Pode ser que, em certos períodos da história, uma coisa tenha que ser feita com mais frequência do que a outra, mas, que eu saiba, trata-se, desde o início, de um tema arquetípico que não tem nada a ver com evolução específica. Trata-se de um modelo arquetípico o fato de se dever, ou não, penetrar nesse segredo e isso significa andar no fio da navalha, pois o erro pode lhe custar a cabeça. Um analista que mantém uma análise de tapeação por dez anos, prejudica completamente a si mesmo e ao paciente. Ele deveria dizer: "Ora vamos, não esconda o rosto atrás da peneira! O que está acontecendo? Você só conta asneiras", e assim por diante; mas receber o

dinheiro e fingir não perceber nada, por muitos anos, é totalmente imoral, do ponto de vista terapêutico. Já no caso contado por Jung deu-se justamente o contrário. Ele teria estragado o relacionamento se tivesse perguntado um minuto antes! Assim, o conflito terrível é descobrir qual é a situação agora: devo tocar no quarto proibido, ou devo fazer de conta que não reparei, mesmo que o tenha feito?

Pergunta: Parece-me que em ambos os aspectos — o humano e o não humano, o humano e o Deus — deve haver um equilíbrio, mas no caso da criança inconsequente e do homem que balança muito alto e caiu no abismo, tratava-se de um mal inconsciente. Mas o Deus também não deve mostrar todo o seu mal! No caso desses dois seres humanos, a gente fica pensando por que seres tão imperfeitos são criados! Por que não foram nada mais do que isso e, por que tinham que ser completamente tragados? Não foi por culpa deles?

Não, não foi.

Pergunta: É como se o outro lado tivesse "dado um salto" em direção ao mal?

É isso mesmo. Eu gostei da sua ideia de que se trata de um equilíbrio. Nós até devemos dar um passo além e dizer que é uma questão de possibilidade de relacionamento ou confiança. Entre um Deus tão grande e uma menina de oito anos, realmente não é possível haver um relacionamento. Não poderia haver confiança mútua. As duas posições estão muito distantes — a grande Deusa natureza e a menininha indefesa — é por isso prova-mente que o segredo tem de ser mantido; enquanto num estado onde o ser humano se tornou mais consciente, a Divindade também pode mostrar melhor o seu segredo. Eu não sei, isso é um grande quebra-cabeça.

Pergunta: Então por que esses seres foram criados?

Por que somos criaturas tão incompletas? Nós nos fizemos tão incompletos ou deficientes como somos. Mas parece que a Divindade da Natureza, esta Deusa da Natureza, tem em si o mesmo problema. Isso explicaria porque somos assim, pois a própria Natureza é assim.

Em outra estória russa, Baba-Yaga mostra melhor seu lado positivo e eu gostaria de contar essa estória como uma amplificação, primeiro porque ilustra como um homem deve lidar com Baba-Yaga de modo diferente de uma menina de oito anos, e em segundo lugar porque nessa estória, Baba-Yaga mostra seu lado relativamente positivo.

Existe uma estória russa, (n. 41, *Die Jungfrau Zar*) chamada "O Czar Virgem", na qual o herói cavalga até o fim do mundo, para o reino abaixo do sol, a fim de encontrar a bela Maria, com as tranças de ouro, e trazê-la para casa. No caminho vai três vezes à casa de Baba-Yaga. É uma casa rotativa, apoiada sobre pés de galinha, e servindo-se de um verso mágico ele é capaz de pará-la e entrar. Dentro, ele encontra uma grande Baba-Yaga remexendo o fogo com o nariz, penteando fios de seda com dedos e vigiando os gansos, no campo, com os olhos. Quando o herói, Ivan, entra, ela diz: "Você veio voluntária ou involuntariamente, meu menino?" Ivan bate na mesa com os punhos e diz: "Você, sua velha bruxa, não deve fazer tais perguntas a um herói! Eu quero algo para comer e beber e se você não me servir uma boa refeição eu vou lhe dar uns tabefes para que você (e então diz uma obscenidade que não estou traduzindo).. " E a Baba-Yaga fica muito simpática, serve um magnífico jantar, arruma a cama e na manhã seguinte mostra-lhe o próximo passo. Isso acontece três vezes, de modo qu^e ela se torna uma Deusa totalmente protetora e prestativa que inclusive mostra o caminho.

Esta é a diferença no tratamento de um homem e de uma menina com relação à Baba-Yaga. Ivan é um n^o mem adulto, enquanto a menina é uma jovem criatur completamente indefesa. E a estória também mostra que

a Baba-Yaga não é má de jeito nenhum, é apenas simples natureza. Se você souber como lidar com ela, não há problema algum. Depende de você, do aspecto dela que você experimenta, e aqui temos a primeira indicação de que de algum modo o problema do mal tem a ver com o homem, de que o mal não é algo existente apenas natureza, como nas histórias que lhes apresentei no início. Aqui começamos a tocar o problema num nível mais elevado, no qual o homem começa a se dar conta de que o mal não é apenas um fenômeno da natureza, mas depende de sua atitude e de seu comportamento. Baba-Yaga se dirige a Ivan como "meu menino!" Ele é um jovem adulto e assim vemos o que faz a grande mãe. Ela tenta reduzi-lo a uma impotência infantil. Embora soe bem, a pergunta "você veio aqui voluntária ou involuntariamente, meu menino?" é um verdadeiro soco abaixo do cinto. Ela quer enfraquecê-lo e o trata como um menininho para depois comê-lo com todo gosto no jantar. Mas ele a confronta e não considera seu golpe baixo. Ele responde, e assim ela se torna amável.

Nessas duas histórias russas, A Bela Wassilissa e O Czar Virgem, existe uma grande sutileza. É numa pequena conversa, em poucas frases da história, que todo o problema do bem e do mal é decidido. Isso significa andar no fio da navalha, ser capaz de dizer a coisa certa ou ter a reação certa no momento crucial, pois isso altera todo o problema.

Gostaria de me deter brevemente em mais um pequeno tema da história, o da caveira flamejante que Wassilissa leva para casa, fazendo a madrasta e as filhas morrerem queimadas. Esses olhos flamejantes, que as perseguem onde quer que estejam, têm sido amplificados na mitologia e geralmente estão associados a uma consciência pesada. Segundo certas tradições judaicas do Midrashin, depois do assassinato de Abel, o olho de Deus segue Caim pelo mundo todo e ele não consegue escapar. Há também um belo poema de Vitor Hugo no qual Caim, depois de matar Abel, foge para a floresta e procura esconder-se, mas é sempre seguido pelo *olho de*

Deus; finalmente, faz uma cova e se enterra vivo, fechando o próprio túmulo com uma pedra, mas no escuro um toque patético típico de Vitor Hugo — "*l'oeil de Dieu le regardait toujours!*" Aí vemos o mesmo tema do olho perseguindo as más ações, absoluta e inexoravelmente. Dessa forma o olho representa o fenômeno original de uma consciência pesada, com seus efeitos aterradores.

Como mencionei antes, em seu artigo intitulado "A Consciência" Jung salienta que o fenômeno original da consciência é uma experiência imediata da voz de Deus dentro da pessoa, ou uma manifestação do *Self* dentro da psique, se quisermos pôr em linguagem psicológica. Aqui existe este fenômeno imediato; a madrasta e suas filhas são destruídas, não pela menina, mas pelo fenômeno do mal, a consciência pesada, seu próprio mal, por assim dizer, de forma imediata.

Há outro item que pode passar despercebido se o texto não for observado cuidadosamente: depois que a caveira de olhos flamejantes destrói a madrasta e as filhas, Wossilissa enterra-a e vai embora. Não fica com ela, nem a conserva para queimar outros inimigos mais tarde. A menina poderia ter dito: "Ah bem, isto é muito útil, eu a guardarei na gaveta do meu quarto e se alguém me amolar posso usá-la de novo!" Mas ela desiste da caveira, não conserva seu poder. Um poder mágico de vingança foi colocado nas suas mãos por uma bruxa e a vingança se verifica, embora Wossilissa não tivesse essa intenção; a coisa simplesmente acontece. Ela não sabia que a caveira queimaria sua madrasta e as filhas desta, mas depois enterra-a e abandona o problema. Ela se desliga dele completamente.

Aqui voltamos a outra regra de sabedoria que encontramos nos contos de fada. Tudo o que é mal, tende a produzir uma reação em cadeia, seja suicídio, vingança, ou pagar o mal com o mal; a reação emocional em cadeia tende a prosseguir de alguma forma e por isso é mais sábio interrompê-la. Quando o momento certo chega, a pessoa tem que superar a reação em cadeia, queimá-la

abandoná-la, desligar dela sua própria personalidade integral e abrir mão do poder. Seria muito humano dizer: “Bem feito, eles bem que mereciam”, mas aí a própria Wassilissa seria apanhada pelo objeto mau que tinha utilizado, o remédio mau, usando uma linguagem africana. Mas não se fala de triunfo algum. A menina enterra a caveira e vai embora imediatamente. Isso é uma coisa muito difícil de se fazer, pois quem aprendeu a não se deixar aprisionar pelo mal, sabe que o mal dá o troco, que golpeia de volta a pessoa que o produziu. O que é de suprema importância não é triunfar ou pensar: “Ah, é assim que devo fazer: rebatê-lo contra o outro”, mas desligar-se e sair dele no momento certo. É uma regra tão imperativa hoje como na idade da pedra.

Gostaria de amplificar a respeito daquelas mãos que levam o trigo e as sementes de papoula. O terrível segredo do lado escondido frequentemente está associado com a morte. Nessa forma primitiva, o esqueleto representa a morte. Eu lhes contei outra estória, na qual a menina abre a porta do quarto proibido e encontra um esqueleto balançando. Os primitivos associam a morte com o mal, e existem tribos indígenas na América do Sul e do Norte que jamais tocariam num morto. O moribundo é colocado em outra oca ou cabana e assim que morre, a cabana é fechada ou tapada com uma parede, ou queimada, e as pessoas mantêm-se a distância. O fenômeno da morte e os cadáveres provocam um tremendo e genuíno medo primitivo. Não se sabe se é o medo do mal ou da morte, é a mesma coisa.

Na mitologia egípcia e em alguns contos africanos a morte é personificada como um inimigo que mata no **final da** vida. Nós ainda temos isso na palavra agonia (agon em grego), que significa batalha. Hoje em dia esse fato é racionalizado na ideia de que o moribundo luta pela vida, para respirar, mas originalmente a batalha era com o inimigo invisível, a morte. Rostand reproduz a mesma concepção em sua peça “Cyrano de Bergerac”, na qual o último inimigo com quem Cyrano tem que lutar é a morte.

Até a natureza inventar o homem, praticamente nenhuma criatura de sangue quente morria de velhice. Na natureza, quando as forças físicas decaem, uma criatura é devorada, ou morre de fome, frio ou de sede, se num deserto. Assim, apesar da civilização atual, nosso padrão de comportamento, nosso ajustamento instintivo à morte ainda funciona na forma antiga, representando a morte como a última coisa que corta a nossa garganta, e nos consome, tal como no passado.

Em seu livro sobre a vida dos Bosquimanos de Kalahari, Laurens van der Post descreve como os velhos correm no deserto com suas tribos até onde lhes permitirem suas forças. Quando não aguentam mais, os membros da tribo lhes fornecem água e comida por três ou quatro dias, despedem-se e os deixam, e eles se sentam tranquilamente, esperando a morte. É claro que oitenta e cinco por cento das vezes eles são comidos por animais selvagens da região. Esta é a morte em condições naturais. A morte prolongada por drogas, a que nos submetemos agora nos hospitais, não existia e ainda não estamos adaptados a ela.

Se pensarmos nessas condições naturais originais, perceberemos como a morte, ser vencido pelo mal, ou pelo inimigo, ou ser devorado são coisas interconexas. É como se a vida da pessoa fosse uma luz radiosa que mantém afastados os leões, tigres e até mesmo nossos próprios semelhantes, mas quando essa luz se apaga e a vitalidade esmorece, a escuridão penetra e por assim dizer nos pega. Assim a última batalha sempre é vencida pelo lado sombrio — quer dizer, ao nível físico. Isso provavelmente explica essa grande proximidade do simbolismo da morte e do mal e é por isso que nós em alemão ainda combinamos Tod und Teufel (morte e demônio). Por exemplo, um provérbio alemão diz: "Ele não teme nem a morte nem o demônio", referindo-se às duas coisas como se fossem um tipo de casal de gêmeos.

Mas me parece que esse ângulo biológico é apenas a subestrutura de algo que vai ainda mais longe. Em minha experiência, embora ninguém possa julgar o que é real-

mente mal ou bem, e eu não ousaria fazê-lo, o que nos parece de fato ser o mal nos seres humanos, de um ponto de vista ingênuo, é uma espécie de desejo psicológico de morte.

Quero contar-lhes um caso porque acho que ilustra um fator muito importante. Bárbara Hannah e eu tivemos um caso difícil com o qual não conseguíamos lidar: cada uma de nós tinha uma analisanda bastante obcecada pelo ânimo negativo e assim, naquele tempo em que Jung ainda era nosso analista de controle, nós lhe pedimos ajuda. Por acaso, ele viu essas duas senhoras, uma depois da outra, na mesma tarde. Ele foi muito simpático com ambas, como sempre era nessas entrevistas de uma hora, aceitando-as completamente. No meu caso a mulher estava brigando com o analista homem, o médico supervisor do caso, e ela contou tudo a Jung. Para encurtar a estória, a analisanda de Miss Hannah foi para casa e fez um lindo desenho, como uma espécie de reação ao que tinha ficado da conversa com Jung. Minha analisanda foi para casa, telefonou ao médico supervisor e lhe contou tudo o que Jung tinha dito contra ele, e mais um pouco, praticando uma maldade.

Jung disse que isso era muito importante, pois se alguém fornece energia psíquica a outra pessoa deve sempre observar o que o outro faz com ela. Se acontece uma recuperação ligeira ou momentânea, mesmo que com recaídas, pode-se continuar dando compreensão ou interesse, dando energia ao caso; enquanto que se houver um efeito contrário, devemos saber que se está alimentando o demônio de tal pessoa e que ela não recebeu o que lhe foi dado. Jung não condenou minha analisanda, mas era como se seu ânimo negativo estivesse sentado em frente de sua boca, e sempre que lhe era dado um bom bocado ele o abocanhava. Na verdade o demônio foi engordando e ela emagreceu.

Em tal caso, se a gente continua tratando da pessoa com caridade cristã, amor e interesse, está agindo destrutivamente e esse é um erro em que muitos jovens Psiquiatras ingênuos incorrem. Em nossa tradição cristã,

assim como na medicina em geral (o juramento de Hipócrates!), é absolutamente imperativo ser sempre caridoso; as pessoas que agem assim não percebem que estão alimentando o demónio e tornando os pacientes piores, ao invés de melhores. Portanto, se percebemos que o demónio abocanha tudo o que lhe é dado só podemos fazer uma coisa — fechar a torneira e não dar nada.

Jung me disse — era o meu primeiro caso e eu estava apavorada de seguir o que ele me tinha dito e até desobedeci por uma semana antes de mudar de ideia — para eu chutar a tal senhora fora da análise dizendo-lhe que ela era um demónio mentiroso e enganador. Mas a gente se apega ao primeiro caso e por uma semana hesitei; mas, depois, fiz como Jung me dissera. O resultado foi que daí para frente ela melhorou muito. Depois de muitos anos *sem* tratamento ela estava praticamente bem! O chute em seu traseiro deu certo e depois de oito anos até recebi uma carta de agradecimento.

Neste caso, não se tratava apenas de seu demónio estar devorando tudo o que lhe era dado, de como não deixá-la receber nada, nem sentimento humano nem alimento psicológico. Era muito pior, pois via-se que o ânimus estava sempre trabalhando contra a vida. Ao obter energia vital de Jung, ela procurava machucar o outro médico fazendo maldades com o que Jung supos-tamente dissera contra ele. Ela estava trabalhando para a destruição, para o que eu chamaria de atmosfera psicológica de morte.

Tal coisa pode começar no simples nível de desman-chaprazeres. Quando as pessoas estão se divertindo, alguém se vira com uma cara *azedada* e tenta jogar um balde de água em cima; se alguém ganha um presente bonito, o outro faz uma observação invejosa e estraga tudo. Essas são manifestações menores de algo que tenta destruir a chama da vida. Quando a vida psíquica, o prazer — no sentido mais elevado do termo — o estar vivo, a chama ardente ou a elevação espiritual se manifestam, há sempre alguém que tenta cortá-los com inveja ou crítica e este é um aspecto real do mal. Se percebo esse

tipo de desejo demoníaco que destrói a vida psicológica eu tapo os ouvidos.

Assim, de certa forma o mal *é* um esqueleto. É aquele espírito "sem vida e sem amor" que sempre foi associado à essência do mal. É a destruição pela destruição, que até certo ponto todo mundo possui em si. Mas algumas pessoas são completamente possuídas pelo mal, como esta mulher. É melhor simplesmente deixar morrer de fome esse demônio da morte. Devolve-se à pessoa o que ela é, o que ela ou ele faz; não se dá vida. Aperta-se a mão de esqueleto com uma mão de esqueleto, não se dá sangue, nem calor, nem vida, e isso faz com que o esqueleto retorne para o lugar de onde veio.

Antes de prosseguirmos gostaria de ressaltar novamente que o lidar com o mal nos contos de fada e no material folclórico, o conflito ético é tratado com um tipo de sabedoria natural, mais do que com uma visão religiosa do problema do bem e do mal. Isso é muito diferente da tradição judaico-cristã, que por mais de 2.000 anos tem aguçado nossa consciência para uma visão muito mais contundente do mal, tentando estabelecer regras absolutas de comportamento. Eu acho que isso é bom quando usado como instrumento para a aquisição de uma consciência mais elevada e mais sutil do problema do bem e do mal. Mas aplicado a outras pessoas, isso produz o efeito que descrevi anteriormente; o mal se entranha mais e mais nos outros, causando reações, em cadeia, de vingança e punição, provocando remorso e incutindo a ideia de que devem ter uma consciência pesada, até que realmente se voltam para o mal por causa dessa má consciência reprimida. Todos esses efeitos abomináveis fizeram de nós um bando das mais desagradáveis e irrequietas criaturas do planeta. Na minha opinião isso está diretamente ligado a uma ética mais elevada que usamos de forma errada, isto é, aplicada a outras pessoas ao invés de a aplicarmos simplesmente a nós mesmos.

A sabedoria natural tem essa desvantagem: se a usamos demais em nós mesmos, ela cria uma certa atitude

ética relativista de chamar o branco um pouco de preto e o preto um pouco de cinza até que finalmente tudo se torna uma espécie de salada e adquire ambos os aspectos, o mais claro e o mais sombrio, não existindo nenhum problema de moral! Naturalmente isto não está certo e não podemos voltar à inconsciência e ao desconhecimento de diferenças precisas de comportamento. Mas, como escreveu Jung era *Aion*, antes do cristianismo o mal não era tão mal. O surgimento do cristianismo acrescentou ao princípio do mal um tipo de espírito que ele não tinha antes. A distinção ou diferenciação das reações éticas em áreas brancas e pretas, nitidamente demarcadas, não é favorável à vida. Assim, depois de ter lidado com contos de fada por muitos anos, penso que provavelmente é melhor tratar o mal como estando fora da pessoa, segundo as regras da sabedoria natural dos contos de fada, aplicando a consciência seletiva somente a nós mesmos.

Gostaria de lhes contar agora duas histórias que nos levarão ao paradoxo da caridade. Deve-se ser caridoso com o mal, ou não? Esta é uma pergunta moderna ligada ao problema da pena de morte que alguns países ainda mantêm ou pretendem abolir. A versão moderna tem aqui seus antecedentes políticos e religiosos, que não discutiremos aqui, pois encararemos o problema a partir deste simples nível folclórico. Mas antes, vocês gostariam de discutir o problema que acabei de expor?

Pergunta: Eu gostaria apenas de perguntar se o fato de lidar consigo mesmo e não aplicar conceitos morais aos outros, se liga à observação de Baba-Yaga a respeito do interior e do exterior?

Eu diria que se liga indiretamente, mas não numa simples linha reta. Com a Baba-Yaga está bem claro que com parceiros assim desiguais não é possível haver equilíbrio de poder. Nem foi bom para Wassilissa levar para fora as coisas de Baba-Yaga e intrometer-se em sua casa,

olhando a sombra da bruxa, ao invés de ver a sua **própria**. Tradicionalmente, isso seria pular a enorme diferença entre uma divindade e um ser humano, mas acima disto existe uma falta de respeito religioso para **com** a figura divina. A mesma coisa acontece na "Resposta a Jó". Jó insiste que está certo. Deus deve ter pensado que Jó achava que ele estava errado, e Deus tem aquela reação e o ataca por causa disso, mas Jó não diz: "Ah, pois é, mas eu acho que você caiu em sua sombra". Isso seria tratar Deus como se fosse um colega de escola. Jó responde: "Colocarei a mão sobre minha boca"; ele faz um gesto de reverência. Não é tarefa do homem esfregar o nariz de Deus em sua sombra, por assim dizer. Isso significaria tamanha inflação e tamanha falta de atenção às realidades psíquicas, que mereceria decapitação imediata. Aí Jó diz: "Eu sei que tenho um advogado" no céu" — eu sei que quem me apoia está no céu, referindo-se ao próprio Deus. (Ich aber weiss: mein Anwalt lebt, und ein Vertreter ersteht (mir) über dem Staube). Isto seria o mesmo que dizer respeitosamente: "Isto é entre Deus e ele mesmo". E então Deus muda, porque Jó não lhe jogou de volta a sua sombra, nem tocou nela.

Esta é uma situação específica e muito complicada, mas se tomarmos a situação de dois seres humanos, então, de certa forma, se você *não* apontar a uma pessoa a escuridão presente nela, você não lhe tira a chance de descobri-la por si mesma. Se disser que ela fez tal coisa que revela a sombra, então você se coloca acima da pessoa. Mas se não disser nada, a pessoa pode ir para casa e descobrir por si mesma. Se a relação afetiva não está bem estabelecida e existe incerteza, e o outro tem ^{me}**5JP** de que você seja forte demais para ele, então é melhor que você desista, porque daí o outro terá a

* Uma nota do tradutor ao parágrafo 566 de *Resposta a Jó*, ? das *obras Completas* de Jung, esclarece que a ^{Amvahl}" (advogado), que consta da Bíblia de Zurique, poí ^{Jun}8. recebe na versão-padrão inglesa a tradução a de "vingador" ou "redentor"

honra de descobrir por si, o que estabiliza o prestígio dele. Assim, não apontar a sombra às vezes significa respeitar a integridade da personalidade da outra pessoa. Você a respeita como um ser ético, capaz de descobrir por si mesmo. Mas desde que tenha um bom relacionamento não é preciso mais tais complicações. Então pode-se dizer: "Ah, agora você estava no ânimo", não existindo problema de prestígio entre ambos. Entre amigos você pode dizer "Ora, venha cá, não seja tão tonto" e o outro não achará que isto signifique uma perda de prestígio, pois um respeita o outro.

Assim eu diria que isso depende muito do relacionamento. Desde que o outro esteja de algum modo inseguro de perder sua auto-estima, é melhor deixar sua sombra em paz.

Observação: Eu acho que Jó foi um pouco mais longe. pois, depois que o Senhor enumera seus poderes,...Jó diz: "Sei que podes fazer tudo isso. Uma vez eu falei, e não falarei mais". Acho que ele levanta a cabeça um pouco mais.*

Eu acho que você pode interpretar a coisa mais simplesmente, dizendo: "Sim, eu sei que você tem todo esse poder, e justamente por isso, por ser tão maior do que eu, seria inadequado a uma pulga dizer ao Universo que tudo está errado". Segundo meu modo de entender, não é como acontece frequentemente no dia-a-dia quando se diz: "É, eu sei", e nas entrelinhas está claro pela nossa expressão que achamos que o outro está errado, mas nada dizemos.

Observação: É isso o que penso.

Eu sempre entendi isso de maneira diferente. Penso que Jó era bastante respeitoso; ele realmente se achava uma pulga que não poderia censurar Deus. Isso seria as-

* Provavelmente a pergunta alude aos capítulos 38-41 Livro de Jó (N. do Rev.).

sumir uma posição de humildade, não se sentindo capaz de censurar Deus. Mas naturalmente você tem um outro matiz de compreensão; a coisa pode ser encarada das **duas** formas. Eu não posso provar o meu ponto de vista.

Pergunta: Eu gostaria de me referir à conversa entre Wossilissa e Baba-Yaga, quando no fim a bruxa lhe dá a caveira flamejante. Isto aconteceu porque Wossilissa teve tato ou porque Baba-Yaga respeitava a bênção da mãe da menina?

Não! Ela odiava aquela bênção! Vou reler o trecho. Baba-Yaga diz: "Agora eu quero perguntar a *you* uma coisa: como conseguiu fazer todas as tarefas que lhe dei?" Nós sabemos que foi a boneca quem fez, mas Wossilissa guarda seu segredo tão bem quanto a bruxa e diz: "A bênção de minha mãe me ajudou". Ela não conta a história inteira, mas apenas metade. Ela obteve a bênção da mãe, e mais a boneca, e menciona apenas a primeira.

Pergunta: Mas ela também lhe dá uma bênção, não dá?

Ela lhe dá a caveira. Ela põe Wossilissa para fora do quarto e do portão e daí tira da cerca uma caveira de olhos flamejantes, coloca-a num pedaço de pau e a entrega a Wossilissa, dizendo: "Aqui está o fogo para suas irmãs, pegue-o e leve-o para casa". Wossilissa tinha ido lá arrumar fogo, ou as irmãs a mandaram fazer isso, portanto a bruxa lhe deu exatamente o que as irmãs queriam. Podemos dizer que ela é a função de transmissão do mal para as irmãs más, mas não parece ser uma vingança. Elas tiveram o que queriam!

Observação: Elas não apreciariam a luz, não é? Originalmente elas não a obteriam! De modo que no fim ganharam um outro tipo de luz, o tipo de luz de que não gostavam.

Isso mesmo; elas ganharam um outro tipo de luz, a luz de que absolutamente não gostavam. Se colo-os isso em linguagem psicológica, elas se recusa-

ram **a** se tornar conscientes, e **a** consciência não-realizada, torna-se um fogo abrasador em suas cabeças!

É por isso que, como diz Jung, não se tornar consciente quando se tem a possibilidade de fazê-lo, é o pior pecado. Se não existe dentro nenhum germe de consciência possível, se Deus fez a pessoa inconsciente e ela apenas permanece assim, aí não tem importância; mas se alguém não vive sua possibilidade interior, se torna destrutiva. É por isso que Jung também diz que igualmente uma das forças destrutivas mais cruéis, psicologicamente falando, é o poder criativo não usado. Este é outro aspecto. Se alguém possui um dom criativo e por preguiça ou alguma outra razão não o utiliza, essa energia psíquica vira puro veneno. É por isso que frequentemente diagnosticamos neuroses e doenças psicóticas como possibilidades mais elevadas não vividas.

A neurose costuma ser um "mais" e não um "menos", só que um "mais" não vivido, uma possibilidade de se tornar mais consciente, ou mais criativo, que não se realiza por alguma desculpa esfarrapada. A recusa de um desenvolvimento mais elevado ou a uma consciência maior é, a nosso ver, uma das coisas mais destrutivas que existem. Entre outras coisas, isso faz com que automaticamente estas pessoas procurem puxar para trás todas aquelas que tentam se desenvolver. Quem tem criatividade não vivida, tenta destruir a criatividade alheia; a pessoa com possibilidades não vividas de consciência, tenta confundir ou tornar incerto o esforço de outrem nesse sentido. É por isso que Jung diz que se o paciente vai mais longe que o analista, o que acontece muitas vezes, ele deve deixá-lo, porque este provavelmente tentará puxar o paciente para seu antigo nível.

O desejo de prevenir que outras pessoas se tornem conscientes porque alguém não quer despertar a si mesmo, é realmente destrutivo. Eu vi isso na mãe de uma amiga minha. Ela destruía minha amiga e seu irmão, na maior ingenuidade; era uma mãe devoradora que nunca tinha ouvido falar em psicologia. Era uma mulher grande, gorda, amigável e extrovertida; mimava os filhos a e

morte sempre metendo o bedelho em seus assuntos e **ão lhes** dando paz. Todavia tomava conta de tudo para eles até que ficaram inertes. Eles não conseguiam mexer um dedo sem a sua benevolente interferência. Destruiu-os a ambos sem o menor sinal de consciência pesada. Ela era venturosamente feliz. A única coisa que a preocupava é que sua filha não se casava e seu filho estava constantemente doente e visivelmente neurótico, mas achava que isto apenas era um destino ingrato. Tinha feito tudo o que podia pelos filhos mas eles carregavam esse horrível destino que os tornava infelizes. Fiquei pensando porque ela não tinha uma consciência pesada e perguntei a Jung. Ele disse que isso podia acontecer, mas que se por ventura ela lesse um panfleto sobre psicologia ou sobre mães causando tais coisas a seus filhos, ela não seria mais capaz de ter esse comportamento despreocupado. E isso aconteceu! Eu não fiz essa jogada, pois não interfiro na vida dos outros; mas uma outra pessoa benevolente interferiu e deu algo sobre psicologia para essa mãe ler. Depois disso ela se tornou mais destrutiva, pois não desistiria de aniquilar seus filhos, mas daí para frente o fazia com a consciência pesada.

Assim vemos que ter a possibilidade de se tornar consciente e não fazê-lo, é a pior coisa possível. Você tem toda a razão a respeito desse assunto sobre a luz. As irmãs não queriam a luz certa, e a apagaram. Elas queriam a luz diabólica e a obtiveram direitinho! Nos contos de fada há sutilezas que não se esperam.

O mal quente e o mal frio

Nós discutimos o conto de fada russo no qual a menina fez três perguntas e apesar de Baba-Yaga tê-la tentado a continuar, ela evitou fazer a quarta pergunta que aludia ao segredo sombrio da bruxa. Isso contrasta com outros contos de fada onde entrar no quarto proibido ou fazer a pergunta proibida acaba levando a um maior desenvolvimento da consciência. Aqui a verdadeira moral da estória é não cutucar a onça com vara curta, não penetrar no mistério da iniquidade a menos que para isso exista uma razão urgente.

Isso parece estar relacionado com outro conjunto de estórias que giram em torno do tema "quem se enfurece primeiro", geralmente encontrado nos contos de fada nórdicos e alemães. Eu não encontrei esse tema em muitos outros países, mas como acho que ele descreve um traço que é de importância geral, vou apresentar agora uma versão moderna desse tipo, intitulada "Quem se enfurece primeiro".

Era uma vez um camponês e sua esposa, muito ricos e muito avarentos. Nem mesmo tinham um filho — eram muito avarentos para isso! Como esse camponês avarento tivesse muita má vontade em pagar o salário a um empregado, foi à casa de seu irmão pobre e lhe pediu que deixasse um de seus três filhos vir trabalhar na fazenda. O trato seria que o primeiro que ficasse bravo teria que pagar a conta, fosse quem fosse, patrão ou empregado. Se o patrão ficasse furioso primeiro, o outro ficaria com a fazenda e até poderia cortar as orelhas do

patrão, ficando também com todo o seu dinheiro; se o empregado ficasse bravo primeiro, suas orelhas seriam cortadas e ele não receberia o salário. "Isso é apenas", disse o camponês, "porque eu quero viver em paz e amigavelmente, sem brigar com você", mas em seu coração ele sabia que era um truque para não pagar nenhum salário.

O filho mais velho, Hans, foi primeiro. Ele praticamente não recebia nada para comer e sentia muita dificuldade em não ficar bravo. Quando o ano terminou, o camponês pensou ura jeito de cortar o seu salário. Mandou o rapaz tirar as vacas da campina e disse que sua esposa lhe levaria o jantar. Hans assim fez mas o jantar nunca chegava. O camponês achava que desse jeito Hans voltaria para casa furioso. Mas passada a hora do jantar e como o rapaz estivesse com muita fome, chamou o açougueiro, vendeu-lhe as vacas, cortou seus rabos e os fincou no pântano ali perto. Então, chamou o fazendeiro e disse: "Corra, as vacas afundaram no pântano!" O homem veio, puxou um rabo e caiu para trás! Fez a mesma coisa com os outros mas não comentou nada, pois quando percebeu que Hans tinha vendido as vacas tornou-se mais amável do que nunca, sabendo que caso contrário perderia também a fazenda.

Os dois voltaram para casa juntos e a esposa do fazendeiro serviu-lhe o jantar mas não ofereceu nada a Hans, que nesse momento estava com tanta fome que não pôde se conter, acabou esbravejando com o fazendeiro e este lhe cortou as orelhas.

Assim Hans voltou para casa com o dinheiro que tinha ganho das vacas mas sem o ordenado. No dia seguinte foi o segundo irmão. Quando o ano de trabalho estava quase terminado o fazendeiro também quis ludibriá-lo; ordenou que o rapaz levasse o cavalo e a carroça à floresta para apanhar lenha, dizendo que ele próprio lhe levaria o jantar. Mas a mesma coisa aconteceu: o jantar não foi levado e o

rapaz vendeu a carroça com o cavalo a um viajante. Aí contou ao tio que o animal tinha sido devorado por um leão. O fazendeiro fingiu que acreditava mas quando chegou a hora de comer, sua esposa não deu nada ao rapaz; morto de fome, este tentou arrancar a tigela das mãos do fazendeiro que lhe cortou as orelhas.

No dia seguinte chegou o terceiro irmão, um camarada muito simplório. Seus irmãos ficaram com medo que morresse de fome e por isso lhe levavam comida todos os dias onde quer que estivesse. O rico fazendeiro ficou atônito, pois apesar da comida miserável que lhe dava, o rapaz sempre estava amigável. Aí ele ficou desconfiado. Pediu à esposa que se fantasiasse de cuco e que fosse à floresta e chamasse "cuco" três vezes, assim o rapaz pensaria que seu tempo de trabalho tinha terminado. E disse para o rapaz: "Quando o cuco cantar três vezes você saberá que o seu tempo de trabalho já terminou, pois você veio com o cuco". O rapaz ficou encantado, pois não tinha tramado nenhuma armadilha, como os irmãos, e queria simplesmente receber seu salário. Ele pediu emprestada a espingarda do fazendeiro, para que, de pura alegria, pudesse dar um tiro. O fazendeiro concordou prontamente, pois sabia que dentro da espingarda havia um cartucho velho que provavelmente explodiria.

Assim, um dia, a esposa do fazendeiro avarento passou melado no corpo e depois cobriu-se de penas, e quando o rapaz foi para a floresta trabalhar, subiu numa árvore e chamou: "Cuco"! Mas ela só chamou uma vez pois o rapaz apanhou a espingarda e atirou no suposto pássaro, matando a mulher por engano. O camponês, que estava escondido ali[^]ner-to, perdeu a cabeça e atacou o rapaz que disse: 'Tio, você está bravo?' O fazendeiro respondeu que em tal situação até o diabo ficaria furioso e assim o rapaz ficou com a casa e a fazenda e pôde até cortar as orelhas do fazendeiro.

Existem outras variações dessa estória, nas quais os personagens se atormentam mutuamente quase até a loucura. É claro que em geral é o agente do mal que inventa os truques, perdendo no final. Isso nos dá a impressão de uma estória ingênua e primitiva, mas devemos nos lembrar de que as pessoas daquele tempo ainda não tinham aprendido a controlar suas emoções. Conseguir tal controle teria significado uma enorme façanha cultural. A propósito, não devemos nos vangloriar de termos alcançado este alto nível de controle. Aquele que consegue controlar suas emoções é a personalidade mais consciente dentre ambos, mas devemos olhar um pouco mais a fundo, pois em outras estórias existe por assim dizer uma espécie de mal "frio" e outra de mal "quente". O mal "quente" é praticado, não importa se por demónios ou seres humanos, devido a uma emoção subterrânea não mitigada, como um fogo abafado queimando o tempo todo. Esse tipo de emoção reprimida é altamente infecciosa. Ela pode ser vista em casos de explosões ou destrutividade em famílias ou nações, ou em outras situações sociais.

O caráter infeccioso da emoção é um grande perigo, responsável por uma enorme quantidade de mal. Por exemplo, se você tentasse discutir o problema racial com um americano antes da última eleição, teria muito que andar até encontrar uma pessoa que conseguisse tratar do assunto com uma atitude totalmente objetiva. A maioria das pessoas fica tomada pela emoção. Assim que a pessoa entra nesse estado de emoção, não importa de que lado esteja, o fogo se acendeu e a situação fica perigosa. Este é um exemplo recente e existem outros como esse, em toda parte. A emoção pega a pessoa por baixo. Ela fica tomada por esse estado emocional e a objetividade e a atitude humana desaparecem. O melhor jeito de se saber quando se foi tomado é ver o senso de humor se mantém; se ele desaparece, pode-se ter certeza de que em algum lugar se foi tomado fogo, surgindo então o perigo de se cair nas mãos princípio do mal.

A capacidade de superar um estado emocional não é apenas uma questão primitiva, pois é ainda um fator decisivo em nós. Muitas pessoas em nossa sociedade conseguem controlar sua raiva exteriormente, manter a per-sona e encobrir as emoções, mas interiormente a coisa ainda queima, influenciando o pensamento interior. Isto é apenas uma superação aparente da emoção. A maioria das pessoas consegue dar esse primeiro passo, mas poucas pessoas conseguem dar o segundo, desligando-se completamente de uma emoção forte. A emoção é tão perigosa por causa de sua tremenda infecciosidade. Se alguém perde o senso de humor e entra num estado de espírito rabujento, fica difícil para os outros não se contaminarem. Esta competição camponesa, aparentemente engraçada, para ver quem se enfurece primeiro, é uma estória profunda que esclarece um aspecto essencial do problema do mal.

Como veremos adiante, isso parece ser ainda mais importante na disputa com o próprio Demónio. Mais tarde eu lhes contarei uma estória na qual o herói tem que lutar com o Diabo; a questão é se consegue enraivecê-lo. Se conseguir, o Diabo perde o jogo. Assim, até mesmo com figuras sobrenaturais o mesmo jogo tem que ser jogado, e aquele que permanece humano vence o que for tomado por sua natureza inconsciente.

Pergunta: A Senhora disse que isso se aplica principalmente aos países nórdicos e germânicos. Isso não é uma manifestação de Wotan?

É, sim. Wotan é o deus da emoção e da raiva in-contida, tanto a raiva má como a sagrada, ou qualquer espécie de emoção. Assim este é um problema agudo e específico entre as raças germânicas que possuem esse tipo de agressividade. Mas os outros também devem pensar nisso, pois os povos não-germânicos às vezes se encontram no mesmo barco.

Embora não pareça haver ligação entre esta estória e a última, seu denominador comum é que a pessoa de-

ve manter-se afastada e desligar-se da escuridão, **retirar-se dela**. O empregado da nossa estória se mantém **afastado**, evitando ser contaminado pelos truques do **tio**. Os dois irmãos mais velhos se empenham em fazer **tramóias contra o tio**. Eles não lutaram com suas emoções; sabem que devem manter a arma do ódio e da **emoção** dentro do bolso, mas mesmo assim tentam **lutar através** de artimanhas. Um deles vende as vacas e **corta os** rabos, o outro vende o cavalo e a carroça. Assim, deixam o mal atuar no plano intelectual, evitando **apenas a** emoção. Com isso entram na luta, embora **com** armas diferentes das combinadas. A estória nos diz **que isso** também não funciona, pois no final eles acabam igualmente caindo na emoção.

O mais jovem não se envolve em artimanhas. Até **mesmo o** tiro foi um *Freudenschuss*, um tiro de felicidade, para expressar seu prazer e dizer: "Viva, a primavera chegou e agora posso voltar para casa!" Ele se **mantém dentro** de um certo equilíbrio ingênuo, não apenas **com** sua personalidade emocional mas também com sua mente, embora ele não pareça ter uma mente. .. **Continua** não contaminado pelas forças sombrias e por **isso** as coisas se resolvem por si mesmas.

O que é interessante é o simbolismo do rifle com **que** atira na esposa do fazendeiro. Para atirar usam-se **explosivos**. Aqui há uma transformação da raiva explosiva. **Ele** utiliza, de forma simbólica, a explosividade do **velho tio**, voltando-a contra o tio sob a forma de sua **esposa**. **Como** resultado o tio explode de verdade, não **apenas** simbolicamente. Num gesto simbólico, um gesto **mágico**, o rapaz usa a explosividade do tio contra o **pró-pno tio**, sem saber o que estava fazendo. Ele não pediu **emprestado** o rifle com a intenção de acertar a tia, apenas **aconteceu** desse jeito.

Quando alguém é capaz de trabalhar um problema **ao nível** simbólico com uma intenção pura, **freqüentemente** as coisas parecem acontecer exatamente dessa forma. Um exemplo é a utilização da técnica de Jung, a **imaginação** ativa, com o objetivo de superar um estado

emocional avassalador. Esta técnica é aplicável em muitas situações, mas um dos momentos em que a imaginação ativa é indicada é quando as pessoas se encontram sob uma emoção dominadora. Não precisa ser necessariamente raiva, pode muito bem ser quando se está apaixonado de forma possuída, ou sem se saber como manter a cabeça no lugar, ou em qualquer tipo de emoção que nos domina, arrebatada e tira a liberdade. Geralmente aconselhamos às pessoas em tal situação a personificarem sua emoção e conversarem com ela, para que de alguma forma a emoção se manifeste, tentando lidar com ela como se fosse um ser real. É o único jeito, se você tiver suprimido uma emoção dominadora exteriormente, por razões pessoais, mas não conseguir superá-la interiormente. As pessoas dizem: "É, eu sei, eu procuro não deixar minha raiva escapar, eu a engulo, mas não consigo me libertar dela; ela fica me martelando dia e noite, não sei o que fazer e fico pensando nela o tempo inteiro". A única coisa a fazer é personificar esse impulso, tentando trazê-lo para fora através da imaginação ativa.

Isso, por assim dizer, transforma toda a batalha, tirando-a do nível ingênuo e colocando-a no simbólico. Isso é o que este rapaz fez sem saber, quando pegou o rifle de seu tio. Conduziu todo o problema para um nível simbólico, reagindo ou brincando com ele nesse nível, e a coisa assim adquiriu uma estranha repercussão mágica, pois o tiro se voltou contra o tio.

Aqui estou fazendo uma afirmação perigosa, porque se alguém já experimentou este fenômeno uma vez, na vez seguinte tem um sentimento sutil de estar se envolvendo em magia negra. A primeira vez age-se como esse rapaz simples: tenta-se honestamente superar o estado de emoção através da imaginação ativa; as coisas funcionam e a outra pessoa que nos aborrece recebe a coisa de volta através de um acontecimento sincronístico. Assim, pensamos que isto é maravilhoso mas na vez seguinte caímos na magia negra, dizendo: "Agora irei superar minha emoção e espero que assim o outro receba

o que merece!" Aí se caiu de novo no mesmo buraco! Cada vez torna-se mais difícil manter a pureza de intenção. É por isso que é enfatizado aqui o fato do rapaz não ter tido absolutamente má intenção no que fez; ele conservou sua pureza e ingenuidade original. Se você fizer imaginação ativa deve primeiro procurar se manter dentro de uma atitude honesta, apenas para o seu próprio bem, mantendo-se afastado do mal, sem querer ver o que está acontecendo sincronisticamente no plano exterior. Caso contrário, será simplesmente a velha maldade da magia negra.

Pergunta: Qual é o simbolismo de o irmão ser apenas um simplório? Por que ele tem que ser simplório para combater a situação?

Foi isso que tentei explicar. Por causa de sua simplicidade ele tinha uma intenção pura. Não especulou, decidindo intelectualmente se devia fazer isto ou aquilo, como os outros irmãos que pregaram uma peça para evitar emoção e para irritarem o tio.

Pergunta: Com simplório a Senhora quer dizer sincero?

Não. Aqui trata-se mais do tema do tolo, do simplório, que aparece num número infinito de contos de fada. Por exemplo, um rei tem três filhos e o mais jovem é um tolo que se torna o herói na estória. Ou existe um camponês que tem três filhos, dois estão sempre °em, mas o mais jovem só fica sentado no fogão se co-Çando o dia inteiro e finalmente é ele que se torna o nerói, casando-se com a princesa e tornando-se czar.

Assim o simplório é uma figura universal, não apenas nos contos de fada, mas um tema mitológico geral. e simboliza o caráter genuíno básico e a integridade da personalidade. Se as pessoas não tiverem em sua essência mais íntima uma genuinidade ou uma certa integridade, elas estarão perdidas quando encontrarem o problema do mal. São apanhadas. Esta integridade é

mais importante do que a inteligência ou auto-controle ou qualquer outra coisa. É esta genuinidade, do empregado da nossa estória, que salva a situação.

Pergunta: Mas é o tio que entrega a espingarda ao sobrinho, não é? O rapaz não a pega?

É, mas o rapaz a pede, dizendo que quando o cuco cantar e ele estiver livre e puder ir para casa, ele gostaria de dar um *Freudenschuss*. O tio lhe entrega a espingarda porque pensa que ela contém um velho cartucho que poderá explodir. Naquele tempo um cartucho velho num rifle significava problema. Hoje em dia as armas são melhores.

Pergunta: Portanto o velho tio é de fato a verdadeira causa da intriga?

É. O simplório deseja a espingarda por ingenuidade, por uma razão simples, por brincadeira. O tio trama com maldade e o tiro sai pela culatra.

Pergunta: A Senhora falou anteriormente de magia negra. A menina Wassilissa não estava envolvida nisso? Ela estava com a magia negra em suas mãos mas enterra a caveira para readquirir pureza para futuros acontecimentos?

Sim, isto corresponderia ao ato de enterrar. Ela também poderia simplesmente ter dito: "Ah, agora eu possuo algo que posso levar comigo; se houver alguém de quem não gosto, lançarei a caveira flamejante nele . Mas ela desiste do poder que lhe tinha sido dado pela deusa.

Observação: Em nossa sociedade atual, nós chamaríamos isto de estupidez!

Em nossa sociedade atual — sim! Enterrar raios laser voluntariamente seria estupidez, nós diríamos. Mas nos contos de fada as coisas se passam de outro modo, ou seja: o inconsciente coletivo pensa de modo diferente a este respeito.

Você ficou satisfeito com a resposta sobre o simplório?

Pergunta: A ideia aqui é a de enfatizar a ingenuidade dessa personalidade? Simplório parece estúpido.

É, mas veja você, as pessoas más chamariam ingenuidade de estupidez! Se você mantiver sua integridade, a partir de um certo ângulo social você parecerá estúpido e as pessoas o acusarão de estupidez. Na política, se você for ingênuo, isso será o seu fim! Ser honesto, inocente e ingênuo é idiotice!

Pergunta: A estória se inicia com a ideia de que o tio e sua esposa adotam princípios errados. Eles são os estúpidos no começo, não são?

Exatamente. No começo está claro que são eles os estúpidos, porque são estéreis. São tão mesquinhos e estéreis que também se encontram completamente por fora, de modo que eles é que são de fato os estúpidos. Mas, naturalmente, eles acham (não dei a vocês os detalhes da conversa) que são os inteligentes. Acham que com seu truque vão obter serviço de graça, que podem cortar as orelhas dos empregados e não pagá-los. Sentem-se maravilhosamente bem, mas com o filho mais jovem a estória dá uma reviravolta. O filho mais jovem é tão inocente! Ele possui um tipo de estupidez inocente que começa a desnorteá-los. É tão puro que os torna nervosos. Sentem que esse rapaz possui um valor que eles não compreendem, que ele vive sem grandes exigências do ego, aproveitando a vida. Os menores prazeres significam muito para ele. O tio e a mulher sentem não estão à altura do rapaz. Eles não conseguem

ter empatia com a inocência dele, o que os deixa nervosos. Eles querem se libertar do rapaz mas perdem batalha porque estando nervosos e com um pouco de medo, fazem tudo errado. Eles começam a fazer artimanhas e perdem o jogo.

Assim, por trás desta estória engraçada e simples existe algo extremamente sutil. Podemos dizer que esse tipo simplório de integridade cândida é um grande mistério e também é o segredo de uma personalidade indivíduada. O dom de uma integridade inocente é uma centelha divina no ser humano. Na análise eu diria que isto é um fator decisivo para que a ela se encaminhe corretamente ou não.

Pergunta: É isso o instinto natural?

Está muito próximo do instinto natural. Nós veremos isso na próxima estória.

Pergunta: Eu estava pensando se toda essa questão talvez não saliente o problema de uma melhor integração da psicologia junguiana? Existe nos Estados Unidos uma dificuldade em manter e integrar o desenvolvimento da psicologia junguiana, sem se deixar tomar por uma atitude de poder e por um estado emocional. Será que talvez nós nos envolvamos mais com emoção ao lidar a psicologia junguiana do que com a integridade interior?

Acho que isso é difícil em todo lugar, e não apenas nos Estados Unidos. Em minha experiência, essa atitude cândida é exatamente o que Jung possuía e que sentimos tanto quando lemos suas memórias. Alguns dos revisores do livro de memórias de Jung, abanaram a cabeça, achando que o homem era um grande simplório. Como ele podia ser tão ingênuo e publicar tais coisas. Eles tinham perdido a capacidade de sentir essa sutileza. Jung não era ingênuo de jeito nenhum! Mas ele tinha essa integridade interior. Uma pessoa que se aproxima-

dele com uma honesta integridade, sempre recebia uma **resposta** à altura, embora Jung fosse suficientemente **sábio** para usar a integridade quando julgasse adequado esconder esse lado de sua personalidade, quando **se visse** em confronto com a escuridão.

Penso que esta integridade do núcleo da personalidade é o que chamaríamos de um aspecto do *Self*, e isso é a essência da psicologia junguiana. Você está certo, não **devemos** largar isso de jeito nenhum. Quando começamos a difundir a psicologia junguiana usando truques, **na luta** contra outras escolas, por exemplo, nós também **perdemos** nossa integridade. Nós não estamos nos comportando de acordo com as normas da psicologia junguiana. Isso é difícil, as pessoas sempre dirão: "Olhe, **se** você não fizer algo contra isso, eles tomarão todo o **poder** — nós *precisamos* fazer alguma coisa". É sempre **este** o argumento, e se cair nessa armadilha você estará **perdido!** *Faça* algo! Os outros fazem e por que não você? **Nós não queremos**, mas *devemos!*

***Pergunta:** Será que isso não contradiz o que a Senhora falou outro dia, que algumas vezes temos que agir? A Senhora falou a respeito da analisanda que mandou **embora**.*

Exatamente, é uma contradição completa, mas eu **disse** no início de minha conferência que frente a todas **essas** questões eu cairia nas mais completas contradições!

***Observação:** Isso me parece altamente teológico!*

Está se tornando "altamente teológico" porque é, **como** dissemos, um paradoxo! A tarefa é decidir cada vez em nossa consciência o que a coisa significa *desta vez*. Para isso temos nossos próprios sonhos. Mas as regras gerais só podem estabelecer um paradoxo, embora na situação individual real não exista paradoxo al-

gum. Existe apenas uma *única* linha: agora devo agi contra todas as regras da análise; no momento seguinte não devo ser contaminado. Numa situação real, é algo único que deve ser decidido a cada momento. Se você tomar essa atitude, a vida se torna uma constante aventura ética. É por isso que as pessoas que tentam aprender conosco se aborrecem. Não temos regras de comportamento. Não temos absolutamente nenhuma regra terapêutica.

Observação: Os ouvidos desempenham um papel aqui. Se as pessoas tampam os ouvidos não podem ouvir!

Sim, elas não conseguem ouvir a grama crescer! Não conseguem mais ouvir as sutilezas. Temos que manter nossos ouvidos abertos e escutar o tempo todo para saber que a ordem mais profunda do *Self* neste momento é para fazermos isso, e no momento seguinte a ordem é para não o fazermos. Se fizer comentários gerais eu vou sempre me contradizer. Com sincera convicção!

Pergunta: A Senhora ia definir mal "quente" e mal "frio"

Depois nós vamos falar sobre o mal "frio". Nós vimos o mal "quente", mas antes gostaria de introduzir um outro aspecto, porque o mal "frio" nos levará ao nosso próximo tema, o de torneios mágicos, de competição mágica. Quero falar nisso mais tarde porque é mais complicado. Agora quero falar de regras mais simples-Nosso próximo passo será o problema da caridade. Deve-se ser caridoso com o mal ou não? Deve-se, como diz a Bíblia, dar a outra face, ou golpear de volta com toda a força? Qual é o certo? Eu lhes contarei duas histórias que parecem paralelas mas são completamente contraditórias, assim vocês poderão me pegar em contradição mais uma vez!

Esta história é do mesmo volume: *Contos de fada alemães desde Grimm*; está escrita no dialeto do sul e

se intitula Vun'n Mannl Sponnelang" ("Sobre um Ho-Palmo de Altura").

Era uma vez uma menina pobre que tinha perdido o pai e a mãe e não tinha onde morar. Não tendo onde ficar, partiu a fim de trabalhar como empregada. Enquanto andava na floresta ela se perdeu. Veio a noite e para sua grande alegria, quando a escuridão caiu, ela avistou uma casinha na floresta e achou que poderia ir até lá para se abrigar. A casa estava na maior confusão e desordem e assim ela começou a arrumá-la, lavando as panelas, colocando as toalhas etc. De repente, a porta abriu e um homenzinho entrou, um anão com uma imensa barba. Ele olhou em volta, pigarreou, e quando viu a menina sentada num canto disse:

Eu sou um homenzinho
de um palmo de altura
Eu tenho uma barba
de metro e meio
Menina, o que você quer?

A menina perguntou se poderia passar a noite ali e respondendo em verso ele lhe disse para arrumar a cama. Ela assim fez e daí ele pediu que lhe preparasse o banho. Ela lhe deu um banho e ele ficou com uma aparência bem boa. A menina cortou um pouco sua barba e o homenzinho lhe agradeceu bastante, dizendo que ela o tinha redimido e que por isso seria recompensada. Deu-lhe sua barba e desapareceu.

No dia seguinte a menina pegou a barba e começou a tecê-la. Ao ser tecida, a barba transformava-se em ouro puro. Naturalmente todo mundo quis possuir esse fio de ouro. Assim ela ficou muito rica e casou-se. Se ela não morreu, ainda vive por aí.

Não vou discutir esta estória isoladamente, mas to com seu paralelo contrastante, o conto de fada Branca e Rosa Vermelha" de Grimm.

Era uma vez uma pobre viúva que morava sozinha numa cabana. No jardim em frente havia duas roseiras, uma de rosas brancas e outra de rosas vermelhas. A viúva tinha duas meninas que eram exatamente como as roseiras e ela as chamava Rosa Branca e Rosa Vermelha. Elas eram muito piedosas e trabalhavam bastante, como sua mãe.

Rosa Branca era mais quieta e mais gentil que Rosa Vermelha. Esta era mais viva, mas as meninas eram tão afeiçoadas uma à outra que sempre andavam de mãos dadas. Elas costumavam ir catar amoras na floresta e nunca eram perturbadas pelos animais. Até o veado não fugia delas e os passarinhos pousavam nos galhos e cantavam para elas. Às vezes eram surpreendidas pela noite e daí dormiam na relva até de manhã; sua mãe sabia disso e não se preocupava. Uma manhã, quando acordaram na floresta, viram uma linda criança numa roupa branca brilhante, sentada ao seu lado. A criança se levantou, olhou-as de um jeito amigável e daí desapareceu. A mãe das meninas lhes disse que aquela criança deveria ser o anjo que tomava conta das crianças boazinhas.

Numa noite de inverno, quando tinham terminado o trabalho e sua mãe lia contos de fada, ouviram uma batida na porta. Rosa Vermelha foi ver quem era, pensando que fosse um viajante procurando abrigo, mas ao invés disso surgiu uma cara preta de urso. As crianças ficaram com medo mas a mãe disse ao urso que entrasse e se esquentasse perto do fogo. As meninas escovaram a neve de sua pele e logo tiveram coragem de pôr os pés nas costas do urso, sacudindo-o para frente e para trás, e de bater nele. O urso era bem humorado, mas quan-

do a brincadeira ficava pesada ele dizia: "Não me matem, crianças!" e acrescentava: "Rosa Branca e Rosa Vermelha, não matem seu pretendente!"

Elas o abrigaram na cabana e isso tornou-se um hábito durante o inverno todo. O urso saía de dia e voltava à noite. Quando a primavera chegou, ele se despediu explicando que não viria mais e que agora tinha chegado o seu tempo de preocupações, porque tinha que proteger seus tesouros de um anão malvado que tentava roubá-los. Ele disse que durante o inverno o chão ficava congelado e os anões eram obrigados a ficar debaixo da terra e não podiam perturbá-lo. Mas tão logo o sol derretia o gelo, os anões apareciam para caçar e roubar e por isso tinha que proteger seus tesouros.

Num dia de primavera, as meninas foram até a floresta. De repente viram uma minúscula criatura saltando de um jeito engraçado. Quando chegaram mais perto viram um anão preso pela barba numa fenda de madeira. Ele estava tentando cortar a madeira quando a barba se enroscou na fenda, que se fechou novamente. Agora pulava como um cachorrinho sem saber o que fazer. Ele olhou furiosamente para as meninas com os olhos vermelhos flamejantes e lhes perguntou o que estavam olhando ali paradas. Será que não podiam fazer alguma coisa para libertá-lo? Elas fizeram o que podiam mas não conseguiram encontrar nenhum jeito de libertar sua barba. Rosa Vermelha disse que ia procurar ajuda mas ele a chamou de cabeça dura, e assim Rosa Branca arrumou uma tesoura, e cortou a ponta da barba. Ao invés de ficar agradecido o anão ficou bravo, xingando-as por terem cortado sua bela barba.

Um pouco mais tarde as meninas encontraram o mesmo anão que, enquanto tentava pescar, Prendera a barba na linha. Na mesma hora um peixe grande mordeu a isca. O anão não era suficien-

temente forte para puxá-lo e estava em perigo de cair na água. As meninas correram até ele e tentaram soltar sua barba mas não conseguiram, a barba estava embaraçada na linha. Não havia nada a fazer a não ser cortá-la. Mas o anão ficou furioso dizendo que agora elas tinham cortado a melhor parte. (Eu me esqueci — deveria ter dito no começo que em casa elas tinham um cordeirinho branco e uma pomba branca. Isto faz parte da atmosfera!)

Pela terceira vez, quando estavam de novo andando na floresta, ouviram gritos pedindo ajuda. Elas viram que uma águia imensa tinha apanhado o anão, e estava quase alçando vôo com ele. As meninas se penduraram no anão e finalmente conseguiram soltá-lo da águia. Mas ele xingou-as furiosamente por não terem tido cuidado, dizendo: "Vocês rasgaram todo o meu casaco, agora ele está cheio de buracos, que estúpidas criaturas vocês são!"

Então, ao voltar para casa elas surpreenderam o anão. Não esperando ver ninguém por ali tão tarde, ele tinha encontrado um lugar limpo onde podia esvaziar sua sacola cheia de pedras preciosas, e o sol da tarde, batendo nelas, criava brilhos de todas as cores. As crianças pararam e ficaram olhando. O anão soltou um guincho e seu rosto cinza ficou vermelho de raiva. Mas justo quando ia indo embora o urso apareceu, rugindo. O anão deu um salto mas não conseguiu alcançar seu esconderijo. Ele implorou ao urso que poupasse sua vida, dizendo que lhe entregaria todos os seus tesouros. "Eu não dou nem para a cova de um dente", ele disse, "mas pegue essas ímpias criaturas, que serão uma ótima refeição para você!" O urso não prestou nenhuma atenção ao que ele disse, deu-lhe uma patada, e o anão nunca mais se mexeu.

As meninas tinham fugido mas o urso as encaimou: "Rosa Branca e Rosa Vermelha, não tenham

medo, esperem, eu quero ir com vocês". Reconhecendo sua voz, elas voltaram-se para trás, e assim que o urso as alcançou, sua pele caiu por terra, descobrindo um belo rapaz todo vestido de ouro que disse: "Eu sou o filho do rei e tenho sido perseguido por este impiedoso anão que roubou todos os meus tesouros. Tive que correr loucamente na floresta como urso até que fosse redimido pela sua morte. Agora ele recebeu seu bem merecido castigo"-

Assim Rosa Branca casou-se com o urso e Rosa

Vermelha casou-se com o irmão dele (que aparentemente surgiu do nada). Eles dividiram entre si o tesouro que o anão tinha juntado em sua caverna. A velha mãe viveu muitos anos, feliz com as filhas e elas levaram as duas roseiras consigo. Estas ficaram em frente da janela e todos os anos davam as mais belas rosas vermelhas e brancas.

Este é um conto tolo e sentimental, mas é uma boa contradição à outra estória. Na primeira, uma menina de integridade ingênua arruma a casa do anão e é caridosa para com ele. Ela é recompensada com o tesouro da barba de ouro por lhe ter dado banho e deixado sua casa limpa. Na segunda estória acontece exatamente o contrário: as meninas são sempre caridosas com o anão e com isso prolongam a vida do agente do mal que deveria ter sido eliminado há muito tempo. Impedem também que seus pretendentes, o urso e o irmão, apareçam e se casem com elas, e assim obstruem a possibilidade dos próprios casamentos, agindo erradamente e sendo sentimentalmente caridosas com esse anão.

Assim, mais uma vez estamos frente a um paradoxo! Mas se olharmos a atmosfera toda e a descrição ao redor do tema, veremos aqui indicações que mostram as coisas como realmente são.

Em "Rosa Vermelha e Rosa Branca" as mulheres vivem juntas, sem nenhum homem por perto, somente um pequeno cordeiro branco e uma pomba branca. Exis-

te uma atmosfera infantil e sentimental paradisíaca uma inocência que não é a integridade do simplório ma' um tipo de paraíso irreal, um jardim da infância, um mundo ilusório com anjos protetores e não sei mais o quê.

Esta estória ridiculariza uma certa atitude cristã pueril ainda muito difundida entre pessoas que confundem o tema do jardim da infância com o de ter uma certa integridade cândida da personalidade. Jung sempre salientou que Cristo não disse: "Se vocês permanecerem crianças, vocês encontrarão o Reino dos Céus", mas: "A não ser que vocês se tornem como crianças". Tornar-se de novo criança não significa permanecer no jardim da infância, mas superá-lo e tornar-se adulto, consciente do problema do mal no mundo; readquirir sua própria integridade interior ou encontrar o caminho de volta a esse núcleo, ou à integridade mais profunda, e não permanecer como um bebê grande na floresta, achando que isso é o certo.

Às vezes a diferença é muito sutil e a coisa está até misturada nas pessoas. Existem algumas que têm uma incrível ingenuidade. A gente chega a ficar em dúvida se tal ingenuidade significa uma integridade mais elevada ou se é uma atitude sem esperança de jardim da infância, um bebê andando pela floresta com um sentimentalismo estúpido. No conto de fada está claramente diferenciado, mas na realidade as duas ingenuidades estão às vezes a um milímetro uma da outra. Pode ser bem difícil diferenciá-las dentro de cada pessoa, e também dentro de si mesmo, mas nesta estória o cordeiro_e a pomba indicam claramente um tipo de infantilidade cristã da pior espécie.

Observação: Mas elas foram gentis com o urso!

Quanto a isso, tudo bem.

Observação: Mas não estava certo ser gentil com o anão.

Eu penso que é esta a essência da estória. Esta ce to ser gentil, mas apenas com as pessoas certas ou com

objetos certos. Este tipo de inocência cristã de gentileza e caridade, dá certo se você souber onde aplicá-la. Se estiver ligada a uma capacidade de discernimento e compreensão, aí não existe nada de errado, mas ela deve ir acompanhada de uma certa dose de sabedoria.

Observação: Provavelmente o que elas deveriam ter feito era parar de ajudá-lo, depois da primeira vez, quando viram que o anão ficou bravo e intragável.

Claro. As pessoas que possuem uma reação mais instintiva teriam dito: "Da próxima vez que ele estiver encrocado, eu o deixarei sozinho". Elas passariam por ali, dizendo: "Até logo, eu não vou cortar sua barba para depois ser xingada de novo". Mas essas duas não aprenderam. Eram obstinadas, presas ao que a mamãe dizia.

Pergunta: O que poderíamos dizer a respeito do anão? Ele não é um personagem comum nos contos de fada, é? Nem sempre ele é o mesmo. Será que o anão da primeira estória...

É diferente do da segunda? É, quer dizer, não é — Sim e Não!

Pergunta: Num conto de fada o anão não é necessariamente bom nem mau, é?

Bem, os anões são espíritos da natureza, impulsos de pura natureza. Eles são em parte bons e em parte maus na mitologia comparada. Aqui é um anão mau e “Rumpelstilskin*”, por exemplo, há um anão mau, agente do mal. De um modo geral eu diria que oitenta por cento dos anões são bons. Eles fazem o trabalho para você durante a noite e lhes dão tesouros. Eu diria que eles são oitenta e cinco por cento bons e

* **Conto** coletado pelos irmãos Grimm (N. do Rev.)

às vezes realmente são espirituosos. Assim, a figura do anão, em si, não diz nada, é neutra. As meninas não podiam dizer, pelo fato de ele ser um anão, se ele era uma criatura boa ou má. Não é assim tão simples. Mas como você disse, elas o deveriam ter testado e tirado suas conclusões a partir daí.

Observação: Mas a mãe acertou quando deixou o urso entrar!

Sim, a mãe sabia que o urso não se comportaria mal e que deveriam deixá-lo entrar caridosamente, mas ela não se envolveu com o anão. Nós não sabemos o que ela diria nessa situação. Para nós ela é uma figura muito vaga para sabermos se diria: "Não, crianças, deixem o anão sozinho" ou se ela teria um princípio rígido.

Há uma outra cena interessante no início. Por um longo tempo elas foram protegidas por um anjo da guarda. Existe uma conhecida crença popular de que as crianças são especialmente protegidas por um anjo da guarda. Se uma criança derruba uma panela de água quente, ou faz qualquer uma dessas coisas bobas que costumam fazer, e não acontece nada, então as pessoas dizem: "Foi o anjo da guarda!" Na Bavária dizem que as pessoas que sempre têm sorte têm um anjo da guarda, como um buldogue campeão! Na vida isso é verdade. Basta observar o que as crianças fazem: elas pegam a tesoura e apontam para seus próprios olhos, andam na escada com uma faca, viram uma panela de água quente. É um milagre que comparativamente tão poucas se machuquem. Assim podemos dizer que as crianças têm um anjo da guarda. Mas em geral esse tema do anjo da guarda tem a ver com o inconsciente dos pais! Se o casamento dos pais e o clima em casa é harmonioso e atmosfera inconsciente é cheia de vida, então a vida instintiva da criança a ajuda a escapar, de alguma forma, do perigo. Se o casamento não é harmonioso e atmosfera em casa é ruim, então o pai e a mãe podem

fazer reboleço de manhã à noite, podem pagar uma governanta para tomar conta da criança e mesmo assim a criança conseguirá cair da janela, e morrer.

É isto que podemos observar com a nossa desagradável faculdade de enxergar além da cena; é mais importante para as crianças terem uma vida harmoniosa em casa do que ter alguém que as faça atravessar a rua cada vez, tomando conta delas o dia inteiro. Numa criança existe um tremendo impulso natural de vida, e uma grande ligação com a vida instintiva. Se a base é saudável, o instinto de vida salvará a criança. Por outro lado se a atmosfera é doente e mórbida, a criança será debilitada. Com ela acontecerão os acidentes comuns da infância, os que acontecem a todas as crianças, mas de uma forma ruim.

Pergunta: Fico imaginando se na estória elas teriam achado o tesouro, se tivessem deixado o anão preso na linha de pescar quando o encontraram pela segunda vez.

Você tem razão, talvez elas não o teriam visto espalhando o tesouro. Talvez a gente tenha que cometer tais erros para entrar mais fundo no problema e, através dos erros, sair dele. Existem contos de fada nos quais tais erros são cometidos quando está claro que, se não fossem os erros, não haveria o bom resultado. «tos aqui vocês podem imaginar que se o anão tivesse sido deixado sozinho, depois de certo tempo elas o ve-^{ria}*n espalhando seus tesouros. Assim aqui, pelo menos *expressis verbis*, isso é dito. Em outras histórias às vezes ^assim, mas eu não tenho certeza aqui. Mas acho que aquelas meninas são apenas umas tontas sentimentais.

Pergunta: Uma coisa que a Senhora disse me confundiu. A senhora falou em esconder a integridade quando em confronto com o escuro, e eu não entendi o que quer dizer com isso.

Tentarei lhe dar um exemplo. Eu disse que se alguém se vê frente a pessoas más, deve esconder sua integridade interior, ou aquele núcleo inocente da personalidade, sem exibi-lo bobamente. Eu poderia voltar a algo que disse antes. Eu lhes contei o caso em que Jung disse que se deve dar uma certa dose de interesse, libido e participação apenas ao paciente que não faz um mau uso disso; caso contrário, está-se alimentando o lado mau, ao invés do bom, da pessoa. Ele me induziu a abandonar a pessoa que sempre piorava quando eu lhe fazia algo caridoso. Ele tinha a ideia de que isso seria terapeuticamente bom para ela, mas não me falou nada a respeito. Depois, quando lhe contei que ela estava curada depois de ter sido mandada embora da análise, ele sorriu dizendo: "Era isto o que eu esperava que acontecesse. Eu esperava mas não disse nada!" Guardou para si. Nem ao menos mostrou para mim, muito menos para o paciente.

Aquela mulher estava inteiramente possuída pelo ânimus. Se tivesse adivinhado que tinha sido mandada embora da análise para ser ajudada, ela teria começado a argumentar: "Você me cortou para me ajudar, mas eu sei que isto não me ajudará. Sei que é este o jeito de você me matar e não de me ajudar!" Ou ela faria uma exibição teatral de piora para provar que o fato de ter sido mandada embora não adiantava. Assim, a intenção de ajudá-la teve que ficar completamente escondida; foi preciso golpear seu ânimus com um safanão e — *Adieu!* Ela tinha que experimentar a coisa assim, até mesmo ao ponto de ser tratada como o urso tratou o duende. Não houve caridade nem argumentos!

Penso que seria proveitoso aprofundarmos esse tema de esconder a própria integridade. O Dr. Danelius mencionou que manter-se civil durante o serviço militar pode, algumas vezes, levar um indivíduo a esse tipo de situação. Está bem próximo a esse problema o fato de permanecer o único com ideias pessoais diferentes respeito das coisas, dentro de uma organização coletiva forte, porque eu acho que a coletividade está sempre

num nível ético mais baixo do que o indivíduo. É por isso que Jung sempre citava o provérbio romano: "*Senator bonus vir, Senatus bestia!*" (Um só Senador é um bom homem mas o Senado inteiro é uma besta). Podemos dizer que sempre que nos encontramos num grupo temos que esconder nosso melhor núcleo, ou deixá-lo aparecer muito raramente. É preciso deixar velada uma parte da própria personalidade por causa do abaixamento automático do nível ético.

Novamente estamos diante de um daqueles paradoxos, pois às vezes, mas muito raramente, o contrário é o certo. Em noventa por cento das situações devemos esconder nosso núcleo interior de integridade quando em grupo, mas devo mencionar a exceção para que ao nos encontrarmos com ela, saibamos do que se trata.

Eu me lembro uma vez de uma pequena recepção na casa de Jung, onde algo aconteceu que talvez vocês já tenham experimentado algum dia. Havia uma espécie de harmonia coletiva perfeita, sem nenhum abaixamento ou queda numa *participation mystique*, mas algo que nos dava o sentimento de uma presença mágica. Os antigos romanos ou gregos diriam que o Deus, Hermes ou Dionísio, estava presente, e os primeiros cristãos diriam que o Espírito Santo estava ali. Algumas vezes existe uma espécie de harmonia super-pessoal que torna tudo o que acontece numinoso. Vai-se para casa com o sentimento de uma noite inesquecível. Isto acontece muito raramente e nessa ocasião eu fiquei tão impressionada, que conversei a respeito com Jung. Ele disse: "Sim, normalmente é quando se está sozinho que se encontra o Self, mas há uma exceção às vezes, quando o *Self* pode se manifestar como um fator coletivo, geralmente num Pequeno grupo de amigos, e então é uma experiência especialmente numinosa. É inclusive experimentado como algo mais numinoso do que quando experimentamos sozinhos"

Nisto se baseia o simbolismo tipo Távola Redonda dos Cavaleiros do Rei Artur, um pequeno grupo de pessoas unidas no espírito, por assim dizer. Isso indica a

experiência do *Self* em grupo, que é uma forma elevada do antigo modelo arquetípico de refeição totêmica do primitivo, onde todos participam na íntegra de um único Deus. Isto também está por trás da *id* de refeição eucarística. Sempre que estivermos em grupo temos que esconder a mais recôndita integridade ou o âmago de nossa personalidade ética, excetuando-se tais acontecimentos, que talvez ocorram uma ou duas vezes durante nossa vida, onde nos sentimos "em unicidade" com as pessoas ao redor. Isto é muito facilmente confundido com uma *participation mystique* oriunda de bebedeira, que não tem nada a ver, sendo apenas um deslize para um nível mais baixo — também uma experiência agradável, mas não a mesma coisa. Geralmente ela lhe dá uma ressaca na manhã seguinte, enquanto a outra tem um efeito oposto.

Esconder a integridade interior pode ser um gesto de auto-proteção. Nada irrita mais as más emoções numa reunião do que quando uma pessoa desempenha o papel do santo superior ou qualquer coisa do gênero. Assim, se você se sentir diferente terá que escondê-lo completamente, não dando motivos para dizerem: "Quê! Você quer ser melhor do que nós?" Há também uma razão mais profunda. Pode-se dizer que esta integridade ética interior não vem do ego, mas do *Self*. É uma reação genuína que vem das profundezas da personalidade. Por isso ela jamais será planejada ou aplicada conscientemente, pois isso significaria estar no ego. A mais profunda penetração que eu conheço desse problema é encontrada no Zen-Budismo, onde o Mestre Zen muitas vezes demonstra reações genuínas absolutamente irracionais com relação ao aluno. Sentimos que isto não é planejado. Não existe um plano ou intenção pedagógica. A genuinidade de sua personalidade atua simplesmente naquele momento sobre o aluno, acorda do-o através dessa manifestação. Planejar, ou pensar antemão, enfraquece esse efeito ou o impede. Se traduzimos em nossa linguagem, isto significa que a pessoa tem que apagar a luz da consciência, não se con

centrando demais no ego, assim essa situação mais genuína pode surgir.

Quando Jung já estava mais velho, ele não concedia mais tantas horas de análise, e quando seus discípulos ou outras pessoas se encontravam com ele naturalmente não falavam de seus próprios problemas e sonhos. Muitas vezes tive problemas e lutava com eles sozinha, sem mencioná-los a ninguém; e, quando me encontrava com Jung nos primeiros cinco minutos ele começava a falar justamente daquele problema, dando todas as respostas e sugestões de que eu precisava! Mais tarde perguntei-lhe várias vezes como acontecia de ele tocar exatamente naquele assunto em particular. Geralmente respondia que não tinha a menor ideia, mas quando se sentava, o assunto lhe vinha à mente. E era justamente o que eu precisava!

Lembro-me de um incidente desse tipo. Eu desejava loucamente algo em minha própria vida, mas era muito tímida para esticar a mão e apanhá-lo. Fiz uma visita a Jung, justo na hora em que estava dando comida aos patos, e havia ali um patinho tímido que chegava pertinho, querendo pão, mas, sempre com medo dos outros patos, se afastava. Jung viu esse coitado e jogou-lhe um pedaço de pão mas ele foi embora nadando nervosamente e depois voltou, mas era tarde demais. Isso se repetiu duas ou três vezes; daí Jung virou as costas dizendo: "Está bem, seu patinho tonto, você pode morrer de fome se não tem coragem de apanhar o pão!" Isso era para mim! Imediatamente relacionei-o com a minha situação. Depois perguntei a Jung se ele tinha feito isso de propósito. Ele respondeu que tinha pensado apenas no pato; não tinha a menor ideia de que coincidissem com minha pergunta interior.

Isso acontecia constantemente. Os orientais diriam que isso é estar no Tao. Se você estiver no Tao, isto é, em harmonia com os níveis mais profundos de sua personalidade, com a sua totalidade no *Self*, então ele age através de você dessa forma. Mas para isto não se deve ter a intenção do ego. Se *pretender* fazer a coisa

certa, se quiser ajudar outras pessoas e assim por diante, então com o ego você bloqueia esse efeito. Você barra a possibilidade natural. É por isso que Jung foi tão longe, a ponto de dizer que um analista que tem o desejo e a intenção de curar seus pacientes, não é bom. Não se deve ter nem mesmo isso, pois querer a cura do paciente é uma atitude de poder: "Eu quero ser o analista que vai curar este caso!"

Em outro contexto, mas de forma semelhante, Jung frequentemente duvidava que as mulheres pudessem ser boas analistas, pois com seu instinto maternal de proteção procuram evitar que o paciente entre no seu inferno interior. É somente quando o paciente consegue entrar no seu inferno interior, sem nenhuma ajuda de fora, que ele chega a ter uma experiência numinosa; somente assim surge algo de dentro dele que o ajuda. Mas se o protege e evita a coisa todo o tempo com caridade maternal, você também evita que ele tenha a sua experiência interior mais positiva e isso — voltando ao nosso conto de fada — é a falsa caridade da Rosa Branca e da Rosa Vermelha: ser sempre caridoso, evitar o mal, fazer a coisa certa, fazer a coisa boa e por aí evitar o curso mais profundo da natureza.

Tenho certeza de que se o urso tivesse consultado as meninas a respeito da morte do anão, elas teriam dito: "Ah, não, coitado do anão, não o mate agora! Dê-lhe outra chance!" Graças a Deus ele não as consultou, mas silenciosamente eliminou-o. Depois disso, nada mais podia ser dito! Isso também foi, por assim dizer, uma ação do *Self*. A natureza pura seguiu o seu caminho da forma certa, sem nenhuma intervenção humana; não havia nenhum plano, a coisa simplesmente aconteceu. Isso leva a pessoa para perto de um perigoso limite, pois a logo a reflexão do ego adquira tal estilo, a coisa sai errada. É por isso que se deve observar e depois virar costas, sem refletir. Aqui a reflexão é destrutiva porque é um problema ético; isto significa que é uma experiência do sentimento em que o intelecto não tem nada a dizer. O fato de eu discorrer sobre esse assunto é outro

paradoxo ou contradição, porque realmente não se pode fazer uma palestra a respeito disso. Com a cabeça não podemos comentá-lo, a não ser que o sentimento permaneça em seu próprio domínio.

Observação: *Gostaria de dizer que o anão emaranhado representa para mim um aspecto do ânimus que muitas de nós conhecemos.*

Sem dúvida alguma!

Observação: Realmente nessa situação nos irritamos e não conseguimos sair disso, ficando cada vez mais exasperadas e de mau humor. E então eu também acho que permitimos que ele continue agindo assim.

Sim, as mulheres tem esse tipo de caridade com o seu próprio ânimus interior ruim. É uma fraqueza da personalidade do ego, que não consegue dizer: "Agora tudo isso não tem sentido, eu não ouvirei mais esses absurdos dentro de mim". Ao invés disso ela pensa: "Bem, talvez isso seja muito importante, talvez eu deva escrever e contar isso ao meu analista da próxima vez". E daí fica-se cada vez mais emaranhado. É por isso que quando analisamos tais pessoas e elas chegam nesse estado de espírito, não sabemos o que fazer pois se nos aproximamos delas, a linha, o anzol e a barba também nos apanham!

Observação: Mas isso não está restrito apenas às mulheres!

Bem, no homem é ligeiramente diferente. Na mulher existe essa nuance argumentativa — "é, mas. . .". Não **importa** o que você diga a elas, lá vem o "É, mas você disse da última vez..." Assim, você fica embaraçado na linha.

Observação: A Senhora não tem visto isso em homem também?

Bem, os homens também dizem: "É, mas..." porém mais como um estado depressivo que envolve sua mente de forma secundária, fazendo-o expressar-se sim.

Lembro-me de um analisando que chegou dizendo-"Ah, agora para mim a vida terminou, estou ficando velho e não vou fazer mais nada, estou ficando cansado. Eu não gosto do meu trabalho mas estou muito velho e cansado para mudar, e . . .". Vocês sabem — melancolia profunda!

"Você não teve nenhum sonho?"

"Não, não tive nenhum sonho a não ser um pequeno fragmento, mas eu sei que ele é muito negativo".

O pequeno fragmento era que uma voz lhe ordenava que fosse até a floresta e acendesse uma fogueira. Mas ele não levava fósforos consigo. Aí foi para casa buscá-los, mas quando voltou para fazer a fogueira, descobriu que dentro da caixa havia apenas um palito de fósforo. Então, acendeu o fogo, a lenha ficou em brasa e ele ficou pensando se deveria assoprar ou não; aí assoprou levemente — e o fogo apagou! E a voz disse: "É isto o que o espírito faz!"

Este é um sonho catastrófico. Ele não reagiu normalmente, sentindo um medo terrível e dizendo: "Meu Deus, isto é terrível! Estou correndo o risco de deixar o espírito morrer. Preciso voltar para casa pegar uma caixa de fósforo, um monte de jornal e fazer um fogo decente!" Pois além de tudo, fazer um fogo na floresta — não estava nem chovendo — mesmo para um homem velho e cansado, não é uma tarefa impossível. Ele apenas me disse: "Bem, você está vendo que o inconsciente também diz que isso é o fim, diz que não há mais espiritualidade em mim, e assim por que devo tentar?"

Eu não lhes posso contar tudo o que lhe disse! Xinguei-o, perdi a cabeça e ele ficou me olhando com uma cara triste, desligado, e aí me disse: "Veja você, *eu* preciso ser objetivo! *Eu* preciso permitir a outra interpretação!" Aí foi embora.

Assim é a mesma coisa — o tipo de argumento errado — mas está baseado num estado de espírito. Percebi isso pela sua expressão infantil quando chegou fazendo beicinho. O argumento é semelhante ao do ânimus, mas nas entrelinhas estava o estado de espírito, o estado depressivo da alma que o inspirou a dizer que tinha de ser objetivo — o logos, a objetividade masculina era apenas para justificar um estado de alma chorosa, mas esta é a forma de que se reveste nos homens.

Pergunta: Mas e a natureza do anão e sua impaciência. ..?

Pois é, essa impaciência é tipicamente ânimus.

Observação: Mas também vi isso nos homens uma ou duas vezes, e essa impaciência deve vir do ânimus da mãe.

Talvez isso às vezes desempenhe um certo papel, mas geralmente a impaciência no homem é uma reação da sombra. Frequentemente podemos observar isso nos homens quando são intuitivos. Eles não conseguem esperar que as coisas aconteçam. Mas o ficar embaraçado com a figura é comum no homem e na mulher, alma e ânimus; é como entrar dentro de um nó cego sem conseguir se desembaraçar.

Numa escala menor é a mesma coisa que acontece quando um analisando cai num episódio psicótico. Aí, como diz Jung em seu trabalho sobre a função transcendente, às vezes pode-se impedir a catástrofe dando uma virada na situação exterior, fazendo com que a pessoa de repente mude de emprego, ou saia da análise ou mude de terapeuta ou qualquer coisa parecida, uma violenta virada em toda a situação, de modo que a pessoa possa escapular. É como se fosse uma pedra que começa a rolar montanha abaixo. Se você não interromper o movimento, a coisa vai piorando cada vez mais, como uma avalanche que se inicia com uma pequena bola de neve. Se conseguirmos segurá-la, então evitaremos uma o destruidora. A mesma coisa se aplica com pessoas não psicóticas, ou com aquelas que são por demais possuídas

pelo ânimus e pela anima.

Conheço uma família de vários irmãos e uma única irmã que, como toda mulher, se deixava cair no ânimus. Os irmãos nada sabiam de psicologia mas reconheciam isso intuitivamente, e sempre que a irmã entrava no ânimus, diziam: "Ah, saia dessa!" Tornou-se um hábito familiar dizer a ela que saísse daquilo. Mesmo sem a psicologia junguiana, tinham percebido que quando a mulher começa a argumentar de certo modo é preciso que alguém vire a direção do carro e guie noutra direção. Argumentar, ou entrar na coisa, não resolve nem para os outros e nem para a mulher; pois e'n tni que continuar argumentando. A única coisa a fazer é cortar ou interrompê-la, o que implica numa certa força do ego e instintividade.

Agora, voltando ao problema da caridade mas num nível mais profundo, gostaria de lhes narrar um conto de fada nórdico, uma estória escandinava intitulada: "O gigante que não levava consigo o próprio coração". (*Nordische Volksmarchen, II. Teil, Norwegen*, p. 119). Este é o nosso primeiro exemplo de mal "frio".

Era uma vez um rei que tinha sete filhos. Ele os amava tanto que nunca queria afastar-se com todos ao mesmo tempo. Assim, quando estavam crescidos, mandou que seis deles partissem a fim de encontrar esposas. Mas manteve o mais jovem junto de si, dizendo aos outros seis que lhe trouxessem uma noiva. Antes de partirem deu a cada um dos seis as mais belas roupas, um cavalo valioso e uma boa quantia em dinheiro. Eles foram a muitas cortes e viram muitas princesas até que finalmente encontraram um rei que tinha seis filhas. Jamais tinham visto seis princesas tão bonitas. Assim cada um deles ficou com uma, esquecendo-se completamente da sétima noiva para o irmão mais jovem, pois estavam muito apaixonados pelas próprias noivas.

Quando já tinham andado um bom pedaço do caminho de volta a casa, chegaram a uma rocha onde moravam gigantes. Um dos gigantes apareceu e só de olhá-los transformou-os todos em pedra, tanto os príncipes quanto as princesas. Em casa o rei esperava e esperava em vão pelos filhos que nunca apareciam. Ele ficou muito triste, achando que nunca mais tornaria a ser feliz. "Se não tivesse você", disse ao mais jovem, "eu me suicidaria de tanta tristeza, por ter perdido seus irmãos!" "Oh!" disse o mais jovem, "pensei em lhe pedir permissão para procurá-los". "Não, de jeito nenhum, eu não quero perder você também", disse o rei. Mas o rapaz pediu tanto que finalmente o rei cedeu, deixando-o ir. Tinha apenas um velho cavalo doente e nenhum dinheiro, e assim o rapaz teve que viajar com isso. Ele não se importou e montando no cavalo despediu-se do pai, dizendo que voltaria com certeza e que traria os seis irmãos consigo.

Depois de algum tempo encontrou um corvo que não conseguia se mover. Ele podia apenas bater as asas e estava a ponto de morrer de fome. O corvo pediu comida e o filho do rei disse que também não tinha muita comida mas que certamente poderia dar-lhe um pouco de sua provisão e assim o fez.

Um pouco mais tarde ele chegou ao leito de um riacho. Estendido na grama seca estava um grande salmão que não conseguia voltar para a água. O rapaz jogou o peixe de volta para a água. Tanto o corvo como o salmão prometeram ajudá-lo em troca, e para ambos ele disse que achava que não iria precisar de uma ajuda muito grande. Então, depois de uma longa, longa cavalgada encontrou um lobo, estendido no meio da estrada, que implorou que o deixasse comer o cavalo pois estava mortalmente faminto, já que há dois anos não comia nada. O príncipe respondeu que sentia muito mas que antes encontrara um corvo a quem tinha

dado de comer, e depois um salmão que jogara na água e agora, ele disse, você quer comer o meu cavalo! Mas o lobo insistiu, prometendo que o ajudaria mais tarde, dizendo que o filho do rei poderia montar em suas costas. O príncipe disse que achava que o lobo não lhe seria de muita serventia mas que poderia ficar com o cavalo.

Depois de o lobo ter comido o cavalo, o príncipe colocou os arreios no lobo; este ficara tão forte que conseguiu levar o príncipe a grande velocidade.

O lobo disse que lhe mostraria a corte do gigante. Ele levou-o até lá e lhe mostrou os seis irmãos e suas princesas transformados em pedra e a porta pela qual o príncipe deveria entrar. Mas o príncipe disse que não ousaria entrar ali pois o gigante o comeria. "Ah, não", disse o lobo, "quando você entrar lá dentro encontrará uma bela princesa. Ela lhe dirá o que fazer para conquistar o gigante; faça exatamente aquilo que ela disser". Então o príncipe entrou, embora sentisse medo. Aí, justamente nesse momento o gigante estava fora mas, em um dos quartos, estava sentada uma princesa que disse: "Deus o abençoe, como conseguiu entrar aqui? O gigante vai matá-lo e ninguém consegue matar o gigante pois este não leva consigo o seu coração". "Sim", disse o príncipe, "mas agora que estou aqui vou tentar salvar meus irmãos. "Muito bem", disse a princesa, "vamos ver o que podemos fazer. Agora você tem que se esconder debaixo da cama e escutar cuidadosamente o que o gigante disser, mas você precisa ficar completamente imóvel".

Assim, quase não deu tempo para o príncipe escorregar para baixo da cama, pois nessa hora o gigante chegou e disse: "Isto aqui está me cheirando a cristãos! "Sim", disse a princesa, "um corvo voou por aqui e deixou cair um osso humano pela chaminé; é daí que vem esse cheiro". Quando a noite chegou eles foram para a cama e a princesa disse que gostaria de lhe perguntar uma coisa há muito

tempo, mas não tinha coragem. "O que é?" "Eu gostaria de saber onde está o seu coração". Ora, você ainda não precisa se preocupar com isso, mas ele está enterrado debaixo da soleira da porta. "Ah", pensou o príncipe debaixo da cama, "então é aí que ele se encontra!"

Na manhã seguinte o gigante saiu cedo. O príncipe e a princesa correram para procurar o coração. Mas embora cavassem, nada encontraram. "Desta vez ele nos enganou", disse a princesa, "mas vamos esperar". E ela colheu um maço das mais belas flores que poderia encontrar e as espalhou sobre a soleira da porta. Quando o gigante voltou aconteceu a mesma coisa, ele disse que estava sentindo cheiro de carne humana; a princesa deu a mesma desculpa de antes, falando agora do pássaro. Mas depois de um tempo ele perguntou quem tinha espalhado as flores sobre a soleira. "Ah", disse a princesa, "eu gosto tanto de você que fiz isso, pois o seu coração está lá!"... "Ah, é por isso" disse o gigante, "mas ele não está lá!"

Quando foram para a cama, ela perguntou de novo onde estava o coração. Ela o amava tanto que precisava saber. "Ah, ele disse, está no armário ali da parede".

Então o príncipe e a princesa fizeram a mesma coisa de antes. Mas o coração não estava ali mais uma vez, e eles colocaram flores e coroas. Pela terceira vez o gigante disse que estava sentindo cheiro de gente e a princesa deu a mesma desculpa do pássaro e contou por que tinha enfeitado o armário.

O gigante lhe perguntou se era realmente tão tola a ponto de acreditar que o seu coração estivesse ali; ele estava num lugar que ela jamais encontraria. Era muito longe, numa ilha onde havia uma igreja, dentro da igreja havia um poço, dentro do poço um pato nadando, dentro dele um ovo e dentro do ovo seu coração.

Na manhã seguinte o gigante saiu cedo e o príncipe foi ao encontro do lobo, depois de ter dito adeus à princesa. Ele contou ao lobo que tinha de encontrar o coração do gigante. O lobo carregou-o nas costas e quando alcançaram o mar nadou com o príncipe nas costas. Assim alcançaram a ilha e chegaram à igreja. Mas a chave estava pendurada tão alto na torre que não conseguiam alcançá-la. Eles chamaram o corvo que pegou a chave e entraram na igreja onde encontraram um poço dentro do qual nadava um pato, como o gigante tinha dito. Puxaram o pato para fora da água e o pegaram, mas no momento em que este foi tirado da água, deixou cair um ovo no poço. Aí o príncipe não sabia o que fazer. Mas o lobo disse para chamar o salmão e este pegou o ovo no fundo do poço. "Agora", disse o lobo, "você deve apertar um pouco o ovo". E quando ele o fez o gigante gritou". Aperte de novo", disse o lobo, e quando o príncipe o fez, o gigante rugiu muito mais alto, implorando por sua vida e dizendo que faria qualquer coisa que o príncipe quisesse, se este não dividisse o seu coração em dois. "Diga-lhe", disse o lobo, "que se ele trans-toriar os seis irmãos e as princesas de pedra em gente de novo, você poupará a sua vida". Assim o gigante transformou os seis irmãos e suas noivas novamente em seres humanos. "E agora", disse o lobo, "esmague o ovo!" E o príncipe esmagou o ovo em pedaços e o gigante morreu.

Assim, depois de ter matado o gigante, os sete irmãos voltaram para casa com suas noivas. O rei ficou maravilhado, dizendo que a noiva mais bonita era a do filho mais moço e que ela deveria se sentar ao seu lado, na cabeceira da mesa. Eles festejaram por muitos dias, e se ainda não terminaram, talvez estejam festejando até hoje.

À procura do coração secreto

É sempre útil, dom relação aos contos de fada, contar o número de figuras envolvidas. No início de nossa estória havia um rei com seus sete filhos; oito homens e nenhuma mulher nessa corte. A rainha não é nem mencionada no desenrolar da estória e por isso devemos partir do princípio de que ela não estava viva.

Não quero entrar em pormenores, mas geralmente, em termos junguianos, oito é o dobro dos quatro pontos da totalidade interior, da integralidade psíquica. Assim podemos dizer que no princípio existe um símbolo de totalidade mas falta o contraponto ou o elemento feminino. Numa linguagem prática isto significaria que essas oito pessoas simbolizam uma perspectiva de vida, possivelmente uma atitude religiosa dominante, na qual o símbolo da totalidade está realizado, como poderia para a época desse conto de fada, mas apenas em seu modelo masculino, em seu aspecto de Logos. Eros, o feminino, o aspecto da alma, não está presente; Logos é um símbolo de totalidade por demais elevado, restrito apenas à região da mente e da atividade masculina, um símbolo do *Self* que corresponderia ao seu modelo psíquico no homem mas não na mulher. Em algum lugar existe uma grande deficiência.

Como o gigante é o inimigo e como se menciona uma igreja no final da estória, devemos concluir que este conto de fada não é mais antigo que a cristianização da Noruega, isto é, o segundo milênio da Era Cristã. Antes disso os países escandinavos possuíam uma religião mais masculina, predominando a ordem social patriarcal, e ^u vez cristianizados assumiram uma visão religiosa

espiritual puramente patriarcal. O elemento feminino permaneceu num estado primitivo subdesenvolvido.

Seis filhos partem com a obrigação de trazer o elemento feminino que faltava na corte do rei, trazendo para casa uma noiva. O rei não deixa o mais jovem partir, persuadindo-o a ficar em casa. Mas os seis filhos depois de terem encontrado suas noivas chegam a uma rocha abrupta onde há gigantes e um deles sai para fora, transformando-os em pedra.

Aqui devemos entrar no simbolismo do gigante. Originalmente ele representa o elemento pagão remanescente que foi reprimido e por isso se retira para as rochas. Os gigantes na mitologia germânica são caracterizados principalmente por sua enorme força e em geral por uma estupidez nas atitudes. Há um certo número de histórias onde os gigantes são logrados por homenzinhos ou seres humanos frágeis porque o seu físico cresceu demais e o cérebro de menos. Mas na mais antiga mitologia pré-cristã nórdica os gigantes são também muito inteligentes e foram se estupidificando devido principalmente aos conteúdos que foram sendo reprimidos desde a cristianização da Noruega. Em sua maioria os gigantes são responsáveis pelas intempéries; criam o nevoeiro e até agora em muitos países se diz que quando há trovoadas os gigantes estão brincando no céu, rolando e batendo bola. Existem gigantes do trovão, gigantes do relâmpago e gigantes responsáveis por deslizamentos de terra, pela queda de grandes pedras e rochas das montanhas; quando é dia da gigante lavar roupa então o país inteiro fica coberto por um nevoeiro. Por essas associações podemos ver que eles representam o animal bruto, os poderes não domados da natureza, um dinamismo psicológico de caráter principalmente emocional que é mais ror do que o homem. Assim, poderíamos associá-los aos nn pulsos incontroláveis que caem sobre o que há de mano no homem, como faz o gigante.

A ligação do gigante com os estados de emoção paixão é visível, na prática, no fato de a pessoa começar a exagerar quando entra num estado emocional: faze-

mos como se costuma dizer, uma tempestade em copo de água. Uma pequena observação feita por outra pessoa ou qualquer detalhe, torna-se uma enorme tragédia quando somos levados pelo estado emocional. A emoção em si mesma é o que é poderoso, exagerando o que está à nossa volta. Nas *Escrituras Apócrifas do Antigo Testamento*, no Livro de Enoc, há histórias de gigantes que desejaram mulheres humanas (Gênesis 6,4) e se uniram a elas, produzindo uma geração destrutiva de meio-gigantes, que destruíram a superfície da terra. Jung interpretou isso, num de seus comentários, como uma rápida erupção do conteúdo inconsciente no domínio da consciência coletiva.

Na mitologia germânica os gigantes são figuras intermediárias, meio deus e meio homem. Em muitos mitos de criação no mundo todo, os gigantes foram criados antes dos homens e foram uma tentativa abortiva dos deuses, não muito bem sucedida, para produzir seres humanos; depois disso veio a geração do homem que foi, pelo menos aparentemente, uma invenção um pouco mais bem sucedida.

Em certas versões da mitologia nórdica, os gigantes, pelo contrário, surgiram antes mesmo dos deuses. Eles são os seres mais antigos da natureza. Na mitologia nórdica há gigantes de gelo e de fogo. Aqui novamente o gigante está associado com os símbolos da emoção: de um lado o fogo, um símbolo de emocionalidade, e de outro lado o gelo, o oposto que lhe é idêntico. Somente as pessoas emotivas em excesso podem ser também terrivelmente frias como o gelo. O gelo caracteriza o clímax de um estado emocional que se transforma em rigidez. Provavelmente vocês já viram alguém em um estado de fúria apaixonada. Se isso se intensifica, de repente a pessoa não sente mais nada, a emoção baixa; a pessoa torna-se completamente fria como o gelo e rígida, em consequência da raiva; em lugar da reação emocional quente a pessoa fica petrificada de raiva, ou num estado de choque, qualquer que tenha sido a emoção original. Ela fica literalmente com as mãos frias, tiritando, pois to-

dos os vasos sanguíneos se contraem e, ao invés de ficar com a cabeça quente, sentindo a emoção que abrasa, a pessoa fica fria. O gelo é um passo adiante, quando a emocionalidade cai no outro extremo. Assim, isso está de acordo com o fato de que os gigantes na mitologia são os soberanos dos domínios do gelo e do fogo, desde que ambos são estados não humanos e completamente fora do equilíbrio.

Na mitologia grega o mesmo papel seria desempenhado pelos Titãs, os filhos da terra, que também têm essa mesma posição intermediária de meio-deus e meio-homem. Na mitologia mediterrânea eles são os responsáveis pelos terremotos. Um está confinado debaixo do Etna; de quando em vez ele se vira um pouco e o Etna tem outra erupção na Sicília. Aqui mais uma vez encontramos a ligação com a natureza emocional indomada, pois a erupção de um vulcão é um símbolo bem conhecido de uma erupção emocional destrutiva.

Com respeito à posição dos gigantes meio-deus e meio-homem, vocês sabem que interpretamos as figuras dos deuses como símbolos ou como imagens arquetípicas; isto é, são manifestações de arquétipos que constituem as estruturas básicas de nosso inconsciente e possivelmente do universo. Existem em nossa psique núcleos de uma tremenda carga de dinamismo, mas desde que se manifestem como imagens arquetípicas, eles têm uma certa ordem. Por exemplo, cada deus da mitologia tem uma função: ele rege um certo campo da vida, exige do homem certas regras de comportamento, sacrifícios e assim por diante. Podemos dizer, então, que a imagem arquetípica possui uma certa ordem que é transmitida ou imposta ao ser humano. Os deuses na religião politéista podem lutar entre si e por isso as diferentes ordens colidem, mas pelo menos cada arquétipo possui um certo aspecto de ordem.

Quando um conteúdo arquetípico se aproxima da consciência humana, pode acontecer que somente a carga emocional seja experimentada e o outro aspecto não se realize. Isso seria o gigante; a pessoa sofre o influxo

de um estado emocional avassalador da carga do conteúdo arquetípico, sem perceber seu aspecto de ordem e significado. É por isso que os gigantes, meio-deus e meio-homem, são geralmente destrutivos. Sua estupidez é facilmente compreensível se olharmos a partir deste ângulo, porque todo aquele que cai num estado de paixão é automaticamente estupidificado. Provavelmente vocês já tiveram a experiência de serem tomados por uma paixão e fazer as coisas mais idiotas que jamais teriam feito, se pudessem ter refletido fria e calmamente. Mas os gigantes também podem ser úteis, pois sendo uma libido emocional puramente psíquica, se regidos pela inteligência humana poderão realizar as maiores façanhas. Em toda a Europa há inumeráveis lendas medievais nas quais um santo engana um enorme gigante, transformando-o em seu escravo. Aí o gigante constrói as mais belas igrejas e capelas para ele — a serviço do santo. Assim, tão logo o gigante fique às ordens da inteligência humana ou se integre novamente em alguma ordem espiritual, ele nos dá uma tremenda quantidade de energia psíquica útil e poderosa.

Isto me lembra do que Jung costumava dizer que lhe acontecia quando tentava escrever seu livro *Tipos Psicológicos*. Como diz no prefácio, ele se correspondia com um amigo a respeito de seus problemas e coletava todo o enorme material histórico que reunia nesse livro. Daí quis começar a escrever, sentindo que então poderia ir além do estágio de só coletar material. Mas queria redigir o livro de forma clara, lógica e apurada, pensando em algo como *O Discurso do Método* de Descartes. Mas não conseguia fazê-lo, pois aquele era um instrumento mental por demais refinado para abarcar esse imenso e rico material. Quando se defrontou com essa dificuldade, ele sonhou com um enorme barco fora do porto, carregado de maravilhosas mercadorias para a humanidade; o barco devia ser trazido para o porto e as mercadorias distribuídas ao povo. Ligado a esse enorme barco estava um cavalo árabe branco, muito elegante, bonito e delicado. Era um animal arisco e supunha-se que era

ele quem ia puxar o barco até o porto. Mas o cavalo era absolutamente incapaz de fazê-lo. Nesse momento um enorme gigante de cabelo e barba vermelhos atravessou a multidão empurrando todo mundo. Ele pegou um machado, matou o cavalo branco e pegando a corda puxou o barco até o porto, num único *élan*. Assim Jung percebeu que teria de escrever sob o fogo emocional do que sentia e não se apegar a esse elegante cavalo branco. Daí ele foi levado por um tremendo impulso de trabalho ou emoção e escreveu o livro praticamente de uma só vez, levantando-se toda manhã às três horas da madrugada.

Vemos aqui que quando o gigante é colaborador, se não for autônomo, será como essa libido, essa quantidade de energia que torna o ser humano capaz de fazer algo sobrenatural, realizando aquilo que não se tem a coragem de fazer num estado normal de espírito. Devemos dizer que uma certa quantidade de emoção extática e de inflação, um tipo de entusiasmo heróico, é necessário para se conseguir alguma coisa, pois isso seria o gigante quando ele é cooperativo ou ajuda à consciência humana. Mas fora dessa dimensão ele pratica os danos descritos acima.

Nesta estória o nosso gigante sai das rochas e sem mais nem menos — tem-se o sentimento de que foi por pura maldade — ele petrificou os seis príncipes e suas noivas para que não pudessem voltar para casa. A pe-trificação está a um passo além do estágio do gelo. Se a emoção se torna demasiadamente grande, a pessoa torna-se fria, e se anda um pouco mais, ela é petrificada. Isto corresponde em termos psiquiátricos a um estado catatônico. Poderíamos dizer que um paciente se encontra em estado catatônico quando está petrificado pelas emoções inconscientes. Ao sair disso, o primeiro estágio é frieza seguida por uma terrível erupção emocional. Para desenovelar esse trágico acontecimento tem-se que passar por todos os diferentes estágios que levam à pe-trificação. Na mitologia grega, a Medusa Górgona tem o rosto e a cabeça cobertos de serpentes e ela é tão

terrível que pode petrificar qualquer herói que olhar para ela. Perseu consegue matá-la sem olhá-la diretamente, mas através de um espelho. Ele tem que colocar um elemento de reflexão objetiva entre si mesmo e o choque emocional que poderia sentir olhando-a diretamente. Nossos príncipes não conhecem essa sabedoria. Eles olham diretamente o gigante e são petrificados.

Pergunta: Eu achei que era porque tinham esquecido de arrumar uma esposa para o irmão mais moço. Eles próprios não têm coração!

Pode ser que isso tenha acontecido como castigo, pois eles não tinham pensado em nada além do próprio prazer. Por outro lado, se tivessem, a sétima princesa também teria sido petrificada. E assim o irmão mais moço não teria tido princesa nenhuma para encontrar, de modo que a coisa não é tão má assim. Mas certamente eles manifestam um grande egoísmo ingênuo, como você sugeriu. Eles apenas pegam suas noivas e se esquecem do resto e isso coincide com o cair na armadilha do gigante, por irreflexão e insensatez. Acho que você tem *razão*, existe no conto de fada uma ligação entre esses dois fatos.

Quando o filho mais moço quis procurar os irmãos, só sobrou um pequeno cavalo caindo aos pedaços, mas, o príncipe vai assim mesmo, e isso tem uma conexão significativa; a gente se sente menos triste mais tarde quando ele deixa o lobo comer o cavalo, trocando o cavalo pelo lobo. Se levarmos isso em conta psicologicamente, veremos que o rei, representando o conteúdo dominante da consciência coletiva não possui muita energia **vital**. Ele tinha perdido a esposa, provavelmente há muito tempo, e os seis filhos; além disso os seus seis cavalos estão mortos. Verifica-se um crescente empobrecimento na corte do rei, o que naturalmente ativarà a posição dos poderes inconscientes.

Assim, o filho mais jovem parte desanimado, sem achar em absoluto que iria realizar uma grande tarefa e

resolver o assunto como um grande herói. Desde o início a doença foi a grande ênfase da masculinidade e assim vemos por que ser herói estaria errado: seria mais uma vez na linha da velha atitude dominante, fortalecendo a masculinidade contra o instinto, o amor e o princípio feminino. O mais jovem tem uma chance melhor com esse cavalo esfarrapado que lhe impede a possibilidade de uma atitude heróica. Depois ele encontra um corvo morto de fome e lhe dá uma pequena quantidade de pouca comida que levava consigo.

Em geral, o corvo na mitologia europeia é um mensageiro entre o Deus soberano e a espécie humana. Na mitologia nórdica seria como os dois mensageiros do Wotan, Hugin e Muni, que se sentam cada um num ombro de Wotan, contando-lhe a respeito de tudo o que acontece no universo. Nós poderíamos dizer que eles são a percepção extra-sensorial de Wotan, ou seu conhecimento absoluto, sua informação a respeito do que está acontecendo. Os corvos parecem saber quando haverá cada veres para se alimentarem. Nos tempos antigos sempre acompanhavam os exércitos, esperando comida. Eram os mensageiros de Wotan e a direção de seu voo pressagiava a derrota ou a vitória. Eles não só transmitiam aos Deuses o que acontecia na terra, mas quem conseguisse ler os sinais, os *auguria*, conseguia ler a intenção de Deus através do comportamento dos corvos.

Na Mitologia cristã o corvo tem um papel ambíguo. Quando Noé ia à deriva, na arca depois do dilúvio, ele mandou primeiro um corvo a fim de saber se a terra tinha aparecido de novo, mas o corvo ficou tão ocupado comendo os cadáveres que se esqueceu de voltar. Noc enviou, então, uma pomba que lhe trouxe um ramo, e daí ele soube que novamente havia terra. A partir disso os Patriarcas da Igreja na Idade Média tomaram o corvo como representante do demônio e do princípio do mal; a pomba, como representante do Espírito Santo e do princípio do bem na Divindade. Por outro lado, são João em Patmos foi alimentado por um corvo que vinha do céu. Ele lhe trazia um pão sobrenatural e o alimen-

tava em seu ermitério. Foi difícil para os Patriarcas da Igreja unir esses dois aspectos, mas finalmente disse-já que o corvo representava os pensamentos profundos, sombrios, invisíveis e não oficiais, que são João tinha a respeito de Deus ou que lhe vinham em seu solitário ermitério na ilha de Patmos.

Observação: E Elias também!

Sim, Elias também foi alimentado por um corvo. Assim, durante a Idade Média, como em muitos outros campos mitológicos, este símbolo arquetípico do corvo foi dividido em dois: um aspecto luminoso e outro obscuro. É tanto um símbolo do demônio como o de uma ligação espiritual mística e obscura com Deus. Na mitologia grega é surpreendente ver que o corvo pertence ao Deus-Sol — Apoio, e mais uma vez representa o seu lado hibernal, seu lado boreal obscuro.

Portanto o corvo é um mensageiro do lado mais desconhecido, mais obscuro, menos luminoso e mais invisível do grande Deus. Melancolia, pensamentos profundos e pensamentos maléficos são coisas muito próximas; o efeito da solidão é uma pré-condição tanto para a possessão pelo mal como, no caso de pessoas excepcionais que sabem como se comportar nela, para atingir o centro interior. O corvo poderia levar tanto à possessão pelo mal como às percepções interiores essenciais que sempre são o lado obscuro do deus do sol, isto é, pensamentos não dominantes na consciência coletiva, naquele momento, que o coletivo consideraria maléficos. Sempre que alguém abandona o coletivo e entra sozinho em seu próprio abismo, ele ou ela trarão à tona novos conteúdos que perturbarão a atitude leviana e preguiçosa do consciente dominante. Aí a questão é se tais conteúdos são realmente maus ou apenas a percepção obscura necessária para aquela época. Aqui o corvo representa esse lado útil da psique humana que agora está completamente faminta. Em outras palavras, é o lado que foi negligenciado, mas o filho mais moço o alimenta.

Aí o príncipe encontra o salmão que está encalhado e desesperado na terra seca. Ele o joga de volta na água. Na mitologia céltica e nórdica o salmão representa algo semelhante ao corvo, isto é, sabedoria e conhecimento do futuro. Na mitologia céltica existe o salmão da sabedoria dentro de um poço que os heróis consultam e de onde conseguem informação a respeito do outro mundo e do Além. Mas o salmão possui uma outra qualidade. Antigamente ele era um alimento fundamental nesses países e por isso representa um elemento nutritivo. Ele fornece vitalidade e não dá apenas informações obscuras a respeito dos fatos desconhecidos no fundo da psique, mas também um influxo nutritivo de *insight*.

Observação: Em meu país nós temos um brinde gaélico: Que você seja tão saudável quanto o salmão que sobe: o rio na primavera!

Pois é, este seria o aspecto nutritivo! É um símbolo de vitalidade saudável. O comportamento surpreendente do salmão que na primavera sobe o rio para lugares especiais de acasalamento, morrendo muitos no caminho, representa um imenso feito heróico que é realizado todo ano. Isto deu origem à ideia de que o salmão, por conseguir nadar contra a correnteza, realizando algo insensato do ponto de vista utilitário, é um símbolo de tais esforços *contra naturam* do homem que se opõe ao fluxo da natureza. Ele representa o esforço heróico contra as tendências da preguiça, ou de conseguir as coisas de um modo fácil, que certamente convenceriam um salmão a jamais subir o rio. O salmão tenta saltar as quedas do rio de dez a vinte vezes. Eles ficam exaustos, nadam em círculo e tentam de novo até conseguir. Parece natural sugerirem a ideia de que o homem para conseguir alcançar sabedoria e um nível mais elevado de consciência precisa fazer o mesmo esforço.

O salmão possui esse significado altamente simbólico, representando a sabedoria divina e conduzindo o homem em seu esforço a um nível mais elevado de cons-

ciência, mas ele também representa um traço erótico. O salmão faz todo esse esforço para chegar ao lugar de acasalamento. Assim o salmão na primavera representa ao mesmo tempo, a vitalidade e o princípio do amor, a sabedoria que inclui o amor.

O salmão precisa de um impulso para retornar à água. O fato de estar encalhado é típico do estado das coisas, pois, antes de o príncipe entrar em cena, tudo andava errado nesse reino. Até o salmão da sabedoria tinha perdido o contato com a água.

Comparado com o salmão, o animal seguinte está ainda mais perto do homem. O lobo é um animal de sangue quente e nosso irmão próximo. Ele está com tanta fome que mal consegue andar. Não comeu nada durante dois anos e implora ao príncipe que o deixe comer o cavalo. Na mitologia nórdica o lobo, como o corvo, é um dos animais de Wotan. Ele também é um companheiro no campo de batalha, pois naqueles tempos, aonde quer que fosse, um exército era seguido pelos corvos no céu e pelos lobos nas florestas. Eles representavam a ameaça obscura da morte que acompanhava os exércitos no passado. Provavelmente devido a seu parentesco com o cão e a ligação deste ao homem, o lobo carrega não apenas a projeção de animal sombrio e ameaçador, mas também de uma incrível inteligência natural. Mais uma vez na mitologia grega, o lobo pertence a Apolo, o deus do sol, o princípio da consciência. A palavra grega para lobo é *lykos*, que está ligada à palavra latina *lux* — luz (em alemão: *Licht*), possivelmente por causa de seus olhos que brilham no escuro. Apesar de ser um animal noturno, é também um animal da luz. O lobo real possui uma inteligência incrivelmente desenvolvida. Talvez isso, entre outras coisas, faça com que carregue a projeção da luz da natureza.

Em seu aspecto negativo o lobo é perigosamente destrutivo, representando o princípio do mal em sua forma mais elevada. Na antiga mitologia germânica, o fim do mundo e de todos os deuses do universo viria quando o lobo Fenris se soltasse no final dos tempos. Ele devo-

raria o sol e a lua e seria o cataclisma inicial e o fim do universo. Portanto, o lobo é o demónio da mais absoluta destruição. Uma sentença popular diz que se alguém fala do demónio ele aparece. Para se evitar mencionar o lobo pelo nome, ele era chamado de *Isengrimm*, que significa ira de ferro, aquele estado de raiva ou fúria que se transformou em fria determinação. Dizer alguma coisa com *Isengrimm*, significa dizê-la com uma determinação fria, e férrea, que provém de uma raiv,, ou emoção escondida. Naturalmente, se aplicada no momento em que se necessita de uma determinação impie dosa, oriunda de uma ira "sagrada", isso pode ser positivo.

O lobo é também um dos animais do demónio e um animal de todos os deuses da guerra. Em Roma, por exemplo, ele pertence a Marte, um dos principais deuses do Império Romano e é por isso que uma loba amamenta Rômulo e Remo. O animal tem um relacionamento secreto não somente com o deus sombrio da guerra e com o lado obscuro do deus da luz, mas também com o princípio feminino. Por exemplo, no "Chapeuzinho Ver melho" a avó, a grande Mãe, se transforma num lobo e ameaça devorar Chapeuzinho Vermelho sob essa forma, até que o caçador, que também é um aspecto de Wotan, venha e a mate. Nessa estória o lobo se torna um atributo de uma divindade feminina sombria e de natureza obscura. No sonho de mulheres modernas o lobo representa frequentemente o ânimus, ou aquela estranha atitude devoradora que as mulheres podem ter quando possuídas pelo ânimus. Em muitas conotações mitológicas o lobo simplesmente representa fome e voracidade. Em inglês, fala-se em "comer como um lobo", isto é, comer com uma espécie de voracidade apaixonada.

Observação: Na obra de Brehm, Tierleben, há uma descrição maravilhosa da raposa e do lobo onde se diz que o lobo é exatamente tão inteligente e esperto quanto a raposa, mas que quando fica com fome, perde tudo isso; e ele está sempre com fome!

Exatamente. Por isso há muitos contos e histórias em que a raposa logra o lobo pegando-o pela sua voracidade, pois esse é o momento em que o lobo perde a esperteza e é capturado. A voracidade e a fome fazem a sua desgraça. Do nosso ponto de vista é exatamente aí que ele é apanhado em sua destrutividade; é aí que podemos pegá-lo. Nos *Contos de Grimm* há a história das "Sete cabrinhas", em que o lobo é voraz e elas põem pedras em seu estômago, atirando-o na água. Mais uma vez ele é tapeado por causa de sua voracidade.

No homem, o lobo representa esse estranho desejo indiscriminado de devorar tudo e todos para tudo obter, o que é visível em muitas neuroses cujo problema principal é o de que a pessoa permanece infantil por causa de uma infância infeliz. Tais pessoas desenvolvem dentro de si um lobo esfomeado. Não importa o que vejam, elas dizem: "eu também!" Se alguém é bondoso para com elas, exigem mais e mais. Jung dizia que é um impulso que não pode ser claramente identificado com poder ou sexo. É ainda mais primitivo; é o desejo de ter e conseguir tudo. Se você der a essas pessoas uma hora por semana, elas querem duas, se der duas, querem três. Elas vão desejar vê-lo em seu tempo livre e se você se dispuser vão querer casar com você, e se isso acontecer vão querer comê-lo etc. São completamente tomadas. Não é bem que *elas* queiram isso, mas *isso* o quer nelas. O "isso" delas nunca está satisfeito, por isso o lobo também cria nessas pessoas uma constante insatisfação ressentida. Assim, o lobo é símbolo de ressentimento amargo, frio e constante por causa daquilo que nunca teve. Deseja realmente comer o mundo todo.

Observação: Santo Columba, o grande santo do século VI, foi batizado como Columba ou Pomba, mas mais tarde adquiriu um segundo nome, "Crimthann", um nome céltico para lobo, tornando-se assim mais útil como cristão ao combinar agressividade e gentileza.

Portanto o lobo tornou-se algo luminoso, uma consciência mais elevada! Sem dúvida, esta é uma associação relevante e muito cabível aqui.

Pergunta: O lobo não está por detrás do cão com Hécate? Aqui poderia haver uma conexão se associarmos o lobo ao princípio feminino.

Sim, mas com Hécate, embora seja esquisito, está principalmente o cão. O lobo aparece mais nos contos de fada nórdicos, onde faz companhia a bruxas e a grandes divindades femininas. Na Grécia era mais difícil fazer tal conexão porque o lobo era o animal de Apoio, mas há antigos papíros gregos sobre magia onde o lobo aparece, entre os cães, com Hécate.

Pergunta: E a Senhora acha que essa voracidade impulsiva, quando dominada, pode se tornar um aspecto positivo luminoso?

É claro que pode. É por isso que o lobo é chamado lykos, luz. A voracidade quando dominada ou conduzida ao seu alvo correto é a coisa.

Neste conto de fada os traços negativos do lobo não são mostrados provavelmente porque os aspectos de voracidade e ausência de auto-controle já estão colocados nos gigantes. Desde o início o lobo é um animal positivo e útil.

Observação: Existe uma outra estória grega a respeito do corvo que diz que primitivamente ele era branco, mas quando contou a Apoio que Coronis o tinha traído, cheio de ódio Apoio o fez ficar preto; se você olhar realmente para o corvo à luz do sol, existe bastante branco entre suas penas.

Acho que os símbolos mitológicos contêm sempre o seu oposto. Você tem razão, mas Coronis, a gralha, é mais o aspecto feminino. A gralha na terminologia mitológica

é a esposa do corvo, seu contraponto mais feminino, coroo a gata é a esposa do cachorro, e a vaca a esposa do cavalo. Esta era a ideia das crianças a respeito dos casais de animais.

Aqui o lobo, em contraste com sua natureza normal, come apenas o cavalo. Aí ele é capaz de deter sua voracidade, pode ser selado e arreado para tornar-se a montaria do filho mais jovem. Agora o portador é um desejo impetuoso que não vai além dos limites adequados. O cavalo alquebrado não propiciava nenhum *élan* heróico, mas agora o príncipe é levado pelo desejo ardente de alcançar seu objetivo, encontrar seus irmãos e suas noivas. O lobo, que possui o conhecimento secreto da natureza, leva-o diretamente ao castelo do gigante e lhe diz simplesmente para obedecer à princesa. Aí então ela realmente dá conta do problema. O príncipe tem apenas que se esconder debaixo da cama.

O Sr. Braga contou-me algo que acho interessante se ele puder repetir.

Sr. Braga: O Dr. Herzog Durck, de Munique, descreve num livro vários tipos de neuróticos, entre os quais o tipo da bruxa: a pessoa que recusa a chamada tristeza de ser finito e é possuída por esse impulso de expandir as dimensões.

É, isto seria estar possuído pelo lobo e me lembra todas as diferentes versões mitológicas e as estórias meio-verdadeiras que Kipling tornou imortais com a estória de *Mogli*, o menino abandonado, adotado pelos lobos que mais tarde voltou à sociedade humana. Se não me engano, há mais ou menos cinco ou seis anos tal coisa aconteceu realmente de novo na Índia, ou, pelo menos, parece que aconteceu: um menino viveu por muito tempo entre os lobos.

Tais coisas não são frequentes, mas acho que este mito, ou acontecimento, desempenha um enorme papel porque embora apenas poucas crianças sejam na realidade adotadas pelos lobos, milhões de outras o são de

maneira simbólica. As crianças são infelizes em seus lares e tornam-se desumanizadas; ou melhor, não lhes é permitido serem humanas, pois seus pais possuem um inconsciente desumano. Assim elas caem na atitude do lobo solitário. Milhares de crianças ficam como lobos solitários, sofrendo de isolamento, voracidade e incapacidade de estabelecer um contato humano. É por isso provavelmente que em toda parte as poucas histórias de quando isto acontece de verdade impressionam tanto. E no mundo inteiro há histórias de lobisomens, pessoas transformadas em lobos por bruxaria durante a noite, que praticam ações destrutivas. No fundo isso é a mesma coisa.

Se olharmos o comportamento de nosso príncipe, ele se encontra numa estranha posição dupla. O lobo, que aceitou ser arreado e selado e não possui a natureza voraz e desmedida que tem em outras histórias, lhe diz para ser completamente passivo. E no final da história — não se esqueçam que o nosso tema principal é o problema de lidar com o mal — o passo decisivo da destruição do gigante não é feito pelo príncipe mas pelo lobo, que lhe diz para esmagar o ovo. Assim, existe uma estranha duplicidade de atitude. O príncipe é completamente passivo, escondendo-se debaixo da cama da princesa sem fazer nada, exceto escutar o que era dito. O lobo assume toda a ação e quando finalmente o gigante é vencido, isso se deve ao lobo. O príncipe funciona como um instrumento, entrando na história para que o lobo possa vencer o gigante.

O tema de deitar sob a cama da princesa e ouvir uma conversa de amor será repetido em outra história, de modo que agora discutirei isto muito brevemente.

O lugar debaixo da cama geralmente recebe a projeção do inconsciente pessoal. Se as pessoas não são muito limpas, olhe debaixo de suas camas, e veja esses belos flocos de pó que aí estão, junto ao vaso no turno, o sapato velho e não sei mais o quê. É o lugar onde se jogam as coisas, fornecendo um suporte ideal para o que se pode chamar de inconsciente pessoal.

Lembro-me que durante toda a minha infância eu achava que um caçador morava debaixo da minha cama e um anão amarelo e alguns negros moravam no espaço entre a cama e a parede. Eles erguiam suas patas pretas e por isso eu tinha que deitar rigidamente no meio da cama, onde não pudessem me pegar. Outras crianças com que compartilhei tais experiências achavam que animais, demónios e coisas desse tipo se escondiam debaixo da cama.

No livro Chinês de sabedoria, o *I Ching*, no hexagrama número vinte e três, "Putrefação e Ruptura" — a deterioração da morte da qual vem a ressurreição — há a imagem de uma cama se desmanchando. Seus pés caem e finalmente toda a cama desmorona. Isso é descrito como as forças do mal que não têm coragem de lutar abertamente com as forças do bem, mas que secreta e vagarosamente as enfraquecem, até que a cama desmorona. Aqui mais uma vez "debaixo da cama" é o lugar escondido onde os complexos reprimidos e os problemas vivem, minando aos poucos a condição consciente e finalmente até mesmo o descanso da pessoa. É por isso que uma consciência pesada, preocupações ou coisas reprimidas de fato perturbam o sono, mantendo a pessoa acordada. Essas são as forças do mal que moram debaixo da cama.

Aqui o príncipe é a força perigosa e secreta escondida debaixo da cama, mas para enfraquecer o gigante dominador ele assume o outro papel. Ele vai para o esconderijo e fica completamente passivo; assim, vai aprendendo como enfraquecer o gigante. Para debilitá-lo e vencê-lo não deve lutar abertamente, mas atingir o âmago do seu ser de onde o gigante extrai toda a sua secreta energia.

Realmente é a mesma coisa quando alguém se confronta com outra pessoa que está dominada por um estado emocional. Não adianta lutar abertamente com a emoção dos outros. Tentar falar com uma pessoa fora de si é piorar a situação. Mas se alguém consegue chegar ao âmago secreto por detrás, ao motivo básico que ge-

almente a pessoa desconhece, aí então pode-se atingir algo que faça a coisa ruir. O mesmo acontece com cada um de nós. Se somos tomados por um estado emocional exagerado a respeito de qualquer coisa, é porque em geral nossa libido e vitalidade inconsciente não estão fluindo na direção certa ou não estão se dirigindo para o devido lugar.

As pessoas que têm um lado criativo e não o vivem são os clientes mais desagradáveis. Eles fazem de uma colina uma montanha, preocupam-se com coisas desnecessárias, estão loucamente apaixonadas por alguém que não merece tanta atenção, e assim por diante. Existe nelas uma espécie de carga energética flutuante que não está ligada ao objeto certo, e por isso elas tendem a aplicar um dinamismo exagerado à situação errada. Podemos perguntar a essas pessoas por que exageram, por que isso é tão importante, mas essa super-importância ou super-ênfase não são atribuídas conscientemente. A carga vai para a sua loucura pessoal, porque uma parte do centro dinâmico não está consolidada ou em conexão com a motivação correta. No momento em que essas pessoas se dedicam ao que é realmente importante, a sobrecarga flui para a direção certa, deixando de valorizar coisas que não merecem tanta atenção emocional. A criatividade reprimida é uma das razões mais frequentes de tal atitude, mas a repressão da função religiosa na psique costuma produzir também essa tendência de exagero unilateral.

A função religiosa é provavelmente o impulso mais forte na psique humana. Se não for dirigida a seu objetivo natural, ela pesará em outras áreas da vida, dando-lhes uma emocionalidade desmerecida. Laurens van der Post mostra isso em *Journey into Rússia*: como a função religiosa da psique foi mutilada por um sistema dominante ateu, esse exagero às vezes é aplicado da forma mais ridícula — em certas regiões do país os camponeses fizeram da eletricidade o seu deus e dão a um filho o nome "Voltagem" e a uma filha o nome de "Electra"-Eles falam das novas represas, correntes ou dínamos que

foram construídos, com o mesmo temor com que teriam falado, no passado, de assuntos religiosos. Van der Post descreve também uma cena patética que observou visitando o mausoléu de Lenin. Ficou impressionado com esse pequeno burguês do século XIX, muito mal embalsamado, deitado com sua barba bem cortada e tendo às vezes que ser reembalsamado porque ainda era comido pelos vermes. Ele viu entrar pessoas simples do campo, um camponês russo e sua filha. O homem olhou admirado para aquele cadáver no caixão de vidro e tirou o boné. Nesse momento ele lançou um olhar piedoso para a filha, avisando-a que deviam sair. Depois de terem feito o sinal da cruz saíram silenciosamente. Se não há Deus, fazemos um Deus de um homem morto!

Sempre que uma corrente principal é bloqueada no desenvolvimento da psique de um indivíduo, pode-se usar um símile e dizer que a água corre por canais laterais, alimentando correntes laterais ou, se completamente bloqueada, inunda os pântanos da psique humana com cobras e mosquitos, pois a corrente não se dirige para o objetivo certo. É por isso que para vencer essa emoção destrutiva a princesa tem que descobrir como o gigante está ligado ao próprio coração. Depois de duas tentativas malogradas descobre que o coração do gigante está "longe" na água, numa ilha onde existe uma igreja, dentro dela um poço, neste um pato, dentro dele um ovo e no ovo o coração.

Em alguns outros paralelos desta estória, a palavra coração é substituída por "morte". Num paralelo russo um mágico negro diz: "Na ilha há uma igreja, na igreja (acho que não é um pato, mas é algum tipo de ave) um pássaro, no pássaro um ovo e no ovo está a minha morte". De certa forma é a mesma coisa, pois se tiver o ovo em suas mãos, você tem nas mãos a possibilidade de morte do gigante e provavelmente é esta a ligação. O coração aqui traz em si o símbolo da função do sentimento, o ponto vulnerável, o tendão de Aquiles, onde esta figura demoníaca invulnerável pode ser atingida.

Agora chegamos a este fato excitante que me intrigou desmedidamente: o simbolismo da água, da ilha, da igreja, do poço, do pato e do coração. Aqueles de vocês que estão familiarizados com a psicologia junguiana sa-om que todos esses objetos são símbolos do *Self*, um dentro do outro. Na mitologia, a ilha longínqua geralmente leva a projeção de um paraíso perdido. O jardim das Hespérides se encontra numa ilha longínqua e na mitologia céltica existem todos os tipos de ilhas povoadas por fadas. Na alta Idade Média, a ilha de Thule foi identificada com as remotas ilhas da Utopia, como sendo o lugar de retiro dos deuses ou das fadas, ou dos deuses do mar. Na mitologia grega, Cronos, o velho deus deposto por Zeus, retirou-se para uma ilha nórdica isolada, morando lá nos países boreais. Geralmente ainda subsiste nessa ilha um estado ideal do passado. Por exemplo, a idade de ouro ainda persiste na ilha para onde Cronos se retirou.

Na alta Idade Média havia inumeráveis estórias de aventuras marítimas — a viagem de S. Brendano e outras — nas quais os marinheiros surpreendidos por uma tempestade são desviados de seu rumo chegando a uma ilha estranha, onde acontecem aventuras mágicas e maravilhosas. Aí a ilha tem simplesmente o simbolismo de um domínio do inconsciente longínquo, sem ligação com a consciência. A palavra "isolamento" vem do latim *insula*, ilha. Em termos psicológicos a ilha representa um complexo autónomo com vida própria, sem nenhuma ou quase nenhuma ligação com o resto da personalidade consciente. Literalmente é uma área insulada sobre a qual ou o indivíduo às vezes possui uma certa quantidade de conhecimento mas não entra em conexão com ela, como uma espécie de compartimento psicológico, ou ele a desconhece completamente.

Isso me lembra o caso de um homem com uma furtiva situação esquizofrênica crônica. Ele vivia praticamente aprisionado com a mãe, que não deixava que ele se casasse, até que ele passou dos quarenta e nunca foi capaz de se relacionar com mulheres. Ele podia fazer

seu trabalho no escritório mas findo este, tinha que voltar para casa imediatamente. Não conseguia escapar da tirania de sua velha mãe completamente destrutiva. Seu analista trouxe-me sonhos terríveis que mostravam a esse homem poderia se suicidar ou ter um outro episódio esquizofrênico a qualquer momento; cenas em que ele se serrava em pedaços e assim por diante, mas sempre se repetia nesses sonhos o tema de uma ilha com vegetação tropical luxuriante. Havia mulheres ali mas sempre surgia na ilha uma serpente venenosa que de vários modos o ameaçava. Eu adivinhei rapidamente que ele provavelmente se masturbava com fantasias luxuriosas e por aí vivia uma vida erótica secreta, literalmente insulada. De uma certa forma isso era positivo, pelo menos existia uma certa dose de vida normal — ele não teve nenhuma outra vida sexual, até os quarenta e cinco anos — mas por outro lado isso era negativo, pois eliminava o seu desejo de escapar da mãe, que sem isso teria sido mais forte. Assim, esse paraíso masturbatório também continha sua serpente venenosa.

Eu disse ao analista que esse era o significado do tema, mas levou um ano inteiro para que ele surgisse do próprio analisando. Um dia ele sonhou que mais uma vez tinha sido mordido por uma serpente venenosa dessa ilha e estava seriamente doente. Aí ele viu no chão um pedaço da cabeça e uma parte detrás do corpo da serpente, e disse: "Preciso levar isso para o médico fazer um soro contra a mordida venenosa". Depois desse sonho finalmente ele concordou em falar a respeito da ilha tropical onde vivia durante a noite.

Vemos como a ilha é um símbolo de uma área separada, um complexo autônomo por assim dizer. Neste caso o sexo normal foi isolado e separado pelo complexo materno negativo. O sonhador sabia disso mas estava decidido a jamais mencioná-lo ao analista. Ele o guardava inteiramente afastado do resto dos problemas de sua vida. Portanto algumas vezes a ilha é conhecida, mas existe uma grande quantidade de água do inconsciente entre ela e a área consciente, e às vezes ela é desconhecida.

da o que significa que existe um complexo autônomo em algum canto de fantasia, mas a consciência não o conhece o suficiente para mencioná-lo.

Nessa área insulada, longínqua e separada da psique, existe uma igreja. Agora observem: *insula*, mar, igreja e poço são símbolos femininos! Aqui, dentro de uma casca de noz, se encontram todos os princípios femininos e maternos que estão faltando no reino sem rainha, mas eles estão completamente ilhados e separados do resto da vida.

É interessante o fato da igreja estar nessa área separada. Até este aspecto da atitude religiosa cristã, a igreja como um lugar continente, feminino, onde se realiza o serviço religioso, está separada nesta ilha, junto com o poço (*em alemão Brunnen*), que seria um sistema pelo qual a pessoa pode chegar até o inconsciente. O poço seria o lugar cercado de paredes, das profundezas do qual a água é trazida. Nesse sentido o poço representa uma construção humana que permite ao homem entrar em contato com as profundezas do inconsciente, constantemente e sem perigo. Se colocarmos os dois juntos, a igreja contendo o poço, isso mostra que o que está reprimido no aspecto da igreja seria a função vital da igreja original.

Nos primeiros séculos da cristianização dos países nórdicos a igreja propunha a possibilidade de uma experiência religiosa mística. Nos séculos posteriores ela tornou-se mais e mais uma formalidade social. Se me permitem ser bem desagradável, posso dizer que minha impressão da igreja cristã na Escandinávia é a de uma questão completamente sem vida, um *nonsense* convencional, social, que não tem nada a ver com sua função original de mediadora entre a consciência e as profundezas interiores da alma.

Pergunta: No começo a Senhora disse que o gigante tí nha uma relação com as ideias pagãs reprimidas; será que existe aqui uma ligação com isso?

Existe, sim. No domínio do gigante isso significaria que quando os nórdicos se converteram, no começo essa conversão foi para eles, pelo menos na medida em que não foram forçados por processos militares, uma experiência religiosa genuína e um progresso da consciência. Isso pode ser observado nas antigas crônicas. Mas aí o aspecto psicologicamente verdadeiro do cristianismo esmoreceu de novo, sobrando apenas a casca convencional, um assunto social sem nenhum significado religioso profundo. A função religiosa da psique caiu de volta no paganismo, mas como o próprio paganismo está longe, ela se encontra ao mesmo tempo ligada e desligada dele.

Observação: Cada vez há mais conversões ao catolicismo nos países escandinavos.

E isso sugere algo no mesmo sentido. Eles estão procurando símbolos. A Igreja católica, aliás, fez um corte menos severo entre o paganismo passado e sua nova mensagem do que as denominações protestantes. Os países escandinavos ainda têm, para minha alegria, um são Priapo entre seus vários santos, e não é esse um ótimo modo de se salvar e resguardar o paganismo? Realmente devia-se escrever ao papa dizendo que são Priapo devia ser colocado de novo na linha dianteira.

Observação: Eu também acho que eles têm um lado mais feminino na Igreja católica.

Sim, porque têm uma Deusa, ou quase uma Deusa, no culto da Virgem Maria. O lado feminino está mais incluído e todo o passado pagão pode ter um influxo nesse rico simbolismo católico, enquanto que as denominações protestantes mutilaram ou desvirtuaram esse lado da psique. É por isso que todos os símbolos são tão femininos neste conto.

No poço está um pato e no pato um ovo. Agora, o que é muito estranho, é que o pato especialmente nos

contos de fada que se relacionam com o problema do mal, aparece como um fator de salvação; e, pelo menos em nossos países, de um lado o pato parece estar ligado ao princípio do mal, e de outro lado ao princípio que salva a pessoa do mal. Na mitologia da Índia, ele está ligado ao sol. Quando o sol se põe, à noite, ele nada como um pato de ouro na lagoa do Oeste e volta pelo Leste quando amanhece.

Em nossos países os patos e os gansos têm uma ligação definida com os demônios e as bruxas que irracionalmente possuem pés de pato ou de ganso. Existem muitas histórias populares onde aparecem todos os tipos de criaturas e lindas mulheres, mas se seus pés forem de ganso ou de pato você então compreende que vai ter que lidar com alguma criatura do tipo fada do mal.

O pato é uma ave notável: pode-se movimentar na terra, na água e no ar; mas melhor do que cisnes pesados ou aquelas aves aquáticas indefesas; por isso representa um princípio que está em casa em todos os domínios da natureza e frequentemente é um símbolo do *Self*. O pato pode vencer o que seria um obstáculo natural para o homem. O homem pode voar e precisa de ajuda técnica para nadar, mas o pato pode fazer todas essas coisas. Assim ele representa o que nós chamamos na psicologia junguiana, de função transcendental: essa estranha capacidade da psique inconsciente de transformar e guiar o ser humano, que foi bloqueado numa determinada situação, a uma situação nova. Sempre que a vida humana empaca, chegando a um beco sem saída, a função transcendental traz sonhos curadores e fantasias que constroem, ao nível da fantasia simbólica, um novo modo de vida que então, de repente, toma forma e conduz a uma nova situação.

Dentro do pato há um ovo e lá, diz o gigante, está meu coração. O ovo significa uma nova semente, uma nova possibilidade de vida. É por isso que na Páscoa e em todas as festas da primavera, os ovos simbolizam a renovação e a possibilidade de uma nova vida. Se pensamos nos vários mitos cosmogônicos onde o ovo é o

início do mundo, ele adquire a dignidade de um princípio cósmico. É o princípio primeiro, algo de onde todo o universo pode nascer. Segundo inúmeros mitos de criação, o mundo desenvolveu-se a partir de um ovo que se dividiu como é o caso dos mitos de criação hindus, gregos, órficos, e muitos outros.

Na alquimia o ovo desempenha um enorme papel. Ele é equiparado à pedra filosofal, pois como diziam os alquimistas ele contém tudo em si mesmo e não necessita de nenhum acréscimo, exceto uma leve dose de calor vital ou temperatura constante. Dando à luz a partir de si, sem acréscimos, ele simboliza o núcleo mais interior do indivíduo, o *Self*, ao qual nada podemos acrescentar ou do qual nada podemos tirar. Se lhe dermos atenção diária ele será capaz de se desenvolver por si mesmo e de si mesmo.

Esta série surpreendente de símbolos religiosos com uma conotação essencialmente feminina é o coração secreto ou a profundidade do gigante.

6

Competições mágicas

O herói encontra o pato e o ovo no poço, dentro da igreja que está na ilha. Enquanto segura o ovo em suas mãos ele faz chantagem com o gigante para que este faça voltar à vida seus irmãos e futuras cunhadas. Assim que isso acontece, chega o momento de decisão: deve o príncipe fazer jogo limpo e libertar o gigante porque agora tinha desfeito o erro cometido, ou o que deve fazer? E aí o lobo interfere dizendo: esmague o ovo. O herói esmaga o ovo e o gigante morre.

Gostaria de ler para vocês o trabalho que o Dr. Danelius escreveu a respeito desse problema. Ele o subdividiu em duas possibilidades: a primeira, o que isso significaria para uma mulher, se a princesa representar a personalidade humana, caso em que o gigante seria uma figura do ânimus cruel, com o coração de pedra; ela exporia durante a noite o ponto vulnerável, levando a informação ao príncipe que seria o seu ânimus positivo. (Eu estou dando apenas a essência do trabalho. A piedade sentimental, com relação ao seu senhor anterior, poria a perder tudo o que ela tinha ganho, de modo que o seu antigo e cruel senhor tem que morrer para que se abra o caminho para a vida real da princesa. Na outra perspectiva, do homem, ele interpreta o ovo como o grande objetivo, a justificativa de toda a sua vida. O ovo dentro do pato se referiria a um nível de seu inconsciente que nunca foi consciente (quer dizer, o gigante), um objetivo verdadeiro para seu desenvolvimento interior. O fato de ter descoberto isso e se ligado à mais bela princesa prova que por debaixo desse aspecto

de pedra existem maiores possibilidades, todas vistas do ponto de vista do gigante. A princesa, como sua alma, a mediadora para o mundo do inconsciente, leva-o em direção ao seu objetivo, ao seu próprio coração vivo. Aqui, a descoberta do coração significa descoberta para o próprio gigante. Nesse momento sua vida é toda preenchida e é a hora certa para morrer, pois sendo um gigante de pedra com coração de pedra, não pode continuar vivendo.

Aí eu fico um pouco em dúvida pois tudo é visto sob o prisma do gigante e não do príncipe. Visto da perspectiva do gigante de pedra, é o fim de sua vida. Sua realização chegou porque agora ele está mais próximo do símbolo igreja-pato-ovo; portanto é o momento de morrer. Mas se nós considerarmos o gigante como esse tipo de alma parcial e pagã, uma coisa incompleta, acho que então as coisas ficam mais complicadas. Eu também não me sinto muito satisfeita, porque não vejo com muita clareza como tudo isso pode se encaixar na psicologia do príncipe, ou o que isto significa para ele, pois ele representaria a personalidade masculina do conto de fada.

Antes de discutir esta estória em detalhes e para complicar um pouco mais as coisas, gostaria de lhes contar uma estória oposta. É um conto de fada lituano chamado "Como o lenhador enganou o diabo e ficou com a princesa".

Um dia, quando cortava lenha na floresta, um lenhador avistou uma marta. Na mesma hora ele jogou fora seu machado e saiu correndo; correu, correu, mas isso só serviu para se perder. Quando escureceu teve que subir numa árvore para passar a noite. De manhã ouviu uma violenta discussão. Olhando para baixo, viu um leão, um cão, um gato, uma águia, uma formiga, um galo, um pardal e uma mosca (oito animais), que estavam discutindo por causa de um veado morto, porque cada um queria cantar o canto fúnebre. Brigaram o dia inteiro até que um deles viu o lenhador e disse que ele deveria

decidir a questão. O lenhador desceu da árvore e depois de pensar um pouco disse que ele deveria cantar, pois caso contrário o veado nunca seria enterrado. Os outros ficaram maravilhados e disseram que o recompensariam por sua decisão inteli gente, dando-lhe a capacidade de se transformar em qualquer deles; bastava pensar num animal em particular.

Assim o lenhador cantou a canção fúnebre, que ecoou por toda a floresta. Depois, virando um leão, correu para outra parte da floresta. Aí encontrou um criador de porcos que chorava amargamente, pois o diabo ia comer daí a pouco toda a sua criação. O criador de porcos explicou que isso era por culpa do rei, pois este tinha se perdido na floresta há uns dias atrás. Um homem estranho apareceu, Deus sabe de onde, dizendo que lhe mostraria o caminho com a condição de ganhar um porco por dia. Quando não houvesse mais porcos, o rei deveria lhe dar a princesa, sua própria filha.

Depois o rei prometeu dar a filha a quem matasse aquele monstro. Nesse caso, disse o lenhador, o comedor de porcos deve ser capturado e eu serei genro do rei. Assim ele tomou conta dos porcos e quando caiu a noite o diabo chegou, agarrou um porco e desapareceu na floresta. O lenhador levou rapidamente para casa os porcos que sobraram, transformou-se em um cão e saiu atrás do demônio. Contou ao demônio que um pouco mais adiante, na oitava árvore, um homem queria se enforcar mas não tinha coragem para fazê-lo; o diabo devia correr para pegá-lo, largando o tonto do porco. O diabo saiu correndo e o cão virou homem, trazendo o porco ileso de volta.

Na noite seguinte aconteceu a mesma coisa mas desta vez o lenhador tomou a forma de uma águia e ficou gozando o diabo por comer porcos. Disse que na outra floresta uma mãe tinha afogado o filho e que seria melhor pegar essa criança do que

comer porcos. O diabo tentou garantir o seu porco antes de sair atrás da criança, partiu um carvalho ao meio prendendo o porco ali, mas o lenhador soltou-o, levando-o para casa.

Na noite seguinte o lenhador levou os porcos para casa, dentro do chiqueiro. Ele achou que teria que ficar sentado a noite inteira no poleiro como galo e, como era de se esperar, à meia-noite o diabo chegou, louco de fome. Mas o galo começou a cantar e o diabo foi embora sem fazer nenhum barulho. Ele percebeu que tinha sido enganado e ficou furioso. Foi ao palácio do rei e tirou a princesa da cama.

O rei ficou desesperado mas o lenhador lhe disse para não se preocupar. Foi até a montanha onde o demônio tinha aprisionado a princesa e lá encontrou um buracinho. Ele virou uma formiga e sentando num grão de areia escorregou até as profundezas. Daí chegou a uma imensa planície e transformando-se numa mosca voou até o outro extremo. Avistou um palácio de cristal e a filha do rei chorando numa janela. Transformando-se nele mesmo apareceu para a princesa que ficou apavorada e lhe perguntou como tinha chegado até ali. Ela disse que o diabo deveria chegar a qualquer hora e que o faria em pedaços.

Em pouco tempo o diabo apareceu mas o lenhador se transformou num leão e o atacou. Foi uma luta terrível, pele e carne voaram por toda parte mas o leão comeu o diabo inteirinho, pele, cabelo e tudo.

A princesa ficou super feliz. O lenhador também, naturalmente, mas agora havia o problema de como sair daquele mundo subterrâneo. Eles pensaram em todas as coisas possíveis. Até que a princesa teve uma ideia, pois lembrou-se de ter lido nos livros do diabo que dentro de uma determinada árvore havia um ovo de diamante, e se alguém

o levasse para o mundo exterior, de cima, o palácio de cristal também subiria.

O lenhador imediatamente se transformou num pardal, voou para a árvore e pegou o ovo de diamante do ninho, levando-o para baixo. Tudo bem, mas como ele poderia subir no mundo exterior?

"Espere", disse a princesa, "o diabo tem um porteiro que não suporta gatos. Se este porteiro encontrar um gato, o jogará para cima. Tente isso! "

Assim o lenhador se transformou num gato e com o ovo dentro da boca ficou se enroscando nos pés do porteiro. Logo que o porteiro o viu, ele o agarrou pelo rabo levando-o por uma longa escadaria. Depois de muito tempo eles chegaram a uma imensa porta de ferro que o porteiro abriu. Dando um pontapé no gato, jogou-o para fora. Ele caiu justo no lugar onde a formiga tinha escorregado antes. Nem bem o gato se transformou de novo em lenhador e colocou o ovo no chão, surgia o palácio de cristal com a filha do rei dentro. Depois eles se casaram e viveram felizes no palácio de cristal.

Eu não queria entrar em detalhes a respeito da estória desse simpático trapaceiro, mas gostaria de mostrar que nem sempre é preciso esmagar o tesouro que o demónio, ou o poder maléfico, possui. Aqui algo acontece que seria o mais natural, pelo menos para um jun-guiano; o símbolo do *Self* é salvo, é trazido à tona e é integrado na realidade. É trazido à superfície, à consciência, e somente é destruído o poder maléfico que tinha se apossado dele. Isso coincide com o nosso sentimento natural de que se o demónio tomou posse desse centro, do maior tesouro do *Self*, trata-se de arrancá-lo dele. Isso corresponde ao modelo usual de tirar a pérola do dragão, ou o tesouro, difícil de se obter, das mãos dos poderes do mal.

Esse é um paralelo que se aproxima de modo especial desse modelo porque temos o mesmo tema com

regras opostas de comportamento ético. Nos países escandinavos a vida religiosa cristã foi parcialmente tragada pelo inconsciente. Na estória da ilha-pato, o gigante representa a emoção destrutiva. Se o gigante e essa igreja-pato, com o ovo dentro, tivessem vivido mais perto um do outro, se tivessem ficado juntos, teriam sido incompatíveis. Essa igreja-cristã, contendo o símbolo do *Self*, é incompatível com o gigante e suas ações. Assim o gigante está ligado a algo com que só pode se relacionar conservando-o à distância. O gigante se parece com as pessoas que extraem seu verdadeiro segredo de vida, sua força e sua possibilidade de vida de algo que não coincide com suas ações. No dia-a-dia existem pessoas que podem ser chefes de igreja ou de sociedades e que tiram toda a força unicamente da posição que têm, enquanto que nas ações diárias vivem uma vida completamente indiferente. Elas extraem toda sua possibilidade de vida de algo com o que suas ações no dia-a-dia são absolutamente incompatíveis. Num ser humano poderíamos chamar isso de psicologia de compartimento.

Em muitos movimentos de massa a mesma coisa se evidencia. As pessoas são incitadas através de algum tipo de ideal religioso elevado, algum ideal simbólico do *Self* com sua grande atração, enquanto que os objetivos reais e as ações daqueles que os manobram seguem numa direção completamente diferente. Recentemente na Alemanha, muitas pessoas no início do movimento nazista foram seduzidas por um sonho arquetípico de trazer de volta o Paraíso à terra. O Terceiro Reich era para ser uma espécie de estado de Utopia ideal, no qual a paz seria estabelecida, o direito do povo governaria, todos os sintomas de decadência e degeneração seriam superados etc. O ideal do Nazismo era ingênuo, um tipo infantil de Utopia ou Paraíso que atraiu as pessoas ao movimento; o que aconteceu depois estava mais no campo do gigante sem coração.

Se vocês lerem o livro de Van der Post sobre a Rússia, verão que a mesma ideia de Utopia ou Jerusalém Celeste está revivendo. Desta vez ela não está para che-

gar no final dos dias mas agora, já. A promessa do estabelecimento da paz e do céu na terra ainda é um dos grandes truques de propaganda com que as pessoas ingênuas são seduzidas. Elas têm uma devoção religiosa pela ideia comunista por causa da imagem arquetípica atraente, enquanto que aqueles que manobram o movimento têm uma visão curta e, na mente, propósitos terrenos. Na vida prática esta é uma das combinações mais infelizes; ação criminosa e atividades destrutivas muitas vezes são secretamente combinadas com um ideal religioso irreal e irrealizado. O que exemplifiquei aqui nos movimentos coletivos podemos perceber bem numa erupção psicótica. Frequentemente as pessoas psicóticas possuem em algum lugar, no recôndito mais profundo de suas almas, uma espécie de sonho infantil, de Paraíso que os alheia da vida; também é daí que elas retiram todos os seus impulsos emocionais. É realmente o segredo por detrás de seu comportamento emocional totalmente auto-destrutivo. Isso até os torna capazes de cometer os crimes mais terríveis com a consciência completamente leve.

Lembro-me sempre de um caso que li nos jornais a respeito de um homem esquizofrênico que fez tais progressos no sanatório que lhe foi permitido ficar relativamente livre, sendo empregado como jardineiro. Ele ficou amigo da filhinha do diretor da clínica. Um dia ele pegou a criança pelos cabelos e cortou-lhe vagarosamente a cabeça. Quando lhe perguntaram a esse respeito no tribunal ele disse que o Espírito Santo lhe tinha ordenado esse sacrifício humano. Depois disso não teve a menor reação emocional. Estava convencido de ter praticado um sacrifício religioso, um feito heróico, para superar seu próprio sentimentalismo em relação à menininha. Não havia mais nada a fazer a não ser interná-lo de novo, pois obviamente estava em delírio de loucura. Mais uma vez aqui está a mesma combinação de um ideal religioso elevado, pois pode-se dizer que um homem que pensasse estar obedecendo à voz do Espírito Santo era um religioso infantil. Mas ele não percebeu

que uma ordem dessas era incompatível com o Espírito Santo.

A combinação do gigante e a igreja tipifica tal loucura; podemos ver em dissociações psicóticas que não há nada a fazer a não ser destruir também o núcleo ideal infantil que é a fonte secreta de toda destrutividade. Ninguém pede ao príncipe da nossa estória norueguesa para tomar uma decisão e, obviamente, ele não é capaz de julgar o que deveria ser feito, É O lobo que assume nesse momento, ordenando que esmague o ovo. Nós falamos do lobo como representante da determinação inflexível, uma raiva fria, em oposição à desumana falta de coração que seria representada pelo gigante. O lobo simboliza a firmeza obscura e perigosa que usada no momento certo é, às vezes, absolutamente necessária no processo de individuação para se fazer prevalecer os valores corretos contra o mal. Entretanto, se você se confrontar com uma situação onde os opostos não estão tão longe um do outro, tão completamente incompatíveis, então surge a possibilidade mostrada pela estória do le-nhador, de destruir o diabo e trazer para a superfície o ovo do gigante.

Nos rituais xamanísticos circumpolares algumas das tribos dizem que somente um assassino em potencial pode ser um bom xamã; às vezes, para lidar com um ponto crítico num tipo de doença individual ou coletiva, essa espécie de firmeza de aço é necessária; mas ela se encontra no fio da navalha, pois um passo adiante significaria crime ou destruição. Um xamã que não integrou essa capacidade não se encontra à altura do problema do mal.

No trabalho analítico encontramos isto na fase final do tratamento de uma severa dissociação neurótica, como no nosso conto de fada. Quando as pessoas melhoram bastante, então, como numa doença física, todo o Problema atinge um clímax. O paciente que sofre de uma dissociação por causa do problema dos opostos, não consegue reuni-los de imediato, mas à medida que se torna vagarosamente mais consciente das razões reais dos sin-

tomas neuróticos, a possibilidade de maior consciência e cura, aos poucos se constela.

Há certas pessoas, dessas com uma natureza cândida e inocente (como o simplório com o camponês), que nesse momento simplesmente se despem de seus sintomas neuróticos como se fossem uma pele velha e ficam curadas. Aí a análise é muito curta, pois no momento em que o paciente se dá conta de que é esse o seu problema, toda a doença cai por terra. O analista fica feliz e adoraria publicar o caso e fazer um grande barulho a respeito de como as coisas são maravilhosas. Mas na realidade as coisas raramente acontecem assim! Somente pela graça de Deus acontecem dessas coisas. Geralmente com a melhora crescente existe também uma ligação crescente com o comportamento neurótico, a tal ponto que exatamente quando se acredita que a pessoa esquizóide, psicótica ou neurótica compulsiva, se livrou do problema e se pode dizer que agora ele ou ela está *praticamente* bem — é este o momento de se prestar atenção na possibilidade de um suicídio; pois agora, com uma espécie de terror crescente, o analisando perceberá que no futuro uma vida normal tem de ser vivida. Frequentemente isso lhe é tão difícil de suportar, que no último momento ele prefere se jogar de uma janela ou se afogar num lago. Portanto este é um momento de clímax onde as coisas, melhorando, também são mais perigosas. Preste atenção nas bolhas do seu café, elas se atraem e dançam ao redor uma das outras, aproximam-se mais e mais, sem conseguir se reunir mas então, de repente, elas se tornam uma única bolha. É assim que os opostos se comportam na psique. São atraídos um para o outro, volteiam e se aproximam, mas quando se tornam um só, é sempre um momento de choque, até mesmo de um grande choque, se a neurose durou muito tempo.

Uma vez Jung contou que num momento desses, um paciente opôs uma tremenda resistência ao tratamento, pois não podia admitir que tinha desperdiçado vinte e cinco anos de sua vida! Se você se arrasta em

sua vida, escapando de si mesmo e de tudo mais por vinte e cinco anos, é duro admitir que tudo isso não passou de uma dança neurótica. É por isso que algumas pessoas não conseguem dar o passo, mas regridem a todo custo para sua doença anterior.

Nessa hora se faz necessário a impiedade determinada do lobo, a dura crueldade da faca do cirurgião. Se vinte e cinco anos de sua vida estão perdidos você também vai querer desperdiçar os próximos e poucos anos que lhe restam por causa disso? Um tipo de impiedade com a doença da pessoa que possui uma tendência a ser indulgente com seu mal, é totalmente necessário. Entretanto, às vezes isso não é possível e significa uma terrível decisão a respeito do que se deve fazer.

Era alguns casos é necessária uma determinação cruel quando a pessoa tem uma psicose latente. Se uma área relativamente pequena da psique da pessoa é psicótica, e a personalidade consciente é eticamente forte, podemos tratá-la como se existisse uma neurose, tentando integrar a parte doente e autônoma da psique. Isso acarretará grandes crises mas também uma cura completa, a totalidade ou integração. Mas existem outros casos onde a área doente é grande e a personalidade consciente pequena e fraca; se alguém quiser juntar as duas, será a parte doente quem assimilará o restante da parte sã, e a psicose latente tornará a se manifestar.

Em tal caso, do nosso ponto de vista, é indicado um tratamento que se poderia chamar de instituição regressiva da persona; afastar a pessoa do inconsciente, da psicologia, ajudando-a a se adaptar aos padrões sociais coletivos, puramente ao exterior, à persona. Não ponha a mão em vespeiro. Geralmente somos ajudados pelo fato de que tais pessoas por si mesmas já se sentem assim, e dirão: "Você não acha que a análise nos faz mórbidos? Você não acha que se ocupar com sua falta de senso interior é pouco saudável?" Nesse caso deve-se ter coragem e dizer: "É, você tem razão. O que nós estamos fazendo aqui, em psicologia, é tudo lixo e só serve Para pessoas neuróticas. Pessoas saudáveis como você

devem voltar para o mundo, arrumar um emprego, ou fazer alguma outra coisa", e cuidadosamente devemos convecê-las a não se aproximar do inconsciente.

Num seminário, Jung considerou um caso em que foi consultado por um médico que queria deixar de ser clínico geral, para se tornar psiquiatra. Queria que Jung o treinasse em análise e num de seus sonhos cruciais, que levou Jung a tomar uma decisão, o sonhador entrava numa casa vazia e andava de um quarto para outro, numa misteriosa atmosfera sombria, sem nenhum ser humano ou animal, nem quadros nem móveis. Ele andou por um labirinto perfeito de espaços vazios até que chegou a um último cómodo final. Quando abriu a porta, no centro da casa, estava sentada num penico uma frágil criança que se lambuzava com as próprias fezes. Jung percebeu que o núcleo desse médico de quarenta e cinco anos tinha permanecido neste estado infantil, e que era grande demais a distância entre a sua pseudo-consciência adulta e este núcleo interior infantil de sua personalidade. Esses opostos não podiam ser reunidos e, o que era pior, entre a criança e sua consciência não existia nada — nenhuma figura, quadros, nada — apenas um pólo e o outro. Jung convenceu-o de que deveria voltar à sua profissão como clínico geral, deixando o inconsciente em paz. Ele obedeceu, voltou à sua profissão e assim evitou uma catástrofe.

Em tal momento é preciso uma firme determinação, a decisão do cirurgião que tem que amputar um membro para salvar o resto do ser humano. É isso o que o lobo aqui representa, a determinação cirúrgica de extirpar algo que não tem possibilidade de evolução. A combinação de ovo e gigante tem de ser destruída como um todo e daí tem início uma nova vida, longe dessa área.

Esse era, além do mais, um ovo mole, ao passo que em nossa estória lituana, paralela, era um ovo de diamante. O ovo de diamante é a coisa indestrutível por excelência; é um símbolo do *Self* na sua indestrutibilidade mais elevada, tanto na alquimia e filosofia oriental

como na ocidental. Por isso, ele não poderia ser destruído mas tinha que ser trazido para o mundo exterior.

Se olharmos para os dois contos de fada com maior atenção, veremos que não são contraditórios. O elemento comum é o símbolo do *Self*, o ovo que está nas mãos de um mundo subterrâneo destrutivo. Numa das estórias, devido a seu estado maduro como diamante, o ovo tem de ser trazido à tona, enquanto que na outra é algo viscoso e desengonçado que tem de ser destruído. Sob outros aspectos a estória lituana é diferente. O lenhador tem oito animais com ele no início, e assim possui um símbolo de totalidade numa forma instintiva; a questão é trazer a outra parte mais espiritual representada pelo diamante para a superfície da consciência.

Em ambas as estórias, é a princesa que ajuda a encontrar uma solução. Na estória norueguesa, numa situação íntima ela descobre onde o gigante guarda o coração. Na estória do lenhador ela tinha lido o livro de magia do diabo e sabia onde estava o ovo de diamante, e como ele poderia ser levado até a superfície da terra. É também a princesa que tem a ideia de que o lenhador deveria se transformar num gato para subir até a superfície da terra. Em ambas as estórias, a anima, o princípio feminino, é o fator decisivo na batalha contra o princípio do mal. Só os heróis que têm os animais e a anima a seu lado é que têm possibilidade de sobreviver, além disso, nos momentos decisivos o herói não faz muita coisa. São os animais e a anima que empreendem a ação.

Todos esses contos de fada pertencem à esfera cristã, a países europeus. Portanto, devemos ver isso em seu valor relativo. É uma compensação para uma visão masculina por demais ativa e extrovertida na consciência. Essas estórias compensam a atitude consciente da tradição cristã europeia, o heróico ideal cavaleiresco de que o homem tem que lutar com o mal, envolvendo-se ativamente na luta contra ele — fazendo algo contra ele! Quaisquer que sejam as coisas negativas ou destrutivas de nossa vida social, ou no domínio da natureza, sem-

pre leremos nos jornais: "O que o governo pretende *fazer* a respeito do A-B-C-D? Alguma coisa precisa ser *feita* a esse respeito!"

O fato de observar e estudar primeiro esses fatores destrutivos, procurando atingir o seu núcleo antes de se fazer alguma coisa, é algo estranho para nós e só nos vem como um segundo pensamento. A primeira ideia é *fazer* algo a respeito e isso aumenta o poder sombrio, fornecendo-lhe mais e mais libido. A arte de deixar coisas horríveis acontecerem, sem ficar seduzido pela ação extrovertida, é algo que ainda não aprendemos. O grande problema do homem branco — eu diria sua doença — é seu desejo de curar situações maléficas pela interferência. Mais uma vez, trata-se de um paradoxo, pois há momentos na vida interior e exterior onde está certo não se fazer nada mas esperar e observar, enquanto que em outros momentos temos que interferir. Mas saber quando agir e quando deixar as coisas acontecerem, esperar que amadureçam e atinjam um ponto crítico, é uma sabedoria a respeito da qual os contos de fada podem nos ensinar muito.

Pediram-me para voltar ao tema do *Frevel*. De acordo com as regras do paradoxo, *Frevel* também deve às vezes estar certo. Este lenhador é um magnífico exemplo de impertinência descuidada, interferindo em toda parte, colocando o dedo intempestivamente em todas as situações e sendo recompensado por isso. Aqui temos um maravilhoso exemplo de como é recompensado o fato de violar o domínio do mal, devido não a uma necessidade interior, mas a uma total impertinência audaciosa.

Isso nos leva ao próximo passo, ainda na estória do lenhador. Se a princesa não tivesse lido os livros do diabo sobre magia, e se o lenhador não tivesse primeiro adquirido a capacidade de se transformar em diferentes animais, eles jamais teriam conseguido vencer o demónio. Nosso próximo problema é, então, o de competição mágica. Se a pessoa deve ou não lidar com o mal no nível da magia, e se não deve, então como lidar com o mal? Este é um tema favorito em muitos contos de fada in-

ternacionais, onde a pergunta é: quem vencerá no fim? Não se trata de uma luta de força bruta e emoção, como no caso do lenhador que sob a forma de leão come o diabo. Por falar nisso, o leão é um símbolo do demônio. O problema do mal nessas próximas estórias é combatido no nível espiritual, como um torneio de magia entre o demônio, que é um mágico, e o herói como um anti--mágico. Pode-se pensar em magia branca ou negra, mas esta é uma distribuição arbitrária de cores. Eu preferiria dizer um mágico contra o outro, sem chamá-los de antemão de branco ou negro.

Vou contar-lhes um conto de fada russo e depois um irlandês, que discutiremos em detalhes, tomando o russo apenas como um material comparativo, para termos mais variações.

A estória russa é: "O Czar da Magia Negra" (*Der Schwarzkünstler Czar*).

Era uma vez um czar, praticante de magia negra e governante poderoso, que vivia num país tão plano quanto uma toalha de mesa. Tinha mulher, filhos e muitos servos. Um dia ele deu um banquete para o mundo inteiro, para toda a nobreza, para todos os camponeses, para todos os cidadãos, enfim para todos. Depois desse enorme jantar disse: "Aquele que conseguir fugir e se esconder de mim, ganhará metade do meu reino e minha filha como esposa e depois da minha morte, poderá governar todo o meu reino". Todos os presentes ficaram silenciosos e empalideceram. Mas um jovem destemido levantou-se e disse: "Czar, eu posso me esconder e escapar". E o czar respondeu: "Muito bem, jovem audacioso, esconda-se. Amanhã eu irei caçá-lo e se você não conseguir se esconder, ficará sem cabeça!"

O jovem destemido deixou o palácio e foi para a cidade. Ele decidiu se esconder no banheiro do padre da aldeia.

Na manhã seguinte, bem cedinho, o czar mágico levantou-se, acendeu o fogo, sentou-se numa cadeira e começou a ler seu livro de magia para descobrir onde estaria o rapaz. "Esse rapaz audacioso", pensou, "deixou meu palácio branco, foi para a cidade, para o banheiro do padre, e resolveu esconder-se lá". Então mandou seus servos pegarem o rapaz no banheiro do padre. Eles o encontraram deitado num canto e o levaram até o czar. O czar lhe disse: "Como você não conseguiu se esconder de mim, sua cabeça deve rolar". E o próprio czar pegou uma espada afiada e cortou fora a cabeça do rapaz. (A importância da sentença é que o czar sentiu um grande prazer nesse jogo maléfico).

No dia seguinte, novamente o czar deu uma imensa festa, convidando todo mundo. Mais uma vez disse a mesma coisa, que aquele que conseguisse se esconder dele, ganharia o seu reino e sua filha. Mais uma vez um jovem corajoso aceitou a aposta e novamente o czar avisou que perderia sua cabeça, caso fracassasse.

Assim, o jovem deixou o palácio de pedras brancas e saiu pela cidade, até que chegou a um imenso celeiro. Aí pensou em se esconder no meio da palha e do feno, pois como poderia o czar encontrá-lo ali! Ele se escondeu e ficou imóvel.

Mais uma vez o czar procedeu da mesma forma, consultando seu livro de magia. Ele encontrou o jovem e cortou sua cabeça.

No terceiro dia, houve outro jantar e o czar fez a mesma oferta. Surgiu um terceiro jovem corajoso dizendo que não seria encontrado, mas somente na terceira tentativa. Ele saiu da cidade e virou uma doninha de rabo preto. Correu por toda a terra, sob cada raiz e cada monte de lenha da floresta. Correu ainda mais longe, até que finalmente chegou à janela do palácio, onde se transformou num macaquinho e dançou em volta da janela. Aí então, transformando-se num falcão, voou em fren-

te à janela da filha do czar. Ela o viu e abrindo a janela deixou-o entrar. Dentro do quarto da moça ele transformou-se novamente em rapaz e deliciou-se com um jantar particular em sua companhia, na *chambre séparée*. Daí ele se transformou num anel, que ela colocou no dedo.

Na manhã seguinte, o czar levantou-se cedo, lavou-se com água da fonte, enxugou-se com toalha de mão, acendeu o fogo e consultou seu livro mágico. Aí ordenou aos servos que lhe trouxessem a filha ou o anel. A filha do czar tirou o anel, dando-o aos servos que o levaram até a ele. O czar pegou-o, jogou-o por cima do ombro esquerdo e ali apareceu o rapaz. "Então", disse: "agora você deve perder a sua cabeça". Mas o jovem explicou que tinha sido combinado que ele teria três chances e o czar deixou-o ir embora.

Assim o jovem saiu do palácio e foi para os campos abertos, onde se transformou num lobo cinzento. Correu e correu pela terra inteira. Depois transformou-se num urso que correu pelas florestas sombrias. Daí virou uma doninha de rabo preto; correu e se escondeu sob todas as raízes e montes de lenha e finalmente voltou ao palácio do czar, onde se transformou primeiro num macaquinho e depois num falcão, voando até o quarto da filha do czar. Quando ela o viu, abriu a janela para que entrasse e ele reassumiu sua própria forma. Novamente, tiveram um agradável banquete e passaram a noite juntos, tentando planejar um jeito de escapar do czar. De manhã ele se transformou num falcão e voou até os campos abertos, onde virou uma folhinha de grama entre setecentos e setenta outras folhinhas de grama.

Mas o czar mágico consultou novamente seu livro e disse aos servos para que lhe trouxessem braçadas de grama. Os servos foram embora e trouxeram a grama, o czar sentou-se no banco e procurou a folhinha certa. Ele a encontrou e ao jogá-la por

cima do ombro esquerdo o rapaz apareceu. O czar disse que agora que o tinha encontrado, sua cabeça iria rolar, mas o jovem disse que não, pois ainda tinha outra chance para se esconder, a última, e o czar concordou.

Assim, o jovem saiu do palácio foi para a rua e para os campos abertos, transformando-se num lobo cinzento. Aí correu, correu, até chegar ao mar azul onde virou um peixe, pulando para dentro da água. Nadou até a margem, transformou-se num falcão e voou por cima das montanhas e colinas. Num carvalho verde viu o ninho do pássaro Magovei (o pássaro mágico dos contos de fada russos) e caiu dentro do seu ninho. O pássaro não estava ali naquele momento, mas quando voltou e viu o jovem corajoso sentado ali, disse: "Mas que impertinência!" Agarrou-o pelo colarinho e saiu voando com ele através do mar azul, colocando-o na janela do czar mágico. O rapaz transformou-se numa mosca e voou para dentro do palácio e daí virou uma pederneira, uma pedra-de-logó, ao pé da lareira.

O czar da magia negra dormiu a noite toda, levantou-se cedo de manhã, começando logo a ler e a procurar. Ele mandou seus servos para os campos abertos, através da água azul, a fim de descobrir carvalho verde, cortá-lo e encontrar o rapaz no ninho, trazendo-o até ele. Os servos foram e encontram o carvalho e o ninho mas não viram nenhum rapaz ali. Voltaram e disseram ao czar que tinham achado o carvalho e o ninho mas não o rapaz. O czar procurou em seu livro e achou que ele *tinha de* estar lá.

(Observem como isso é interessante, pois ei, quanto o herói foi ativo o outro conseguiu encontrá-lo, mas desta vez a viagem de volta foi feita pelo pássaro Magovei).

O próprio czar resolveu, então, ir caçá-lo. Eles caçaram.e caçaram. Cortaram o carvalho verde com o ninho e queimaram tudo, não deixando nem um

átomo de sobra. O czar pensou que mesmo não tendo encontrado o rapaz, este não poderia mais estar vivo na terra.

Assim voltaram para o Império. Passaram-se o segundo e o terceiro dia. Uma manhã, a empregada levantou-se e começou a acender o fogo, pegou a pedra e esfregou-a em um pedaço de aço. A pedra voou da sua mão sobre o seu ombro esquerdo e ali apareceu o rapaz.

"Bom dia, poderoso czar", ele disse.

"Bom dia, jovem destemido. Agora você vai perder sua cabeça".

"Não, poderoso czar", respondeu o jovem, "você me procurou por três dias e desistiu da busca. Eu apareci voluntariamente. Agora metade do seu reino me pertence e sua filha será minha esposa!"

O czar não pôde fazer nada e assim os dois se casaram e houve uma festa maravilhosa. O rapaz tornou-se genro do czar, ficando com a metade do reino, e quando o czar morreu ele subiu ao trono.

Uma estória irlandesa do mesmo tipo, mas um pouco mais complicada, intitula-se "O Príncipe e o Pássaro da Bela Canção".

Nos velhos tempos, antes dos malditos estrangeiros chegarem ao nosso país (como os irlandeses sempre disseram e ainda dizem), havia um rei que com vinte e um anos casou-se com uma bela mulher e tiveram um filho chamado Ceart. Mas logo depois do nascimento do menino, a rainha desenvolveu uma estranha doença e morreu. Um ano depois o rei se casou com uma outra rainha que era boa com o enteado até que ela própria teve filhos gêmeos. Desse dia em diante começou a odiá-lo pois este naturalmente herdaria o reino, tomando-o de seus filhos. O enteado era sempre castigado pelas maldades dos gêmeos que eram muito maus. Um dia,

eles mataram o cachorrinho do rei e acusaram Ceart, mas este negou que tivesse feito tal coisa "Não me diga mentiras!", gritou o rei. "Art, Neart e sua madrastra viram você fazendo isso" Mas Ceart disse que não tinha tocado no cão nem com as mãos nem com os pés. O rei não acreditou e bateu nele impiedosamente.

Mas uma velha mulher, Nuala, que tinha prometido à primeira rainha que tomaria conta de seu filho, foi até o rei e lhe disse que tinha sido injusto, pois Ceart não tinha matado o cão. Ela tinha visto Art e Neart matarem o animal e a rainha assistira a tudo de sua janela.

O rei disse que sentia muito. Olhando as roupas dos gêmeos viu que estavam manchadas de sangue do cão. Então pediu desculpas a Ceart e deu-lhe dinheiro para que entregasse à velha.

Mas as coisas continuaram do mesmo jeito e o príncipe teve que sofrer muito.

Quando os três príncipes já eram crescidos, um dia foram caçar com o rei na floresta. Sem terem se afastado muito, ouviram a mais bela música que alguém já pudesse ter ouvido. Eles seguiram a canção e chegaram a uma árvore imensa, no meio da floresta. Na árvore viram um enorme pássaro que cantava aquela música adorável.

O rei ficou encantado com o pássaro. Disse que quem conseguisse apanhá-lo ganharia o seu reino e que não poderia viver sem o pássaro.

Os três filhos aceitaram a proposta e seguiram o pássaro. Ele voou de árvore em árvore até que finalmente desapareceu dentro de um buraco num carvalho gigante. Os filhos contaram isso ao rei, mas este repetiu que sem o pássaro não viveria e que daria o seu reino a quem o apanhasse. "Se eu tivesse as coisas necessárias iria atrás dele", disse Art.

"Então vá buscá-las. Eu ficarei aqui tomando conta do buraco", disse o rei.

Os três filhos foram e voltaram logo com uma tina e uma corda comprida. Eles amarraram a corda em torno da tina e Art entrou dentro dela, dizendo: "Se houver algum perigo eu chamarei e daí vocês me puxam para cima".

Pouco depois ouviram-no gritar, pedindo que o puxassem para fora. Logo que conseguiu falar, disse que lá dentro havia um imenso gigante que tinha tentado espetá-lo com uma lança vermelha como sangue, e que nunca mais voltaria lá, nem que toda a Irlanda lhe fosse destinada.

Aí Neart desembainhou a espada dizendo que desceria, mas a mesma coisa aconteceu.

"Irei eu mesmo", disse o rei, "pois sem esse pássaro, não quero mais viver".

"Você não deve descer até que eu tenha tentado", disse Ceart, "não voltarei sem o pássaro".

Com isso, desembainhou a espada e disse: "Se eu viver, estarei de volta antes que se completem nove dias e aí vocês terão notícias de mim. Mantenham tudo pronto para me puxar".

Assim Ceart desceu dentro da tina e antes de ir muito longe viu um homenzinho com uma lança. Pulou fora da tina e o segurou pela garganta. "Deixe-me ir, Príncipe", disse o homenzinho, "eu não sou inimigo. Os outros dois, que vieram antes de você, não tiveram coragem".

Cearth então disse que se ele era amigo deveria lhe contar onde estava o belo pássaro, que não fazia muito tempo tinha entrado ali. "Meu pai não pode viver sem ele", disse o príncipe.

"Esse pássaro agora está muito longe", disse o homenzinho. "É a princesa deste país e se chama Pássaro da Bela Canção. Ela e seu pai possuem poderes mágicos. Muitos filhos de reis perderam a vida".

"Eu seguirei o seu conselho e lhe serei grato", respondeu Ceart.

"Muito bem", disse o homenzinho. "Aqui está uma espada e uma capa para você. Siga este caminho até encontrar uma casa grande à esquerda. Entre e será bem recebido por uma mulher que lhe dará um pequeno cavalo branco que o levará até o palácio do rei. Faça tudo o que o cavalo lhe disser e você não correrá perigo. Quando pegar a princesa, o Pássaro da Bela Canção, volte para casa grande onde mora a mulher".

Tudo aconteceu dessa forma e ele ganhou da mulher o cavalo branco e ela lhe disse que seguisse exatamente o que o animal dissesse. O cavalo levou-o rapidamente e ao pôr-do-sol chegaram a um imenso castelo.

"Olhe", disse o cavalo, "este é o castelo do rei. Ele virá daqui a pouco conversar com você e você deve fingir que conhece muita magia; e não coma nem beba nada no castelo".

Logo depois o rei apareceu e Ceart lhe disse quem era e que tinha vindo à procura de sua filha, o Pássaro da Bela Canção. O rei replicou que ele teria sido mais inteligente ficando em casa, mas que a teria, se a merecesse.

"Agora escute-me", disse o rei, "por três manhãs eu me esconderei e nas três seguintes você deverá se esconder. Se você me encontrar e eu não encontrar você, você ganhará minha filha, mas se você não me achar, então perderá sua cabeça".

Cearth concordou com as condições e o rei convidou-o para entrar e comer mas ele respondeu que só comia de nove em nove dias. Aí levou o pequeno cavalo para o estábulo e deu-lhe aveia, feno e água.

O cavalo então lhe disse para colocar a mão em sua orelha direita e puxar uma toalha de mesa que estava ali dentro, e estendê-la no chão. Assim fez Ceart e no momento em que a toalha foi estendida no chão, surgiu um monte de comida e bebida.

"Agora", disse o cavaleiro, "ponha a toalha de volta na minha orelha e deite ao lado da minha cabeça. Eu tomarei conta de você até que amanheça". Ele assim fez e dormiu como se estivesse numa cama de penas, só acordando na manhã seguinte.

Quando se levantou deu ao cavaleiro aveia, feno e água. Daí puxou a toalha, comeu e bebeu até se sentir satisfeito. Quando guardou a toalha, o cavaleiro disse que o rei tinha se escondido mas não havia pressa para achá-lo, pois sabia onde ele estava. Ceart devia esperar um pouco e depois entrar no jardim atrás do castelo. Ali veria uma árvore com duas maçãs. O rei estava no centro da maçã mais alta. Ele deveria apanhá-la, cortá-la ao meio com sua faca e o rei apareceria.

Aconteceu justamente assim e o rei disse que desta vez o príncipe tinha ganho, mas que na próxima não seria assim. Ceart disse que isso eles veriam.

À noite, mais uma vez alimentou o cavaleiro e foi alimentado por ele e este ficou tomando conta enquanto Ceart dormia. De manhã levantou-se cedo, cuidou do cavaleiro novamente, comeu e bebeu. O pequeno cavaleiro disse: "O rei está escondido mas eu sei onde. Não se preocupe se continuar escondido até o meio-dia. Ele está dentro do estômago de uma pequena truta, no lago atrás do castelo. Quando você chegar à margem do rio, jogue na água um fio do meu rabo e a truta nadará até a margem. Pegue-a, abra-a com a sua faca e o rei aparecerá".

Lá pelo meio dia Ceart foi até o lago, encontrou a truta e pegou sua faca. Estava a ponto de cortar a truta quando o rei apareceu e disse: "Você ganhou pela segunda vez, mas não me apanhará amanhã!"

Na terceira vez o rei se escondeu no anel da sua filha.

Mais uma vez, assim pelo meio-dia, Ceart entrou no palácio. A princesa disse-lhe para entrar e ele começou a cortejá-la e ficou atrevido. Tirou-lhe o anel. Ela ficou furiosa, dizendo que se seu pai estivesse ali ele não ousaria fazer aquilo. Ceart respondeu: "Bem, se você está tão brava eu jogarei seu anel no fogo", e aí surgiu o rei.

O rei teve que admitir que Ceart tinha ganho mais uma vez. Mas disse que amanhã e nos dias seguintes encontraria o príncipe, embora tivesse que admitir que este era um camarada inteligente.

À noite, mais uma vez Ceart cuidou do seu cavalo, comeu, bebeu e deitou-se para dormir. De manhã deu comida ao animal e se alimentou.

"Agora", disse o pequeno cavalo, "é a sua vez de se esconder. Arranque um pêlo de minha cauda, entre na pequena cavidade assim formada e depois que você estiver lá dentro, ponha o pêlo de volta no lugar".

Ele assim fez, ficando escondido até o sol se pôr. Daí saiu e apresentou-se ao rei dizendo que o sol já tinha ido embora, e o rei não o tinha encontrado.

"Mas amanhã não será assim", disse o rei.

Na manhã seguinte o cavaleiro disse ao príncipe para pôr a mão na sua boca e arrancar o dente de trás, entrar na cavidade assim formada e colocar o dente de volta.

Mais uma vez ele ficou ali escondido, até o sol se pôr, quando o cavalo lhe disse para sair. Aí o príncipe foi até o rei dizendo que agora o segundo dia já tinha passado o rei não o tinha encontrado.

"Espere até amanhã e eu o encontrarei nem que você esteja no inferno. Eu sei onde você quer ir", disse o rei.

Na manhã seguinte o cavaleiro disse ao príncipe para arrancar um prego de seu casco esquerdo, entrar na pequena cavidade e colocar o prego

de volta no lugar. Disse ainda que o rei viria naquele momento para matá-lo (o cavalo), pois o vidente cego que era seu conselheiro lhe diria que o príncipe estava escondido no cavalo. Mas este disse que reviveria novamente se Ceart fizesse o seguinte: quando o sol caísse, à noite, Ceart deveria sair do esconderijo. Teria que colocar sua mão dentro da orelha esquerda do cavalo e tirar dali uma pequena garrafa. Se esfregasse na língua do cavalo um pouco do líquido da garrafa, o cavalo levantaria tão bem como sempre.

Cearth fez o que o pequeno cavalo tinha dito. Não tinha ficado muito em seu esconderijo e logo apareceram o rei e o vidente cego. Eles mataram o cavalinho e abriram-no, procurando Ceart em cada pedacinho do cavalo, mas não conseguiram encontrá-lo. O rei ficou furioso, dizendo ao vidente cego que ele tinha sido pago por vinte e dois anos, e agora não era nem capaz de dizer onde o homem estava escondido. "Eu segui o seu conselho, matei o cavalo e achei que assim poderia cortar a cabeça de seu dono; em vez disso, o príncipe ganhou a minha filha", disse o rei.

(Esqueci de contar um detalhe: o vidente sempre procurava as coisas num livro de magia. Agora ele diz ao rei que o jovem merece a sua filha, pois o jovem era um conhecedor mais profundo de magia).

Daí Ceart fez o cavalo viver novamente, como lhe tinha sido dito, e o cavalo disse que fosse até o rei e lhe dissesse que vencera, e que por isso deveria ganhar a sua filha, caso contrário reduziria seu castelo a pó.

Ele repreendeu o rei por ter matado o seu cavalo que agora ele, o príncipe, tinha ressuscitado. O rei ficou terrivelmente amedrontado. Deu a filha ao jovem, dizendo-lhe para partir. O cavalo levou os dois de volta para a casa em que ele mesmo tinha sido dado ao jovem e a mulher mandou-os

de volta ao seu irmão, que se encontrava no fundo do buraco. O homenzinho cumprimentou o jovem e o Pássaro da Bela Canção.

Ceart chamou Art e Neart pelo buraco, dizendo-lhes para abaixarem a tina, pois estava com o pássaro que era a mulher mais linda do mundo. Assim a princesa foi puxada para cima e quando a viram, os gémeos a desejaram para si. Ao invés de baixarem a tina novamente para Ceart, começaram a lutar até se matarem na frente da princesa. Agora que se encontrava na Irlanda ela não possuía mais magia e chamando Ceart contou-lhe o que tinha acontecido.

A velha mulher foi até o rei e lhe disse para ir à floresta onde encontraria seu filho Ceart. Ele foi e encontrou no buraco seus dois filhos mortos e uma bela mulher. Perguntou-lhe quem era e quem tinha matado seus dois filhos. Ela lhe contou que era o Pássaro da Bela Canção, que os dois filhos tinham-se matado lutando por ela, que Ceart a tinha ganho de seu pai e que agora ele estava no fundo do buraco.

O rei baixou a tina e puxou para cima Ceart que lhe contou tudo o que tinha acontecido. O rei levou a princesa e Ceart para o seu castelo, enviando algumas pessoas para enterrar os outros dois filhos. A rainha quando soube que eles estavam mortos, enlouqueceu e se afogou.

Assim, Ceart casou-se com a princesa e eles tiveram uma festa de casamento grandiosa. Quando o rei morreu, Ceart foi coroado e viveu muito feliz por muito tempo junto ao Pássaro da Bela Canção.

Esta estória é mais diferenciada do que a estória russa. Ela tem mais nuances. Ambas as partes se escondem uma da outra, o herói do rei e o rei do herói, cada um três vezes. O fator comum é que há uma espécie de situação incestuosa entre pai e filha, no mundo subterrâneo. O czar não quer dar a filha e este rei subter-

râneo irlandês, não quer dá-la a não ser para um genro que possa vencê-lo pela magia negra. O czar parece ser ínaís maldoso que o rei irlandês. Este último não quer se separar da filha, mantendo-a em seu mundo subterrâneo, enquanto que o Czar da Magia Negra sente prazer em cortar a cabeça das pessoas.

O anel da filha é um esconderijo favorito. É interessante o fato de que na estória russa é o nosso herói que se esconde no anel, e na estória irlandesa é o pai. Em ambas as estórias é o animal que ajuda a decidir o problema; sem esse pequeno cavalo branco o herói irlandês jamais seria bem sucedido, e na estória russa, sem a interferência do pássaro Magovei, que carrega o herói do lugar onde *ele* tinha pensado em se esconder, de volta a um outro lugar, ele teria sido descoberto. Há uma diferença, pois Magovei fica furioso e quer apenas tirar esse impertinente intruso de seu ninho, enquanto que na estória irlandesa o cavalo branco é realmente o animal que ajuda e coopera, tal como o conhecemos em outras estórias. Na estória russa o herói toma a forma de diferentes animais mas finalmente é salvo sob a forma de uma pedra-de-fogo. Na estória irlandesa é o rei que se transforma em símbolos do *Self*, com a maçã, a truta e a pedra do anel; o herói simplesmente se esconde num espaço vazio, muito pequeno, no corpo de seu cavalo.

Se compararmos as duas estórias, o fator decisivo em nossa estória russa é o fato de que o herói finalmente é salvo sob a forma de uma pedra-de-fogo. É sob tal forma que o czar não consegue encontrá-lo e ele sai dela voluntariamente no final do conto.

A pederneira possui qualidades mágicas para a mente primitiva, pois ela produz fogo. É um símbolo conhecido do *Self*. Os alquimistas ocidentais se referem a ela como pedra que possui um espírito dentro de si. Como sabem, a pedra filosofal na alquimia é a pedra dentro da qual mora o poder espiritual, e como a pedra-de-fogo produz algo tão completamente diferente de si mesma, o espírito do fogo, ela sempre recebeu a projeção da união suprema dos opostos. A matéria morta carrega o

símbolo da centelha do fogo Divino. Em muitas estórias e mitos dos índios norte-americanos, por exemplo, a pe-dra-de-fogo é um símbolo de diferentes figuras de salvador, representando o aparecimento da Divindade da terra. Em alguns mitos iroqueses ao aparecer na terra os poderes divinos tomam a forma de uma figura de salvador cujo nome é Pedra-de-fogo. Vocês podem imaginar a enorme importância de uma pedra-de-fogo para um caçador solitário na floresta e para as pessoas que não tinham eletricidade; ela é uma provedora de vida. Ela facilmente recebe a projeção do ajudante divino do homem. Assim, podemos dizer que todo aquele que consegue penetrar no *Self*, todo aquele que consegue perder sua personalidade de ego e retirar-se para o núcleo mais interior de sua personalidade pode, por assim dizer, retirar-se para o castelo invisível do *Self*, dentro de si, ficando inacessível aos ataques do mal. O *Self*, com a possibilidade de recolher-se em si, é o único esconderijo quando o mal tenta envolver alguém em seus poderes. As estórias parecem uma competição mágica na qual o fator importante é quem se torna invisível para a outra pessoa. Esta estória é extremamente compensatória nas civilizações e países onde a regra dominante e o ideal coletivo são o da ação heróica.

Isso lembra muito as ideias budistas. Buda também não lutou com o mal. Retirou-se dele, tornando-se invulnerável através da invisibilidade. Existe uma lenda famosa na qual Mara, o Senhor dos demónios, finalmente ficou farto de Buda e de seus ensinamentos que enfraqueciam seus poderes sobre os homens. Ele planejou um ataque geral de todos os poderes do mal e mobilizou todos os milhões de demónios que havia no mundo subterrâneo. Todos armados, e de uma forma bem organizada, foram destruir Buda. Mas Buda não se deixou crucificar como Cristo, nem lutou como um herói solar. Ele simplesmente não estava ali! Podemos ver nos templos as famosas esculturas com o trono de lótus de Buda, vazio, e todos os vinte mil demónios brandindo suas armas, extremamente desapontados pois Buda não

estava em casa e eles não conseguiam encontrá-lo! Essa forma introvertida de não lutar com o mal nem se envolver em seus efeitos emocionais ou de outra ordem, mas simplesmente voltar para o vazio interior do *Self*, tornou-se no Oriente um ensinamento coletivo consciente. Nas estórias ocidentais encontramos isso principalmente no domínio dos contos de fada, como uma espécie de tendência compensatória contra os ideais heróicos mais ativos.

Para mim, a estória irlandesa é mais interessante do que a estória mais primitiva russa, pois em ambas o rei e o herói se escondem e é interessante comparar as diferenças. O rei do mundo subterrâneo adquire seu conhecimento através de técnicas. O Czar da Magia Negra possui um livro. O rei irlandês, como o Czar na estória russa, possui um vidente cego, um druida, nós diríamos, uma personalidade sacerdotal. Tais videntes, poetas e médiuns frequentemente eram cegos — pensem em Homero. Um vidente cego com um *insight* mediúnico e com a ajuda de um livro de magia o aconselha. O herói na estória russa tem suas próprias capacidades mágicas que não o ajudam muito, mas ele não tem outro jeito de se aconselhar. Ele consegue se transformar em todas essas formas diferentes, enquanto que na estória irlandesa, toda a contra-magia vem do pequeno cavalo branco que Ceara recebe, no mundo subterrâneo, de uma figura feminina. Ele tem o apoio de um princípio feminino contra o masculino, e o apoio do animal contra o conhecimento mágico. Aqui o conto coloca uma espontaneidade instintiva, o conhecimento do animal ou do cavalo, num nível mais elevado do que o conhecimento mediúnico do livro de magia do rei.

O conhecimento livresco significa uma espécie de tradição, um conhecimento das leis psíquicas e dos acontecimentos que já foram codificados até um certo ponto, e passados de geração a geração. Muito antes da introdução da escrita, as diferentes civilizações em nossos Países possuíam um corpo de conhecimentos tradicionais, e nós devemos presumir que o vidente cego possuía esse

ensinamento druídico e xamanístico dos antigos celtas Pois apesar de nos encontrarmos no mundo subterrâneo irlandês, num nível do inconsciente coletivo pré-cristão já existe um conhecimento cultural. Mesmo nas tribos mais primitivas, na Polinésia ou entre os bosquímanos na África, existe uma tradição oral de estórias e fatos conhecidos, conhecimento este que é passado através das gerações.

Esta sabedoria nos atinge como sendo do mais alto valor, a sabedoria mais elevada, próxima da essência de todo funcionamento psicológico. Quanto mais primitivo for tal conhecimento tanto mais é revelador e de valor para o nosso estudo, porque encontra-se muito perto do funcionamento da psique inconsciente do homem moderno. Mas ele ainda está formulado e transmitido conforme uma certa tradição. Portanto, acha-se parcialmente adaptado à vida consciente de tais nações. Em comparação, o cavalo e seu conhecimento mágico é ruiis imediato e pessoal. É uma reação espontânea que broia do nível instintivo mais profundo da personalidade individual. Cada vez que surge é algo único, porque é semps e improvisado e brota de uma forma nova da base natural, espontânea e viva da psique. É por isso que os conselhos do cavalo mostram-se superiores à grande sabedoria transmitida pelo vidente cego e seus livros e tradições. É superior porque não podem ser descobertos por ninguém. Tão logo se tenha algum tipo de conhecimento tradicional codificado, ele pode ser mal utilizado. As for ças do mal podem possuí-lo, usando-o para seus próprios fins. Mas a espontaneidade criativa instintiva nunca pode ser prevista, e o outro nunca poderá dizer o que irá acontecer. Ela é totalmente criativa e essencialmente imprevisível e portanto superior ao outro conhecimento Enquanto Jung era vivo, nós, as pessoas à sua volta dizíamos entre nós que ele tinha reações completamente imprevisíveis. Já sabíamos que quando ele enfrentava uma situação, ou quando pretendia dizer alguma coisa ou até mesmo interferir em um assunto, nunca conseguíamos saber o que diria ou o que faria. Era sempre

uma grande surpresa — às vezes como ele dizia, com sorriso — uma surpresa até mesmo para ele! Como sempre sabia o que ia dizer ou fazer, raramente planejava seus atos de forma consciente e respondia à situação e a perguntas no impulso do momento. Deixava o "cavalo" manifestar sua sabedoria e assim ninguém conseguia pensar de antemão o que poderia ou deveria ser dito. Muitas vezes tentei imaginar o que ele provavelmente diria em tal ou tal situação, mas eu sempre caía das nuvens quando via a realidade. O que ele dizia era sempre diferente do que as pessoas pudessem imaginar, mesmo aquelas que o conheciam há muito tempo.

Essa espontaneidade criativa que nasce da profundidade essencial ou do centro da personalidade e que deve ser representada por um cavalo, pois é um tipo de reação semi-inconsciente, é a única coisa que pode superar o ataque do mal quando este toma forma, quando ele se alia a uma certa inteligência e à tradição do passado. Para mim, neste momento, nós nos encontramos em tal situação. A humanidade não está ameaçada por impulsos assassinos brutais, apesar de estes irromperem aqui e ali, como provavelmente sempre ocorrerá quando a massa se enfurece e as forças animais se soltam. O perigo real para nós é quando essas forças se aliam à mais alta inteligência científica. Na física atômica elas se combinam com os altos resultados do conhecimento científico. Esta combinação não pode ser comparada praticamente, mas nossa estória diz que apesar de tudo existe uma coisa superior a isso: a volta à mais recôndita genuinidade das profundezas de nossa própria psique, com o seu discernimento invencível e seu conhecimento natural. Com isso possivelmente poderemos superar até mesmo essas forças diabólicas.

O núcleo da psique

As histórias do último capítulo ilustraram o problema da competição ou torneio mágico, como uma forma através da qual o princípio do mal é combatido. Uma delas foi a história russa em que o Czar da Magia Negra promete a filha a quem conseguisse se esconder deie. Três jovens aceitaram o desafio; dois deles foram decapitados e o terceiro saiu-se bem, graças ao seu maior poder mágico; mas ele não teria escapado se o pássaro Magovei não o tivesse levado de volta à corte do Czar onde tomou a forma de uma pedra de fogo. No conto irlandês "O Pássaro da Bela Canção", o herói tem que descer ao mundo subterrâneo a fim de encontrar o pássaro para seu pai. Aqui surge uma competição dupla. O rei do mundo subterrâneo, o pai do pássaro que na realidade é uma bela mulher, esconde-se três vezes: numa maçã, numa truta e no anel de sua filha. O herói então se esconde três vezes no cavalo branco que tinha recebido antes de uma mulher benevolente que morava no mundo subterrâneo. O rei possuía um vidente cego como conselheiro, e o herói tinha por conselheiro o cavalo branco.

O arquétipo da competição mágica pode ser encontrado em quase todas as sociedades e em todos os níveis de civilização. Nas civilizações primitivas ele aparece sob a forma de diferentes curandeiros competindo entre si, cada um estabelecendo uma esfera de poder e influência sobre um certo grupo na tribo ou sobre a tribo vizinha, na tentativa de eliminar seus rivais. O mesmo ocorre na rivalidade dos xamãs nas tribos circumpolares; eles

se desafiavam para saber quem domina melhor a magia e tentarem bloquear-se reciprocamente através desse meio.

Existem traços disso até nas lendas cristãs. O gnóstico Simão, o Mago, reivindicava ser o representante da Divindade na Terra. Ele não era apenas rival de Cristo mas também de São Pedro; os dois se encontram em Roma para esclarecer essa situação. Simão, o Mago, tentou demonstrar que conseguia voar e São Pedro usou da magia, de modo que quando Simão subiu num penhasco com as asas abertas, caiu e morreu.

Há histórias mais recentes de santos que lutaram com magos ou bruxas de uma forma parecida. De modo que o tema se encontra praticamente em toda parte. Poderíamos dizer que isso é o arquétipo da tentativa de luta contra o mal através do próprio saber e inteligência, e do conhecimento, ao invés da força bruta. O conhecimento, se ligado a um estado de consciência mais elevado, é talvez o maior recurso na luta contra o mal; dissociado da consciência torna-se apenas um truque mágico contra outro.

O rival, cujo conhecimento implica uma consciência maior ou mais profunda, provavelmente vencerá aquele que usa simplesmente o conhecimento tradicional, desconhecendo seu sentido real e não estando essencialmente ligado a ele. Qualquer coisa nesse sentido pode ser usada como magia branca ou negra. É por isso que evitei falar de magia branca ou negra, pois cada rival achará que ele é da branca e o outro da negra.

Isso me lembra um sonho de infância de uma anã-Hsanda, vítima de uma mãe destruidora. A mãe era enfermeira e, como muitas enfermeiras, tinha um complexo suicida definido. Era uma mulher amarga, devota, dominadora, com tendências suicidas ocultas. Tinha-se casado só por casar, sem amor, e dizia às crianças da manhã à noite que teria sido melhor se não tivesse se

casado e assim elas jamais teriam existido. Vocês podem imaginar a atmosfera construtiva em que as crianças cresceram! O sonho de infância de uma das meninas foi o seguinte: Quando tinha quatro anos sonhou que saiu da cama com a sensação de que sua mãe estava fazendo algo muito misterioso no quarto vizinho. Estava meio escuro e ela olhou para dentro do quarto onde viu a mãe sentada segurando a Bíblia. Daí surgiu um homem preto enorme e a mãe pegou e ergueu a Bíblia, que tinha na capa uma cruz de ouro, contra o homem preto e este fugiu. A menina acordou com um grito de terror, não por causa do homem preto, mas porque viu ou surpreendeu sua mãe usando a Bíblia como um recurso mágico.

Ora, isso foi pura magia negra. A mãe reprimia o problema do mal que no seu caso tomou a forma de um ânimus dominador completamente destrutivo. Ela se separou do seu ânimus destrutivo usando a Bíblia como um truque, não como algo para ler ou meditar ou incorporar de alguma forma, mas como uma espécie de magia exterior, um truque técnico para proteger-se de um confronto. Daí todo o problema do mal e a necessidade de confrontar o seu ânimus passou para os filhos. É por essa razão que eu não uso os termos magia branca ou negra, pois até a Bíblia pode ser usada como magia negra contra os poderes obscuros. Se a magia é branca ou negra depende de como e com que atitude usamos nossas armas.

Frequentemente me surpreendo com o fato de que até no Zen Budismo, em conversas entre mestres esclarecidos ou naquelas em que os mestres testam os monges desconhecidos para ver se adquiriram o Zen, existe às vezes um tom desagradável de competição mágica. Mencionei isso a Jung. Ele disse, com um sorriso, que muito das antigas competições de poder dos xamãs havia penetrado em algumas das competições de Zen. Naturalmente esta não é uma afirmação geral; ela se refere a certas formas e não cobre tudo, mas é um perigo que espreita no fundo. E por fim, também em psicologia encontramos a mesma coisa, no modo desagra-

dável pelo qual muitos analistas se relacionam com seus colegas e, no nível subjetivo, na relação entre o ego e o inconsciente.

Frequentemente as pessoas se aproximam do inconsciente com um utilitarismo interior ou uma perspectiva de poder; querem explorar o inconsciente para se tornarem mais poderosas, para serem mais saudáveis, para dominarem seu meio ambiente ou para aprenderem a conseguir as coisas a seu próprio modo. Ou então se aproximam dele com uma ambição secreta de adquirirem uma personalidade mana. Esta é especialmente uma doença do discípulo; se alguém em seu trabalho solitário consigo mesmo adquirir certa superioridade, o discípulo também deseja adquiri-la da mesma forma. Se ele é inteligente, pensa: "Ah bom, seguirei exatamente o mesmo método, fazendo exatamente o que o Mestre fez e terei os mesmos resultados". Tal pessoa não percebe que está se iludindo. Sua abordagem do inconsciente não é genuína, mas está contaminada por um truque, ou por uma atitude de exploração. O inconsciente é algo como uma bela floresta cujos animais ele quer capturar, ou um campo que ele quer subjugar.

Quando a consciência assume tal atitude, o inconsciente torna-se também um trapaceiro. Os sonhos se contradizem, dizem Sim e depois Não, esquerda e depois direita, e sentimos que o arquétipo do trapaceiro deus Mercúrio está dominando o fenômeno do inconsciente, levando o ego no bico de mil maneiras. Tais pessoas, às vezes depois de anos de luta com o próprio inconsciente da maneira mais honesta e desesperada, afinal desistem, dizendo: "Bem, o inconsciente é um abismo enganador e sem esperança, algo que ninguém consegue alcançar, pois os sonhos dizem tanto isso como aquilo".

Tais pessoas não percebem que constelam essa qualidade do trapaceiro em seu próprio consciente devido à atitude trapaceira de seu ego, isto é, pela sua própria atitude com relação a ele. Querem enganar e explorar o inconsciente, querem enfiá-lo no bolso com uma leve e

sutil atitude de poder, e o inconsciente responde com uma reação de espelho. Há pessoas que depois de terem lido Jung chegam mesmo a forçar a individuação dessa forma. Elas pensam: "Se eu fizer como Jung fez, escrever cada sonho, fazer imaginação ativa etc... então eu hei de consegui-lo". Forçam e pressionam o empreendimento devido a uma atitude do ego que trapaceia desde o começo, o que as conduz a um beco sem saída. Esta é uma variação moderna do velho tema arquetípico da competição ou torneio mágico.

Tanto na estória russa como na irlandesa, o vencedor é o herói que consegue entrar em contato com a filha do mago da magia negra. É o elemento feminino que resolve o problema, que entra em cena e decide a favor de uma ou de outra parte. Na estória russa, o herói consegue voar como um falcão até a janela da filha do Czar da Magia Negra e ter um caso com ela. Na estória irlandesa, o herói recebe ajuda de uma figura maternal do mundo subterrâneo e de seu cavalo, e com esta parte feminina, a seu favor, vence o rei do mundo subterrâneo. Isso deve ser compreendido como um fator de compensação, pois sempre que a consciência se vê perdida numa competição mágica, é porque foi agarrada por trás por uma atitude de poder; a princesa representa o contra-princípio do poder, o amor ou Eros, contra o impulso de dominação. Assim, aquele que possui Eros, ao invés de uma atitude de poder, vence o outro contendor.

Na estória russa isto está muito claro. O Czar da Magia Negra, quando sentado à mesa, promete o seu reino. Podemos perceber como ele está completamente preso a uma atitude de poder. Aqueles dois rapazes que se levantam dizendo "eu hei de consegui-lo" caem na armadilha da atitude de poder, assumindo-a eles mesmos; de uma certa forma eles mereciam ser decapitados. Eles deviam ter sacudido os ombros e deixado que o Czar da Magia Negra dissesse aqueles absurdos.

O terceiro herói, ao contrário, conhece um jeito de se aproximar do princípio feminino que estava prisio-

neiro do Czar da Magia Negra. Ele vence através desse contato e através do pássaro Magovei que deve ser uma fêmea pois está chocando. Por três vezes ele é ajudado pelo feminino: pela filha do czar, pelo pássaro Magovei e pela serva que pega a pederneira da lareira e a joga sem querer sobre o ombro, permitindo que ele volte à sua forma humana. Três vezes tocado pelo princípio feminino, ele escapa; realmente a mesma coisa ocorre na estória irlandesa: através do contato com o princípio feminino o herói também se safa do problema. De alguma forma o Czar da Magia Negra não consegue seguir os caminhos da mentalidade feminina oculta. Se alguém tem uma atitude de poder, não consegue entender a atitude do Amor, de Eros. Ele sempre a interpretará mal, procurando nela alguma artimanha velada, e assim entrará no caminho errado.

Na estória irlandesa é ainda mais interessante. Nela o inimigo possui um conhecimento oculto de magia negra, as antigas tradições mágicas transmitidas de geração em geração, desde a idade da pedra. Provavelmente a magia é uma das atividades espirituais mais antigas do homem. Sempre que surge uma nova atitude consciente, o antigo conhecimento, a atitude anterior, submerge no nível da magia. Portanto, a magia é a forma mais antiga de conhecimento espiritual e religiosa que foi superada por uma nova atitude espiritual e religiosa, voltando assim a uma condição mais inconsciente.

Na estória irlandesa a magia do cavalo vence a do vidente cego. Esta é uma estória celta e o mundo subterrâneo é obviamente o famoso Além-Celta onde moravam as fadas e os duendes, para onde iam os mortos, de onde surgiam do lago belas donzelas e outros entes, e onde se perderam os cavaleiros da Idade Média. Lá, Merlin, o grande mágico, foi ele próprio enfeitiçado. A terra do Além na mitologia celta possui um caráter romântico que é o que foi perdido no mundo exterior.

Primeiro o rei tem uma esposa positiva, a mãe do nosso herói. Mas daí ela morre e ele se casa pela segunda vez, surgindo a madrasta com seus dois filhos que

tentam suplantar o herói. A madrasta tem uma atitude de poder venenosa; quer eliminar o primeiro filho para colocar os seus no trono da Irlanda. Assim, todo o mundo do sentimento, do amor, e com ele a arte, a música, e a beleza desaparecem no inconsciente. O herói é aquele que consegue trazer tudo isso à tona novamente. Enquanto uma mãe destrutiva rege o mundo exterior, ao entrar no mundo subterrâneo o herói encontra uma figura materna positiva, que lhe dá o cavalo branco, que o ajuda em sua trajetória. Assim, o contraponto é encontrado no inconsciente, no mundo de Eros; o herói que não tem medo de mergulhar, consegue encontrar lá apoio.

O resto da luta tem lugar dentro do próprio inconsciente, pois trata-se realmente de uma luta entre o cavalo branco e o rei mágico. O herói tem que fazer apenas o que o cavalo branco lhe disser.

Tentei interpretar o cavalo ao comentar o problema da espontaneidade, pois o cavalo representa a força vital completamente inconsciente e espontânea, a reação instintiva genuína, na qual o herói pode confiar. Podemos elaborar mais além, pois o herói se esconde na cavidade de um pêlo arrancado, na cavidade de um dente também arrancado e, por fim, na cavidade de um prego extraído do casco. Ele tem que recolocar o pêlo, o dente, e o cravo no lugar, escondendo-se num pequeno espaço praticamente não existente. Psicologicamente, isso mostra que o ego e seu próprio planejamento e suas atividades conscientes devem ser praticamente aniquiladas; toda a atividade mental do ego tem que desaparecer. Com a renúncia total da própria vontade, o cavalo com sua espontaneidade divina consegue surgir.

O cavalo é branco, o que indica tratar-se de um impulso instintivo que naturalmente se dirige à consciência. O carro do deus do sol na Grécia e em Roma era puxado por cavalos brancos, enquanto que a carruagem da noite ou da lua era puxada por cavalos escuros. Os animais brancos eram sacrificados aos deuses olímpicos, e os animais escuros ao deus do mundo subterrâneo. Na estória

irlandesa certos impulsos instintivos positivos são constelados e impelidos em direção à consciência, assim o ego pode confiar neles até o ponto de nada fazer, mas apenas deixar-se levar. Com outra constelação, com cavalos pretos, o problema seria diferente.

A cor branca e a cor preta na mitologia não são designações éticas. Ficaram assim apenas na alegoria cristã mais recente, como uma interpretação secundária e artificial. Na mitologia comparada a cor preta significa geralmente o noturno, o que não é do mundo, o terrestre, pertencendo àquilo que não pode ser conhecido conscientemente, a fertilidade, e assim por diante. Por outro lado, o branco significa a luz do dia, a claridade e a ordem, podendo ser positivo ou negativo, conforme a situação. Aqui o cavalo branco significaria a força propulsora que tende a levar as coisas até a consciência, provavelmente o Pássaro da Bela Canção. Nesse caso, o que a consciência tem a fazer é somente não atrapalhar; ela não deve bloquear o processo positivo no inconsciente através de seus próprios planos.

Da última vez o herói se esconde debaixo da pata do cavalo, debaixo da ferradura, o que, junto à crina e ao dente, possui um significado antigo de auto-defesa contra o demônio. No *Handwörterbuch des Deutschen Aberglaubens*, a ferradura é descrita como um símbolo relativamente recente de boa sorte, herdado do símbolo mais antigo de cravos de ferro. Em geral, o ferro tem a capacidade mágica de afugentar demônios e bruxas, tendo um poder curador mágico em todos os países agrícolas da Europa. O herói irlandês entra na cavidade do cravo da ferradura e esta fica como uma proteção sobre ele. O mágico do mundo subterrâneo não consegue apanhá-lo porque a ferradura é quase um círculo de ferro. O ferro tem um caráter apotropaico e também é um sapato, que em certas práticas mágicas igualmente possui um caráter apotropaico. Assim a ferradura é três vezes um símbolo de sorte e um símbolo de poder apotropaico do demônio. É muito engraçado se pensarmos que frequentemente o próprio demônio também tem pata de cavalo.

Mais uma vez temos o estranho fato de *similia similibus curantur*.

O que me desaponta é que, no final da estória, o cavalo branco fica no subterrâneo. Quando Ceart sai do poço, o cavalo branco desaparece; ele volta para a figura da mãe de onde veio e permanece embaixo. Somente o Pássaro da Bela Canção é levado para cima. Isso significa que o processo de cura aconteceu sem que o domínio consciente tivesse percebido completamente o que ocorreu. Podemos comparar isso a alguém que foi curado de certos sintomas por uma análise curta e que depois vai embora sem pensar no que aconteceu, simplesmente feliz com o processo de cura. Isto ocorre frequentemente e de modo genuíno com gente jovem que vem fazer análise por causa de algum sintoma menor e que se safa do problema com relativa facilidade. Eles lhe agradecem gentilmente, saem, e somente anos depois aparecem dizendo: "Eu gostaria de entender melhor o que aconteceu". Naquele momento, os encargos naturais da vida, casar-se, desenvolver uma profissão etc, os levam para o mundo exterior. Eles não têm tempo de perceber os processos que ocorreram.

Uma vez Bárbara Hannah tratou de uma jovem que saiu da análise para um casamento feliz; despediram-se e Bárbara mandou flores e uma carta simpática de felicitações pelo casamento. A moça escreveu agradecendo-lhe e dizendo que esperava que este fosse apenas um primeiro capítulo, e que um dia voltaria novamente. Por enquanto tinha que voltar para a vida (ela ainda estava bem na primeira metade), para o seu casamento, para ter filhos, mas sabia que muito tinha acontecido e que algo nela tinha sido tocado; naquele momento ela sentiu que não podia aprofundar, mas iria guardá-lo para a segunda metade da vida.

Os processos de cura podem acontecer mais ou menos conscientemente, mas aqui algo permaneceu irrecorrido nas profundezas. Neste caso é o nosso cavalo branco. Existe uma estória persa que fala um pouco mais a respeito do cavalo. A estória se intitula "O cavalo

Mágico", (Das Zauberross) e pode ser encontrada em *Märchen aus Turkestan*.

Era uma vez um rei, pai de uma bela menina. Quando ela estava em idade casadoira, seu pai inventou um enigma muito inteligente. Alimentou tanto uma pulga que ela ficou tão gorda como um camelo. Daí ele a matou, tirou sua pele e mostrou-a para todo mundo, dizendo que quem adivinhasse de que animal era aquela pele, ganharia a mão de sua filha. (Aqui mais uma vez temos um pai possessivo, como o Czar da Magia Negra e o pai da estória irlandesa). Naturalmente ninguém conseguiu adivinhar que era a pele de uma pulga. Mas um dia, um mendigo horrível apareceu, dizendo que queria decifrar o enigma. Não queriam deixá-lo entrar no palácio, mas ele insistiu dizendo que tinha o direito de adivinhar. Assim que o rei lhe mostrou a pele da pulga o mendigo disse: "Mas é claro, é a pele de uma pulga!" O rei ficou furioso mas teve que dar a filha a esse homem horrível.

O mendigo na verdade era um demônio destruidor que comia as pessoas, um ogro. Ele pegou a menina, e a princesa ficou no maior desespero. Ela foi até o estábulo e abraçando o seu pequeno cavalo favorito chorou copiosamente. O cavalo disse que a ajudaria, que ela deveria levá-lo consigo, assim como um espelho, um pente, um pouco de sal e um cravo. Quando chegaram à caverna do demônio, ela estava repleta de ossos humanos, pois ele já tinha comido um monte de gente. O cavalo disse **que** teriam que fugir. O demônio saiu da caverna e seguiu-os numa tempestade de neve que ele mesmo provocara. Seguindo as instruções de seu cavalo, a princesa jogou atrás de si primeiro o cravo, depois o sal, o pente e, por último, o espelho. Toda vez que os jogava, eles viravam um obstáculo — uma floresta cheia de espinhos e assim por diante — que atrasava o demônio, mas no fim ele sem-

pre os alcançava. O espelho virou um rio (foi a última coisa que ela jogou); o demónio, chegando ao rio, perguntou como a princesa o tinha atravessado. A princesa contou que tinha amarrado uma pedra enorme em volta do pescoço e que tinha pulado na água. O demónio logo fez a mesma coisa, mas nem isso adiantou para acabar com ele. Finalmente o cavalo disse que não havia mais nada a fazer a não ser ir e lutar com o próprio demónio. Assim, pulou na água. A princesa ficou na margem e vendo que a água espumava e que estava ficando vermelha, pensou que seu querido colaborador, o cavalo, tivesse sido morto. Mas depois de um certo tempo ele voltou à superfície dizendo que agora ela estava salva, pois tinha matado o demónio; mas agora ela teria que matá-lo, a ele, o cavalo. Teria que jogar a cabeça dele para um lado, cada uma de suas quatro pernas em uma das quatro direções do horizonte, seus intestinos para o outro lado e daí teria que sentar-se com os filhos debaixo das costelas dele.

A princesa então disse: "Como poderei matá-lo, se foi você que me salvou?" Mas o cavalo insistiu. E ela assim fez. Das pernas do cavalo nasceram álamos de ouro com folhas de esmeraldas, de seus intestinos surgiram aldeias com campos e plantações de trigo e debaixo de suas costelas surgiu um castelo de ouro. De sua cabeça nasceu um lindo riacho prateado e tudo em volta tornou-se uma espécie de paraíso. Aí a princesa também encontrou o seu esposo.

Eu pulei a parte sobre o casamento e os filhos porque é uma história oriental muito comprida e estou me concentrando apenas na transformação do cavalo. Aqui mais uma vez o cavalo vence a luta com o mago da magia negra, desta vez um demónio capaz de fazer todos os tipos de magia. Inicialmente o cavalo também se utiliza da magia, dizendo que a princesa deveria jo-

gar o cravo, o sal, o pente e o espelho atrás de si. Mas a magia sozinha de nada adianta. Aí se confrontam numa verdadeira batalha. Assim, temos aqui uma combinação dos dois comportamentos — a competição mágica e a luta corpo a corpo.

Às vezes temos torneios mágicos e outras uma luta, como na estória lituana do lenhador que virou um leão e comeu o demônio. Aqui temos ambos os temas na mesma estória, primeiro uma competição mágica e depois uma luta física heróica para sobrepujar o mal. Isso é satisfatório, porque como vocês sabem é preciso sempre haver um paradoxo e sempre existir ambas as coisas. Primeiro não devemos lutar; depois temos que lutar; devemos usar nossos punhos, e depois já não devemos usá-los; devemos usar a força, e já não devemos. Tudo isso faz parte do que lhes disse no início; toda regra que podemos deduzir do inconsciente geralmente é um paradoxo.

Mas o que nos leva adiante aqui é o reconhecimento do que é realmente o cavalo. Ele se transforma, em termos junguianos, numa mandala depois de ter sido morto. Como é uma estória persa, temos que considerar a influência da Índia. O desmembramento do cavalo lembra o antigo sacrifício hindu, que era o ritual central da criação do universo. Pode-se portanto dizer que essa princesa repete o sacrifício hindu do cavalo e novamente um novo mundo é criado. Mas o que isso significa numa linguagem psicológica?

O cavalo é uma das formas simbólicas mais puras da natureza instintiva, a energia que apoia o ego consciente sem que este perceba. É o que gera o fluxo da vida, o que dirige a nossa atenção para as coisas e o que influencia nossas ações, através de uma motivação inconsciente. É todo o sentimento de se estar vivo, é o fluxo da vida que não criamos mas que nos carrega, por assim dizer, vida adentro e através dela. Muitas pessoas aceitam essa força propulsora sem perguntas; deixam-se levar através da vida por seus impulsos, desejos e motivações, tentando apenas não serem derrubadas de seus

planos conscientes. Essa força constitui uma espécie de saúde inconsciente de seguir inconscientemente o próprio modelo animal, sem questioná-lo de forma alguma. O sacrifício do cavalo significa portanto uma renúncia completa ao fluxo libidinal que liga a pessoa a todo impulso de vida; em outras palavras, um estado artificial completo de introversão. Há muito mais a respeito do simbolismo do sacrifício do cavalo no *Símbolo de Transformação* de Jung. O que aqui apresentei tão resumidamente lá está descrito *in extenso*, especialmente com respeito ao sacrifício do cavalo na Índia.

A princesa reage com grande tristeza ao pedido do cavalo, dizendo: "Como posso fazer isso a você que me salvou?" Isto mostra o quanto é difícil tal sacrifício, pois significa cortar tudo o que há de mais natural. O impulso espontâneo e inocente da vida é destruído em sua própria base. Mas através disso surge o *Self* que estava escondido por detrás. Para lhes mostrar uma analogia mais moderna, posso contar o sonho de um analisando.

O sonhador era um homem que bebia demais, o que não é comum com pessoas de seu tipo, pois ele possuía aquela genuinidade simples que mencionei anteriormente. Mas ele se encheu de tanto beber, e um amigo lhe disse para fazer análise. Ele aceitou, animado, dizendo que estava farto de beber e que queria ser curado.

Vocês sabem que isso nem sempre é honesto! Existe um provérbio que diz: "Sair na chuva sem se molhar". Geralmente é a isso que as pessoas se referem quando dizem tais coisas. Mas, realmente, esse homem queria sair da chuva e não se importava de se molhar. Seus sonhos mostraram muito claramente qual era o problema. Ele morava com uma velha bruxa que acabava com o seu prazer pela vida. Em parte a bebida era um substituto para a vida da qual a velha bruxa o afastava. Quando um sonho lhe mostrou que era isso — eu nem tive que lhe dizer nada — ele voltou para casa, abandonou seu quarto e teve uma briga terrível com a bruxa, arrumando um quarto em outro lugar. Dessa forma ingênua, genuína e sem argumentos, fez tudo o que seus sonhos

indicaram e portanto experimentou o que poderíamos chamar de cura milagrosa. Ele não tocou em álcool por muitos meses, sentindo-se muito melhor. Também ficou noivo. Sua vida estava caminhando bem em todos os sentidos, não transparecendo nenhuma outra necessidade. Achei que ia deixar a análise pois, em termos práticos, não havia mais necessidade. Ele era um extrovertido, alegre e bem humorado e imaginei que entraria na vida sem pensar um minuto no que lhe tinha acontecido. Mas neste momento surgiu o seguinte sonho: ele estava dentro de um barco num rio. Era domingo e havia música no barco, como temos aqui. Existia uma atmosfera agradável, o sol brilhava e ele estava junto com as pessoas, olhando o rio e se divertindo. De quando em quando o barco parava num porto e depois seguia de novo. Apesar de querer continuar no barco, numa das paradas ele resolveu descer para olhar o barco de fora e ver qual era a força propulsora. Assim, quando o barco parou, ele saiu e ficou olhando da margem. Com grande surpresa viu que o barco era levado debaixo da água por um dragão enorme. Essa era a força propulsora. O dragão era uma criatura muito benevolente, com uma cabecinha delicada. Enquanto estava na margem, o dragão se aproximou e puxando sua manga disse: "Oi!" O dragão tinha uma atitude amigável e ele acordou satisfeito.

Por causa desse sonho decidiu continuar a análise e descobriu o que existia por baixo de sua cura miraculosa, o que poderia ser esse segredo da vida. Então, para minha surpresa, ele mergulhou nas profundezas e no processo de individuação. Através disso tornou-se uma personalidade notável.

É aqui que podemos perceber o ponto crítico. A pergunta surgiu: "Será que devo navegar novamente, levado pela força da vida inconsciente, ou devo fazer alguma pergunta mais profunda?" E aí o dragão puxou sua manga e disse; "Você não vê quem sou eu? Você não quer locar as profundezas?" — o que, no caso, foi feito.

Ocorre, então, que o núcleo mais profundo da psi-

que, o *Self*, está atrás dessa força de vida do cavalo; ele é o *Self* travestido, ou encoberto, ou que aparece apenas como um impulso inconsciente. O impulso em direção à individuação é do nosso ponto de vista um verdadeiro instinto, provavelmente o mais forte de todos. Por conseguinte, ele aparece primeiro como um animal porque é uma força instintiva espontânea no inconsciente. Mas é necessário o sacrifício, ou o confronto com essa força, para se descobrir as formas mais profundas e ir além, experimentando-a não apenas como uma espécie de impulso divino.

Um conto de fada alemão, no volume *Deutsche Märchen seit Grimm*, Vol. I, intitulado "O Filho do Rei e a Filha do Demônio", ilustra este problema mais profundamente ainda.

Era uma vez um rei que numa grande guerra perdeu todas as batalhas, uma atrás da outra. Todos os seus exércitos foram destruídos e ele ficou em grande desespero, pronto para se suicidar. Nesse momento apareceu um homem que lhe disse: "Eu sei qual é o seu problema. Tenha coragem e eu o ajudarei se você me der *en noa Sil* de sua casa. Em três vezes sete anos eu virei buscá-la. (O rei entendeu isso como um pedido de um cordão novo ou corda, embora em alemão antigo isto também possa significar uma nova alma^{*}. O rei achou que esse era um preço barato e deu sua promessa sem hesitação. O homem, então, estalou um chicote de quatro pontas e apareceram exércitos mágicos. Com a ajuda destes venceu todas as batalhas, de modo que o inimigo teve que implorar pela paz.

Quando chegou em casa sua alegria por causa das vitórias aumentou ainda mais quando ouviu que lhe tinha nascido um filho. Depois de três vezes sete anos seu filho estava com vinte e um anos, belo e forte. Mas o rei tinha se esquecido comple-

^{*} Eine neve Seele, cf. mais adiante. O jogo de palavras é intraduzível (N. dos Rev.).

tamente de sua promessa. Daí o estranho homem apareceu de novo. Acontece que ele era o demónio e queria a *noa Sil*. O rei foi até o depósito e lhe trouxe uma corda novinha, mas o demónio riu, dizendo que queria *eine neue Seele* — uma alma nova — era isso que tinha dito. O rei arrancou os cabelos, rasgou as roupas e quase morreu de desespero, mas não adiantou. O rapaz em sua inocência tentou consolar o pai, dizendo que esse príncipe demoníaco não poderia lhe fazer nenhum mal. Mas o demónio estava furioso e disse que ele pagaria por isso. Ele agarrou o príncipe, carregando-o pelo ar até o Inferno.

No Inferno o demónio lhe mostrou um fogo diabólico, dizendo que o príncipe seria assado ali no dia seguinte, mas que nesse meio tempo lhe daria uma chance. Mostrou ao jovem um lago enorme e disse que se ele conseguisse secá-lo durante a noite e transformá-lo numa campina, ceifar o capim, preparar o feno e empilhá-lo de modo que pudesse ser trazido de manhã, aí ele seria libertado. Daí o demónio saiu, fechando o príncipe no quarto. O rapaz ficou muito triste e prestes a despedir-se da vida, quando a porta se abriu e a filha do demónio entrou, trazendo comida. Quando viu esse belo príncipe, com os olhos vermelhos de tanto chorar, ela disse: "Coma, beba e não se desespere, cuidarei de tudo por você".

À noite, quando todos dormiam, a filha do demónio levantou-se silenciosamente, foi até a cama do pai, tapou seus ouvidos, apanhou seu chicote mágico, saiu, e estalou o chicote em todas as direções. Todos os demónios do inferno apareceram e fizeram o trabalho. De manhã, quando o príncipe olhou pela janela, para sua surpresa e alegria viu um monte de pilhas de feno no lugar do lago. Assim que o trabalho acabou, a filha do demónio tirou o algodão dos ouvidos do pai e colocou o chicote no lugar. Quando este acordou, antecipando

sua maldade e imaginando o príncipe no fogo, qual não foi o seu assombro ao ver que tudo tinha sido feito. Aí ficou ainda mais furioso e deu ao príncipe outra tarefa. Agora ele teria que cortar uma tora imensa, empilhando-a de modo que pudesse ser carregada de manhã cedinho. Daí a madeira deveria ser substituída por uma vinha, cujas uvas deveriam estar maduras e prontas para a vindima. Mais uma vez a filha do demónio realizou o trabalho para o príncipe, roubando o chicote mágico do pai.

Da terceira vez o demónio ficou desconfiado. Mas disse que deixaria o príncipe ir embora se na noite seguinte ele construísse uma igreja feita inteiramente de areia, com cúpula e cruz. A filha do demónio tentou o mesmo truque, mas dessa vez os servos do demónio não podiam fazer o trabalho, porque eles não podiam construir uma igreja nem de pedra ou ferro e muito menos de areia. Mesmo assim, ela os fez tentar; às vezes conseguiam chegar até a metade mas aí a igreja ruía. Uma única vez conseguiram terminá-la, mas quando foram colocar a cruz na cúpula, tudo despencou de novo, e assim amanheceu e a tarefa não tinha sido realizada. Aí a filha do demónio transformou-se rapidamente num cavalo branco (mais uma vez o cavalo branco). Ela disse ao príncipe que não havia mais nada a fazer a não ser fugir e que o levaria para casa, e assim saíram os dois a galope.

Quando o demónio acordou, tudo parecia muito quieto. Procurou seu chicote mas ele não estava ali. Daí deu um berro, o mais alto que sua voz alcançava, até que todo o inferno tremeu; com isso o algodão caiu de seus ouvidos e pôde escutar todo mundo trabalhando lá fora. Então, lembrando-se do príncipe, foi até o seu quarto, mas encontrou a porta aberta e o quarto vazio. Encontrou o chicote num canto e estalou-o para que todos os demónios de seu reino viessem correndo, perguntando o que

ele queria agora. Eles disseram que tinham dado um duro danado trabalhando durante toda a noite e que estavam cansados. Perguntou-lhes com ordens de quem e responderam de sua filha. O demónio deu um grito: "Ah, agora eu sei! Tudo isso é obra de minha filha" (*die Menschengefuhlig*), pois ela tinha simpatia por seres humanos! (Esta é a frase importante). Em seguida o próprio demónio se transformou numa nuvem negra, decidido a trazer os dois de volta. Logo depois avistou o cavalo branco e seu cavaleiro, e gritou para que os seus demónios os agarrassem e trouxessem o cavaleiro vivo ou morto. Os céus escureceram com a multidão de demónios em vôo. O cavalo mostrou ao cavaleiro que a nuvem negra que os seguia era o exército de seu pai. A filha do demónio se transformou numa igreja e ao príncipe num sacerdote, dizendo--lhe para ficar no altar, cantando a missa sem responder a nada. O exército sobrevoou perto admirado de encontrar a igreja; suas portas estavam abertas mas ninguém conseguiu ultrapassar a soleira. O príncipe permaneceu no altar, cantando: "Deus esteja conosco, Deus nos proteja" e assim não ouviu as perguntas dos demónios a respeito de uma dupla que voava. Finalmente os demónios foram até o fim do inferno e na volta contaram ao demónio que não tinham conseguido encontrar o cavalo.

O demónio estava furioso. Na manhã seguinte levantou-se e foi até o céu novamente. Ele viu a igreja, ouviu o canto e disse: "Ali estão eles, agora eu os pegarei, e desta vez não escaparão". Reunindo um exército ainda maior ordenou-lhe que destruísse a igreja, trazendo-lhe uma pedra e o sacerdote, vivo ou morto. Mas desta vez a filha do demónio se transformou num salgueiro, e o príncipe num pássaro de ouro que teria que cantar o tempo todo, sem nada temer. Assim, quando o exército de demónios chegou não havia mais nenhuma igreja, apenas um salgueiro com um pássaro de ouro que

não parava de cantar e que não sentia medo. Mais uma vez os demónios não conseguiram apanhá-los e voltaram.

De novo o demónio se enraiveceu. Voando pelos ares avistou o amieiro a setecentas milhas de distância. Reunindo um exército ainda maior, deu instruções para que cortassem a árvore, trazendo -lhe o pássaro vivo ou morto. Mas a árvore e o pás saro voltaram a ser um cavalo e seu cavaleiro, galo pando setecentas milhas adiante. Quando o príncipe olhou para trás e viu o exército, a filha do demónio se transformou num campo de arroz e a ele numa codorna que tinha de correr continuamente no campo cantando: "Deus conosco. Deus conosco", sem ouvir nenhuma pergunta.

Na manhã seguinte o demónio em sua raiva voou sobre o campo de arroz, ouvindo levemente o canto da codorna. Achou que agora eles estavam em suas mãos. Ordenou aos servos que ceifassem o campo; mas desta vez achou melhor ele mesmo ir atrás deles, pois se se afastassem mais quatro vezes setecentas milhas, seu poder sobre eles acabaria. Assim novamente voou pelos ares, porém o cavalo e o cavaleiro tinham sumido. Só faltavam sete milhas para alcançarem a terra quando ouviram atrás de si uma terrível tempestade. O príncipe, olhando para trás, viu uma mancha negra nos céus e dentro dela uma luz incandescente. A moça disse que era seu pai e que se ele não obedecesse suas instruções à risca, estariam perdidos. Disse que se transformaria numa imensa lagoa de leite. Ele seria um pato que devia sempre nadar no centro da lagoa, mantendo a cabeça enfiada dentro do leite, sem jamais olhar para fora; se olhasse por um segundo que fosse, estaria perdido, e não podia de jeito nenhum nadar em direção à margem. Logo depois o velho demónio estava à margem mas não podia fazer nada enquanto não tivesse o pato em seu poder, e este nadava no meio da lagoa, longe do

seu alcance. O demónio não ousou nadar, com medo de se afogar no leite. Ele tentou atrair o pequeno pato, dizendo: "Querido patinho, por que você sempre fica no meio da lagoa? Olhe ao seu redor e veja como é bonito o lugar em que estou". O príncipe resistiu por muito tempo, mas finalmente sua curiosidade foi grande demais. Deu uma olhada de relance e nesse segundo ficou cego como uma pedra e o leite tornou-se um pouco turvo. Uma voz vinda do leite clamava: "Ai de mim, ai de mim, o que você fez!" Mas o demónio dançava de perversa felicidade à margem da lagoa, dizendo: "Ah, logo logo você será meu!". E tentou nadar no leite turvo, mas afundou; por um bom tempo tentou seduzir o pato, porém este não se deixava atrair. Daí o demónio ficou furioso, perdendo a paciência. Ele próprio se transformou num enorme ganso, engoliu todo o leite e mais o pato e depois foi gingando para casa.

"Agora tudo está bem", disse uma voz vinda do leite para o pato. O leite começou a fermentar e o demónio foi se sentindo cada vez pior e mais assustado. Ele só conseguia se mover com muita dificuldade e ansiava por chegar em casa. Deu mais alguns passos. De repente deu um grito e seu peito se abriu. Dali surgiram o filho do rei e a filha do demónio, em toda a sua beleza juvenil.

Aí os dois foram para casa. Era o sétimo dia desde que o demónio tinha capturado o príncipe. Houve um grande regozijo em toda a terra e um casamento maravilhoso. O velho rei passou o reino para o filho, que foi tão sábio e justo como o pai, e ainda está reinando, se não morreu nesse meio tempo.

O início da estória é bastante comum. Um rei em dificuldades, sabendo ou não o que fazia, promete ao demónio o filho nascido em sua ausência. Daí fica ao encargo da criança — da menina ou do menino — li-

bertar-se do poder do demónio. O rei, ou em outras es-tórias o mercador que tudo perdeu, quando faz tal coisa, enfrenta algum tipo de problema.

Se compararmos isso com a psicologia pessoal, sem pelo momento considerarmos o nível arquetípico que deverá ser considerado, isso pode ser ilustrado facilmente — pelo modo como os pais vendem os filhos aos próprios problemas não resolvidos. Percebemos isso no caso que mencionei anteriormente, no qual a mãe, ao invés de entender-se com o seu próprio ânimo destruidor, afasta-o com a Bíblia; em consequência, a filha tem que lidar com o problema do homem negro. Essa moça ficou completamente transtornada. Teve vários filhos ilegítimos, teve abortos e passou por outras experiências desagradáveis do mal, iniciando a análise numa estafa completa, física e psicológica. Foi isso que o homem negro fez a esta mãe que lhe vendeu a filha, por assim dizer, pois ela, com uma artimanha, livrou-se dele através da Bíblia.

Num nível geral coletivo o rei representa a atitude consciente dominante e, subjacentemente, a ideia coleti-va consciente dominante que também significa a imagem dominante de Deus no contexto coletivo de uma certa época. De novo, como se iniciam praticamente todos os mitos, este rei tinha-se tornado ineficiente, não sendo mais capaz de manter afastados os poderes destruidores e ilusórios; as regras religiosas e a ordem sociológica, seus ideais e imagens, não são suficientemente fortes para apresentarem um objetivo para o comportamento humano. Por isso, parte da energia psíquica flui para todos os tipos de canais desintegradores. O processo de dissociação já tinha ido bem longe, pois como vemos depois, o demónio possui o símbolo do *Self*, o chicote de quatro pontas que quando estalado produz qualquer tipo de efeito que ele deseje.

Esse chicote de quatro pontas é um cetro real primitivo. Podemos encontrá-lo nas mãos dos reis do mundo subterrâneo, nas imagens sepulcrais egípcias. Osíris possui tal chicote. Originalmente o cetro era o cajado do

criador de gado. O chicote é um símbolo similar e representa o poder real e a habilidade do rei para governar. As quatro pontas aqui se referem à totalidade. Como esse poder caiu nas mãos do senhor do mundo subterrâneo, o rei superior está perdido e não tem nenhuma chance. A única coisa que lhe resta fazer é abdicar a favor de seu filho ou deixar-se matar. Isso faz parte da figura arquetípica do rei que tem de ser morto ritualmente para depois de um certo tempo ressuscitar, uma referência ao inevitável envelhecimento de todos os princípios conscientes que devem ser destruídos e renovados de modo que não estanquem a evolução psíquica e a vida.

Na estória o rei faz a mesma coisa que muitas vezes os pais fazem pessoalmente com seus filhos; vende inconscientemente o filho ao demónio, neste caso ao interpretar mal o pedido do demónio. Mas a inconsciência não é uma desculpa no mundo cruel dos fatos psicológicos. Assim o demónio volta e pede o filho, agora com vinte e um anos, um simplório inocente, completamente incapaz de lidar com o problema. Assim a ação redentora fica nas mãos da filha do demónio, de quem ouvimos dizer que tem sentimentos pelos seres humanos. Ela possui uma simpatia humana (*Sie ist menschengefühlig*).

A filha do demónio é um paralelo de outras figuras femininas que às vezes moram com o demónio. Este não vive num estado de celibato, exceto na visão dogmática. No folclore muitas vezes o demónio tem uma figura feminina consigo, geralmente sua própria avó. A palavra avó não implica parentesco, significando apenas que ele mora com a Grande Mãe. No mundo dos contos de fada realmente ele vive numa relação marital com ela, como podemos ver no conto "Os três Cabelos de Ouro do Demónio", no qual ele vai para a cama com a avó e durante a noite esta arranca três fios de cabelo de ouro de sua cabeça, para dá-los ao herói escondido debaixo de sua saia.

A figura de mãe ou filha, que no folclore está associada ao demónio, geralmente é mais amigável com

relação à raça humana do que ele próprio. Em geral elas desempenham um papel intermediário. Neste caso, a filha do demónio abandona o pai e vai viver no mundo de cima, tornando-se a rainha da geração seguinte. Esta é uma estória tipicamente compensatória à ordem por demais patriarcal da religião cristã que rege o mundo de cima. Uma parte do princípio feminino está reprimida, junto com o demónio, no mundo inferior, aguardando apenas uma oportunidade para subir novamente, reassumindo sua posição dominante na superfície. No poema épico sumério-babilônio de Gilgamesh, o herói não conta principalmente com o apoio das figuras femininas, mas com o apoio do deus do sol, Shamash, e no Além tem o apoio do antigo herói do dilúvio Utnapishtim. A deusa feminina Ishtar é sua grande inimiga. Vemos assim, que estas constelações mudam conforme o contexto cultural a que pertencem. Na Babilônia suméria existia uma civilização onde o fortalecimento da masculinidade e do princípio masculino era desejado pelo inconsciente. Se em nossa estória o herói é principalmente apoiado por um princípio feminino ctônico, isto deve ser compreendido como um problema europeu específico no qual a forma masculina de vida foi exagerada, constelando uma con-traposição masculina destrutiva. Esse fechamento dos poderes masculinos luminosos e obscuros, como existe na cristandade, somente pode ser desfeito através da mediação inesperada do princípio feminino que emerge nessas estórias.

A filha do demónio não apenas tem simpatia pela espécie humana, mas representa o princípio feminino *par excellence*, Eros. O princípio do amor desintegra a posição enrijecida do mundo masculino e resolve todas as tarefas para o filho do rei. É interessante observar o que a filha do demónio faz realmente. Primeiro o demónio impõe verdadeiros trabalhos de Hércules para o filho do rei, que somente um jovem muito poderoso e forte poderia realizar, ou alguém com um tremendo poder de magia. Ele desafia o poder do filho do rei e podemos agradecer a Deus pelo fato de que ele não acata

o desafio, pois provavelmente isso não daria certo. A filha do demónio não utiliza seu próprio poder, ela usa o chicote mágico do pai. Realiza todas as tarefas com o poder do próprio pai. Através do sentimento, vira o seu poder, o chicote mágico de quatro pontas, contra ele mesmo, sendo bem sucedida três vezes. Mas ela não consegue construir uma igreja.

A primeira e a segunda tarefas são o que poderíamos chamar de civilização da natureza, transformando o lago numa campina e cortando o feno, depois transformando a floresta numa plantação de uvas e colhendo as uvas para o vinho. Esta é uma imagem profunda e admirável, pois em sociedades mais primitivas é o herói que realiza tais trabalhos civilizadores. Aqui, entretanto, esta atividade tornou-se maléfica, pois é sugerida pelo demónio que a quer ver realizada.

À luz desta estória, não podemos deixar de questionar nossa exploração tecnológica da natureza e refletir de onde vem a inspiração para esse tipo de atividade. Isso foi, outrora, uma tarefa civilizadora, mas agora, exagerada, caiu nas mãos autónomas de uma atividade inconsciente demoníaca e destrutiva, uma incessante extroversão que segue adiante sem parar, além da medida natural. Nesta estória isso vai tão longe que o demónio deseja construir uma contra-igreja. Deus e a Trindade possuem igrejas na superfície da terra e assim o demónio precisa ter uma Igreja no Inferno, uma igreja apropriada, com uma cruz. Mas isso não acontece, mesmo com o seu chicote de quatro pontas. Aqui, mais uma vez, de forma sinistra, nós nos lembramos de certos movimentos totalitários que destituíram a igreja de seu idealismo e de diversas formas de atividade e organização, tentando usá-los de forma contrária.

Hitler estudou realmente o procedimento da Ordem Jesuíta para formar seu quadro de atividades e de procedimento. O Estado Comunista é praticamente uma réplica juvenil da Igreja católica. Assim isto aconteceu: o demónio está tentando construir uma igreja cristã no Inferno como um contra-princípio. Mas, e é por isso que

amo esta estória, ela não é construída em terreno sólido. Ela desmontará, pois é construída de areia, a areia representando uma massa de pequenas partículas. Não se pode construir nada com seres humanos reduzidos a partículas de uma massa. Se você moer o indivíduo humano num grão de areia para construir algo que se mantenha, a perspectiva não é promissora. Este é um "*insight*" bastante satisfatório que se pode obter desta estória.

Os dois têm que fugir do ataque dos demónios; novamente acontece o tema do vôo de transformação como uma espécie de torneio mágico no qual o casal se transforma três vezes numa mandala de forma específica. A primeira mandala está mais próxima da consciência coletiva, pois é uma igreja com um padre que diz a Missa. Isto representa a forma mais tradicional através da qual o demónio foi afastado em nossa civilização. Isso funciona até certo ponto, mas não vai muito longe. A imagem seguinte se aprofunda mais na natureza e não aparece mais nenhum simbolismo da civilização: é um amieiro com um pássaro de ouro.

O amieiro é uma antiga árvore mágica famosa, apotropaica contra bruxarias e o demónio. Seus galhos eram colocados nos campos e nos estábulos pelos camponeses, como uma proteção contra o diabo. A própria árvore é diabólica. É assim como o lobo contra o gigante, uma árvore diabólica contra o demónio. Ela é diabólica porque geralmente cresce em lugares sombrios, nas florestas ou nos pântanos. Como sua madeira não tem utilidade para o homem, acham que ela está ligada a bruxas e demónios. A madeira do amieiro fica vermelha rapidamente e isso porque, dizem, o demónio bate com ela em sua avó, isto é, sua esposa. Assim, no folclore, algumas vezes ela é vermelha. Por outro lado, como há sempre este aspecto estranho de duplicidade nos símbolos apotropaicos, com a vara do amieiro também se pode bater no demónio. Ele bate em sua esposa com ela e assim você pode se utilizar dela para bater nele. A madeira do amieiro não tem utilidade e é aparentada com o que é sombrio e sem utilidade na natureza; por causa

disso e por causa da sua proximidade com o próprio princípio demoníaco, ela pode salvar o herói que, como um pássaro de ouro, canta "eu não tenho medo".

Mas mesmo assim, os dois não escapam. O terceiro símbolo é um campo de arroz com uma codorna que anda para cima e para baixo dizendo "Deus conosco". O campo de arroz é mais uma vez um símbolo da natureza, mas desta vez é principalmente um símbolo de fertilidade. Em muitos países o arroz é um dos produtos mais férteis da terra, sendo um alimento básico. Até em nossos dias o arroz é jogado nos casais em casamentos do interior. É um costume folclórico antigo para garantir a fertilidade do casal, que em troca joga doces para as crianças.

Portanto, aqui, a fertilidade da mãe terra, algo que não pertence nem ao demônio nem ao Deus cristão, mas que é um reino feminino divino por seu próprio direito, é o fator da salvação. Nele o príncipe que é aquele que sempre está em perigo, anda para cima e para baixo como uma codorna dizendo "Deus conosco". A palavra germânica *Wachtel* na etimologia popular está ligada à palavra *Wachen*, estar alerta, ficar à espreita. Existe uma antiga superstição indo-germânica, muito difundida, segundo a qual a codorna permanece acordada continuamente, denunciando sua presença pelo seu infatigável grito durante a noite, especialmente nas noites de lua nova. Se as codornas piarem bastante, as colheitas serão boas e vice-versa. Esta habilidade de estar interiormente alerta e desperto é aqui um fator decisivo. Para se escapar dos ataques do mal, é preciso uma prontidão interior concentrada, constante. Mesmo quando se observa a própria sombra ou o próprio ânimo, se não se está constantemente alerta, essas figuras provocam um momento de fadiga ou um *abaissement du niveau mental*. Isso, como nesta situação perigosa, é naturalmente um ponto crucial.

Se alguém tem uma luta exterior com o mal, pode perceber que se cair num estado emocional e por isso levemente inconsciente, perde seus próprios argumentos.

Eu mesma me lembro de uma vez quando fui a uma conferência onde queria levar a melhor sobre alguns inimigos, tendo todos os meus documentos em um relatório bem do meu lado, para provar meus pontos de vista. No último minuto, quando saí do meu apartamento, eu os deixei em casa, tendo que falar sem as provas escritas. Isto é típico do que acontece quando alguém está envolvido com algum problema de projeção do mal. Quando a pessoa projeta, ela se torna facilmente emocional, ela também tem um *abaissement* e por causa disso, sem querer, frustra seus próprios objetivos. É assim que comumente se perde a batalha em tais casos. Em geral, não estar alerta desempenha um certo papel; no momento decisivo ficamos estupidificados, esquecendo-nos até de nossos melhores argumentos ou deixando nossos documentos em casa. Isso é sempre um sinal de que um pouco do nosso próprio mal foi projetado na situação; não que todo o mal seja próprio — existe um mal exterior objetivo — mas significa que a pessoa se deixou envolver, projetando seu próprio mal. Isso acarreta uma perda da alma. Em tais casos, como parte de si mesmo está envolvido com o inimigo através da projeção, a pessoa não está mais alerta, mas meio adormecida, e assim, joga contra si mesma.

Portanto esta prontidão da codorna é importante. Mas nem isto ajuda neste caso. Assim surge uma quarta tarefa; a própria filha do demônio se transforma numa lagoa de leite e o príncipe num pato. Daí surge a necessidade decisiva de que ele nade no meio do lago, mantendo a cabeça debaixo do leite.

O leite, devido à sua qualidade inocente e branca, sempre foi um dos meios apotropaicos mais difundidos contra o mal. Por outro lado, ele é muito facilmente atacado por bruxas e demônios. Se alguém praticar bruxaria contra uma camponês, através de mau olhar ou *malapion*, sua vaca ficará enfeitiçada e produzirá um leite azulado ou aguado; ou a nata, quando o leite for batido, não virará manteiga. O leite, ao contrário do vinho, é uma bebida sóbria. Na Grécia e em Roma, ele era fre-

qüentemente usado nos sacrifícios aos deuses subterrâneos que não deveriam ser excitados, mas aplacados. Se você lhes desse vinho, eles ficariam mais ativos e empreendedores, ao passo que com leite ficavam mansos e suaves. Por isso as divindades da noite e do mundo subterrâneo devem receber leite, ao passo que o vinho é dado aos deuses de cima. É por isso que os sacrifícios com leite eram chamados de *Nephalia*, sacrifícios sóbrios aos deuses do mundo inferior e aos mortos.

O príncipe não tinha apenas que nadar no meio desse lago de leite, mas também que esconder a cabeça e não olhar o demônio, não importando o que este lhe dissesse. Esta é uma ilustração maravilhosa do que, a meu ver, é a única atitude possível se alguém é confrontado com o demônio exterior. Se olharmos já há uma projeção. A palavra projeção vem de *projicere*, alguma coisa é lançada inconscientemente de si mesmo, em direção a outro objeto. Platão disse certa vez que se alguém observar algo maligno, alguma coisa desse mal entra em sua própria alma. Ninguém pode observar o mal sem que algo brote nele em resposta, porque o mal é um arquétipo e todo arquétipo provoca um impacto infeccioso nas pessoas. Olhá-lo significa tornar-se contaminado por ele. É por isso que o príncipe precisa manter a cabeça dentro do leite, bem no meio da lagoa. Ele ainda tinha que nadar perto do centro mais interior, além do problema do bem e do mal, além da ruptura e, portanto, além dos opostos. Sem um segundo de distração, tinha que se manter próximo daquele centro interior e evitar de se envolver.

Isto em si mesmo seria uma solução oriental. Ela foi praticada há muito tempo atrás no budismo e em muitas outras filosofias orientais. Significa sair do problema do mal permanecendo além do problema dos opostos, ficando perto do centro interior, além da dualidade do bem o do mal e de sua luta. Mas aqui uma batalha é travada do mesmo modo, não pela atitude consciente, não pelo príncipe, mas pela filha do demônio que destrói seu próprio pai quando ele a engole.

Existe um dito alquímico famoso que era uma citação preferida de Jung: "Toda pressa é do demónio". O que é maravilhoso a esse respeito é que o próprio demónio cai facilmente numa atitude apressada por natureza e é por isso que toda pressa é do demónio. Se nós ficamos apressados, estamos com o demónio; se estamos com um estado de espírito de pressa dizemos "devemos decidir as coisas hoje", "esta noite tenho que pôr esta carta no correio", "preciso sair e pegar um táxi de mo do que você possa assinar isto, porque amanhã será tar de demais" etc. Se você receber um telefonema desse tipo você já sabe quem está por trás. Jung tinha um modo admirável de perder tal documento em sua escrivaninha mesmo sem colocá-lo à parte conscientemente, mas apenas perdendo-o em sua mesa. O demónio é a pressa per sonificada. Aqui ele fica apressado, não conseguindo esperar mais; transforma-se num ganso, que entre outras coisas é estúpido, e que na Grécia antiga representava um aspecto especial da Mãe Natureza ou a deusa da natureza, Nêmesis.

Nêmesis vem da palavra *nemo*, que significa distribuir, atribuir a cada um o que lhe é de direito. Nêmesis é um princípio da justiça natural através do qual cada um tem o que merece. Nós não podemos deixar de observar tal princípio no inconsciente, com um jeito curioso de dar às pessoas exatamente o que elas sentem que de alguma forma merecem. Não é a justiça no sentido hu mano da palavra, mas existe uma estranha força reguladora na natureza que age como justiça, atingindo a pes soa como algo significativo. Assim podemos dizer que o próprio demónio se executa; ele se torna um ganso, ele personifica a justiça que as pessoas recebem. Ele toma o leite e este começa a ferver em suas entranhas. Vocês sabem que o leite possui essa qualidade desagradável de ferver e derramar, mesmo se o estivermos observando — é pior se observarmos — e é por isso que o leite transbordado é uma expressão famosa generalizada, quando se está com uma raiva descontrolada. Na França dizem: "il monte comme une soupe au lait", ele ferve de

raiva como uma sopa de leite. As pessoas que têm uma tendência para cair nessa raiva repentina são chamadas de sopa de leite porque fervem e transbordam rapidamente.

A filha do demónio agora é sua própria anima, a emoção e o sentimento do qual ele se dissociou. Aqui nos ligamos de volta ao coração do gigante. A filha do demónio é o seu coração. Ela tem um coração e sentimento; ela é o seu lado de sentimento. Agora, numa pressa cheia de esquecimentos ele incorpora seu lado de sentimento, a emoção que friamente tinha posto de lado, tornando-se o que chamaríamos de possuído pela anima. Ele se torna susceptível e explode, com isso se enfraquece e é vencido. Está tão acabado quanto um homem que entra no estado de espírito da anima. Está desfeito em sua natureza mais interior, dissociado. Assim o casal desponta ileso, o novo princípio da consciência renascido que agora começa a reger na superfície da terra.

A emoção destrutiva, que tão facilmente está ligada ao mal num tipo de civilização masculina, faz com que o princípio feminino seja destrutivo. Ela funciona como uma emocionalidade inconsciente e cega no homem, que se constela no momento errado. Se esse princípio — a anima ou o princípio feminino — for trazido do inferno para a consciência, ele sobrepuja a forma específica do mal representada aqui como o demónio. O novo princípio da consciência mora, por assim dizer, num centro da totalidade, além da ruptura entre o bem e o mal. Nesse sentido podemos dizer que, de acordo com este conto de fada, o centro mais interior, o núcleo divino da psique humana, é algo além do problema do bem e do mal, sendo um fator absoluto que pode nos levar para fora da situação que esse problema nos apresenta.

Esta é uma solução muito profunda e mística dada por este conto de fada; mas os contos de fada parecem ser apenas histórias inocentes. São tão profundos que não se pode explicá-los superficialmente; eles exigem que se navegue em águas profundas.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras. Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

ÍNDICE

Primeira parte

O PROBLEMA DA SOMBRA NOS CONTOS DE FADA

- 11 1. A sombra e o conto de fada
- 30 2. Destruição ou renovação do rei
- 47 3. A renovação da consciência dominante
- 65 4. A alma e a renovação
- 82 5. A rendição do ego
- 104 6. A alma e o retorno
- 117 7. A grande mãe e a unicidade

Segunda parte

LIDANDO COM O MAL NOS CONTOS DE FADA

- 147 1 Níveis primitivos do mal
- 173 2 A possessão pelo mal
- 201 3 Confrontando os poderes do mal
- 230 4 O mal quente e o mal frio
- 265 5 À procura do coração secreto
- 290 6 Competições mágicas
- 320 7 O núcleo da psique



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

